JORGE ANTONIO BERNDT

GILMEI FRANCISCO FLECK

O COLOMBO QUE NASCEU NA AMÉRICA:

VOL. 1

Figurações do self-made man na literatura estadunidense – o romance histórico clássico de Scott e Coooper em *Ivanhoe* (1819) e *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840)

Pedro & João editores

O COLOMBO QUE NASCEU NA AMÉRICA:

FIGURAÇÕES DO *SELF-MADE MAN* NA LITERATURA ESTADUNIDENSE – O ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO DE SCOTT E COOOPER EM *IVANHOE* (1819) E *MERCEDES OF CASTILE: OR, THE VOYAGE TO CATHAY* (1840)

Volume I

Pedro & João
editores

Coleção
ESCRITAS ACADÊMICAS:
as Ressignificações do passado na América –
vias à formação do leitor literário decolonial

Diretor da Coleção: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

Esta é uma prática reflexiva inserida nos estudos do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização".

JORGE ANTONIO BERNDT
GILMEI FRANCISCO FLECK

O COLOMBO QUE NASCEU NA AMÉRICA:

FIGURAÇÕES DO *SELF-MADE MAN* NA LITERATURA ESTADUNIDENSE – O ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO DE SCOTT E COOOPER EM *IVANHOE* (1819) E *MERCEDES OF CASTILE: OR, THE VOYAGE TO CATHAY* (1840)

Volume I

Pedro & João
editores

Copyright © Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Jorge Antonio Berndt; Gilmei Francisco Fleck

O Colombo que nasceu na América: Figurações do *self-made man* na literatura estadunidense – o romance histórico clássico de Scott e Coooper em *Ivanhoe* (1819) e *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840). Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 244p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-625-1915-8 [Impresso]
978-65-265-1983-7 [Digital]

1. Teoria literária. 2. Romance histórico. 3. Literatura Comparada. 4. Estudos decoloniais. I. Título.

CDD – 810/370

Capa: Patricia Peres
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Revisão: Gilmei Francisco Fleck e Jorge Antonio Berndt
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

AGRADECIMENTOS

Às instituições às quais nossas atividades escriturais se vinculam:

- Unioeste/Cascavel-PR: nossa casa acadêmica (Berndt/Fleck);

- UVigo-Vigo/Espanha: por um lado, pelo acolhimento ao doutorado sanduíche e à Cotutela (Berndt) e, por outro, a mais um pós-doutoramento (Fleck);

- Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)-Feira de Santana-BA: lar provisório do novo pós-doutoramento em parceria com a UVigo-Vigo/Espanha (Fleck);

Às instituições financiadoras de nossas ações:

CAPES/Brasil: pelas Bolsas de Doutorado Sanduíche (Berndt) e Pós-doutoramento (Fleck);

À Fundação Araucária/Paraná: pelo incentivo à pesquisa e à produção acadêmica, na forma da Bolsa Produtividade (Fleck);

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias à descolonização": por alimentarem sonhos e viverem realizações...

Às vozes de resistência da América Latina,
àquelas que são Ressignificações, que buscamos
evocar nas páginas que se seguem.

Enfrentar-nos com as leituras da História pela ficção, voltadas para o "descobrimento" da América, pode ser um dos meios mais eficientes de nos encontrarmos mais semelhantes aos nossos opostos [...], distintos de nossos iguais [...], [e] mais dispostos a vermos o outro em nós mesmos [...] (Fleck, 2008, p. 17).

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Nesta Coleção, que denominamos **Escritas acadêmicas: as Ressignificações do passado na América – vias à formação do leitor literário decolonial**, encontram-se reunidos uma série de estudos realizados no âmbito de um projeto de pesquisas por nós coordenado e que, no decorrer de sua execução, deu lugar à criação de um Grupo de Pesquisa (Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização), cujo centro de interesse volta-se às escritas híbridas de História e ficção no espaço latino-americano, incluindo-se seus processo de escrita, leitura e, se for o caso, de tradução. Nesse sentido, traçamos nesta Coleção um percurso que, a princípio, segue a trajetória diacrônica do gênero romance histórico que estabelecemos na obra *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releitura críticas da história pela ficção*, lançada em 2017, pela Editora CRV de Curitiba, e, atualmente, em processo de atualização e ampliação.

Uma pesquisa de quase vinte anos que realizamos na área do romance histórico foi o contexto que nos possibilitou organizar, na citada obra, uma trajetória diacrônica das diferentes expressões do gênero, dividindo-a em grupos, fases e modalidades. Essa trajetória vai desde sua implementação, em 1814, pelas escritas híbridas do escocês Walter Scott, até a atualidade. Destacamos, aqui, o **quadro 1** no qual está sintetizada essa trajetória diacrônica[1].

[1] O nosso **quadro 1** encontra-se dividido, nesta obra, em duas partes (**A** e **B**) para uma melhor diagramação e visualização da sua informatividade, sendo um conjunto sequencial de informações sobre a trajetória diacrônica do gênero.

Quadro 1: Trajetória do gênero romance histórico: do romantismo aos dias atuais

Parte A

<table>
<tr><th colspan="3">2 GRUPOS DE ROMANCES HISTÓRICOS</th></tr>
<tr><td colspan="2">Grupo 1: Romances que buscam, por meio da ficção, ampliar e corroborar o discurso historiográfico hegemônico, que, no passado, erigiu heróis e modelos de homem e atitudes louváveis para o indivíduo no tempo presente. Produções nas quais a ficção se une à História para a exaltação do passado e dos sujeitos já consagrados pela historiografia.</td><td>Grupo 2: Produções que, pela ficção, enfrentam-se com o discurso hegemônico da História e buscam problematizar a representação única e absoluta por meio da qual o passado foi registrado pela historiografia tradicional, atuando sobre as imagens consagradas dos heróis e sobre o discurso enaltecedor, ações que se realizam com técnicas escriturais desconstrucionistas e mediadoras.</td></tr>
<tr><th colspan="3">3 FASES DO ROMANCE HISTÓRICO</th></tr>
<tr><td>1ª Fase:
acrítica
De 1814, com Waverley, consolidada em 1819, com o romance Ivanhoé, ambos de Walter Scott. Os romances históricos tradicionais – derivados dos scottianos – alcançam os nossos dias.</td><td>2ª Fase:
crítica/desconstrucionista
De 1930, com a obra crítica Mi Simón Bolívar, de Fernando González Ochoa – tendência consolidada em 1949, com El reino de este mundo, de Alejo Carpentier –, até os nossos dias.</td><td>3ª Fase:
crítica/mediadora
Desde a década de 1980 – na “Poética do ‘descobrimento’” – com Crónica del descubrimiento, de Alejandro Paternain, consolidada com as reações do pós-boom, até os nossos dias.</td></tr>
</table>

Parte B

5 MODALIDADES DE ROMANCES HISTÓRICOS				
1 - Romance histórico clássico scottiano Narrativização de uma história de amor entre personagens puramente ficcionais, narrada em nível extradiegético, com um pano de fundo histórico preciso e personagens de extração histórica em papéis secundários.	**2 - Romance histórico tradicional** Renarrativização verossímil de um acontecimento histórico de modo subjetivado, às vezes em nível intradiegético, com intenções de exaltar a personagem de extração histórica e seus feitos para, assim, ensinar a versão hegemônica da História ao leitor.	**3 - Novo romance histórico latino-americano** Reelaboração paródica, carnavalizada – quando não grotesca –, intertextualizada, multiperspecti-vista, experimentalista e/ou anacrônica de um episódio passado, a fim de impugnar sua versão oficial e revelar outras possibilidades de seu registro.	**4 - Metaficção historiográfica** Narrativa apoiada em recursos autorreferenciais, metaficcionais e intertextuais na qual as opções escriturais da ressignificação do passado são tão ou mais importantes que a reelaboração crítica do acontecimento ou período histórico em si.	**5 - Romance histórico contemporâneo de mediação** Ressignificação crítica e verossímil do passado de forma linear, realizada com linguagem amena e coloquial, centrada em uma perspectiva silenciada, excluída, esquecida ou ignorada pela versão historiográfica.
VIGÊNCIA DAS MODALIDADES				
Desde 1814/1819 até meados do século XX.	Do romantismo até os dias atuais.	De 1930/1949 até os dias atuais.	A partir do *boom* da literatura latino-americana até nossos dias.	Final da década de 1970 e início de 1980 – pós-*boom* – até os dias atuais.

Fonte: Fleck (2017, p. 131 – atualizado em 2021, p. 61, reeditado em 2024, p. 98-99).

A esquematização didática e metodológica dessa trajetória, realizada primeiramente na nossa obra de 2017, foi, assim, um guia para muitas das nossas outras pesquisas e escritas na área que daí em diante foram efetuadas em parcerias com os integrantes do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". Nesta nossa Coleção, procuramos ordenar, ao menos nos primeiros volumes que a compõem, uma certa sequência lógica desses estudos na qual se revele o surgimento das diferentes modalidades expressivas de romances históricos ao longo dos tempos, embora tais pesquisas não tenham sido efetivadas cronologicamente nessa ordem.

Essa organização dos volumes colabora não apenas para o entendimento das transformações ocorridas ao longo dos séculos nessa escrita híbrida romanesca, mas, também, auxilia no processo de leitura das diferentes configurações que as obras híbridas foram adquirindo em seus diferentes espaços e épocas de produção. Tal processo de produção escritural híbrida vai da acriticidade frente ao discurso histórico precedente e da narrativa linear (1ª fase) à criticidade desconstrucionista da História Tradicional e dos heróis nela consagrados e as inúmeras formas de anacronismo (2ª fase) e, finalmente, a um processo de "mediação" entre esses dois extremos antecedentes (3ª fase).

Nesse campo de investigação um amplo *corpus* de produções híbridas, escritas na América – e, também, fora dela, mas postas em diálogo com o espaço histórico-cultural e social da América Latina – tem sido analisado desde as perspectivas de seus processos de leitura, escrita e tradução, que são vistos como vias possíveis à descolonização das mentes, das identidades e do imaginário dos povos latino-americanos, ou seja, à decolonialidade. Acolhe este trabalho de pesquisa, até o momento, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Unioeste/Cascavel, no Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL – e, também, na PROEX – por meio do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura, estendendo relações interinstitucionais com a Universidade

Estadual de Feira de Santana (UEFS); Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e Universidade de Pernambuco (UPE), instituições que contam com membros pesquisadores do referido Grupo; e com as universidades estrangeiras como a *Universidad del Salvador* (USAL), a *Universidad Nacional de Tucumán* (UNT), ambas da Argentina, a *Universidad de lo Andes* (ULA), de Mérida/Venezuela e a *UVigo*, de Vigo, Espanha.

Várias das pesquisas aqui transformadas em livro foram viabilizadas porque contaram com o apoio financeiro da CAPES/Brasil, em forma de Bolsas de mestrado, de doutorado, de doutorado sanduíche e de pós-doutoramento. A Fundação Araucária/Paraná também foi, nesse sentido, parceira financiadora dessas produções em forma de Bolsas de pós-doutorado e de Produtividade. A esses órgãos governamentais, bem como a Unioeste/Cascavel-PR e, também, às Instituições parceiras nacionais e internacionais, fica creditada a ação da busca pela excelência na qualidade da pesquisa brasileira.

Cada volume desta Coleção corresponde, portanto, ao texto resultante de um dos projetos de pesquisa levados a cabo nesse âmbito da universidade pública brasileira e suas interrelações. Estas escritas foram feitas por uma equipe de pesquisadores que, há alguns anos, tem vivenciado a experiência da produção colaborativa, da aposta no acolhimento afetivo na instituição de Ensino Superior. Assim, elas são oriundas das ações coletivas em busca da produção de conhecimento, gerado a partir de ações de colaboração grupal, tendo em vista a implementação da decolonialidade no espaço universitário brasileiro. Tais estudos não estão aqui, como já mencionamos, organizados de acordo com a cronologia de suas execuções, mas, sim, obedecendo às temáticas neles estudadas, seguindo a trajetória diacrônica da implementação das diferentes modalidades de escritas do romance histórico ao longo do período que vai do romantismo europeu (mais precisamente do ano de 1814) até aos nossos dias.

O romance histórico foi a produção literária que mais impactou a sociedade romântica. O século XIX foi o período em que História e Literatura começaram a traçar caminhos distintos. Ao se separar em áreas diferentes, depois de séculos de convivência, a História, no início do século XIX, fez-se ciência e a Literatura seguiu no âmbito das artes. Ambas, no entanto, encontraram, nesse mesmo momento histórico, um espaço de plena confluência nas premissas do gênero híbrido romance histórico. Essa expressão literária, inaugurada por Walter Scott, desde seu surgimento, em 1814, tem alimentado, proficuamente, o espaço compartilhado de ambas as áreas, como construções discursivas, na imaginação e na preservação da memória coletiva dos povos. Esse espaço escritural híbrido – o romance histórico – talvez seja o terreno mais dialógico no qual colonizadores e colonizados se enfrentam na arena discursiva.

Inicialmente, o romance histórico serviu, na Europa, como meio às nações que se reestruturavam após as invasões napoleônicas para revitalizarem seus sentimentos de nacionalismo. Isso se dava pelo fato das diegeses romanescas trazerem aos leitores da época reconstruções literárias vívidas de grandes eventos passados que serviam como pano de fundo às histórias/diegeses de amor, na modalidade clássica scottiana, ou como tema central, na modalidade tradicional do gênero, que derivou da clássica ainda no início do romantismo. Nessas escritas híbridas românticas, as ações gloriosas e dignas de exaltação e de replicação eram sempre efetuadas por sujeitos erigidos como heróis e modelos dessas comunidades já no discurso historiográfico tradicional rankeano que precedeu essas escritas literárias.

Cultivou-se, assim, na Literatura, a preservação e a continuação de valores, costumes hábitos e ideias defendidas pela camada social que exercia o poder e tinha a possibilidade de, pela escrita, perpetuar essas suas perspectivas às gerações vindouras. Assim, é importante que nossos leitores compreendam que, desde nosso ponto de vista, deve ficar claro que nem a História e nem a Literatura jamais escreveram ingenuamente sobre as suas

concepções do que tenha sido o passado. Ao contrário, esses discursos, seja na área da ciência ou no da arte, são carregados de ideologias, de valores e de preceitos morais e religiosos que ora corroboraram suas premissas entre si e ora estabeleceram árduos enfrentamentos.

O romance histórico – esse modelo escritural literário, ideológico romântico europeu – encontrou, no século XIX, nas nascentes comunidades recém-independentes da América Latina um apoio para, aqui, implementar e solidificar projetos políticos e tendências exaltadoras de ações que, em grande medida, eram oriundas, ainda, do enraizado sistema colonialista. Por meio dessa combinação entre o literário, o histórico, o cultural e o político, muitas nações americanas construíram, discursivamente, os seus modelos de sociedade, de heróis e de cidadãos.

A escrita, assim, potencializou, nessas construções artístico-discursivas, os valores e os ideais que deveriam constituir o ideal de sujeito cidadão da pátria em construção. Esse processo – análogo àquele da colonização primeira que possibilitou que as nações europeias se apossassem do território geográfico e, lentamente, territorializassem, também, o espaço mental, identitário, imaginário e existencial dos sujeitos –, estendeu-se e se manteve, dessa maneira, vigente no âmbito do pensamento, da formação das identidades e da construção dos imaginários após a primeira descolonização.

Com o intuito de analisar parte da produção híbrida de História e ficção que recupera o passado que forjou as atuais nações na América e de colocar à disposição do público leitor tais leituras – que têm o objetivo de propiciar uma desterritorialização desses espaços ocupados pela retórica do colonialismo, remanescente na atual colonialidade –, o Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" decidiu organizar esta Coleção, denominada *Escritas acadêmicas: as Ressignificações do passado na América – vias à formação do leitor literário decolonial*. Frente aos diferentes projetos estéticos literários das

escritas híbridas – desde os acríticos, conservadores dos valores colonialistas, até os críticos desconstrucionistas ou os críticos mediadores, que propõem olhares outros ao passado da América Latina – cremos no potencial descolonizador destes discursos quando estes são devidamente interpretados e analisados, tornando-se vias de desterritorialização, de descolonização e de revitalização das múltiplas, híbridas e mestiças identidades da América Latina.

Todos os volumes que compõem esta Coleção são produções colaborativas, em boa parte, oriundas das ações de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidas no âmbito das atividades promovidas na Unioeste – Universidade do Oeste do Paraná/*campus* de Cascavel. Seus protagonistas são os docentes e discentes, orientadores, coorientadores e orientados dos processos de formação educacional em nível superior que acreditam que o espaço da universidade pública brasileira de qualidade e excelência pode, também, ser um espaço de cooperação, de afeto, de acolhimento e de sensibilidade.

Os autores, assim, são sujeitos que acreditam no poder da Literatura como via potencial para a implementação e o desenvolvimento da decolonialidade, ou seja, da segunda, ainda necessária, descolonização da América Latina, aquela que busca, nesse segundo momento, desterritorializar as mentes, as identidades e o imaginário dos sujeitos latino-americanos. Esses foram, por séculos, espaços territorializados pela retórica da colonialidade, que se ancorou no discurso da modernidade/civilidade/religiosidade dos colonizadores europeus para controlar, na América, territórios, corpos e mentes. Os meios para isso são, pois, os processos de leitura e de escrita decoloniais e a implementação desses processos desde as bases educacionais de nossas escolas públicas.

Gilmei Francisco Fleck
Verão de 2024.

APRESENTAÇÃO DO VOLUME I

Neste primeiro volume da Coleção **Escritas acadêmicas: as Ressignificações do passado na América – vias à formação do leitor literário decolonial** nossa atenção volta-se ao texto *O Colombo que nasceu na América: figurações do self-made man na Literatura estadunidense – o romance histórico clássico de Scott e Cooper em Ivanhoe (1819) e Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay (1840)*, um texto que habilitará nossos leitores a compreender os meandros fundacionais das primeiras escritas de romances históricos tanto na Europa, com Walter Scott (*Waverley* e *Ivanhoe*), quanto na América, em especial com James Feminore Cooper, considerado o "Scott americano". Este texto, resultado de um processo de formação continuada em nível de mestrado, ao se voltar às primeiras escritas híbridas de História e ficção, inseridas no contexto do romantismo europeu e americano, e suas bases poéticas, discursivas e ideológicas, iniciará os nossos leitores, de modo seguro, no processo especial de leitura que tal expressão híbrida requer.

Neste estudo, procuramos mostrar aos nossos leitores que a imensa potencialidade da arte literária – em sua vertente híbrida de História e ficção europeia – não passou desapercebida pela sociedade estadunidense do século XIX, já em estágio mais avançado de construção identitária nessa época devido ao fato de sua independência da metrópole colonizadora europeia ter se efetuado ainda no século XVIII. A confluência entre os interesses políticos, econômicos e expansionistas do governo estadunidense e dos ideais políticos e religiosos defendidos pelo bem-sucedido romancista James Fenimore Cooper aliaram-se nesse momento histórico. Essa confluência resultou em um desses projetos escriturais românticos em que a arte literária tornou-se espaço de expressão e de acolhimento às intenções nacionalistas expansionistas.

Ao considerarmos a hipótese de que o interesse do ser humano pelo passado é constante, o estudo dos gêneros híbridos que mesclam a ficção e a História podem, nesse sentido, contribuir para a formação de novas perspectivas sobre eventos e personagens em relação àquelas já institucionalizadas pela escrita da História romântica nacionalista. Nesse cenário, os romances históricos que versam acerca do "descobrimento" da América têm um papel significativo na nossa formação, pois é nesse episódio que encontramos a anunciação da fundação de nossa identidade presente (Todorov, 1983).

Nesta obra – volume primeiro da Coleção *Escrita acadêmicas: as Ressignificações do passado na América– vias à formação do leitor literário decolonial,* inserida no escopo de interesse do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", analisamos o romance *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper (1789-1851). Esse é um relato romanesco híbrido no qual, como pano de fundo de uma problemática relação amorosa, renarrativiza-se um dos acontecimentos sócio-políticos mais importantes da Europa e da América do século XV: a travessia de Colombo ao Atlântico, em 1492. Sabemos que esse evento foi o que levou à anexação deste imenso território às coroas colonizadoras europeias na sua ânsia expansionista do fim do século XV e início do século XVI. Tal acontecimento é, também, apontado como o início da Modernidade na concepção histórica ocidental.

Nosso propósito é demostrar aos nossos leitores que a obra *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de Cooper, trata-se de um exemplar da modalidade do romance histórico clássico scottiano – a primeira a surgir na trajetória diacrônica do gênero –, segundo a classificação que estabelecemos, em nossa obra de 2017, acerca das diferentes modalidades expressivas do romance histórico que surgiram ao longo de sua existência do romantismo aos nossos dias. Buscamos assim, revelar como essa forma clássica primeira do romance scottiano europeu repercutiu na construção

discursiva de Cristóvão Colombo no espaço americano dos Estados Unidos, em especial em sua arte literária, servindo como substrato aos projetos políticos e ideológicos de uma nação em expansão imperialista.

Para isso, comparamos a estrutura narrativa e as estratégias escriturais empregadas pelo seu autor às características do cânone scottiano, presentes em *Waverley* ([1814], 1985) e *Ivanhoe* ([1819], 1994), de Walter Scott, iniciador do gênero romance histórico, segundo a perspectiva de Lukács (2011). Apoiamo-nos, nesse sentido, nos estudos da Literatura Comparada e naqueles referentes ao romance histórico e sua trajetória, como os de Lukács (2011), Aínsa (1991), Menton (1993), Hutcheon (1988), Mata Induráin (1995), Fernández Prieto (2003), Fleck (2007; 2010; 2014; 2017; 2021; 2024), entre outros.

Pela análise desse *corpus*, revelamos as primeiras imagens ficcionais romanescas sobre o "descobrimento" da América e, também, a ficcionalização inaugural da personagem Cristóvão Colombo na prosa, produzidas no espaço estadunidense do século XIX. Procuramos relacionar essas imagens romanescas primeiras de Colombo com o ideal do *self-made man* construído na cultura estadunidense.

Nossa abordagem busca, da mesma forma, elucidar aspectos históricos e sociais que levaram os Estados Unidos da América a serem o berço da temática do "descobrimento" no romance, fazendo nascer o Colombo romanesco. Desse modo, com as análises propostas, conseguimos revelar o quanto a escrita de Cooper se atrela aos paradigmas clássicos do romance histórico, consolidados pelo escocês Walter Scott, e como se projetam nas imagens ficcionais de Colombo os ideais da sociedade romântica estadunidense que forjaram uma identidade nacional por meio, também, da arte literária.

Jorge Antônio Berndt e
Gilmei Francisco Fleck
Verão de 2024.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Sequência de *Ivanhoe*..... p. 67
Esquema 2 – Estrutura actancial de *Ivanhoe*..... p. 76
Esquema 3 – Estrutura actancial de *Ivanhoe*..... p. 184
Esquema 4 – Sistema de Espelhamento da Narrativa de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840) ..... p. 198

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trajetória do gênero romance histórico: do romantismo aos dias atuais ..... p. 14
Quadro 2 – Tese e antítese do modelo scottiano ..... p. 77
Quadro 3 – Paradigmas de *Ivanhoe* (Scott, [1819] 1994) ..... p. 86
Quadro 4 – Lista de romances históricos produzidos por Scott **.....**p. 93
Quadro 5 – Características do primeiro romance histórico latino-americano: *Xicoténcatl* (1826), Anônimo ..... p. 119
Quadro 6 – Lista de romances históricos produzidos por James Fenimore Cooper **.....** p. 130
Quadro 7 – Sintaxe de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856) …… p. 164
Quadro 8 – Níveis diegéticos de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856) ..... p. 176-177

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **29**

1. A ORIGEM DO ROMANCE HISTÓRICO NA EUROPA: A CONSCIÊNCIA DA HIBRIDAÇÃO NO RELATO **49**

1.1 AS PRODUÇÕES HÍBRIDAS DE HISTÓRIA E FICÇÃO DE WALTER SCOTT: A MODALIDADE CLÁSSICA DO GÊNERO 55

1.1.1 A trilogia scottiana e a formação da modalidade clássica do romance histórico 58

1.1.2 A estabilização do gênero: o modelo Ivanhoe – paradigmas do romance histórico clássico scottiano 63

1.1.3 Os paradigmas da forma clássica do romance histórico e as suas implicações ideológicas 85

1.2 O ROMANCE HISTÓRICO ROMÂNTICO E AS SUAS CONFLUÊNCIAS COM A HISTÓRIA 92

1.2.1 A modalidade clássica scottiana do romance histórico e a sua faceta fundacional 92

1.2.2 O romance histórico romântico e o seu influxo na disciplina da História 98

2. O ROMANCE HISTÓRICO NA AMÉRICA: DA TRANSGRESSÃO HISPANO-AMERICANA À TRADIÇÃO CLÁSSICA ESTADUNIDENSE **105**

2.1 JAMES FENIMORE COOPER: O SCOTT AMERICANO – O CULTIVO DE UMA TRADIÇÃO 106

2.1.1 Produções latino-americanas: rupturas com a forma e a ideologia scottiana 111

2.1.2 Produções anglófonas na América: paradigmas do romance histórico clássico scottiano 122

2.2 MERCEDES OF CASTILE: OR, THE VOYAGE TO CATHAY (1840) – O ÚNICO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO SCOTTIANO DA AMÉRICA 144
2.2.1 A "Poética do 'descobrimento'" nos Estados Unidos e a sua relevância para a configuração narrativa cooperiana 146
2.2.2 Poética: análise estrutural do discurso narrativo de Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay (1840) – as imagens e os espelhos 162

CONSIDERAÇÕES FINAIS 207

REFERÊNCIAS 227

SOBRE OS AUTORES 243

INTRODUÇÃO

De acordo com Dussel (1993), ao cruzar, desembarcar e tomar o continente americano, os "conquistadores" europeus conceberam as culturas, os mundos e as corporalidades alheias como objetos lançados (*-jacere*) diante (*-ob*) de seus olhos. Desse modo, o coberto foi descoberto, mas, instantaneamente, encoberto como um "outro" à imagem do si-mesmo. Esse "outro" foi estabelecido, então, como "a 'besta' de Oviedo, o 'futuro' de Hegel, a 'possiblidade' de O'Gorman, a 'matéria bruta' para Alberto Caturelli: massa rústica 'descoberta' para ser civilizada pelo 'ser' europeu da 'Cultura Ocidental', mas 'en-coberta' em sua alteridade" (Dussel, 1993, p. 36).

O resultado da instauração e do avanço desse sistema mundial colonial/moderno para a América[1] foi – além da imposição de uma nova língua, religião e coroa alienígena – a exclusão das gnosiologias[2] locais, como reconheceu Quijano (1997) ao descrever a colonialidade do poder a partir da ascensão dos impérios

[1] Neste estudo, utilizamos o termo "América" para designar o espaço que subsume a América do Sul, a América Central, a América do Norte, o Caribe e as Antilhas. Por extensão, o vocábulo "americano" é aplicado para se referir aos habitantes desse continente, seja no passado ou no presente, enquanto "estadunidense" é usado para os cidadãos dos Estados Unidos da América (excetuando-se aqueles das suas posses coloniais, como Porto Rico). Obedecendo à disposição das cartilhas, empregamos ademais "norte-americano" para nos reportarmos aos habitantes dos países que possuem terras nesse subcontinente, como os mexicanos, estadunidenses, canadenses e franceses, mas não aos já mencionados "estadunidenses". As únicas exceções são aquelas que aparecem em citações alheias, sobretudo naquelas em língua inglesa, em que é comum denominar os Estados Unidos com o signo "América" e os seus cidadãos como "americanos", em uma tradução literal, o que evitamos/rejeitamos, com o intuito de sistematizar as catáforas e anáforas.

[2] O termo gnosiologia é empregado por Mignolo (2020) para se referir a uma gama de saberes que não são considerados como tais pela ciência ocidentalizada. Configura-se, então, com um sentido distinto daquele conferido, tradicionalmente, na filosofia europeia ou estadunidense.

ocidentais, no final do século XV. Segundo o autor, "no contexto da colonialidade do poder, a população dominada, nas novas identidades que lhes haviam sido atribuídas, foram também submetidas à hegemonia eurocêntrica como maneira de conhecer" (Quijano, 1997, p. 117).

Em outras palavras, "o saber e as histórias locais europeias foram vistos como projeto globais, desde o sonho de um *Orbis universalis christianus* até a crença de Hegel em uma história universal" (Mignolo, 2020, p. 41). É preciso exprimir que essa é uma História na qual aqueles contingentes tratados como "as minorias" – quando, de fato, sempre foram, numericamente, muito superiores aos seus sagazes subjugadores – não tiveram a oportunidade de serem narradores de suas próprias vivências.

Similarmente às línguas, aos conhecimentos e às próprias memórias que passaram a integrar o repertório de ferramentas empregadas para a inserção daquilo que Mignolo (2020) denominou de o "feitio monotópico da modernidade", as Literaturas nacionais do "Novo Mundo" também foram rearticuladas a favor dos projetos globais eurocêntricos, conforme Palermo (2011, p. 127)[3] indicou ao aludir a essa questão nas escritas artísticas latino-americanas:

> Nessa construção, a literatura joga um papel fundamental, a partir do momento em que dá forma a imaginários que convalidam e consolidam os projetos que sustentam tais formações. Assim, as "literaturas nacionais" projetaram modelos de identificação – isto é, identitários – inseparáveis dos projetos políticos com os quais acordam, dando forma a um certo tipo de "soberania" no poder absolutos sobre um/uns território/s por meio das línguas nacionais,

[3] Optamos, neste texto e nos demais da Coleção, por usar todas as traduções dos originais em língua estrangeira no corpo do texto, para uma maior fluência na leitura. Assim, apontamos o conteúdo dos textos originais em nota de rodapé que menciona "no original consta". Quando não há especificação do tradutor no final do rodapé, é porque essas versões à língua portuguesa foram feitas por nós, como já é o caso da tradução que segue a esta nota.

> línguas "maternas" (ainda que não sejam efetivamente tais), línguas oficiais[4].

Conforme explicita a autora, a Literatura desempenhou um papel fundamental nas nações em formação na América em razão de auxiliar nos projetos identitários narrativos/discursivos nacionais. De acordo com ela, as pretensas Literaturas nacionais traçaram padrões de reconhecimento, indissociavelmente ligados aos programas políticos com os quais compartilhavam afinidades. Como resultado, determinados territórios e línguas oficializados foram privilegiados em detrimento de outros, que foram silenciados, apagados e, sistematicamente, relegados à margem.

No caso do que comumente denominamos da Literatura nacional estadunidense – o ambiente focalizado por este estudo –, a temática do "descobrimento" [5] da América, por Cristóvão Colombo, no dia 12 de outubro de 1492, foi uma das temáticas mais recorrentes durante a sua consolidação enquanto Estado independente. Nesse sentido, ao longo de nossa análise, temáticas

---

[4] No original consta: *En esa construcción la literatura juega un papel fundamental, desde el momento en que da forma a imaginarios que convalidan y consolidan los proyectos que sostienen tales formaciones. Así, las "literaturas nacionales" han diseñado modelos de identificación* […] *inseparables de los proyectos políticos con los que acuerdan, dando forma a un cierto tipo de "soberanía" sostenida en el poder absoluto sobre uno/s territorio/s a través de las lenguas nacionales, lenguas "maternas" (aunque éstas no sean efectivamente tales), lenguas oficiales* (Palermo, 2011, p. 127).

[5] Por meio dos signos "descobrimento" da América, costuma-se referir ao suposto achamento do continente americano pelos europeus ou, segundo uma outra retórica, o encontro entre as populações europeias e nativo-americanas. Embora tais perspectivas ainda sejam amplamente difundidas, os novos estudos advindos das investigações descoloniais, como os de Dussel (1993), têm argumentado que os signos do "descobrimento" e do "encontro" sustentam-se sobre uma cosmovisão eurocêntrica. A despeito do termo invasão ser manejado em alguns casos, mantemos o vocábulo "descobrimento", acompanhado de aspas, a fim de nos referirmos à retórica colonial, sem deixar de marcar nossa abordagem crítica com respeito à epistemologia que fundamentou a cristalização de tal palavra.

recorrentes em diferentes obras, como a temática ou o *topos*[6] da donzela guerreira ou de Narciso, conforme empregam o vocábulo Curtius (2013 [1955]) e Silva (2021). Segundo Stavans (2001), fora elegante na escrita artística e política estadunidense, no decorrer do final do século XVIII e início do XIX, configurar o marinheiro europeu como um inaugurador da experiência patriótica e um fundador indireto da República. Como uma personalidade histórica atrativa, Colombo tornou-se, de tal modo, um instrumento para o processo de construção tanto literária quanto histórica daquilo que Le Goff (2013, p. 197) designou de "a consciência da identidade nacional no passado". Em decorrência, as forças civis e políticas passaram a louvar o marinheiro como um originador dos Estados Unidos.

Nesse sentido, Cristóvão Colombo transfigurou-se, para os escritores e poetas estadunidenses, em um precursor da modernidade, um profeta e um homem de talentos imensuráveis. Os integrantes da lírica anglo-americana estabeleceram, portanto, uma verdadeira tradição de exaltação apologética do pretenso "descobridor" da América, com o intuito de projetar, por meio de e em sua imagem narrativa/discursiva, os conceitos e os valores de suas próprias causas.

Por extensão, a totalidade de convenções articuladas para a expressão dessas primeiras gerações estadunidenses estendeu-se, conforme mostram nossos estudos de 2005 a 2024[7], a outros

[6] *Topos* significa, em latim, lugar. O termo é utilizado nos estudos literários para se referir a uma sorte de temática ou estrutura que se repete ao longo da tradição.

[7] Com essas datas, fazemos alusão aos nossos primeiros estudos potenciais sobre as imagens de Cristóvão Colombo presentes na dissertação *Imagens metaficcionais de Cristóvão Colombo: uma poética da hipertextualidade* (2005), disponível em: http://hdl.handle.net/11449/94126, na sequência na tese: *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*, disponível em: http://hdl.handle.net/11449/103668 (Acessos em: 07 out. 2024) e na publicação do amálgama de partes desses estudos em nossa obra *Imagens escriturais de Cristóvão Colombo*: *um oceano entre nós – vozes das diferentes margens*, disponível em: https://www.editoranavegando.com/imagens-escriturais. Finalmente, essas

gêneros, épocas e Literaturas, mantendo, mas, também, incorporando, uma série de combinações provenientes de distintos espaços e ideologias. Isso gerou uma gama de retratos ficcionais do marinheiro que povoou o imaginário estadunidense ao longo de séculos e, hodiernamente, mantém-se o cultivo e certas concepções laudatórias das imagens mitificadas e heroicizadas do "descobridor" da América nessa cultura.

Dentre as narrativas herdeiras das primeiras ficcionalizações de cunho laudatório sobre o navegador, destacamos, nesta obra, a ampla produção de romances históricos, cujo inaugurador, nos Estados Unidos da América, foi James Fenimore Cooper, um dos romancistas mais bem-sucedidos da primeira metade do século XIX. Tal reconhecimento deu-se pela publicação de numerosas obras que trataram de constituir os "relatos nacionais".

Das obras elaboradas pelo novaiorquino, o presente texto toma como *corpus* de análise *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840). No romance em tela, o período histórico da consolidação do Estado espanhol é eleito como pano de fundo para o relato ficcional de uma intrigante história/diegese de amor. Assim, são apresentadas, nessa diegese arquitetada por Cooper, bem ao modo scottiano, personalidades bem conhecidas, como Cristóvão Colombo e os Monarcas Católicos, Fernando e Isabel, cujas ações históricas ambientam uma complicada paixão. Na diegese, incluem-se, pois, o passado histórico do "descobrimento" da América e o processo de unificação dos reinos de Castela e Aragão como quadro para o suposto triângulo amoroso entre as personagens protagonistas, puramente ficcionais, Mercedes de Valverde, Luis de Bobadilla e Ozema.

Ao nos apoiarmos na ideia de que tanto na Literatura quanto na História a linguagem é manipulada "[...] a partir das múltiplas contradições, paralelismo, similitudes, antagonismo, metáforas [...]

---

imagens estão também expostas em nossa mais recente obra *Perspectivas desde otra orilla: cantares de voces silenciadas – resignificaciones de la historia a través de la ficción* (2024) (Editora Pontes). Acesso em: 15 jan. 2025.

e tantos outros recursos que o dramaturgo, poeta ou romancista dispõem para jogar com os sentidos das palavras[8]" (Fleck, 2018, p. 183), pretendemos, além de aproximar a estrutura da obra estadunidense ao modelo europeu, elucidar como Cooper (1856) compôs, discursivamente, a imagem de Cristóvão Colombo e do achamento do "Novo Mundo" em *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840). Tal processo é estabelecido a partir do reconhecimento das estratégias escriturais e dos recursos narrativos empregados pelo autor. Esse processo efetua-se com base na realocação dos princípios construtivos da modalidade clássica do romance histórico, inaugurado por Sir Walter Scott (1771-1832), com a publicação de *Waverley* ([1814] 1985), na Escócia, estendidos, como foi muito comum em todo o romantismo, à produção, nesse caso, de Cooper, como um dos mais profícuos seguidores de Scott.

Nessa perspectiva, questionamo-nos a respeito de quais são as estratégias escriturais e os recursos narrativos, as intenções autorais – entendidas, aqui, em um sentido parcial e não totalizante –, as circunstâncias motivadoras e as ideologias responsáveis por constituir o paradigma da modalidade clássica scottiana do romance histórico. Do mesmo modo, interrogamo-nos sobre como se constrói a **interseção** entre os parâmetros da vertente escritural inaugurada em *Waverley* (Scott, 1985), no espaço europeu, e o discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840), no estadunidense. Outra de nossas inquietações nos leva a inquirir sobre o modo pelo qual o evento da abordagem feita ao espaço americano, em 12 de outubro de 1492, e as ações de seu autor, o marinheiro Cristóvão Colombo, são configuradas na diegese de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840) e qual a relação de tal efabulação à tradição de exaltação do "descobridor" do "Novo Mundo".

---

[8] No original consta: [...] *desde las múltiples contradicciones, paralelismos, similitudes, antagonismos, metáforas* [...] *y tantos otros recursos que el dramaturgo, poeta o novelista disponen para jugar con los sentidos de las palabras* (Fleck, 2018, p. 183).

Na hipótese de que a obra de Cooper realmente se associa aos paradigmas scottianos, perguntamo-nos sobre quais são as razões literárias e sociológicas para que o primeiro e único romance histórico da modalidade clássica produzido no continente americano tenha sido escrito precisamente nos Estados Unidos da América e não em outro espaço do nosso continente, ou mesmo na própria Europa, considerando-se os estudos bibliográficos efetuados até o momento acerca da temática.

Por intermédio do levantamento de tais questionamentos, tratamos das figurações do discurso narrativo do que consideramos o primeiro romance histórico da modalidade clássica scottiana escrito no continente americano sobre o *topos*, assim como a sua relevância para a formação de uma identidade nacional para o povo estadunidense. Logo, no desenrolar desta escrita, procuramos traçar as representações ficcionais de Cristóvão Colombo e do "descobrimento" da América no romance histórico *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper, e as suas influências para/na formação da identidade nacional estadunidense, centrada na construção discursiva do *self-made man*.

O termo *self-made man* poderia ser traduzida como "o homem auto constituído". Trata-se de um conceito utilizado nos Estados Unidos do século XIX, inicialmente por Henry Clay (1777-1852), para nomear o modelo de indivíduo almejado pela elite nacional. Os seus atributos são os do homem, branco e livre, capaz de construir o seu caminho em direção ao sucesso, que, geralmente, vincula-se a uma proposta que extravasa a esfera puramente individual, para atingir a patriótica ou nacional. Por de trás de tal concepção, há a dissolução da ideia da usura, a afirmação do livre arbítrio (mercantilista/capitalista) e, paradoxalmente, a exortação do território dos Estados Unidos como uma terra prometida e destinada. Outros sinônimos são igualmente usados com o intuito de indexar a mesma acepção.

Essa fixação dos materiais que constituem o *corpus* de nosso estudo encontra a sua razão de ser em dois tópicos fulcrais: em primeiro lugar, é notável uma ausência de traduções dessa obra a

outros cenários de recepção: entre todas as transposições elaboradas para outras línguas e culturas, a contar da primeira edição da obra (1840), há apenas duas ao alemão, realizadas em 1841, três ao castelhano – duas no século XIX, (1841-1863), na Espanha, e outra na segunda metade do XIX, (1857), no México –, duas ao francês, no XIX, (1841), e nenhuma ao português. A obra de Cooper, com exceção desse romance, foi amplamente traduzida ao português e é bastante conhecida do público brasileiro.

Por extensão, destacamos, em segundo lugar, a escassez de investigações produzidas no espaço latino-americano, e sobretudo brasileiro, a respeito da função de tal romance para a configuração da tradição do romance histórico e do imaginário americano sobre os eventos de 1492, desde uma visada alternativa, ou liminar, segundo a linguagem de Mignolo (2020). Tal condição contrasta com o fato de o autor da obra em tela ter sido um dos responsáveis por auxiliar na "construção" dos mitos fundacionais da nação norte-americana/estadunidense e, por conseguinte, ter estabelecido as imagens discursivas que delinearam a identidade imperialista estadunidense e as primeiras visões acríticas oriundas de nosso continente sobre o "achamento" das terras na rota Oeste à Índia pelos europeus e sobre a personagem Cristóvão Colombo.

Logo, mediante a problematização desse ardil linguístico, significativo para as memórias e identidades americanas – e de interesse aos propósitos descolonizadores do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de História e ficção – vias para a descolonização" –, este primeiro texto da Coleção *Escritas acadêmicas: as Ressignificações do passado na América – vias à formação do leitor literário decolonial* traz contribuições possíveis tanto ao entendimento das ficcionalizações de Cristóvão Colombo e do "descobrimento" da América no romance histórico estadunidense do século XIX quanto a um comparatismo descolonial. Ele se constitui, também, em base para os demais volumes da Coleção nas quais outras modalidades do romance histórico serão foco de estudo dos integrantes do referido Grupo de Pesquisa.

Desse modo, a escrita proposta pretende implementar um pensamento responsável por congregar gnoseologias distintas e não as silenciar ou excluir. Por sua propensão ou intenção inclusiva, tal empreendimento, *a priori* teórico, tem a potencialidade de viabilizar, portanto, uma prática educacional preocupada com o avanço de posturas ledoras críticas, a formação e o cultivo de uma lógica capaz de promover o "desprendimento" com relação a uma única episteme, a incorporação do outro e a implementação de vias à descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano frente à retórica colonialista da modernidade/civilidade (Mignolo, 2017) que implementou em nosso território todo o processo de colonização. Esses são aspectos escrituras desta Coleção que consideramos potenciais para que nossos leitores empreendam ações que os possibilitem a efetuar o "giro decolonial", ou seja,

> [o giro decolonial é] a abertura e a liberdade do pensamento e de formas de vida-outras (economias-outras, teorias políticas-outras); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; o desprendimento da retórica da modernidade e de seu imaginário imperial articulado na retórica da democracia. O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder (em outras palavras, da matriz colonial de poder))[9] (Mignolo, 2007, p. 29-30).

Com efeito, propomos, a partir desta ação, comprovar que, ao assimilar os parâmetros escriturais, intencionais/nacionalistas (embora reconheçamos outras vozes além daquela do autor sobre a obra), motivacionais e ideológicos dos textos de Sir Walter Scott, notoriamente *Ivanhoe* ([1819] 1994), o discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), do estadunidense

[9] No original consta: […] *la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vida-otras (economías-otras, teorías políticas-otras); la limpieza de la colonialidad del ser y del saber; el desprendimiento de la retórica de la modernidad y de su imaginario imperial articulado en la retórica de la democracia. El pensamiento decolonial tiene como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder (es decir, de la matriz colonial de poder)* (Mignolo, 2007, p. 29-30).

James Fenimore Cooper, além de se configurar como, possivelmente, o primeiro e único romance histórico da modalidade clássica scottiana produzido na América, ele inaugurou, a partir de tal forma composicional, uma tradição de celebração dos feitos do marinheiro no romance estadunidense do século XIX. Essa cultivada tradição serviu como meio de justificativa e de avanço do projeto moderno e colonial dos Estados Unidos da América e de silenciamento daqueles sujeitos que não tiveram a oportunidade de serem os narradores de suas histórias/vivências no passado.

Este estudo a respeito do romance de Cooper (1840) faz-se para evidenciar as razões de os Estados Unidos acolherem essas figurações – que se voltam à imagem do *self-made man* –, bem como às suas conexões com a ideologia expansionista, em suas diversas projeções, e aos impactos de tal produção para a tradição de exaltação da imagem de Cristóvão Colombo, durante o quadrigentésimo aniversário da "chegada" do navegador à América. Nesse sentido, o estudo também demonstra o poder da Literatura na formação das identidades na América.

Com a finalidade de efetuar tal proposta de escrita, algumas ações, com a função de decompor o trabalho e o tornar exequível, foram planejadas. Dessa maneira, enunciamos a nossos leitores que este texto está estruturado, basicamente, por sua anterior apresentação, esta introdução, por seus dois seguintes capítulos – com seus respectivos subcapítulos –, as considerações finais e as referências.

Inicialmente, no primeiro capítulo deste texto, "A origem do romance histórico na Europa: a consciência da hibridação no relato", examinamos o trajeto do romance histórico estabilizado por Scott e as suas interfaces com a História, pelo auxílio da observação de suas propriedades artísticas e estéticas. Depreendemos, juntamente das propriedades ideológicas, os traços formais constituintes da modalidade, esses que foram rearticulados, segundo apontamos, pelos historiadores românticos

da primeira metade do século XIX, período essencial para a formação da ciência em questão.

Com vistas à materialização de tal intuito, cindimos essa ação em outras duas. Desse modo, destacamos, no primeiro subcapítulo – "As produções híbridas de História e ficção de Walter Scott: a modalidade clássica do gênero" – o movimento de comparação do discurso narrativo de *Ivanhoe* (Scott, 1994), publicado por Sir Walter Scott, ao de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de Cooper. Isso se realiza mediante o deslindamento das estratégias escriturais, das inserções do material histórico, das intenções motivadoras e do teor ideológico que atravessa as diegeses apresentadas, a fim de abstrair os parâmetros formais da modalidade clássica scottiana do romance histórico e, portanto, o modo pelo qual a História e a ficção são fundidas em suas narrativas.

No segundo subcapítulo, "O romance histórico romântico e as suas confluências com a História", realçamos a aproximação da configuração escritural, intencional, motivacional e ideológica do romance histórico clássico encetado por Scott ([1814;1819] 1985; 1994) ao modelo historiográfico romântico hegeliano/rankeano (Dekker, 1987), por meio de uma fricção entre os princípios literários (a *poiesis*[10]) scottianos e da metodologia de pesquisa historiográfica, segundo as especificações de Dekker (1987). Tal ação efetua-se para evidenciarmos como se constituíram as relações entre a Literatura e a História, as principais características que acabam aproximando ambos os discursos, bem como os limites de cada um deles com suas especificidades próprias.

Após demarcar as proposições mencionadas, a segunda ação, constituída pelo segundo capítulo – "O romance histórico na

[10] Literalmente, o vocábulo grego *poiesis* relaciona-se ao verbo *poien* – fazer, em português. Por essa conexão etimológica, o termo também pode referir-se à esfera da produção de uma obra literária: isto é, tudo aquilo que está ligado ao manejo da linguagem por parte do artista, com destaque para as escolhas de acontecimentos e personagens incluídos na confecção do texto, bem como do tipo de narração eleito. Por definição, a *poiesis* opõe-se, portanto, à *aesthesis*, que se atrela à recepção dos artifícios literários, por parte do público.

América: da transgressão hispano-americana à tradição clássica estadunidense" –, trata de analisar as reverberações em nosso continente do gênero instituído por Scott, tanto no espaço da América Latina quanto no dos Estados Unidos da América. Os procedimentos de comparação textual que orientam tal segmento deste texto visam a dar aos nossos leitores os meios para a compreensão dos diferentes modos pelos quais os escritores incorporaram ou não as condições e os parâmetros escriturais, motivacionais e ideológicos firmados na Europa. Isso se efetua, em nosso texto, com destaque para a obra de Cooper (1856) e os seus vínculos com a tradição de figuração do marinheiro Cristóvão Colombo, na nação em questão. Visibilizamos, assim, as razões que conduziram a *intelligentsia* estadunidense a estrear tal *topos* no romance.

Como resultado de tal "mapeamento" do gênero na América, conduzimos uma última ação, no subcapítulo denominado "*Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1856) – o único romance clássico scottiano da América", que coloca em tela o contraste dos parâmetros artísticos da modalidade clássica scottiana do romance histórico aos de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840), de James Fenimore Cooper, por intermédio do tensionamento dos princípios de ordenação, duração, frequência, modo e voz que compõem ambos os discursos narrativos. Esse procedimento dá-se para verificarmos se a obra de Cooper (1856) configura-se como a primeira e única amostra de romance histórico da modalidade clássica scottiana elaborada na América e identificar a razão disso e dos Estados Unidos serem o berço dessa modalidade em nosso continente e dessa temática no gênero romanesco.

Considerando a "natureza" do material perquirido e a necessidade de demarcar a via de análise das ações enumeradas, apontamos, então, que nossa ação escritural funda-se a partir de diferentes suportes bibliográficos, aptos a nos dar o necessário embasamento no campo dos estudos literários, tanto no que se refere à teoria e à crítica, quanto às teorizações que viabilizam os estudos da escritura que se avém com a História ou com os estudos

da modalidade do romance eleito como *corpus* ficcional. Em tal entendimento, as discussões apresentadas ao longo dos capítulos desta obra atrelam-se a uma visada qualitativa, cuja dimensão metodológica descritiva situa-se no interior de um intuito ora comparatista ora interpretativo, no sentido planteado por Durão (2020) ao tratar da estrutura da conjectura.

O enfoque exegético de caráter contrastivo adotado implica o manejo de conceitos capazes de levar os propósitos traçados a uma execução coesa e coerente com relação ao recorte aventado. Logo, múltiplas vertentes teóricas e concepções são costuradas para sustentar o procedimento de análise. Assim, na medida em que buscamos analisar a maneira pela qual as projeções imagéticas ostentadas no discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, [1840] 1856) articularam-se ao projeto moderno dos Estados Unidos da América, mediante a apropriação dos parâmetros do romance histórico scottiano, damos ênfase ao aparato teórico básico a ser aplicado nesta ação e onde cada um se evidencia no texto.

Para embasar o primeiro capítulo, "A origem do romance histórico na Europa: a consciência da hibridação no relato", elencamos, *a priori*, os autores e os conceitos que iluminam alguns dos fatores indispensáveis envolvidos na construção da forma clássica do romance histórico. Essas formulações teóricas correspondem aos componentes escriturais que formam as suas intenções, o teor ideológico circunscrito nesses constructos linguísticos e as suas motivações sócio-históricas. Dentre tais críticos, mencionamos Saintsbury (1912), historiador da Literatura Inglesa, responsável por enquadrar Scott no cenário da ficção britânica, e, principalmente, Lukács ([1937] 2011). Este último enumerou uma série de características fulcrais para a formação do romance histórico. Assomando-se a tal quadro, citamos Amado Alonso (1942), que instrumentalizou o campo com, ademais de um apanhado diacrônico da modalidade narrativa em solo europeu, noções basilares para a intercessão de nosso *corpus*.

Apesar de ainda selecionarmos os ensaios de Butterfield (1924), Shaw (1983), Fleishman (1972), Dekker (1987) e outros, sobrelevamos as apreciações de Márquez Rodríguez (1991) em virtude da potencialidade prática de sua esquematização para a ótica que sustenta a proposição desta escrita. Ao pormenorizar o itinerário do romance histórico desde sua formatação inicial até a sua recepção e o seu desenvolvimento na Venezuela, o autor enumerou quatro aspectos estruturais indispensáveis para a compreensão da maneira pela qual os discursos da História e da ficção fundem-se e se contestam na primeira modalidade do gênero.

Além da organização proposta pelo crítico sul-americano e, posteriormente, por Mata Induráin (1995) – que dão conta de sistematizar os preceitos puramente materiais da intriga –, aportamos os princípios teóricos levantados por Jitrik (1995) e Tacconi (2013). De modo geral, esses clarificam o percurso do romance histórico, com especial realce à América Latina. Outra tese com uma tendência semelhante é a de Sommer ([1991] 2004), que é relevante para se entender o papel apologético e fundacional das ficções no continente.

Todas as apreciações referenciadas articulam-se, em uma última instância, ao discernimento conceitual fomentado por Fleck (2017)[11], Del Pozo González (2017)[12] e Klock[13] (2018; 2021), no

[11] *O Romance Histórico Contemporâneo de Mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – Releituras críticas da História pela ficção* (2017) é fundamental para a compreensão didática do percurso do gênero na América Latina. Disponível em: https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/32396-o-romance-historico-contemporaneo-de-medicaobr-entre-a-tradicao-e-o-descontrucionismo-releituras-criticas-da-historia-pela-ficcao?srsltid=AfmBOoogCGPU1GxIqQzFXydNo2dtT-cMQoXwD5Pdmm8iVtQpe-6_2eo8. Acesso em: 01 out. 2024.

[12] *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]* (Del Pozo González, 2017). Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/3452. Acesso em: 01 out. 2024.

[13] *O romance histórico no contexto da Nova Narrativa Latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem* (Klock,

âmbito do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processo de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de História e ficção – vias para a descolonização". De suas contabilizações, extraímos sobretudo a compreensão da configuração do romance histórico em grupos, fases e modalidades. Com esse instrumental, reordenamos os conceitos dispostos pelos estudos enumerados anteriormente e os instrumentalizamos no procedimento analítico que toma o espaço no primeiro capítulo do texto.

Com o suporte das contribuições desses pesquisadores, viabiliza-se a demarcação dos atributos perpetuados por Scott (1985) em seu protótipo escritural. O emprego desses elementos é trabalhado especialmente no subcapítulo "As produções híbridas de História e ficção de Walter Scott: a modalidade clássica do gênero" e é ampliada ao longo do nosso processo escritural. Por essa via também surge a possibilidade de vincularmos, no subcapítulo "O romance histórico romântico e as suas confluências com a História", a análise dos elementos composicionais listados anteriormente à historiografia influenciada pelas convenções scottianas, no século XIX. Outras ideias que auxiliam na apresentação de tal elo nesse último subcapítulo mencionado são as arroladas por Dekker (1987), Le Goff ([1977] 2013) e Fleck (2017), cujas investigações abordam a confluência da arte palavra e da ciência do passado.

Por sua vez, para embasar o segundo capítulo, valemo-nos de distintos estudos cujos enfoques recaem sobre o itinerário do romance histórico na América, notavelmente para o subcapítulo 2.1, e as imagens narrativas/discursivas contidas nas produções estadunidenses acerca da invasão de 1492, para o 2.2. Com relação ao material que fundamenta o subcapítulo 2.1– "James Fenimore Cooper: o Scott americano – o cultivo de uma tradição", apropriamo-nos, além das análises que compuseram a primeira

2021). Tese disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/5661. Acesso em: 01 out. 2024.

etapa desta escrita, dos estudos de High (1986), Gilmore (1994), Vanspanckeren (1994) e Del Pozo González (2017), os quais tratam ou do circuito do gênero em nosso continente e no país norte-americano ou de obras específicas, como *Xicoténcatl* ([1826] 2020), e as suas conexões com o polissistema tensionado.

Para o subcapítulo "*Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840) – o único romance clássico scottiano da América", tomamos dois instrumentais que são correlacionadas entre si. De um lado, apontamos para os estudos usados para friccionar, diacronicamente, os discursos circunscritos no romance histórico sobre o navegador Cristóvão Colombo. De outro, frisamos os escritos cuja escolha associa-se à busca pela compreensão de como as aproximações e os afastamentos encontrados por meio das análises do primeiro instrumental poderiam associar-se, ou não, ao projeto colonial moderno estadunidense.

Nesse conjunto inicial, que lida com as figurações do navegador, sublinhamos os conceitos de Dekker (1987) sobre os desdobramentos do romance histórico nos Estados Unidos; de Jones (1992), no que se refere às distintas perspectivas existentes acerca do marinheiro; de Nagy (1994), a respeito das configurações dadas a Colombo tanto na lírica quanto na prosa supostamente universal; de Stavans (2001), especificamente com relação à tradição estadunidense de exaltação ao genovês; de Fleck (2008; 2010; 2021; 2024), sobre os desdobramentos do romance histórico de tal temática na América Latina; e outros.

Por meio da utilização dos saberes desses pressupostos, podemos contemplar como, no decorrer dos cinco séculos desde a sua morte, o marinheiro foi figurado em biografias, poemas e romances a partir de diversos ângulos: em alguns momentos e lugares, como um herói, superior às personagens e ao meio; e, em outros, igual ou inferior a eles. Em decorrência, faz-se possível elucidar, no segundo capítulo, "O romance histórico na América: da transgressão hispano-americana à tradição clássica estadunidense", o modo pelo qual *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840) reuniu em seu discurso narrativo as

imagens pré-existentes da poesia nacional estadunidense e como foi capaz de incluir, na própria tradição, outras visões incorporadas pelas produções romanescas estadunidenses posteriores, como as de Musick (1892) e DuBois ([1892] 2022).

É com o suporte desse primeiro grupo de conceitos que, então, podemos aclarar, no último subcapítulo, "*Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840) – o único romance clássico scottiano da América", o vínculo estabelecido entre o conjunto de peripécias registradas por Cooper (1840), o discurso que lhe atravessa e, segundo certas formulações retiradas de Weinberg (1963) e da *Encyclopaedia Britannica* (1976), o movimento expansionista estadunidense que pretendeu instituir, por meio de um discurso de extração sagrada ou divina, a absolvição de todos os "inconvenientes" decorrentes do proselitismo neopuritano estadunidense, da expansão rumo ao Oeste e do etnocentrismo anglo-americano – esses que foram, pelas noções de unidade e pureza, os agentes do genocídio de centenas de milhares de habitantes autóctones e africanos escravizados.

Para aprofundar o entendimento da função dessas ideologias, e a sua relação com a Literatura, tomamos as definições de modernidade, conforme revisaram-nas Dussel (1993), Galeano (2010), Mignolo (2020), entre outros. Embora as suas contribuições permeiem o prisma descolonial adotado, elas compõem majoritariamente a análise discursiva desse subcapítulo 2.2.

Ainda ressaltamos, em uma alçada mais geral do que particular, o modo como Tynianov ([1923] 1972), Propp ([1928] 1970), Barthes ([1965] 2001; 2012) e, sobretudo, Genette (1972) conceberam a fabricação do tecido literário, mas sempre a partir de uma abordagem capaz de integrar "as heterogeneidades, polifonias e cruzamentos" (Bernd, 1998, p. 27) e não somente as "oposições binárias, de essencialismos e [...] culto à pureza" (Bernd, 1998, p. 27). Desse modo, podemos, no transcorrer do texto, entender a relevância do romance histórico para a formação da identidade, do imaginário e da memória dos povos americanos.

Com relação à teoria literária, emitimos, porém, um adendo. Genette (1972) perfila três aspectos do estudo da narrativa, que usamos para percorrer as diegeses ao longo deste texto, a saber: a pesquisa da *histoire* (História), do *récit* (relato ou narrativa) e da *narration* (narração). O primeiro vocábulo é empregado por ele para se referir ao que se chama de o conteúdo narrativo. O segundo é manejado para tratar do enunciado em si, desde a sua extensão material até as suas escolhas de lexias. O terceiro vincula-se, por fim, aos códigos pelos quais a voz enunciadora demarca a si mesma e as personagens, assim como ao seu contexto de fala.

No entanto, considerando a ambiguidade gerada pelo uso do conceito de História, intercalamos, neste texto, o termo genettiano a outras expressões. Por um lado, usamos algumas pertencentes a uma marcação corrente, como acontecimentos da narrativa ou, ainda, trama, diegese. Por outro, algumas mais operativas, sobretudo com a ideia de funções (nucleares e cardinais) – que são exploradas à frente. Aludimos, apesar da variação de cunho operativo, ao mesmo fenômeno: o entrelaçamento lógico, temporal ou espacial dos episódios que são doados aos leitores pelo narrador.

Em última instância, este estudo não deve ser lido como o encerramento dos significados de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840) ou, por acréscimo, do passado renarrativizado em sua diegese. Ele deveria, antes, ser lido como a exploração dos significantes do texto – essa estrutura radicalmente simbólica, que, restituída à linguagem, é dispersa e sem fechamento: "um sistema sem fim nem centro" (Barthes, 2012, p. 69), composto precisamente pelo signo da travessia. As páginas a seguir, almejam, por conseguinte, dar um passo em direção ao entendimento da manipulação[14] de um discurso e abrir, assim, a interpretação do

[14] O conceito de manipulação pode pertencer a diferentes campos do conhecimento, a depender do tratamento dirigido a ele. Não obstante, considerando os objetivos traçados, nesta obra, empregamos tal etiqueta semiótica na linha do Grupo de Pesquisa soviético *ОПОЯЗ* (OPOJAZ), sobretudo no que se refere à abordagem conferida por Chklovski ([1917] 1976) e Tynianov ([1927]

pretérito pela arte a outros modos de "vê-lo" e "dizê-lo". Assim, como já enunciamos, "enfrentar-nos com as leituras da História pela ficção, voltadas para o "descobrimento" da América, pode ser um dos meios mais eficientes de nos encontrarmos mais semelhantes aos nossos opostos [...] distintos de nossos iguais [...] [e] mais dispostos a vermos o outro em nós mesmos [...]" (Fleck, 2008, p. 17).

Esse é, também, o objetivo maior desta Coleção: revisitar o passado da América – textualizado em escritas, materializado em registros, esparso em vestígios, inculcado nas memórias ancestrais daqueles que não imprimiram em outros meios as suas vivências – com olhares outros, com perspectivas outras para, talvez, descobrir, pela arte literária, "novas formas de reflexão, outras verdades, inesperadas iluminações" (Milton, 1992, p. 183).

1976). Sob tal ótica, a manipulação da linguagem no artefato literário ou histórico não se vincula, inicialmente, à esfera da ética (bom e mau) ou da lógica (verdadeiro e falso), mas, sim, à da arte em *lato sensu*. Assim, com a manipulação, o interesse recai sobre a maneira como os dispositivos da linguagem são manejados pelo seu artesão (literato ou historiador), isto é, com quais palavras, em que ordem sintática, com qual enfoque/recorte, e assim por diante, o texto é constituído.

1. A ORIGEM DO ROMANCE HISTÓRICO NA EUROPA: A CONSCIÊNCIA DA HIBRIDAÇÃO NO RELATO

O ser humano sempre buscou maneiras de representar a sua sociedade e o seu passado. Isso se deu seja por meio das pinturas rupestres, marcadas nas cavernas em tempos remotos, das tradições orais, transmitidas de uma geração para a outra ou das epopeias, como a *Ilíada* (Homero, [700 a.C.] 2013), na Europa, e os poemas dos *Mexicas* (Sahagún, [1577], 1829), na Mesoamérica. Dessa maneira, os povos antigos procuraram formas de se lembrar e de registrar os seus feitos e o ambiente em que estiveram inseridos, deixando esse legado às gerações vindouras. Segundo já constatamos (Fleck 2010), sem uma preocupação rigorosa em delimitar os limites do ficcional e do palpável, nossos ancestrais promoveram desde a Antiguidade uma combinação entre o poético e o existencial, entre o imaginário e o fatual. Em outras palavras, nesses relatos, os elementos sem referenciais imediatamente inscritos no mundo sensível (ou seja, signos criados pela memória ou imaginação coletiva) foram mesclados, indiscriminadamente, a outros *a posteriori* considerados comprovadamente ou "quase" factíveis.

O *epos*, assinalado como o mais alto gênero por Aristóteles ([335 b.C.] 2008), foi, sob tal ângulo, exemplar com relação à combinação entre a poesia, no sentido de criação, e o que viria a ser a História. Ao dar "[...] forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma" (Lukács, 2009, p. 60), a tipografia lançou luz sobre "o passado heróico nacional, o 'passado absoluto', segundo a terminologia de Goethe e de Schiller" (Bakhtin, [1973] 2014, p. 405), por meio da absorção do que Bakhtin (2014, p. 405) denomina de "a lenda nacional (e não a experiência pessoal transformada à base da pura invenção)", em um pretérito aquém daquele do leitor e do enunciador. Ou seja, como materialidade da categoria narrativa mencionada foram eleitas substâncias extraídas desse campo inacessível que seria o passado absoluto

das origens e dos fastígios nacionais, comumente associados com "[...] o 'começo', o 'primeiro', o 'fundador', o 'ancestral', o 'predecessor' [...]" (Bakhtin, 2014, p. 407).

A configuração desses relatos – produtos de um tempo para o qual o círculo metafísico em que viviam seria o de "um mundo perfeito e acabado" (Lukács, 2009, p. 30), já estipulado pela transcendência – implicou uma série de noções temporais destoantes com as da Modernidade, Pós-modernidade ou Transmodernidade. Vejamos um exemplo disso: Para Dussel (1993), a Modernidade corresponderia ao período que vai da invasão da América (1492) até o presente, pois, apesar das transformações, a sua base continuaria a mesma. A pós-modernidade é, para ele e Mignolo (2020), uma continuidade do processo moderno. Nesse cenário, a Transmodernidade corresponde a um momento em construção, no qual o rompimento com a lógica moderna estaria em ação. Assim, dentre as principais noções temporais no Ocidente, a das idades míticas funcionou com uma sorte de coluna vertebral para diferentes povos em vários lugares.

De maneira sumarizada, essa temporalidade, ideologicamente orientada em mitos e textos, consistiu na estruturação lendária de épocas, geralmente cíclicas, pelas quais os seres divinos e humanos passariam. Enquanto a primeira seria classificada como a utópica, sem trabalho, fome ou morte, as outras caminhariam em direção à decadência, até a chegada do fim dos tempos ou do ressurgir.

Observamos que, nessa concepção, a estrutura do tempo e da realidade é conhecida e bem delimitada, cabendo ao humano seguir os princípios já estipulados para a sua conduta/ação. Conforme Le Goff (2013, p. 264), "essas teorias de ciclos e de idades deram por vezes lugar [...] a cálculos mais ou menos simbólicos, originando calendários míticos e datas proféticas cujo uso, com fins políticos e ideológicos, desempenhou, por vezes, um papel importante na história".

O teor ideológico e, frequentemente, doutrinário das imagens, dado o uso educacional que se fazia dessas obras na Antiguidade greco-latina, por exemplo, pode ser comprovado por uma

aproximação com a poética do herói épico. A título de exemplo, Aquiles, evidentemente inserido no arranjo das idades míticas helênicas, materializadas na *Ilíada* (Homero, [700 a.C.] 2013), luta em um evento mítico lendário, tornando-se um herói do seu tempo, mas não do ponto de vista egocêntrico, pois "o herói da epopeia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre se considerou traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade" (Lukács, 2009, p. 67).

Ao partirmos de tal perspectiva, constatamos que Aquiles, tomando o lugar aqui do herói épico em geral, não é figurado como um sujeito nucleado. Contrariamente, ele retrata, por meio da hibridação da História e da ficção, ainda não apartadas, todo um grupo, com os seus valores (notoriamente o *kléos*, a honra helênica), costumes e objetivos. Logo, a *poiesis* articulada no poema confere ao protagonista as características representativas e paradigmáticas de/para a comunidade, que, ao decodificar os símbolos e as normas, toma-as como modelo a ser adotado e repetido, no campo extradiegético. É dessa tradição antiga que o romance histórico do século XIX, das modalidades clássico e tradicional – como gênero híbrido de História e ficção conscientemente elaborado –, irá prescindir para gerar, no âmbito intradiegético, os discursos de louvor, exaltação e heroificação dos eventos e sujeitos do passado, ciente, também, de que isso pode repercutir no nível extradiegético, ou seja, na existência cotidiana do leitor.

Mediante a fixação de padrões, normas e modelos, a arte da linguagem, mescla dos resíduos da memória, da "História" do passado de um povo e da fantasia, cumpria, portanto, uma função didática e coletiva já na Antiguidade. O que as diferencia enormemente das produções posteriores é, como se aludiu, a ausência de uma percepção histórica: o passado heroico e peremptório é gravado nos compêndios sagrados sem uma peneira responsável por separar o joio do trigo. Assim, ao longo da Idade Média europeia, foram, segundo Massaud Moisés ([1967] 2006), textos como as novelas de cavalaria que definiram a "narrativa

oficial" dos grandes eventos patrióticos, delimitaram identidades e asseveraram padrões/modelos.

Embora sinais de uma ruptura já despontassem nos espaços da cultura árabe ou no Renascimento europeu, foi, com a ascensão do racionalismo e do idealismo, na Europa continental, e do empirismo, na insular, que as duas instâncias foram amplamente desassociadas. Tal disjunção significou um deslocamento relevante dos preceitos epistemológicos adotados.

Por meio do historicismo triunfante, marcado em uma de suas expressões pela busca de uma "estrita observação dos fatos, à ausência de moralização e de ornamentos, à pura verdade histórica" (Le Goff, 2013, p. 89), o método cientificista, copiado de outras ciências, foi alavancado a um estatuto excelso, de sorte que a investigação, supostamente neutra e imparcial executada nas metrópoles do "Velho Mundo", passou a ser a responsável por distinguir o palpável do quimérico. Como exemplificaram as visões aplicadas por Ranke ([1821-1880] 2011), enquanto coube, portanto, à História o rigor, a fidelidade e a exatidão; a fantasia, a imaginação e a criatividade foram destinadas à Literatura. Assim, no início do século XIX, desenhavam-se os limites entre as diferentes áreas, deixando a História e a Literatura de pertencerem ao mesmo ramo da árvore que as gestou.

Os percursos traçados por essa vertente foram guiados politicamente. Por um lado, os seguidores prussianos de Ranke[15] (1795 – 1866), Droysen[16] (1808 – 1884) e Sybel[17] (1817 – 1895) "encontraram" na História, estudada cientificamente, um caminho que conduziria até o progresso. De acordo com Le Goff (2013, p.

[15] Leopold Von Ranke (1795–1866), prussiano e protestante, que se tornou o historiador oficial da casa de Brandemburgo. É considerado o fundador da História Tradicional que, no início do século XIX, desvinculou-se da Filosofia e da Literatura para se transformar em ciência.

[16] Johann Gustav Droysen foi um dos mais importantes historiadores alemães do século XIX.

[17] Heinrich Karl Ludolf Sybel, a partir de 1831 von Sybel, foi um historiador, arquivista e político alemão.

89), "o Estado prussiano foi, no século XIX, o modelo deste resultado, já realizado na Antiguidade por Alexandre [...]. Sybel insistiu ainda mais na missão do Estado e na realidade de um progresso geral da humanidade". Em sua análise, Dussel (1993) expande ainda mais a perspectiva analítica, ao identificar nessas apreciações, também compartilhadas por Hegel, um etnocentrismo colonialista cuja intenção seria a de justificar, por vias alegadamente rigorosas e metódicas, a conquista das sociedades submetidas ou, como as denominavam, sem civilização.

Apesar da distância, aparentemente, abismal instituída entre a Literatura e a História após o Iluminismo europeu (séculos XVIII e XIX), novos estudos apontaram, no entanto, para a interseção existente entre ambas as áreas do saber/fazer. Em um primeiro momento, pensadores como Barthes (2012) passaram a reconhecer como o discurso histórico, de cunho realista, é, não a "verdade" incontestável, mas uma confusão ilusória do significante com o referente, uma "[...] elaboração ideológica, ou, para ser mais preciso, **imaginária**, se é verdade que o imaginário é a linguagem pela qual o enunciante de um discurso (entidade puramente linguística) 'preenche' o sujeito da enunciação (entidade psicológica ou ideológica)" (Barthes, 2012, p. 176). Em seguida, como resultado deste primeiro instante, críticas literárias como Fernández Prieto (2003, p. 148) esclareceram que "a narração histórica e a narração ficcional obedecem aos mesmos mecanismos estruturais e só se diferenciam pragmaticamente [18] ", isto é, a diferenciação entre História e Literatura nos tempos hodiernos dá-se nos pactos e nas funções atribuídas a elas culturalmente pelas sociedades.

Foi, precisamente, mediante o entendimento da possibilidade de conexão desses dois discursos, mesmo antes dos estudos apresentados, que diversos romancistas buscaram imiscuir as duas modalidades discursivas, de modos distintos. Nessas

[18] No original consta: [...] *la narración histórica y la narración ficcional obedecen a los mismos mecanismos estructurales y sólo se diferencian pragmáticamente* (Fernández Prieto, 2003, p. 148).

circunstâncias, ao combinarem o campo ficcional a algumas das características do método e do material historiográfico, os romancistas do século XVIII criaram um gênero que passou a rivalizar com os trabalhos dos historiadores.

De acordo com Stevens (2010), reescrevendo os conteúdos já discutidos pelos estudos historiográficos, tais autores tinham por objetivo produzir textos didaticistas ou instrucionais voltados ao público menos acostumado à aridez das obras dirigidas aos aristocratas ou especialistas, como eram, no caso, as mulheres, as crianças e os pequenos burgueses. A consequência desse tratamento foi a falta da especificidade histórica no arranjo ficcional da vida – e, portanto, a debilidade na figuração do modo de ser e de agir das personagens –, causado por uma pulsão realista, mas não uma observação da História "[...] como processo, sobre a História como precondição concreta do presente" (Lukács, 2011, p. 36).

Herbert Butterfield (1924), Avrom Fleishman (1972), Harry Shaw (1983), George Dekker (1987) e, notoriamente, György Lukács (2011) identificaram a solução desse paradigma no nascimento do que Fleck (2017) denominou de o romance histórico da modalidade clássica scottiana. Conforme Lukács (2011), foi sobre a base histórica do desenvolvimento orgânico inglês, marcado pelas convulsões do ser e da consciência dos homens em toda a Europa, que Walter Scott inaugurou o romance histórico.

Ao ser capaz de, sutilmente, reconhecer o passado como pré-História necessária para a formação do presente, Scott, visto por Lukács (2011) como a expressão da defesa histórica do progresso, figurou em suas obras romanescas, vividamente, "[...] as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram" (Lukács, 2011, p. 60), desvencilhando-se, assim, da simples exposição instrutiva dos incidentes que se perfazia no romance social anteriormente em voga. Como em um processo de anastomose, a Literatura e a História, integralmente desprendidas durante a ascensão do cientificismo ocidental, foram, paradoxalmente, então,

rearticuladas de modo consciente, meticuloso e acrítico sob a forma do romance histórico, no início do século XIX.

Ao estabelecermos para este empreendimento escritural a eclosão da "poética do 'descobrimento'" no romance histórico estadunidense e as suas distensões ideológicas, dividimo-lo em duas partes. Este primeiro segmento, "A origem do romance histórico na Europa: a consciência da hibridação no relato", trata, como temos exposto, das origens da reunião entre os relatos histórico e ficcional até a consciência de sua hibridação, na Europa, com a ascensão da modalidade do romance histórico fixada por Scott ([1814] 1985). Destacamos, sobremaneira, as obras cujas diegeses perpetuaram os parâmetros scottianos, bem como as suas influências no método historiográfico, que era idealizado/ concebido precisamente na primeira metade do século XIX.

Na sequência dessa reflexão, no subcapítulo "As produções híbridas de História e ficção de Walter Scott: a modalidade clássica do gênero", estabelecemos os componentes estruturais que guiam o protótipo scottiano, com as suas consequentes relações político-ideológicas, o que nos auxilia no desígnio de circunscrever o sistema narrativo incorporado nas produções subsequentes do gênero. Assim, para tratar de tal transformação, bem como de suas nuances discursivas, apresentamos, a seguir, no referido subcapítulo, como o tensionamento introduzido pelo romancista escocês serviu para estabelecer uma forma única de hibridação dos relatos histórico e ficcional.

1.1 AS PRODUÇÕES HÍBRIDAS DE HISTÓRIA E FICÇÃO DE WALTER SCOTT: A MODALIDADE CLÁSSICA DO GÊNERO

Como aludimos no início deste capítulo, a narrativa scottiana proporcionou a constituição de um novo paradigma escritural no romantismo. Essa mutação deu-se, pois, diferente de seus antecessores imediatos, ele conferiu a esse gênero a consciência refinada com respeito a interpenetração entre os discursos histórico e ficcional. Tal discernimento, oriundo do campo artístico, não foi,

no entanto, o resultado da aleatoriedade, mas, sim, do manuseio vigiado da linguagem. Logo, neste subcapítulo de nossa obra, deslindamos os princípios construtivos e ideológicos direcionados pelo performador/autor para forjar as diegeses dos artefatos estéticos que consolidaram a modalidade clássica scottiana do romance histórico.

Com vistas à concreção do tencionamento enunciado, desmembramos este fragmento em três estágios. Inicialmente, assinalamos os precedentes da irrupção do romance. No tópico "A trilogia scottiana", clarificamos o programa escritural scottiano, tomando, apenas como exemplo, o conjunto de obras que ele denominou de "narrativas fictícias, que pretenderam ilustrar as maneiras próprias da Escócia em três períodos diferentes[19]" (Scott, 2002, p. 3). Já no item "A estabilização do gênero", voltamo-nos para *Ivanhoe* (Scott, 1994), a fim de extrair o seu sistema diegético. Por fim, no tópico "Os paradigmas da forma clássica do romance histórico e as suas implicações ideológicas", esquematizamos os conceitos e fazemos uma ponte com o subcapítulo denominado "O romance histórico romântico e as suas confluências com a História", que dá seguimento às nossas reflexões.

Desse modo, passando do autor aos textos fundadores da modalidade, da obra estabilizadora à sua função e do seu papel à compreensão geral das propriedades formais perquiridas, acompanhamos o movimento graças ao qual o protótipo firmou-se no seio da escola romântica nacionalista britânica e deu origem a uma vasta gama de repetidores, na esfera da historiografia e da escrita artístico-literária. Para iniciar o percurso através da História desse gênero, começamos a avançar, portanto, em direção a uma breve reconstituição da produção "poética" do autor, com as suas incursões na lírica e sobretudo na prosa.

Embora a figura do autor não deva ser usada como uma variante definitiva na interpretação do *corpus*, ela pode ser

[19] No original consta: [...] *fictitious narratives, intended to illustrate the manners of Scotland at three different periods* (Scott, 2002, p. 3).

concebida, no caso de Scott, tal qual uma chave capaz de abrir as portas aos interstícios dispostos entre o texto e os seus não ditos. Tal condição tem a sua razão de ser nas circunstâncias do período, que viu a ascensão do conceito do indivíduo/gênio, e no próprio material com o qual o artista lidou, a História e a memória dos povos britânicos, com os seus conflitos internos e externos, a partir de um contexto em que a ilha se colocava em constante tensionamento com os outros impérios europeus.

Nesse sentido, é interessante notar, como indica Wright (1932), que Scott encetou a sua carreira com uma série de coleções líricas e trabalhos não-ficcionais, cuja consolidação no cenário romântico europeu foi quase imediato. Substituindo William Wordsworth (1770-1850), que junto dos *Lake Poets* dominara as vendas na transição dos séculos XVIII e XIX, o escocês tomou, segundo Cook (2021, p. 13), o posto de "Poeta romântico mais popular a escrever em inglês antes do aparecimento de Byron no cenário literário[20]". Em vista disso, as efabulações do artista foram rapidamente absorvidas por um fragmento da *intelligentsia* romântica, a nacionalista.

Nessas obras, que definiram o direcionamento posterior dos contos e das baladas na Literatura Inglesa, já se fazia "sentir", como fizemos referência, a propensão romântica pelo local. Em *Marmion: A Tale of Flodden Field* (Scott, [1808] 1896), a título de exemplo, o leitor é transportado à primeira metade do século XVI, para acompanhar, sob a forma dos versos, divididos em seis cantos, a trajetória de Wilton e Lorde Marmion, um antagonista integrante da corte do rei Henrique VIII. A construção encerra-se com a batalha de "Flodden Field" (1513), na qual o nobre/vilão morre, após ser derrotado pelo herói, que logra efetuar o seu matrimônio com a donzela, aspirada desde o começo do poema.

Como é possível inferir pelos dados consignados, mas sem pormenorizações em razão dos objetivos desta obra, o teor temático

[20] No original consta: [...] *most popular Romantic poet writing chiefly in English before Byron appeared on the scene* (Cook, 2021, p. 13).

revela um relato enleado aos feitos do passado registrados nos anais da História inglesa e escocesa. Além disso, tal recontagem dos dados, informações e vieses já contidos nos primeiros apontamentos forjados pelos historiadores associa-se, à guisa romântica, a uma formulação discursiva da identidade patriótica local, em oposição à forânea, que é, apesar dos percalços, repelida. Desse modo, Scott, desde as suas primeiras publicações, ligava-se a uma verve protoufanista e baseada nos documentos oficializados, ainda que não tivesse, nesse instante, levado ao público o que Lukács (2011), em seu afã crítico, denominou de a forma clássica do romance histórico e o que Fleck (2017), retomando o anterior, chamou de a modalidade clássica do romance histórico.

Essa modalidade/forma híbrida teria o seu ponto de inflexão, como enunciamos na introdução deste capítulo, tão somente em 1814, graças à difusão de *Waverley* (Scott, 1985), obra que foi adotada, por críticos mencionados, como um marco tanto por questões estruturais quanto contextuais. Para adentrar no empreendimento artístico do romancista, dedicamo-nos, na sequência, a revisar a ruptura instituída por tal "símbolo" do gênero. Ressaltamos, aqui, que, considerando as intenções do escritor com o relato, percorremos o texto integrando-o à trilogia da qual faz parte, de acordo com o que ele expôs nas páginas preliminares de *The Antiquary* (2002).

1.1.1 A trilogia scottiana e a formação da modalidade clássica do romance histórico

No decurso da disseminação dos contos e poemas de Scott anteriores a 1814, que, como observamos, dispunham de uma embocadura ligeiramente patriótica, a Europa havia convertido-se no palco das guerras napoleônicas. Consoante à explanação de Hobsbawm (2004), uma das monarquias que, nesse ínterim, mais temia o avanço do intento revolucionário do ditador francês era, precisamente, a do Reino Unido. O motivo de tal apreensão ou cautela residia no fato de que, segundo a sua visão, todo o império

ou nação que não se mantivera unificado em sua integridade fora submetido ao julgo dos autodenominados "ilustrados".

Ao levarmos em conta a conjuntura dos anos seguintes, notamos, consequentemente, que o *début*, a princípio realizado sob outro nome, de Scott no romance, com *Waverley* ([1814] 1985), decorreu em um cenário de recém pós-guerra, a despeito de um último levante napoleônico fazer-se escutar em 1815. Içamos tal quadro para mostrar menos a presumida tendência de a escritura espelhar, analogicamente, uma suposta realidade do que a sua incumbência ativa, nesse caso da modalidade clássica do romance histórico, em configurar identidades, compor paradigmas e tonificar interpretações, exatamente quando se buscava reafirmar o ego insular frente ao continental, em pleno processo de restauração.

Apesar de a ordenação diacrônica das seções parecer implicar uma exibição cronológica e cartesiana da primeira trilogia de romances históricos de Scott, é impreterível, porém, efetuarmos uma breve inversão no sentido de *The Antiquary* (Scott, [1816] 2002). Essa prolepse faz-se necessária pois foi nesse ano de 1816, isto é, no qual foi publicado o último livro da sequência, que o literato formulou, explicitamente, para o seu público a meta do modelo, encetado em 1814, junto de algumas das suas deliberações com relação à escolha do cenário, das personagens e do protagonista. Logo, no "*Advertisement*" (Scott, 2002), o autor exprime as seguintes ideias:

> O presente trabalho completa uma série de narrativas fictícias que pretenderam ilustrar as maneiras da Escócia em três períodos diferentes. *Waverley* adota a era de nossos pais, *Guy Mannering* aquela de nossa própria juventude, e o *Antiquário* refere-se ao último decênio do século dezoito. Eu procurei as minhas personagens principais na classe da sociedade que é a última a sentir a influência daqueles polidos que assimilam entre si os modos de nações

> diferentes [...] eu me esforcei para ilustrar a operação das paixões mais altas e violentas[21] (Scott, 2002, p. 3).

Ao seguir o raciocínio exposto, constatamos que cada uma das diegeses dos três romances que inauguram essa forma do gênero possui a sua incumbência no painel geral. Em decorrência, elas ganham sentido e função quando concatenadas pelo receptor consciente dos argumentos incutidos nos seus discursos narrativos. Esse é o eixo que as interliga: a representação da História escocesa pela Literatura. Tomando e subvertendo as palavras de Cortázar (1993), podemos dizer que uma sorte de conquista verbal do que, teoricamente, seria a realidade é conduzida pela escritura, pois se torna o seu trabalho fixar padrões, modelos e protótipos, com relação a esse pretérito romântico. Nesse seguimento, a tipologia de protagonista selecionada para perfazer o projeto é, ainda segundo o enunciado, a do sujeito posicionado em um meio termo no quadro social estabelecido. O conceito de figurar cada uma das eras perpassa, como se vê, por algumas manipulações artísticas.

Após entender esse programa, podemos voltar à organização cronológica habitual, para verificar em que medida elas são consubstancializadas. Em *Waverley* (Scott, 1985), a primeira obra sobre a qual recai o nosso interesse, a diegese tem o seu foco nas peripécias do trio amoroso formado por Edward Waverley, Flora e Rose, no Reino Unido de 1745. São eleitos como panorama de todas as ações efetuadas por essas personagens os incidentes do Levante Jacobita, que pretendia devolver a Coroa britânica, sob a posse da dinastia de Hannover, à Stuart.

---

[21] No original consta: *The present Work completes a series of fictitious narratives, intended to illustrate the manners of Scotland at three different periods. Waverley embraced the age of our fathers, Guy Mannering that of our own youth, and The Antiquary refers to the last ten years of the eighteenth century*. I have* […] *sought my principal personages in the class of society who are the last to feel the influence of that general polish which assimilates to each other the manners of different nations.* […] *I have endeavored to illustrate the operation of the higher and more violent passions* (Scott, 2002, p. 3).

Edward Waverley é um integrante de uma família nobre, que apoia a restauração católica Stuart, apesar de o protagonista não expressar nenhuma inclinação clara a nenhum lado. A situação complica-se quando o herói, um oficial da coroa hannoveriana, que vacila entre ações elevadas e medianas, é conduzido, em razão de suas paixões, ao campo dos revolucionários jacobitas. A contingência da situação abre espaço para volumosas páginas não somente efabularem os conflitos travados entre os dois lados, mas acercar o leitor dos representantes de ambas as tendências, humanizando-os no transcurso.

A intriga tem o seu desfecho com a impossibilidade de o protagonista vincular-se aos ditos rebeldes e, por extensão, à filha do compatriota com quem trava contato no começo da trama, isto é, Flora. Com efeito, Waverley retorna ao lado hannoveriano, o do poder instituído, para, ao fim, contrair bodas com Rose, nobre inglesa, cuja família contrapõe-se aos prosélitos de Bonnie Charlie (Stuart). Seguindo os passos dos relatos oficializados, a voz enunciadora dá a conhecer, então, o fracasso dos restauradores e o sucesso do lado vitorioso, que registrou a versão da História relatada/renarrativizada por Scott (1975).

Com base na compreensão dos atos que compõem o conteúdo relatado, o leitor pode contemplar a primeira diferença introduzida em *Waverley* (Scott, 1985) com respeito ao romance social: o seu sistema de dois níveis diegéticos. Isto é, enquanto os receptores seguem, em um primeiro plano, a linha de acontecimentos que guia o protagonista e as personagens preponderantes – todas ficcionais –, há, em um nível secundário, uma série de espaços, episódios e figuras de extração histórica, que, assumindo o papel de coadjuvantes, determinam a camada superior.

Como esse pano de fundo histórico-social é orientado por uma busca da autenticidade histórica, "a singularidade temporalmente condicionada da vida psicológica, da moral, do heroísmo, da capacidade de sacrifício, da perseverança etc." (Lukács, 2011, p. 69), o produto desse ajuntamento complexo de unidades/motivos é a confecção de uma estrutura autodeterminante. Em outras palavras,

ao passo que a camada "inferior", a qual renarrativiza os registros previstos nos anais da História Tradicional romântico-nacionalista, vivifica a "superior", tornando-lhe aparentemente parte do tempo figurado, por meio dos signos aí incluídos, a intriga puramente ficcional também revigora a histórica, ao lhe fornecer o feitio poético e não somente o arqueológico de que trata Alonso (1942).

Outro elemento renovador difundido a partir de *Waverley* (Scott, 1985) no arranjo do que Fleck (2017) tomou como a modalidade clássica scottiana foi o da escolha do herói mediano, conforme o autor já havia se referido no "*Advertisement*" (Scott, 2002). Segundo Lukács (2011), essa linha mediana adotada pelo literato é a materialização poética de seu ponto de vista a respeito do desenvolvimento cultural, histórico e social do país. Pela observação de que "grandes parcelas da nação sempre mantiveram simpatias constantes ou flutuantes por um lado ou outro" (Lukács, 2011, p. 54), ele localizou na disposição oscilante das massas a síntese final do movimento histórico.

Por conseguinte, da representação das forças envolvidas nesse processo dialético, surgem os protagonistas medianos que colocam em contato ambos os partidos do conflito. Assim, a despeito do feitio "nacional típico" (Lukács, 2011, p. 53), valente, prático e moral, eles são indivíduos incapazes de alcançar o nível de uma paixão transcendente e engajada em uma causa política grandiosa. Nesse cenário, o primeiro plano da narrativa passou a exibir sempre nessa modalidade uma trama em que ele e as personagens artisticamente arranjadas, mas conjunturalmente determinadas, interagem. Segundo Márquez Rodríguez (1991), tal relação geralmente apresenta um eixo problemático de amor cujo desfecho pode ser tanto feliz quanto trágico.

O problema desse último artifício empregado no forjamento do herói foi a falta de uma manutenção do padrão nos textos posteriores, a saber *Guy Mannering* (Scott, [1815] 2003) e *The Antiquary* (Scott, [1816] 2002). Por um lado, aquele encontra o seu caminho do meio em um posicionamento acima do habitual: um coronel britânico na Índia. Por outro, embora tenha firmado vários

topoi, *The Antiquary* (Scott, 2002) aproxima-se mais de um "[...] panorama arrebatador da sociedade escocesa da virada do século, em grande parte por meio de um ventríloquo virtuoso de linguagens sociais [22] " (Watson, 2002, p. IX), do que de uma estruturação da vertente analisada.

Assim sendo, embora tenha lançado as primeiras bases da modalidade, a trilogia não ofereceu a estabilização dos paradigmas, que começaram a ser reproduzidos por diferentes romancistas prontamente. Outras obras foram publicadas na sequência, como *Rob Roy* (Scott, [1817] 2001), mas a solidificação dos princípios construtivos seria realizada somente com *Ivanhoe* (Scott, [1819] 1994). Na continuação desta nossa escrita, apresentamos, à vista disso, os componentes-chave de tal obra, com o intuito de demarcar a receita do modelo cuja forma foi, subsequentemente, incorporada por historiadores e escritores.

1.1.2 A estabilização do gênero: o modelo *Ivanhoe* – paradigmas do romance histórico clássico scottiano

Nas Histórias Literárias tradicionais, aborda-se, de modo frequente, as obras que romperam com um modelo anterior e solidificaram um segundo, inverso ou distinto. Se pudéssemos realizar o mesmo processo com relação à temática aportada, na Literatura canônica britânica, o ano de 1819 teria sido um desses momentos de fratura, devido às publicações de *The Bride of Lammermoor* (Scott, [1819] 2018), *A Legend of Montrose* (Scott, [1819] 2017) e, sobretudo, *Ivanhoe* (Scott, [1819] 1994). Isso deu-se, de acordo com Saintsbury (1912), por meio das produções scottianas que o próprio gênero romanesco desenvolveu no território insular, precisamente quando a imprensa passava a ser inteiramente gerenciada pela Coroa.

[22] No original consta: [...] *sweeping panorama of turn-of-the-century Scottish Society, largely through a virtuosic ventriloquy of social languages* (Watson, 2002, p. IX).

Na medida em que o último romance mencionado foi aquele que definiu os caminhos do romance em si e, sobremaneira, os que marcaram aquilo que denominamos, criticamente, de a modalidade clássica scottiana do romance histórico (Fleck, 2017), os nossos esforços são concentrados, nas páginas a seguir, na identificação dos recursos narrativos e das estratégias artísticas que, segundo as teorias referenciadas, instituíram a fórmula scottiana, a partir da diegese de *Ivanhoe* (Scott, 1994). A fim de deslindar o funcionamento desse discurso literário, passamos, então, a uma breve reconstituição da estrutura narrativa desse texto (os seus acontecimentos, as suas personagens e os seus eixos narrativos), percorrendo tanto os seus traços sintagmáticos quanto os paradigmáticos.

Os vocábulos "sintagmático" e "paradigmático" referem-se a questões distintas da análise. O eixo sintagmático associa-se à sintaxe da história/diegese, isto é, a disposição dos blocos da intriga: o desenrolar dos conflitos e das suas resoluções. Já o paradigmático cinge-se à relação estabelecida entre tais blocos e os elementos de outros níveis, como as personagens e a narração. Tais relações horizontais e verticais presentes na estrutura de uma narrativa são exploradas por Barthes (1985) como processos que brotam ao longo da leitura em si mesma, como podemos contemplar pelo trecho a seguir:

> Compreender uma narrativa não é apenas acompanhar o desenrolar da história, é, também, reconhecer "estágios", projetar os encadeamentos horizontais do "fio" narrativo sobre o eixo, implicitamente, vertical; ler (ouvir) uma narrativa não é apenas passar de uma palavra para outra, é, também, passar de um nível a outro[23] (Barthes, 1985, p. 244).

[23] No original consta: *Comprendre un récit, ce n'est pas seulement suivre le dévidement de l'histoire, c'est aussi y reconnaître des 'étages', projeter lês enchaînements horizontaux du 'fil' narratif sur un axe implicitement vertical; lire (écouter) un récit, ce n'est pas seulement passer d'un mot à l'autre, c'est aussi passer d'un niveau l'autre* (Barthes, 1985, p. 244).

Segundo o crítico, a absorção de uma narrativa supera o simples acompanhamento dos eventos relatados, visto que esses elementos da diegese também se integram, acima, aos actantes (que assumem os episódios) e, mais acima, à voz que manipula tais personalidades. Ao recuperarmos, na análise, esses processos, que se desdobram, também, na leitura, podemos constatar como a modalidade clássica scottiana do romance histórico constitui-se e, por extensão, verificar como as imagens das personagens são forjadas, mediante o emprego desses padrões, para criar modelos.

Como aludimos ao longo deste texto, no tecido de *Ivanhoe* (Scott, 1994), os receptores deparam-se com os sucessos que formam as aventuras protagonizadas pelo trio amoroso composto por Wilfred de Ivanhoe, Rowena e Rebecca. Além disso, as ações que constituem a matéria da trama principal têm por pano de fundo histórico a escalada de tensões decorrente do retorno do monarca Ricardo Coração de Leão, após sua investida em uma cruzada, à região da Inglaterra, regida pelo "traiçoeiro" príncipe João – irmão do mencionado monarca – no século XIII. Scott (1994) traz à tona em sua diegese, portanto, a História oficializada da constituição do povo anglo-saxão (aquele que originou o britânico), para determinar a rede de intrigas ficcionais que preenchem o relato.

O motor da diegese, isto é, o que Barthes (1985) alcunha de "as dobradiças", encaminham a história/diegese aos seus conflitos e consequente desfecho, centra-se na concretização da relação de amor entre as personagens puramente ficcionais. Em síntese, Wilfred of Ivanhoe pretende se casar com Rowena, que está custodiada por Cedric – o pai da jovem saxã –, em razão de ser ela uma das últimas pessoas com sangue saxão de procedência nobiliárquica. Impossibilitado de realizar o seu desejo, o guerreiro se reúne ao grupo de Ricardo Coração de Leão [Richard I] e vai em direção à Terra Santa, no intuito de participar das cruzadas, contrariamente à vontade de seu progenitor.

Ao voltar à pátria, muito tempo depois, o jovem Ivanhoe, disfarçado sob a designação de *Disinherited Knight*, envolve-se no torneio fomentado pelo príncipe regente, John. Ao subjugar todos

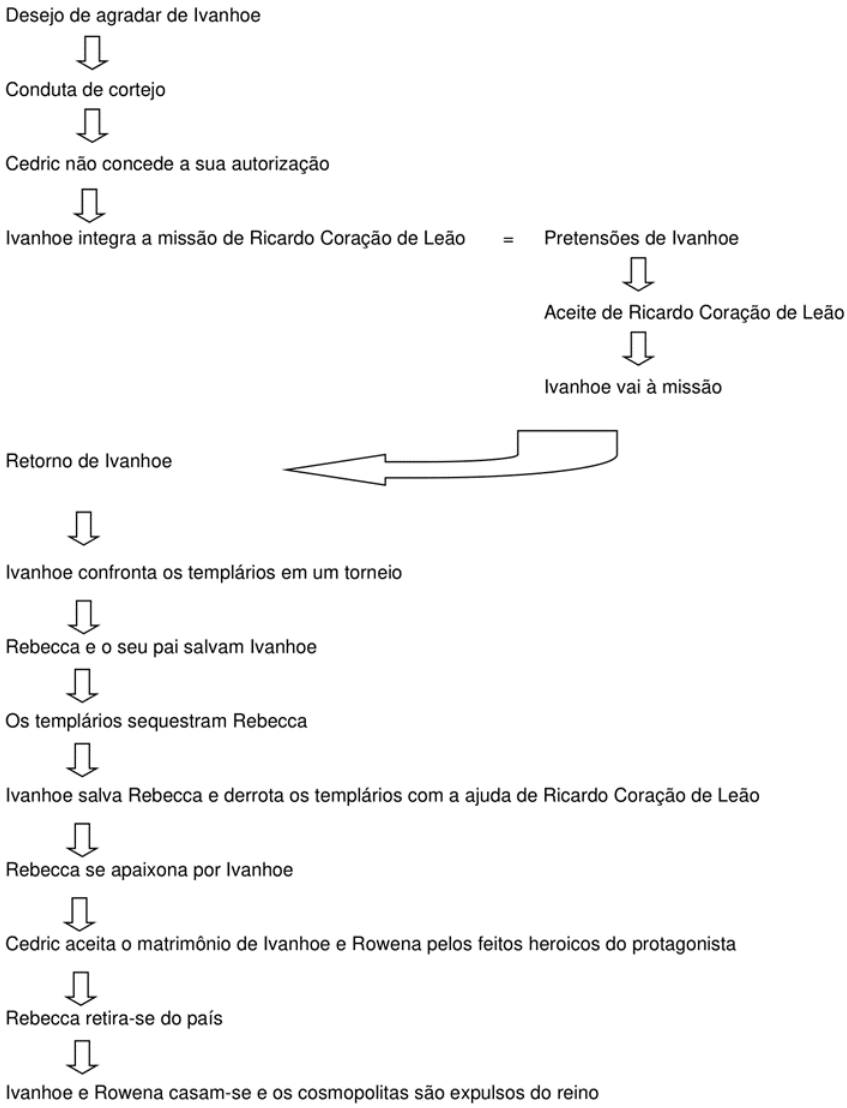
os seus adversários, ele se fere gravemente. Em razão da situação perigosa, os judeus Isaac e Rebecca resolvem levar o guerreiro para a casa, a fim de tratar seus ferimentos, sem que ninguém o perceba. Enquanto isso, o séquito do infante prepara uma série de maquinações para tomar o poder. Nesse cenário, ao capturarem Rebecca, Ivanhoe domina os seus adversários, os seguidores do príncipe John, que buscavam obter o ouro do pai de Rebecca, e liberta a judia.

Em um último momento, Ricardo Coração de Leão [Richard I] emerge como uma figura histórica, revelando-se às demais personagens (depois de se ocultar durante 2/3 da diegese), julga os traidores e expulsa os templários, culpados por suas corrupções morais e financeiras. Assim, tanto as tensões político-econômicas quanto as pessoais encerram-se, com a reorganização do reino e a ida de Rebecca à Espanha, sem que ela consiga confessar o seu amor pelo protagonista, o qual acaba por se casar, finalmente, com sua donzela amada, a jovem Rowena.

Para concretizar o deslindamento das propriedades escriturais, ideológicas e intencionais da modalidade clássica do romance histórico, seguimos *a priori* o modelo triádico de Bremond (1973), revisitado por Todorov (1973). Nesse, entende-se que a diegese é composta pelo encadeamento ou encaixamento de micronarrativas, cuja estrutura é, geralmente, estável e pode ser classificada a partir de um determinado número de situações essenciais. É a conjunção meticulosa dessas distintas micronarrativas – que possuem cada qual o seu próprio centro catalítico –, arquitetadas harmoniosamente no conjunto geral, que dá à obra a sua totalidade. Nesse sentido, cada uma delas torna-se um micro centro de atenção do leitor que é, engenhosamente, manipulado pelo performador/autor que as hierarquiza, ordena e, finalmente, as concatena com o propósito maior do conjunto geral, já que todas elas colidem para, ao final, revelar aos olhos do leitor que a inserção de certos episódios puramente inventivos e ficcionais adequa-se, de forma tão ajustada, às situacionalidades históricas conhecidas e recuperadas pelo narrador no relato

romanesca que a separação entre elas não é tarefa fácil. Assim, a união dos fios que formam a trama de *Ivanhoe* (Scott, 1994) pode ser apresentada de forma esquemática, como a seguir ilustramos:

Esquema 1: Sequência de *Ivanhoe* (SCOTT, 1994)



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, em 2023.

A sistematização demonstra como os distintos componentes da diegese foram, organicamente, arranjados a fim de compor uma disposição uníssona e coerente. Entretanto, caso decidamos decompor cada um dos elementos, com base nas formulações de Barthes (1985), podemos entrever as especificidades dos discursos que atravessam o texto, perquirindo, igualmente, o modo como essas se vinculam. A retomada de tais micronarrativas leva-nos a uma série de considerações com respeito às integrações (quando os acontecimentos ganham sentido na caracterização das personagens ou na narração da voz enunciadora) e distribuições (quando esses acontecimentos ganham sentidos em si mesmos e não, necessariamente, na caracterização da narração) presentes no relato romanesco. Com vistas a uma planificação, fracionamos a exposição em três pontos, que lidam, exclusivamente, com os acontecimentos:

1. Em primeiro lugar, enfocamos o que Barthes (1985) denomina as funções cardinais, isto é, as principais micronarrativas elencadas no Esquema 1 – aquelas sem as quais não seria possível compreender as peripécias repassadas aos receptores/narratários-leitores. Ao lançarmos luz sobre esses encadeamentos lógicos fundamentais da diegese, torna-se visível a mescla entre duas formas discursivas: a ficcional e a de extração histórica. De maneira semelhante a *Waverley* (Scott, 1985), eventos anteriormente registrados pelos anais da História acerca da conjuntura política do território britânico no século XII são renarrativizados, imiscuindo-se a outros concebidos pelo performador/autor do texto. Citamos, a título de exemplo, o reinado de João – irmão do monarca Ricardo Coração de Leão –, um dado oficializado, que opera como um gatilho para outros episódios verossimilhantes, mas inexistentes para a História, como o torneio no qual são travadas as primeiras batalhas da obra, embora tais ações eram inerentes à sociedade da época, não sendo, pois, invenções puras do performador/autor.

Inversamente ao que poderia aparentar, tal confluência não se firma de modo aleatório, pois a maioria das aparições dos incidentes documentados – que são renarrativizados na diegese

romanesca – obedece a uma regularidade. Referimo-nos, sobretudo, ao sistema de dois níveis que sustenta a organização dos acontecimentos figurados: isto é, embora sejam significantes do ponto de vista causal e consecutivo, as ocorrências históricas inseridas na tessitura romanesca servem apenas como pano de fundo às peripécias das personagens puramente ficcionais que recheiam o esqueleto da história/diegese relatada. Assim, enquanto a série de contratempos que envolvem as personagens Ivanhoe e os seus comparsas configura o primeiro eixo da diegese, os incidentes da ida e da volta de Ricardo Coração de Leão às Cruzadas, assim como a expulsão dos templários, compõem o segundo eixo, que serve de pano de fundo, ambientação espaço/temporal, às ações do triângulo amoroso entre as personagens puramente ficcionais Ivanhoe, Rowena e Rebecca.

2. Esse primeiro paradigma, presente em *Waverley* (Scott, 1985) e retomado em *Ivanhoe* (Scott, 1994), trata somente das estruturas fulcrais do enredamento da diegese. Além desse, precisamos mencionar um segundo parâmetro: o das funções catalíticas, ou seja, dos *fillers* (preenchimentos) ou das micronarrativas acessórias que complementam as funções cardinais supracitadas. No caso, as formulações presentes na primeira escritura de Scott (1975) são suplantadas por outras, mais esquemáticas, que são baseadas em *topoi* ou lugares comuns dos romances folhetinescos. Para exemplificar isso, aludimos, ainda tomando por base o esquema acima, ao conjunto de encadeamentos que constituem o salvamento de Rebecca por Ivanhoe: a pormenorização das séries narrativas "perseguição", "batalha" e "resgate" serve para deter a atenção do leitor na rede de êxitos e reveses do protagonista, ao modo da escola romântica.

Em outras palavras, passa-se, nessa modalidade, a lançar mão de funções que não têm relevância no núcleo da trama/diegese, mas, sim, no campo discursivo, notavelmente na tessitura de um tom verossimilhante, nascido da pormenorização da rede de acontecimentos. Nota-se, ademais, que, a despeito de ser o autor o responsável por redigir o texto, a coleção de funções cardinais ou

catalíticas, imagens e direcionamentos, tanto literárias quanto históricas, não é, a rigor, original. Todo o tecido de signos que constitui a escritura é, na verdade, o resultado da combinatória de outros textos: se a participação de Ricardo Coração de Leão nas Cruzadas é retirada dos registros historiográficos, os *fillers* (como nos instantes de suspense, pausa e análogos) também são tomados da própria Literatura.

3. Em terceiro lugar, também podemos abstrair do esquema traçado classes mais paradigmáticas e integrativas do que sintagmáticas e distributivas. Essas classes integrativas são, em outras palavras, itens da diegese que ganham o seu sentido na caracterização de alguma personagem ou na intervenção da voz enunciadora (por isso paradigmáticas/verticais). A classe em questão é a dos índices. Esses, ao invés de se associarem aos eventos centrais, por exemplo, ganham o seu sentido em um nível dito superior, como o das personagens ou dos espaços (como caracterização) e o da narração.

A primeira subclasse indicial a qual nos reportamos é à informacional, que é manipulada "para identificar, para situar no tempo e no espaço[24]" (Barthes, 1985, p. 252). No caso de *Ivanhoe* (Scott, 1994), há a referência a lugares e datas específicos, como Jerusalém ou Inglaterra e o ano de 1189, aquele no qual se passa a intriga. As incorporações desses dados puros, imediatamente significantes, resgatados dos relatos oficializados, servem "para autentificar a realidade do referente, para enraizar a ficção no real[25]" (Barthes, 1985, p. 252), conferindo à diegese as nuances de um "ambiente histórico", reconstruído perante o leitor, como reflete Aínsa (1993, p. 17).

A segunda subclasse indicial a qual nos reportamos é à indicativa propriamente dita. Diferente da primeira, essa se vincula

---

[24] No original consta: [...] *à identifier, à situer dans le temps et dans l'espace* (Barthes, 2001, p. 121[Tradução de Mário Laranjeira (2001)]).

[25] No original consta: [...] *à authentifier la réalité du référent, à enraciner la fiction dans le réel* (Barthes, 2001, p. 121[Tradução de Mário Laranjeira (2001)]).

menos à observação estrutural do que à textual. Trata-se, aqui, da inserção de unidades textuais que acabam, ao delinear um espaço ou personagem, "remetendo a um caráter, a um sentimento, a uma atmosfera [...] a uma filosofia[26]" (Barthes, 1985, p. 252). Ao passo que tal estratégia perpassa toda a escritura, podemos selecionar como amostra o primeiro trecho de *Ivanhoe* (Scott, 1994, p. 7): "Naquele agradável distrito da alegre Inglaterra, banhado pelo rio Don, estendeu-se, nos tempos antigos, uma grande floresta, cobrindo a maior parte das belas colinas e vales que ficam entre Sheffield e a agradável cidade de Doncaster[27]". Verificamos, nessas primeiras linhas do romance, uma determinação sutil da atmosfera histórica que se dá por meio dos signos das localidades (informantes), dos marcadores temporais (como "*in ancient times* [nos tempos antigos]") e dos adjetivos qualificadores.

Ao reunir as apreciações contidas no item 3, averiguamos que ambas as subclasses deslindadas (informantes e índices) auxiliam na formatação do que Mata Induráin (1995) designa de a fidelidade histórica, no protótipo estabilizado por Scott (1994). É dizer, ao nos posicionarmos no ponto de vista da *poiesis*, compreendemos que não é possível compor um romance histórico apenas mediante a mescla de elementos da História, ao fundo, e da ficção, à frente. É impreterível, com relação à vertente scottiana articulada a partir dessa produção, que haja um trabalho meticuloso de entrelaçamento entre os fios desses dois discursos, de sorte que, mesmo os elementos formulados artisticamente, obedeçam ao rigor do pano de fundo fiel ao discurso histórico romântico, conforme atestamos pela citação abaixo:

---

[26] No original consta: […] *renvoyant à un caractère, à un sentiment, à une atmosphère (par exemple de suspicion), à une philosophie* (Barthes, 1985, p. 121[Tradução de Mário Laranjeira (2001)]).

[27] No original consta: *In that pleasant district of merry England which is watered by river Don, there extended in ancient times a large forest, covering the greater part of the beautiful hills and valleys which lie between Sheffield and the pleasant town of Doncaster* (Scott, 1994, p. 7).

> [no romance histórico] não se trata apenas de situar alguns personagens em um contexto histórico, mas de reconstruir, ao máximo, uma época passada, com seus costumes, seus modos de vida e todas as circunstâncias daquele momento. Não se trata apenas de vestir o passado com as roupagens do presente, mas de apresentá-lo com vida e relevo próprios e com uma linguagem atraente[28] (Mata Induráin, 1995, p. 49).

Segundo Mata Induráin (1995), requer-se um mínimo de fidelidade para circunscrever, de forma verossímil, os acontecimentos inventados. Com efeito, a "verdade" histórica pleiteia uma força de documentação minuciosa. Na citação, o crítico menciona que a justaposição referenciada nos itens anteriores é complementada, portanto, por uma reconstrução vivificada não só dos eventos da época figurada, mas, também, dos seus valores, maneiras e especificidades: enfim, da apresentação do *Zeitgeist* [Espírito do tempo] do pretérito presentificado ao leitor. Para concluir a apresentação dos artifícios sintetizados no item 3, verificamos que os distintos tipos de índices auxiliam tal intuito tonificador do passado em grande medida.

Isso se dá porque são eles que solidificam as funções cardinais e catalíticas (respectivamente os eventos centrais e os acessórios que constituem a diegese) em uma data/período. Ademais, são igualmente eles que as precisam, por intermédio de notações atmosféricas ou da inserção de unidades aparentemente fúteis – como indumentárias, objetos de época, expressões ou comportamentos –, mas que concedem o vigor histórico aos componentes ficcionais. Logo, irrompe um processo de retroalimentação, no qual o material de extração histórica fundamenta os literários e esses, por sua vez, preenchem as lacunas

[28] No original consta: [*en la novela histórica*] *no se trata solo de colocar a unos personajes sobre un fondo histórico, sino de reconstruir en la medida de lo posible una época pasada, con sus costumbres, sus modos de vida y todas las circunstancias de aquel momento; no se trata solo de vestir el pasado con ropajes del presente, sino de presentarlo con vida y relieve propios y con un lenguaje atractivo* (Mata Induráin, 1995, p. 49).

daqueles, a despeito da intenção do romance histórico ainda obedecer "à convenção de ficcionalidade que rege a criação literária[29]" (Aínsa, 1993, p. 16).

Em *Ivanhoe* (Scott, 1994), a ideia da fidelidade histórica não resulta, ao contrário do que se poderia sugerir no caso dos romances sociais, no "tão falado 'colorido local' das descrições" (Lukács, 2011, p. 69). Tal condição não se configura assim, pois, em sua diegese, o enquadramento da especificidade histórica é aproveitado em favor de uma estrutura das personagens relativamente esquemática que torna a porção incluída da História mais heterogênea. Para separar tal mecanismo da profusão de correlações supostamente ininteligíveis em uma primeira visada, passamos, com base em Lukács (2011), a um deslindamento dos papeis das personagens de *Ivanhoe* (Scott, 1994), para, subsequentemente, abstrair os conceitos fundamentais do ordenamento das ações, isto é, das personagens que assumem as unidades dos acontecimentos, saindo, assim, do campo das funções.

De acordo com o crítico húngaro, conserva-se no arranjo de *Ivanhoe* (Scott, 1994) uma sorte de segunda temática, que nasce da oposição entre saxões e normandos. A princípio, o performador/autor exprime como tal tensão decorreu entre servos saxões e senhores feudais normandos. Não obstante, logo ele demonstra que, enquanto umas porções daquele grupo converteram-se em apáticas, outras passaram a aguardar uma brecha para avigorar um compromisso com as facções mais moderadas da nobreza normanda, representadas por Ricardo Coração de Leão.

No transcurso desse impasse, Ivanhoe – "o herói do romance, membro da nobreza e representante desse compromisso" (Lukács, 2011, p. 68) –, longe de ascender como o líder, é sobrepujado por actantes/personagens coadjuvantes. Dentre os que lhe ofuscam, situam-se o cético pai do protagonista, Credric, que exemplifica a

[29] No original consta: […] *a la convención de ficcionalidad que rige la creación literaria* (Aínsa, 1993, p. 16).

nobreza insular; Gurth e Wamba, os fiéis servos do saxão; assim como o lendário líder da resistência anti-normanda, Robin Hood. Segundo Lukács (2011), tal mosaico que congrega os distintos estratos da sociedade enfocada, apesar de não incluir diferentes vozes, já que só há uma uníssona, fornece um *éthos*, um tom e "um conteúdo popular muito claro" (Lukács, 2011, p. 68). Isso, além de projetar as tensões vividas nas camadas com menos poder, revela que nesse último estrato é que encontramos o heroísmo das lutas incessantes das oposições históricas.

Pela inclusão de adjuvantes e a convergência de forças em tal fricção de caráter histórico, mostra-se "a unidade em Walter Scott do espírito popular e a profunda compreensão da autenticidade histórica" (Lukács, 2011, p. 69). O parâmetro da autenticidade, rearticulado em outros romances, foi pormenorizado por Lukács nos termos dispostos no excerto abaixo, onde se analisa tal função em seu enquadramento geral na obra do escocês:

> Scott deixa que as grandes qualidades humanas, assim como os vícios e as limitações de seus heróis, brotem do solo histórico claramente figurado do ser. Ele [Scott] nos familiariza com as peculiaridades históricas da vida psicológica de sua época não por meio da análise ou da explicação psicológica de seus conteúdos mentais, mas pela ampla figuração de seu ser, pela demonstração de como as ideias, sentimentos e modos de agir crescem a partir desse solo (Lukács, 2011, p. 69).

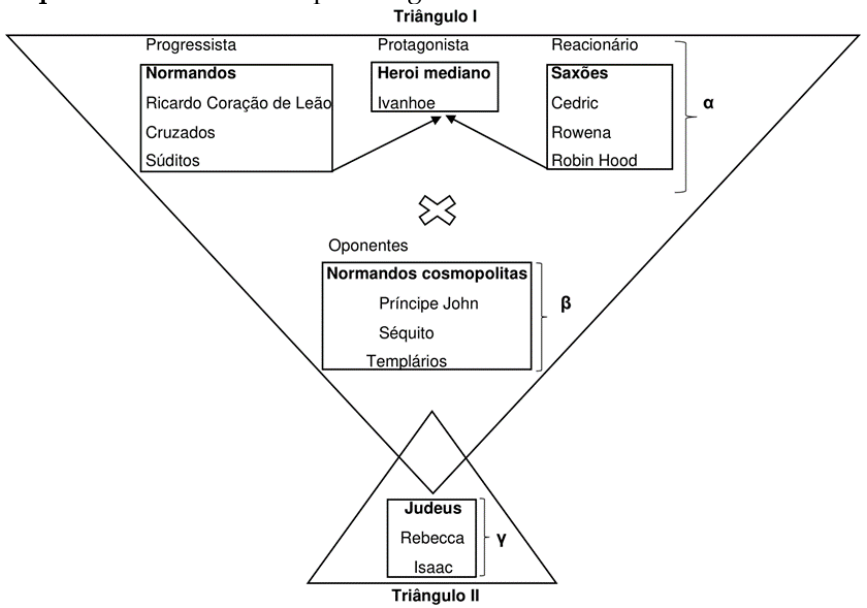
Como se vê, a autenticidade, que é decorrência da fidelidade aos tipos e estereótipos perpetuados pelo discurso histórico, como o próprio filósofo apontou, corresponde a uma retomada tanto dos pontos teoricamente heroicos quanto dos antagônicos das personagens históricas que, em *Ivanhoe* (Scott, 1994), surgem, paulatinamente, do próprio solo, isto é, da base do povo, e não diretamente do centro do poder. Outrossim, a perfuração ficcional da psicologia dos sujeitos históricos que se faz na diegese não se dá por intermédio de uma indexação imediata das suas características,

mas pela efabulação "mediata"/lenta das comoções, ideologias e especificidades do tempo, brotadas no âmbito popular e, *a posteriori*, configuradas nas personalidades histórico-mundiais, por meio de informantes e índices, por exemplo.

Uma vez que, na linha de Propp (1970) e de Bremond (1973), as personagens estão mais atreladas às sequências que lhes são próprias do que ao seu feitio psicológico, notamos o papel vital da personagem Ivanhoe para o modelo da diegese que, aqui, denominamos a clássica scottiana. Ocupando uma posição medíocre, ou seja, nada extraordinária com respeito à natureza ou condição dos outros atores da diegese, é, precisamente, ele o responsável por correlacionar os dois universos das ações que aí se desenvolvem: mediante as suas aventuras, em distintos lados do conflito, Ivanhoe aproxima os saxões conservadores, como Cedric, dos normandos menos cosmopolitas, como Ricardo Coração de Leão. O protagonista destoa de *Waverley* (Scott, 1985), por conseguinte, em razão de se situar, precisamente, no meio da escala social concretizada, configurando-se como paradigma para a modalidade.

As fricções entre os grupos que compõem o material narrado são múltiplas, incluindo-se nesse estrato ambos os planos da diegese, isto é, o concebido fantasiosamente e aquele com base nos conteúdos históricos. Para ilustrar as caracterizações debatidas, e posteriormente aprofundá-las, propomos, abaixo, uma leitura do sistema constitutivo das personagens de *Ivanhoe* (Scott, 1994), realizada com base na exposição da teoria de Lukács (2011) mencionada acima:

Esquema 2: Estrutura das personagens de *Ivanhoe*



Fonte: Elaborado pelos autores, em 2023.

No esquema acima exposto, há dois triângulos. Enquanto o primeiro representa a sociedade normando-saxã, o segundo retrata a judia. Tratemos, inicialmente, daquele. No conjunto mais acima, marcado pela letra grega alfa, vemos a incisão de uma conjunção – isto é, a efetivação de um processo de identidade/integração entre, de um lado, as figuras reacionárias do processo histórico, e, de outro, as progressistas – na figura do herói mediano, que plasma, com base em uma repetição dos valores promulgados pelo indivíduo histórico-mundial, o afã do período, segundo a visão performada pelo escritor. De acordo com Dekker (1987), as teses que guiam as instâncias sintetizadas, ao modo hegeliano, em *Ivanhoe* (Scott, 1994) e, a partir daí, em todo o modelo scottiano, poderiam ser apresentadas como se segue abaixo:

Quadro 2: Tese e antítese do modelo scottiano

Forças progressistas	Forças decadentes
Artificial	Natural
Trabalhado	Espontâneo
Graças do estudo	Graças naturais
Ordem/fronteiras	Liberdade/Selvagem
Prosa/razão	Poesia/mistério
Coletivo	Individualidade
Correção	Sublimidade

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2023, com base em Dekker (1987, p. 37).

No **quadro 2**, é constatável que as forças progressistas localizam-se, geralmente, ao lado da razão e da ciência, enquanto as reacionárias inserem-se no âmbito do sentimental e do mítico. Sabemos que a culminação do romance é a subsunção da dicotomia em direção a um futuro guiado pelos vencedores que, no caso, são sempre os progressistas em Scott. Voltando ao **esquema 2**, contemplamos, mais abaixo, um quadro isolado, que, sob a letra beta, traduz o papel dos oponentes do protagonista, já que são eles os responsáveis por buscar estabelecer um poder, puramente, normando no território britânico à época em que está ambientado o romance. Em tal lógica, o "x" disposto entre as letras alfa e beta equivale ao regime de disjunção existente na diegese entre os blocos de personagens definidos. Como já declarado, o final tem o coroamento do conjunto marcado pela letra alfa e a desmontagem do segundo.

O último triângulo do **esquema 2** traz, por fim, uma parte essencial da diegese: Rebecca, a personagem que constitui, junto de Ivanhoe e Rowena, o triângulo amoroso do romance, e Isaac, quem ajuda o cavaleiro a adquirir os equipamentos necessários para a última batalha do torneio promovido por John. Posicionamo-los na parte exterior, pois, ainda que sejam incluídos na teia de acontecimentos, eles são, no sistema constitutivo das personagens, apartados dos outros durante a diegese e, finalmente, excluídos, ao

fim, em razão da impossibilidade, sobretudo étnica e religiosa, da concretização do amor entre o "herói" saxão e a judia Rebecca.

Com tais descrições, constatamos que tanto as personalidades extraídas de fontes históricas quanto os acontecimentos que elas arrogam não são incluídos pelo performador/autor na diegese com base em uma lógica ornamental. Esses actantes/personagens somente se convertem em sujeitos ativos ou pelas oposições estabelecidas desde o começo ou pela demanda histórica: como observamos, Ricardo Coração de Leão age, categoricamente, apenas no desfecho da intriga, quando a sua intervenção havia se tornado urgente. Dessa forma, "na figuração [...] a necessidade histórica é sempre um resultado, não um pressuposto; ela é, de modo figurado, a atmosfera trágica do período, e não o objeto das reflexões do escritor" (Lukács, 2011, p. 79).

Em conformidade com Lukács (2011), observamos que a ascensão das figuras em questão é, em *Ivanhoe* (Scott, 1994), a consequência da atmosfera trágica do período mimetizado. Esse quadro emerge porque há, no modelo, uma complexa interação entre sujeitos autônomos, em circunstâncias históricas, que atuam segundo as suas próprias paixões grupais, mas, também, pessoais. Ademais, seguindo a argumentação de Lukács (2011), notamos que a voz enunciadora não intercede para detalhar tal processo. Ao contrário, o performador/autor delega essa atribuição ao próprio tecido estrutural da diegese, pormenorizado no **esquema 1**.

As colocações no tocante à voz enunciadora levam-nos, finalmente, ao último nível da desmontagem dos atributos firmados em *Ivanhoe* (Scott, 1994): o narracional. Na medida que esse grau se refere ao "código através do qual narrador e leitor são significados ao longo da própria narrativa[30]" (Barthes, 1985, p. 262), elucidamos, nos próximos parágrafos, as principais estratégias acionadas por Scott (1994) para tecer o discurso pelo qual veicula a sua obra.

[30] No original consta: […] *code à travers lequel narrateur et lecteur sont signifiés le long du récit lui-même* (Barthes, 2001, p. 136 – [Tradução de Mário Laranjeira (2001)]).

Com vistas a uma organização dessa análise, encetamos a demonstração com um resumo da catalogação feita por Fernández Prieto (2003) dos quatro preceitos-chave para a consolidação da voz enunciadora típica da modalidade do romance histórico clássico scottiano, segundo a terminologia já revisada em nossa obra de 2017:

> [1] fingindo ser um transcritor ou editor do manuscrito original que contém o verdadeiro relato dos eventos (narrativas fenomenais). [2] apresentando-se como uma figura de saber [...] que transmite ao leitor as informações históricas extradiegéticas necessárias para o acompanhamento e a plena compreensão do que é narrado. [3] desenvolvem suas funções metanarrativas e ideológicas (comentários sobre a confiabilidade do manuscrito que lhe serve de fonte, contraste entre o passado e o presente, comentários ou digressões morais e filosóficas, etc.). [4] situar-se no mesmo plano temporal do leitor, o presente, em relação ao passado da história[31] (Fernández Prieto, 2003, p. 102).

Para desdobrar as acepções demonstradas, passamos por cada um dos tópicos.

1. No primeiro ponto, a teórica alude à dissimulação da voz enunciadora: ao invés de contar as peripécias, assumindo todo o conteúdo somente para si, ela tende a buscar validá-los por meio de uma associação desse discurso a documentos perdidos ou manuscritos repassados ao leitor. Tal subterfúgio, além de lançar a responsabilidade da "verdade" a outro texto, prende a ficção em uma suposta "realidade", que deve ser aceita pelos leitores, em razão de seu respaldo documental/histórico. Em *Ivanhoe* (Scott,

[31] No original consta: [1] *fingirse transcriptor o editor del manuscrito original que contiene el relato verídico de los sucesos (narraciones fenoménicas)*. [2] *presentarse como figura de saber* [...] *que transmite al lector las informaciones históricas extradiegéticas necesarias para el seguimiento y la cabal comprensión de lo narrado*. [3] *desarrollar sus funciones metanarrativa e ideológica (comentarios sobre la fiabilidad del manuscrito que le sirve de fuente, contraste entre el pasado y el presente, comentarios o digresiones morales, filosóficas etc.)*. [4] *situarse en el mismo plano temporal del lector, el presente, en relación al pasado de la historia* (Fernández Prieto, 2003, p. 102).

1994), a tomada da assim denominada narração fenomênica não é tão predominante como em *Waverley* (Scott, 1985).

2. No segundo item, Fernández Prieto (2003) indica o uso do nível extradiegético na manipulação do material diegético. Isso significa que, retomando Genette (1972), ela reconhece o fato de o ato enunciador dos episódios contados aos leitores situar-se em um nível imediatamente superior ao do próprio objeto representado, estando apartado da história/diegese. Ainda agregamos a tal constructo a presença em *Ivanhoe* (Scott, 1994) da relação de tipo heterodiegética, em virtude de o narrador não ser um actante/personagem no argumento contado, ou seja, não participar, diretamente, nas ações da diegese.

Adiante, a autora reporta-se ao modo como o estatuto assinalado – o extradiegético-heterodiegético – é usado por Scott para se comunicar com os receptores, oferecendo-lhes as informações e explicações históricas imprescindíveis para o desenrolar da diegese. Essa técnica é manejada em diferentes ritmos no decorrer de toda a tessitura: os momentos de larga exposição ocupam, majoritariamente, os instantes cruciais, ao passo que os de breve explanação tomam os menos essenciais, com o objetivo de elaborar contextualização lacônicas, para a continuidade da história/diegese. A título de exemplo, observamos que, após esclarecer aos interlocutores a situação das várias camadas sociais nos territórios dominados pelos normandos nas ilhas britânicas durante o instante da efabulação, a voz enunciadora discorre a respeito do seu próprio movimento enunciativo, como se estampa abaixo:

> Este estado de coisas eu julguei **necessário para a informação do leitor em geral**, que pode estar apto a se esquecer de que, embora nenhum grande evento histórico, como uma guerra ou insurreição, marque a existência dos anglo-saxões como povos separados após o reinado de Guilherme II, mas as grandes distinções nacionais entre eles e seus conquistadores, a lembrança do que eles haviam sido

anteriormente e ao que agora eram reduzidos [...][32] (Scott, 1994, p. 9-10 – grifo nosso).

Malgrado seja unicamente um extrato retirado de uma manifestação enunciativa maior, ele captura o feitio didático do narrador da narrativa com respeito ao narratário, que assimila a História por meio dessa reprodução das versões oficializadas acerca da Idade Média saxã e das suas "grandes" personalidades. É significante consignar que, graças à distância engendrada pelo estatuto selecionado e à linha transmissora de informações, a aplicação dessas fórmulas outorga um tom didaticista e capaz de transpor qualquer barreira para iluminar o que seja necessário ao intuito do performador/autor.

3. Na terceira questão, a crítica denota a aplicação das atribuições metanarrativa e ideológica. A primeira corresponde "às articulações, conexões, inter-relações, em resumo, [...] esses 'organizadores do discurso'" (Genette, 1972, p. 336) meneados pela voz para conduzir a história/diegese. A segunda, por sua vez, equivale à tomada da "forma mais didática de um comentário da ação" (Genette, 1972, p. 338), seja ele direto ou indireto, por parte do narrador com relação à diegese. Como é indicado, tais recursos implicam interrupções no fluxo da narração das funções e ações para dar lugar a trechos em que figuram juízos de opinião tanto sobre o próprio processo de contação, donde surge o tom ligeiramente metanarrativo, quanto acerca do assunto versado na diegese.

Na obra em tela, essas construções, típicas da escola romântica, aparecem mais sutilmente do que em outras tipologias romanescas. Em *Ivanhoe* (Scott, 1994), a função metanarrativa é usada para executar a transição entre cenas, como no capítulo 43, em que lemos:

---

[32] No original consta: *This state of things I have thought it necessary* ***to premise for the information of the general reader****, who might be apt to forget that, although no great historical events, such as a war or insurrection, mark the existence of the Anglo-Saxons as a separate people subsequent to the reign of William the second, yet the great national distinctions betwixt them and their conquerors, the recollection of what they had formerly been, and to what they were now reduced* [...] (Scott, 1994, p. 9-10).

"Nossa cena agora retorna ao exterior do castelo, ou preceptoria, de Templestowe, mais ou menos na hora em que o dado sangrento seria lançado para a vida ou morte de Rebecca[33]" (Scott, 1994, p. 494). Essa tenuidade ampara o performdor/autor na fabricação de um véu que camufla o feitio ficcional do trabalho, dando aos leitores a impressão de uma mediação do que seria, por conjectura, a verdade da História, ainda que tal conceito não seja possível.

Nesse cenário, a função ideológica mencionada por Fernández Prieto (2003) é, esporadicamente, empregada para concluir determinado fio com digressões morais ou para introduzir um novo. No tocante a esse último manejo, citamos, abaixo, um exemplo característico da atribuição ideológica genérica (comentário), funcionando a favor da introdução de um motivo, o nascimento ou o progresso do amor entre Ivanhoe e Rebecca:

> [...] um momento de perigo é, muitas vezes, também um momento de bondade e afeição de coração aberto. Desprezamos a agitação geral de nossos sentimentos e traímos a intensidade daqueles que, em períodos mais tranquilos, nossa prudência, ao menos, oculta, se não pode suprimi-los completamente. Ao se encontrar, mais uma vez, ao lado de Ivanhoe, Rebecca ficou surpresa com a sensação aguda de prazer que ela experimentou, mesmo em um momento em que ao redor de ambos tudo era perigo, se não desespero[34] (Scott, 1994, p. 308).

O leitor pode detectar que, no trecho acima, há uma disposição bipartida do discurso proveniente da voz que expõe a situação.

---

[33] No original consta: […] *our scene now returns to the exterior of the castle, or preceptory, of Templestowe, about the hour when the bloody die was to be cast for the life or death of Rebecca* (Scott, 1994, p. 494).

[34] No original consta: […] *a moment of peril is often also a moment of open-hearted kindness and affection. We are thrown off our guard by the general agitation of our feelings, and betray the intensity of those which, at more tranquil periods, our prudence at least conceals, if it cannot altogether suppress them. In finding herself once more by the side of Ivanhoe, Rebecca was astonished at the keen sensation of pleasure which she experienced, even at a time when all around them both was danger, if not despair* (Scott, 1994, p. 308).

Enquanto nas linhas iniciais ela produz uma asserção generalizadora do modo como alguém se sensibiliza em momentos conturbados, nas finais, exemplifica-se tal comentário por meio da retomada da diegese do romance. A aproximação do protagonista com a personagem adjuvante, quando essa era salva por aquele, é, por conseguinte, iluminada pelo viés explicativo e justificativo da função ideológica.

4. No último item, Fernández Prieto (2003) sonda o lugar de onde a voz enuncia: geralmente, o seu posicionamento temporal é o presente, junto dos leitores, de sorte que, ao tratar do passado, fique claro a sua aproximação. Em *Ivanhoe* (Scott, 1994), onde essa artimanha consolida-se, há a constante presença de tais formas, mas ela se dá de dois modos. Ora determinados marcadores são inseridos em descrições de caráter geral, como em "No entanto, tão frouxas eram **as ideias da época** a respeito da conduta do clero [...][35]" (Scott, 1994, p. 21, grifo nosso), ora integram-se à função metanarrativa evidenciada acima, como no fragmento abaixo:

> E aqui não podemos deixar de pensar que é necessário oferecer uma prova melhor do que os incidentes e o conto ocioso para justificar a representação melancólica de maneiras que **acaba de ser apresentada ao leitor**. É doloroso pensar que aqueles valentes barões, a cuja posição contra a coroa as liberdades da Inglaterra eram devedoras de sua existência, deveriam ter sido opressores tão terríveis [...]. Mas, ai! Basta extrair do industrioso Henrique uma dessas inúmeras passagens que ele coletou de historiadores contemporâneos, para provar que a própria ficção, dificilmente, poderia alcançar a sombria realidade dos horrores do período[36] (Scott, 1994, p. 241-2, grifo nosso).

---

[35] No original consta: *Yet so loose were **the ideas of the times** respecting the conduct of the clergy* [...] (Scott, 1994, p. 21, grifo nosso).

[36] No original consta: *And here we cannot but think it necessary to offer to some better proof than the incidents of and idle tale to vindicate the melancholy representation of manners which has been just laid **before the reader**. It is grievous to think that those valiant barons, to whose stand against the crown the liberties of England were indebted for*

No excerto, a voz enunciadora cessa o fluxo da função de regência (Genette, 1972) para se direcionar aos narratários. A fim de basear a sua afirmação no que concerne aos normandos responsáveis por governar as localidades saxônicas, o narrador refere-se, ao fim, às passagens que corroboram com a sua posição. Essas disposições mostram-nos como a voz "instala-se" em um tempo posterior ao dos sucedidos, necessitando reportar-se ao passado (inclusive à História) para concluir a sua proposição e, assim, aclarar aos narratários a caracterização pretendida.

Como resultado das quatro manipulações perquiridas por Fernández Prieto (2003), apreendemos que no romance "o que nos é apresentado não é o tempo em si mesmo e sim o seu 'simulacro'" (Pouillon, [1946] 1974, p. 133), isto é, um pseudo-tempo, produto da criação artística. Em *Ivanhoe* (Scott, 1994), tal simulação do tempo significa a recuperação da temporalidade cartesiana: por meio de uma ordenação dos acontecimentos que leva em conta, fundamentalmente, a causa/consequência e a sucessão cronológica, firma-se, em sua diegese, portanto, uma replicação do sistema linear passado-presente-futuro, solidificando, na leitura, a ideia de um pretérito verossimilhante e, discursivamente, inalterável.

Apresentamos a diegese dos romances, sem catalogar as estratégias literárias e os recursos narrativos que lhes define exaustivamente. Logo, no subcapítulo seguinte, ordenamos os principais traços constituintes da poética scottiana e esclarecemos o modo pelo qual tais manejos linguísticos agenciam-se com determinadas ideações de sujeito, nação e História. Sublinhamos, nesse aspecto, que tal construção discursiva, cujo teor, programa, normas e padrões, integra-se, pela correlação conceptual, a ideologias, que estão situadas em um tempo e espaço de enunciação específicos.

---

their existence, should themselves have been such dreadful oppressors [...] *But, alas! We have only to extract from the industrious Henry one of those inumerous passages which he has collected from contemporary historians, to prove that fiction itself can hardly reach the dark reality of the horrors of the period* (Scott, 1994, p. 241-2, grifos nossos).

1.1.3 Os paradigmas da modalidade clássica do romance histórico e as suas implicações ideológicas

Segundo Todorov ([1966] 1973, p. 213), "todos os comentários sobre a 'técnica' da narrativa apoiam-se sobre uma simples observação: [a de que] em toda obra existe uma tendência à repetição, que concerne à ação, aos personagens ou mesmo a detalhes da descrição". Em outras palavras, o reconhecimento dos procedimentos empregados na confecção de um artefato artístico, como é o caso de *Ivanhoe* (Scott, 1994), pauta-se na apuração das repetições que nutrificam a sua lógica. Ainda, segundo o autor, tais recorrências, que constituem a estrutura de uma diegese, dividem-se em três grupos: os da ação, os das personagens e os dos pormenores narrativos.

Alicerçando-se em tal epistemologia, mormente pela via de análise barthesiana, elucidamos, no subcapítulo anterior – "A estabilização do gênero: o modelo *Ivanhoe* – paradigmas do romance histórico clássico scottiano" – algumas das propriedades constituintes da diegese de Scott (1994), que estabilizaram a modalidade clássica do romance histórico (Fleck, 2017). Embora haja algumas centenas de atributos não abarcados – Thompson (1911) encontra, a título de exemplo, mais de trezentos motivos rearticulados a partir do protótipo discutido –, aqueles nomeados acima, com base em nossas conexões e em estudos consagrados do campo, dão conta de delinear a "ossatura" por meio da qual a diegese desenvolve-se.

Em sequência, tanto os parâmetros da *poiesis* scottiana quanto as suas ligações intencionais e ideológicas são, neste tópico, revisados e aprofundados. Por essa visada, buscamos que, na sequência, seja possível compreender os influxos e as transformações da amostra em distintas disciplinas, períodos e lugares. Essa possibilidade sintética de visualizar essas relações existentes em um romance, de uma forma esquematizada, parece-nos uma via primordial de concentração de informações.

Com o propósito de encetar essa ordenação metódica dos paradigmas, apresentamos, a seguir, um quadro em que constam os componentes funcionais, actanciais e narracionais denotados ao longo do deslindamento do tecido narrativo de *Ivanhoe* (Scott, 1994). Essa visualização concentrada em um quadro pode auxiliar-nos, adiante, em nosso processo de comparação com a obra de Cooper (1840).

Quadro 3: Paradigmas de *Ivanhoe* (Scott, [1819] 1994)

Nível	Traço	Descrição
Funcional	Funções cardinais	Funções que renarrativizam os conteúdos da História hegemônica (ao fundo), ao mesmo tempo em que tomam as suas fórmulas ficcionais de *topoi* românticos, sobretudo com a temática do triângulo amoroso.
	Funções catalíticas	Sequências que visam a preencher as funções cardinais, com o intuito de expandir a intriga e tomar a atenção dos receptores.
	Índices	Unidades da diegese que são operadas para conferir a caracterização histórica ao ambiente.
	Informantes	Especificidades temporais e espaciais, que visam a enraizar a ficção no "real" ou na História.
Actancial	Dois planos diegético-actanciais	Personagens divididas em de caráter "puramente ficcional", principal, e de "extração histórica", coadjuvante.
	Tensionamento histórico renarrativizado	Na modalidade scottiana, o "pano de fundo" histórico nunca é monótono. Sempre há uma fricção significante entre as forças históricas envolvidas. Ademais, a apresentação do conflito segue a linha hegeliana da tese e da antítese.

	Síntese hegeliana: personalidade histórico-mundial e herói mediano	Como resultado dos tensionamentos históricos, surge uma síntese, que é incorporada pelo protagonista/ "herói mediano" (Lukács, 2011), ao seguir os passos do "indivíduo histórico-mundial".
Narracional	Narração fenomênica	Frequentemente, a voz enunciadora pode alegar aos leitores que os motivos narrados são integralmente verdadeiros, em razão de ela estar supostamente repassando o conteúdo de um manuscrito perdido.
	Narrador "historiador"	A voz enunciadora constrói-se como uma sorte de historiador, que clarifica os episódios desconhecidos pelos leitores e o público em geral, conferindo, amiúde, um tom didático à narração.
	Estatuto heterodiegético-extradiegético	Há uma explícita separação entre voz enunciadora e o espaço-tempo narrado: apesar de conhecer todos os acontecimentos e os narrar aos receptores, ela nunca surge como personagem integrante das peripécias figuradas.
	Atribuições metanarrativa e ideológica	Instantes em que a função de regência (ou seja, de narração da intriga) é pausada, dando lugar a reflexões do narrador com relação ao seu próprio ato enunciativo (metanarrativa) ou dele com respeito ao conteúdo da diegese (ideológica), por meio de comentários ou digressões.
	Tempo presente/ passado	Como regra, a voz enunciadora posiciona-se no presente dos seus leitores, de sorte que a diegese contada fique no passado já concluído.

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2024.

No **quadro 3**, acima exposto, contemplamos as principais diretrizes do romance histórico à moda scottiana. No nível das

funções, há a presença de elementos essenciais, que tomam o seu conteúdo ou dos discursos oficializados ou de *topoi* literários, e acessórios, que visam a preencher os momentos de tensão, para cativar os leitores. No das ações, as personagens são divididas em dois grupos: as de extração histórica e as puramente ficcionais, que tomam o primeiro plano das interações. No da narração, uma série de artimanhas narrativas que, em geral, visam a gerar a ideia de uma mediação da "verdade" por parte da voz enunciadora, são empregadas de sorte que haja uma sensação de completude entre as partes ou um efeito do real.

Se seguirmos as noções fundadas por Lukács (2011), no que se refere ao romance histórico, apesar de incluírem em suas diegeses episódios históricos distintos, constataremos que existe, no modo como manipulam a linguagem, no entanto, uma mesma concepção escritural. Isso significa, então, que tais textos compartilham uma identidade formal: há a escolha geral de um tom, de um *etos*, de estratégias escriturais e das técnicas narrativas aplicadas, de maneira que podemos observar uma interseção de motivações e intenções literárias, cujo teor ideológico deixa-se deslindar – e, portanto, não decifrar ou fechar – pela análise estrutural da narrativa.

Nesse raciocínio, como sinalizamos brevemente ao longo da subseção precedente, as seleções escriturais sistematizadas integram-se às intenções autorais/artísticas e às ideologias concretizadas. Isso não significa que exista uma relação analógica integral entre as duas esferas e o texto, mas que essas se encontram em interface ou, mais especificamente, correlação.

Embora seja oriundo da Linguística, o conceito de correlação é útil para pensar o movimento de aproximação analítica que produzimos, neste texto, entre um sistema (o texto de Cooper) e outro (as proposições que atravessam o seu discurso, mas que estão presentes em outros textos). A razão de tal utilidade reside no fato de que não se trata de uma interpretação forçada dos significantes do texto de Cooper (1856), com relação ao que seria a sua ideologia, mas de uma comparação possível entre as estruturas/imagens projetadas por um texto, de Scott, e por outro, de Cooper.

Sendo assim, dentre as correlações possíveis de serem destacadas, sublinhamos duas, que revelam o discurso que perpassa a configuração das personagens e da narração: a do protagonista e a da voz enunciadora. Em Scott (1994), um dos pressupostos mais polissêmicos se situa no quadragésimo segundo capítulo. Próximo ao desfecho da diegese, o ledor acompanha o *Knight of the Fetterlock*, Richard Lionheart disfarçado, ir ao castelo de Cedric – um dos poucos nobres saxões restantes e inimigo dos normandos – e presenciar o "funeral" de Athelstane, aquele que estava inicialmente prometido a Rowena. Em determinado instante da conversação, revela-se a verdadeira identidade do cavaleiro misterioso, como consta no segmento elegido:

> – Eu também não o desejo fazer – respondeu o monarca –, pelo menos enquanto não for do vosso agrado. Até agora apenas me conhecestes pelo nome de Cavaleiro do Cadeado, mas quem está em vossa presença é Ricardo Plantagenet. – Ricardo d'Anjou! – exclamou Cedric, recuando de surpresa.
> – Não, nobre Cedric: Ricardo da Inglaterra, cujo maior interesse é ver os seus filhos unidos entre si! Pois bem, nobre Cedric, não curvas o teu joelho na presença do teu rei?[37] (Scott, 1994, p. 484-5).

Recorrendo ao diálogo de Cedric e Richard, Scott (1994) combina, nesse recorte, o regresso do rei e o mítico-imaginário. Nesse vínculo, Richard Plantagenet anuncia o seu verdadeiro nome. Ao utilizar a denominação normanda para se referir ao rei, Credric exterioriza o seu desgosto. Contudo, a atitude reconciliadora e harmônica do último enunciado assinala um posicionamento de unificação. De acordo com Worth (1995), essa

[37] No original consta: *'Nor wish do I wish to mingle', said the King, mildly, 'unless in so far as you will admit me to have an interest. As yet you have known me but as the Black Knight of the Fetterlock. Know me now as Richard Plantagenet.' 'Richard of Anjou!' exclaimed Cedric, stepping backwards with the utmost astonishment.' 'No, noble Cedric – Richard of England! Whose deepest interest – whose deepest wish, is to see her sons united with each other. And, how now, worthy thane! Hast thou no knee for thy prince'?* (Scott, 2003, p. 173).

visão integra, na esfera do leitor e não da obra, um conjunto de imagens criadas para operar como a narrativa mítica do Reino Unido: temos os elementos da Inglaterra como síntese dos normandos e saxões, grupos suspostamente contrários, mas que se juntam para resistir e combater o estrangeiro (Rebecca/Isaac) e cosmopolita (John e os templários).

A efabulação dessa diegese, aprioristicamente fútil, é, justamente, o que configura, em concordância a Lukács (2011), o caráter popular da modalidade clássica. Através da utilização do modo imitativo baixo na construção do protagonista – um *erhaltenden Individuen* [indivíduo conservador] –, os leitores podem ver-se refletidos nas ações gerais do "herói", bem como na coragem, determinação e perseverança do ser humano comum. Ademais, como indica o filósofo húngaro, a preferência de Scott (1994) por entremear as intrigas inventadas em primazia suscita consequências notáveis, pois a tarefa do romancista passa a ser a do exame da gênese das grandes figuras históricas, das suas aparições como representantes efetivos das crises civis.

Abstraindo o caso específico de *Ivanhoe* (Scott, 1994), observamos/notamos que se encontra no centro dessa ideologia acrítica – ou seja, que reproduz e sedimenta o conteúdo das contabilizações oficializadas sobre o evento histórico – a finalidade de perpetuar modelos patrióticos de sociedade, de conduta e de pensamento, na esfera da recepção. O mesmo intuito pode ser confirmado no arranjo da narração, cujo feitio integrador regula as enunciações emitidas.

A aplicação dos recursos artísticos na constituição da voz enunciadora visa, como apontamos, a corroborar esses objetivos, já planteados nos níveis funcional e actancial. Isso ocorre porque as escolhas do estatuto narrativo, dos recortes temporais, dos enunciados pessoais ou impessoais e, inclusive, das conjugações verbais controlam e encerram o acontecimento figurado. Tal oclusão implica a onipresença de somente um prisma ideológico no universo renarrativizado: há, consequentemente, a configuração de um romance monológico, segundo a nomenclatura de Bakhtin

([1972] 1981), de sorte que não haja a possibilidade do diálogo equivalente ou da inserção do outro.

O uso do pretérito perfeito para retratar os acontecimentos do passado surge nesse quadro de modo especial, pois "mesmo empenhado no mais sombrio realismo, ele tranquiliza, porque, graças a ele, o verbo exprime um ato fechado, definido, substantivado" (Barthes, [1953] 1974, p. 134). Por ele, a narrativa ganha um nome, escapa do terror de uma fala sem limite e plurissignificativa: com efeito, "a realidade se apequena e se torna familiar, enquadra-se num estilo, [em uma fala] não transbordada da linguagem" (Barthes, 1974, p. 135).

Mediante o deslindamento proposto no decorrer dos subcapítulos, alcançamos uma sistematização dos paradigmas que formam o quarto romance histórico publicado por Scott: *Ivanhoe* (1994). Não obstante, sabe-se que, além de Scott continuar com a produção massiva de seus romances históricos após 1819 (o ano de *Ivanhoe*), concedendo novas imagens ao modelo, embora a estrutura tenha permanecido a mesma, esses não deixaram de ser incorporados ou desenvolvidos pelas tradições no transcurso do século. Logo, a fim de deslocar o ponto de vista desta escrita do viés sincrônico para o diacrônico[38], passamos, no próximo subcapítulo, à repercussão do protótipo no forjamento das identidades e do modelo historiográfico romântico.

[38] De acordo com Saussure ([1916] 2006), existem duas Linguísticas: uma sincrônica e outra diacrônica. Enquanto a primeira conhece apenas uma perspectiva, a segunda "deve distinguir duas perspectivas: uma, prospectiva [...] e outra retrospectiva" (Saussure, 2006, p. 106). Logo, a análise sincrônica retém o seu foco em uma única língua e a diacrônica na correlação entre línguas, em diferentes espaços e tempos. Ao tomar tal aparato da Linguística para a Literatura (comparada), podemos postular o estudo de uma obra a partir de uma perspectiva sincrônica (isolada) e o estudo dessa obra a partir de uma diacrônica (histórica). A passagem da investigação sincrônica para a diacrônica na Teoria Literária foi problematizada por Tynianov, em *Da evolução literária* (1976).

1.2 O ROMANCE HISTÓRICO ROMÂNTICO E AS SUAS CONFLUÊNCIAS COM A HISTÓRIA

Conforme expusemos acima, uma vez esclarecidos quais são os componentes estruturais que guiaram o protótipo scottiano, neste subcapítulo, apontamos algumas das especificidades da Literatura e da História. No contorno delimitado pelos objetivos deste texto, clarificamos, de maneira mais específica, os aportes da escrita scottiana analisada até aqui para os discursos oficializados, com destaque à disciplina da História. Frisamos, nesse processo, o momento em que ambas as construções, romanesca e historiográfica, foram manipuladas a fim de sedimentar os propósitos de projetos nacionais singulares, no auge do romantismo.

Ademais, porquanto a temática da influência do modelo propagado em *Ivanhoe* (Scott, 1994) envolve a sua presença nos imaginários socioculturais tanto por meio de um caráter puramente ficcional quanto de um histórico-cientificista, seccionamos o subcapítulo em outros dois tópicos: No primeiro deles, "A modalidade clássica scottiana do romance histórico e a sua faceta fundacional", explanamos o papel do romance histórico clássico scottiano como um forjador *per se* da memória/História do pretérito. Já no segundo, "O romance histórico romântico e o seu influxo na disciplina da História", sondamos, finalmente, as suas interfaces com empresas pautadas em epistemologias históricas, como as de Carlyle ([1838] 1899), que se embeberam dos paradigmas edificados pelo escritor britânico.

1.2.1 A modalidade clássica scottiana do romance histórico e a sua faceta fundacional

Há pouco, tratamos da primeira trilogia scottiana, considerada a inauguradora do gênero romance histórico, e da diegese da obra que fixou os seus parâmetros. Prontamente, essas produções de Scott, inicialmente encabeçadas por *Ivanhoe* (Scott, 1994), não

somente emplacaram em número de vendas no Reino Unido, como, também, lograram adentrar na Europa Continental, onde o público afeiçoou-se a esse gênero híbrido em um ritmo nunca experenciado antes, segundo Saintsbury (1912). Para o autor, não havia ocorrido, até então, na História da Literatura do continente, um efeito semelhante, o que se conecta com a ascensão de uma burguesia que buscava, durante o romantismo, novas formas de consumo e representação.

Além de tais obras, outras foram, conforme assinalamos, difundidas pelo escocês, que seguiu os passos da receita de sucesso organizada por ele em *Ivanhoe* (Scott, 1994). Dessa forma, apesar de o evento histórico alterar a cada texto, a estrutura de apresentação e construção permaneceu, considerando-se a regra e não as especificidades, fundamentalmente a mesma. Para os fins expositivos deste subcapítulo, elas foram ordenadas, abaixo, de acordo com a data de publicação e o período renarrativizado no interior da diegese pelo performador/autor:

Quadro 4: Lista de romances históricos produzidos por Scott

Título do romance	Ano da publicação	Período histórico da diegese
Waverley	1814	1745
Guy Mannering	1815	1760 e 1781
The Antiquary	1816	Década de 1790
The Black Dwarf	1816	1707
The Tale of Old Mortality	1816	1679-89
Rob Roy	1817	1715-16
The heart of Midlothian	1818	1736
The Bride of Lamermoor	1819	1709-11
Ivanhoe	1819	1194
The Monastery	1820	1547–57
The Abbot	1820	1567-8
Kenilworth	1821	1575
The Pirate	1822	Década de 1690
The Fortunes of Nigel	1822	1616–18
Peveril of the Peak	1822	1658–80

Quentin Durward	1823	1468
St. Ronan's Well	1824	Início do século XIX
Redgauntlet	1824	1766
The Betrothed	1825	1187–92
The Talisman	1825	1191
Woodstock, or, The Cavalier	1826	1652
St Valentine's Day, or, The Fair Maid of Perth	1828	1396
Anne of Geierstein, or, The Maiden in the Mist	1829	1474–77
Count Robert of Paris	1831	1097
Castle Dangerous	1831	1307

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2024.

No **quadro 4**, não apontamos a localidade ou o conteúdo rearticulado por Scott, pois, ademais de haver um predomínio do retorno aos territórios constituintes do Reino Unido, sobretudo Escócia, Inglaterra e País de Gales, esses já são subentendidos: no romantismo de Scott, o elemento nacional, apesar de não emergir fenomenicamente, está latente em todos os seus romances da modalidade clássica observada. Todavia, cabe reportar-nos, precipuamente, às datas de impressão: entre 1819 e 1831, o autor deixou de publicar em tão somente dois anos. Essa constância, não só em termos de escrita, mas de vendas, demonstra o apelo da sua criação e a tendência de o dispor no centro de um novo polissistema que se redesenhava, tanto no Reino Unido quanto na Europa e nos Estados Unidos.

O polissistema foi postulado por Even-Zohar (1978), na sequência dos estudos do grupo *ОПОЯЗ* (OPOJAZ), com vistas a enquadrar o que ele reconhecia como o encontro estabelecido entre os sistemas literários e não literários das sociedades. A integração dos sistemas caracterizar-se-ia, segundo Even-Zohar (1978), por dois movimentos, inversamente proporcionais: de um lado, um centrípeto e, de outro, um centrífugo. Enquanto o primeiro refere-se à moção dos textos em direção ao que o autor identifica como o

centro do polissistema, o segundo ata-se aos textos que são marginalizados.

Embora a proposta de Even-Zohar (1978) seja alvo de críticas com relação à sua dicotomia, supostamente, simplificadora, por replicar os paradigmas do centro *versus* a margem, ela pode ser útil para que se reflita sobre a disposição das escritas scottianas no cenário mencionado. Isto é, a produção massiva desses romances pelo escocês, a sua recepção calorosa e a replicação dos seus moldes por outros artistas, posteriormente, dispõem tais elaborações artísticas em um espaço privilegiado, se elas forem comparadas com as produções de grupos excluídos do poder, como os cidadãos das colônias.

O último elemento ao qual nos referimos com respeito ao **quadro 4** é ao das datas enumeradas. É possível notar que, com a exceção do terceiro item da lista (o romance *The Antiquary*), a maior parte das composições do escritor atém-se a épocas – sejam essas um ano ou uma década – significantes e antiquíssimas, para as quais a memória avizinha-se do mito, embora não se mescle integralmente. Um isolamento do tempo tal como esse engendra nexos inevitáveis com o gênero épico, no sentido de ambas as formas retratarem o que Lukács (2011) denomina de "realidades sociais" semelhantes.

Contudo, sabemos que tais gêneros não se confundem. Enquanto o *epos* trata dessa fase em seu desabrochar virginal, "o romance histórico [de Scott] contempla esse período em um passado longínquo, considera-o uma condição humana superada da humanidade, vincula-o à necessidade trágica de sua derrocada" (Lukács, 2011, p. 185). Em outras palavras, a despeito de existirem "finalidades épicas universais" (Lukács, 2011, p. 185) na escritura scottiana, essas são enquadradas de um modo distinto, na medida em que os acontecimentos lançados para dentro do texto não são encarados como memórias de tempos inacessíveis, mas, sim, como materialidades históricas, de um tempo superado e relevante para o presente do autor, que se identifica com a voz enunciadora.

Tais considerações levam-nos à constatação de que, ao invés de se associar ao padrão de uma epopeia mítica helênica ou latina, a modalidade clássica do romance histórico aproxima-se, ainda que seja aparentemente paradoxal, mais de uma epopeia histórica ou, melhor dito, burguesa (Hegel, [1835] 1980). A razão disso situa-se no fato de que, ao capturar os registros históricos e os imiscuir aos componentes de sua diegese, ela obedece a uma nova lógica híbrida de História e ficção, particular daquele instante.

O discernimento dessas afinidades e discrepâncias torna coerente o ponto que almejamos atingir: tal qual a antiga epopeia, a forma scottiana tem uma função extratextual, porém ainda literária, que se desdobra não sobre a narrativa em si, mas sobre os leitores, a comunidade receptora. Ao recorrermos à análise de *Ivanhoe* (Scott, 1994), podemos entender que as ficções de Scott passaram a funcionar como uma fórmula manipulada com vistas à edificação de modelos. Entretanto, verificamos, sob o viés do feitio épico, que, para além disso, assoma-se um aspecto fundacional, no ponto de vista que problematiza Sommer ([1993] 2004).

A escritura de cunho fundador ou nacional é, geralmente, aquela de leitura obrigatória na Educação Básica e Superior, sendo tão identificável quanto o hino nacional. Segundo a análise conduzida por Sommer (2004) no cenário latino-americano, tais empresas estético-artísticas fundem os sonhos de prosperidade nacional à felicidade doméstica das famílias, conferindo um objetivo público/patriótico às paixões anteriormente delegadas tão somente ao âmbito privado.

Com tais integrações, denotamos que, analogamente ao *epos*, os romances históricos de Scott e dos seus seguidores não foram somente o resultado da sociedade de onde surgiram. Diversamente, esses também tiveram uma incumbência na formação da própria nação, inicialmente britânica e, posteriormente, de diversas outras. Isso se passou em virtude de que, mais do que uma estrutura encerrada em si mesma, essa forma auxiliou (**1**) na elevação dos eventos constituintes do passado nacional-patriótico, (**2**) no forjamento dos modelos heroicos

românticos visados e (**3**) na fundação da nação, principalmente no que se refere ao seu imaginário e à sua memória.

Assim, tais produções não são inocentes ou desprovidas de intenção: ao contrário, associam-se a projetos fundacionais, estéticos, éticos, políticos, ideológicos e, inclusive, étnico-raciais, promovendo, no nível da diegese, sempre que possível, a união de sujeitos pertencentes ao mesmo extrato social, religioso e étnico. Essa modalidade clássica scottiana do romance histórico, assim como a tradicional que dela deriva ainda no período do romantismo, contribui, por conseguinte, na constituição de um imaginário histórico, de uma memória ampla, complexa e fragmentada sobre o passado, como Fernández Prieto (2001) enfatiza. Ressaltamos, nesta primeira parte, que a forma não se constrói apenas como um derivado da História, um complemento enfeitado, mas edifica esse passado junto à historiografia. No caso do romantismo, isso fica evidente pelo caráter fundacional dessas ficções, que desenham, de modo mais influente que a historiografia, a função de como a nação deverá ver a si própria.

Por um lado, isso fica claro pelo fato de a historiografia, em sua feição moderna, ir se constituindo ao lado do romance histórico, e não antes dele. Em grande medida, ambos responderam ao mesmo tempo a outras maneiras de conceber a relação entre os tempos. Sobre essas duas respostas, a diferença reside, na visada de pensadores como Milton (1992), Aínsa (1993), Fernández Prieto (2001), Pesavento (2003) e Le Goff (2013), por exemplo, na intenção ou nas convenções de veracidade e ficcionalidade empregadas na construção discursiva.

De um lado, há a um intuito de "autoexigência científica" (Aínsa, 1993, p, 15), que implica uma aproximação com os conceitos da objetividade, da distância e do discurso unissêmico e inequívoco. De outro, há uma tendência ao subjetivado, à coerência ou verossimilhança que, para Fleming (1992), não passa de algo como a credibilidade e não o histórico, e ao plurissêmico. Críticas literárias, como Milton (1992) e Fernández Prieto (2003), e historiadores, como Pesavento (2003) e Le Goff (2013), relativizam

essas fronteiras, concluindo que as distinções não são intrínsecas aos objetos científicos ou artísticos, mas extrínsecas, isto é, encontrar-se-iam nos olhos do observador, como já citamos previamente.

Reconhecemos, assim, que a modalidade do romance histórico clássico scottiano, assim como a tradicional dela derivada, colaboraram com a formação das identidades e dos imaginários ao fabricar, pelo ângulo de projetos fundacionais, o pretérito, que serve de base para a compreensão do presente e, logo, dos encaminhamentos futuros. Com o propósito de aprofundar a análise desses atritos, mas na esfera historiográfica, seguimos, no próximo subcapítulo, às inflexões dessa modalidade romanesca, inaugurada por Scott, em 1814, sobre a própria História, no contexto do romantismo.

1.2.2 O romance histórico romântico e o seu influxo na disciplina da História

Cientes da influência que o romance histórico clássico scottiano e a modalidade tradicional para a qual as transformações nessa base primigênia levaram ainda no romantismo representou às sociedades em suas construções identitárias e fundacionais, ao tornar o passado histórico meio de reconhecimento no presente e, desse modo, possibilidade de vislumbrar o futuro, vejamos, neste tópico do nosso texto como se deram os influxos dessa produção literária clássica scottiana no campo específico da historiografia. É relevante recordar que a modalidade clássica scottiana é considerada por nós como uma expressão discursiva acrítica por não estabelecer, na escrita do romance, embates com o discurso histórico tradicional precedente, isto é, não se produzem, nessa modalidade de ficção híbrida, reelaborações críticas, paródicas, ou contrafácticas tanto de personagens oriundas do contexto histórico quanto dos fatos/eventos renarrativizados na diegese romanesca como ambiente, tempo e espaço que albergam as ações imaginativas que constituem o centro do relato. Essa tendência acrítica da ficção frente

ao discurso historiográfico precedente segue vigente igualmente na modalidade tradicional que segue à clássica.

Também não identificamos, nas modalidades de romance histórico clássico scottiano ou tradicional, a adoção de vozes narrativas ou mesmo de perspectivas outras que privilegiam sujeitos ou contingentes marginalizados no discurso historiográfico tradicional de cunho rankeano. O nível extradiegético de enunciação prevalece, com vozes heterodiegéticas que assumem a perspectiva dos vencedores ou dos sujeitos que exercem o poder. Essas vozes enunciam de um tempo presente, localizado junto ao leitores, ações já finalizadas no passado remoto conhecido de seus narratários, gerando o efeito de um passado inalterável. Quando o nível é intradiegético na modalidade tradicional, a voz auto ou homodiegética é, geralmente, aquela do sujeito herói ou de algum comparsa que o heroifica, sendo esses, igualmente, representantes ou defensores do poder instituído.

O Iluminismo (1685-1815) proporcionou, a partir do centro da própria modernidade, uma ruptura com o primeiro pensamento moderno, que era centrado no poder católico, possibilitando a aparição de outras epistemes. Dentre essas, reforçamos a ascensão da História, já no início do século XIX, por seu caráter dominante, como asseguramos pela citação abaixo:

> Mas o século da ilustração vai desembocar no século mesmo da História. O conhecimento documental do passado afina-se rapidamente. A História aspira constituir-se em disciplina científica e o homem, medianamente culto, tem, agora, como exigência de sua cultura, uma informação do passado muito mais minuciosa do que antes[39] (Alonso, 1942, p. 39-40).

[39] No original consta: *Pero el siglo de la ilustración va a desembocar en el siglo de la Historia. El conocimiento documental del pasado se afina rápidamente. La historia aspira a constituirse en disciplina científica, y el hombre medianamente culto tiene ahora, como exigencia de su cultura, una información del pasado mucho más minuciosa que antes* (Alonso, 1942, p. 39-40).

Conforme Alonso (1942), o século em que Scott redige os seus textos é o da História. Tal afirmação envolve não somente a instituição da disciplina, mas o aumento de uma intelecção geral a respeito dos sucedidos do passado. Logo, com o triunfo de vendas das obras de Scott, é coerente que diferentes autores tenham, simultaneamente ao escocês, empenhando-se em o copiar ou em reverberar os paradigmas da escrita híbrida de História e ficção por ele instituídos. Dentre as classes de profissionais que sondaram a receita escritural e filosófica de Scott, estavam os primeiros historiadores do século XIX, sobretudo aqueles posicionados na linha do romantismo.

Saindo de um prisma rígido do ponto de vista erudito, eles descobriram no modelo de *Ivanhoe* (Scott, 1994) a possibilidade de tonificar os estudos históricos, dando às suas contabilizações panoramas amplos e não diminutos. Trevor-roper (1971, p. 227), um historiador romântico inglês, aponta que o romancista estava entre os primeiros artistas a "ver o passado em seus próprios termos […] a respeitar sua autonomia, simpatizar com pressupostos coerentes e, ao mesmo tempo, não se render à mera nostalgia ou perder […] [sua] própria posição no presente[40]". Nota-se como os romancistas entreveem na escrita uma busca pela autenticidade e pela fidelidade históricas, que passou a ser, também, perseguida pelos historiadores.

Além da visão de uma possível descrição objetiva de como o passado era, o britânico ainda colaborou com uma segunda expansão dos horizontes da disciplina. Como informa Dekker (1987, p. 77), "contemporâneos mais jovens, como Carlyle e Mill, acreditavam que a contribuição mais original de Scott para a narrativa histórica foi ter expandido seu escopo e mudado seu foco, de modo que os atos públicos de reis, bispos e generais não mais

[40] No original consta: […] *to see the past on its own terms* […] *to respect its autonomy, to sympathise with coherent assumptions, and at the same time not to surrender to mere nostalgia or lose* […] [his] *own position in the present*ver (Trevor-Roper, 1971, p. 227).

concentrassem toda a atenção[41]", mas fossem dispostos em um grande contexto humano que subsumisse as lealdades conflituosas e os usos culturais, os interesses econômicos e os meios tecnológicos de todas as sociedades, de servos a nobres: que incorporasse o que chamamos acima de o feitio popular, na linguagem de Lukács (2011).

Ao confirmar tal tese, Carlyle (1899, p. 77) ensinou que "as eras passadas do mundo foram realmente preenchidas por homens vivos, não por protocolos, jornais de estado, controvérsias e abstrações de homens[42]". Constatamos uma mudança no paradigma historiográfico: não se trataria mais de pormenorizar somente as ações dos reis, bispos e generais porque esses se integram a uma sociedade, mais ampla e complexa. Tal variação não resulta na escrita das modalidades clássica scottiana e tradicional do romance histórico, no entanto, em uma introdução de outras vozes, sobretudo daquelas emudecidas pelo poder, mas em um alargamento do escopo, cuja extensão ainda permanece monológica, encerrada em uma ótica da "verdade".

Indo para além dessas notações gerais, faz-se, igualmente, notável a ascensão de uma revisão dos princípios metodológicos da História, com a inclusão da cosmovisão scottiana. Para abarcar tal metamorfose, extraímos o trecho abaixo, da análise de Dekker (1987, p. 77):

> Scott afastou-se da prática normal do historiador do século XVIII ao visitar as cenas de eventos históricos para melhor compreendê-los e descrevê-los com precisão. Além disso, ele extraiu [elementos] não apenas das fontes padrão dos historiadores, mas também daquelas

[41] No original consta: […] *younger contemporaries like Carlyle and Mill believed that Scott's most original contribution to historical narrative was to have expanded its scope and shifted its focus, so that the public acts of kings, bishops, and generals no londer engrossed all of the attention* (Dekker, 1987, p. 77).

[42] No original consta: [...] *the bygone ages of the world were actually filled by living men, not by protocols, state-papers, controversies and abstractions of men* (Carlyle, [1838] 1899, p. 77).

> que interessavam especialmente aos poetas de sua geração – ou seja, da geração de Coleridge e Wordsworth: […] "documentos informais, privados…, literatura efêmera, poesia popular, retratos". De tais fontes "humildes" e observações em primeira mão, Scott coletou os detalhes vívidos que deram às suas narrativas imediatismo e verossimilhança[43].

Na citação, o analista revela que Scott abandonou o hábito acrônico de conferir ao passado as características do presente. No lugar disso, ele elaborou uma atividade ativa e, supostamente, imparcial. Em síntese, tal proposição consiste na realização de uma investigação histórica minuciosa, abastecida com a ida aos lugares em tela (observações em primeira mão) e a integração de fontes anteriormente estranhas, como documentos que não tenham sido de caráter público. Segundo Dekker (1987), foram esses os procedimentos que outorgaram a qualidade verossímil e iminente à sua escritura.

Visando a atingir os mesmos efeitos, os historiadores românticos assimilaram os esquemas scottianos e os agregaram à metodologia histórica. Essas diversificações, possibilitadas a Scott dentre outras pela ótica romântica, são tangíveis em diferentes autores. Dekker (1987, p. 30), a título de exemplo, menciona que "Na obra de Macaulay e, talvez, ainda mais impressionante nas obras-primas de Parkman, podemos ver como os grandes historiadores românticos assimilaram e disciplinaram o

[43] No original consta: *Scott departed from the normal practice of eighteenth-century historian by visiting the scenes of historical events the better to understand and describe them with precision. Moreover, he drew not only from the standard sources of historians but also from those which especially interested poets of his generation – which is to say the generation of Coleridge and Wordsworth:* […] *"informal, private documents…legends, traditions, customary rites, ephemeral literature, popular poetry, portraits." From such "humble" sources and first-hand observations Scott gleaned the vivid details that gave his narratives immediacy and verisimilitude* (Dekker, 1987, p. 77).

historicismo de Scott[44]" (Dekker, 1987, p. 30), com os seus métodos e técnicas narrativas, em trabalhos que não deixaram de ressonar com a arte. Segundo comenta Mata Induráin (1995, p. 24-15),

> A imaginação romântica fez os historiadores serem os romancistas e os romancistas serem os historiadores. As ideias românticas exerceram grande influência na historiografia da primeira metade de século XIX: Agustin Thierry [45] atribuiu à imaginação um papel decisivo na obra do historiador, uma vez que só ela podia vivificar os documentos; em 1824, outro historiador, Prosper de Barante[46], afirmou que se havia proposto a "restituir à história o interesse do romance histórico"; inclusive pensava-se que era possível aprender a história inglesa nos romances de Scott[47].

Outras propostas históricas também seguiram essas técnicas massificadas. Ainda na Europa, o próprio Scott, na sua Biografia de Napoleão ([1827] 2010), tratou de acompanhar as orientações

---

[44] No original consta: […] *in Macaulay's and perhaps even more impressively in Parkman's masterpieces we can see how the great Romantic historians assimilated and disciplined Scott's historicism* (Dekker, 1987, p. 30).

[45] Jacques Nicolas Augustin Thierry, (1795-1856), conhecido como Augustin Thierry, foi um historiador francês conhecido por ter sido um dos primeiros a trabalhar com fontes originais em seus estudos. Além disso, distinguiu-se entre os demais historiados da sua época pela vivacidade de sua narração. Disponível em: https://www.ecured.cu/Jacques_Nicolas_Augustin_Thierry. Acesso em: 09 set. 2021.

[46] Amable-Guillaume-Prosper Brugière (1782-1866), foi um estadista, historiador e escritor político francês. Era, igualmente, um dos principais membros da escola narrativa de historiadores românticos, que retratou episódios históricos com um alto estilo literário e de uma maneira vívida e íntima como se fosse uma reportagem dos eventos. Disponível em: https://www.britannica.com/biography/Amable-Guillaume-Prosper-Brugiere-baron-de-Barante. Acesso em: 09 set. 2021.

[47] No original consta: [...] *la imaginación romántica hizo ser historiadores a los novelistas y novelistas a los historiadores. Las ideas románticas ejercieron gran influencia en la historiografía de la primera mitad del siglo XIX: Agustin Thierry atribuyó a la imaginación un papel decisivo en la obra del historiador, en tanto que sólo ella podía vivificar los documentos; en 1824 otro historiador, Prosper de Barante, afirmó que se había propuesto 'restituir a la historia el interés de la novela histórica'; incluso se pensaba que era posible aprender la historia inglesa en las novelas de Scott (*Mata Induráin, 1995, p. 24-15).

provenientes da modalidade escritural balanceada por ele. Não obstante, é na América que ele tem alguns dos seus seguidores mais eminentes, para os propósitos deste texto. Nos Estados Unidos, referenciamos os trabalhos de Washington Irving (1828), com as suas biografias, com destaque para a de Cristóvão Colombo; de Simms, com a sua História da Carolina do Sul em *Yemassee* (Simms, [1835] 1962)[48] ou suas biografias; de Hawthorne (1891), com as suas narrativas da Nova Inglaterra, como em *The Scarlet Letter* (1850)[49]; e, particularmente, de Cooper (1840), com a História da marinha dos Estados Unidos na obra *The History of the Navy of the United States of America* (1840)[50].

Testificamos nessas versões uma extensa inserção de aspectos do passado não incorporados anteriormente nas escritas dessa área. Contudo, ainda notamos a continuidade de um retrato cujo discurso não questiona determinadas verdades (forjadas sobre a égide do paradigma cartesiano), que se enquadram no campo ufanista e, frequentemente, colonial, sobretudo pelo cuidado com os documentos, na Europa, mas também na América.

Com o objetivo de executar a comparação entre os parâmetros da modalidade clássica scottiana do romance histórico e a obra de Cooper (1840), apresentamos, no capítulo seguinte, uma cartografia de como o gênero foi recebido no "Novo Mundo", com as suas manutenções e transformações, para, em um segundo momento, realizar o contraste aventado.

[48] SIMMS, William Gilmore. *The Yemassee*. New York & London: Hafner Pub. Co., 1962.
[49] HAWTHORNE, Nathaniel. The Scarlet Letter. Boston: Ticknor, Reed & Fields, 1850.
[50] COOPER, James Fenimore. *The History of the Navy of the United States of America*. Philadelphia: Lea and Blanchard, 1840.

2. O ROMANCE HISTÓRICO NA AMÉRICA: DA TRANSGRESSÃO HISPANO-AMERICANA À TRADIÇÃO CLÁSSICA ESTADUNIDENSE

O estudo da formatação do romance histórico que se conforma à moderna ideologia romântica exige, como viemos apontando, uma observação de características que o formaram e de como elas se alteraram ao longo de sua trajetória. Com respeito a isso, até a esse momento de nosso estudo, organizamos os componentes fundantes do romance histórico romântico, a sua utilização por Scott – assim como de alguns dos seus seguidores – e a apropriação efetuada por determinados historiadores românticos europeus e americanos dos feitios solidificados em *Ivanhoe* (Scott, 1994).

Após havermos discriminado tais elementos paradigmáticos da versão do romance histórico, em sua modalidade clássica scottiana primeira – concebida no "Velho Mundo" –, voltamo-nos, neste momento de nosso estudo, para o espaço social, cultural e ficcional americano. Desse modo, nesta segunda seção, o nosso propósito é elucidar os aspectos mais relevantes da trajetória das primeiras manifestações do romance histórico em solo americano.

Para tanto, salientamos a recepção da tipologia no continente, recorrendo, primeiramente, às criações hispano-americanas, por terem sido temporalmente anteriores, e, finalmente, às anglófonas, instauradas por Cooper, o autor das imagens compósitas da obra perscrutada nesta diligência. Para esclarecer a organicidade do mapeamento diacrônico realizado neste capítulo, assinalamos, a seguir, a matéria dos subcapítulos que concretizam tal lógica.

Depois de determinar a posição do primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl* (Anônimo, [1826] 2020), no polissistema aludido, discorremos, no subcapítulo "James Fenimore Cooper: o Scott americano – o cultivo de uma tradição", sobre a preservação da tradição scottiana nos Estados Unidos da América. Almejamos, nesse espaço do texto, pormenorizar o modo

pelo qual, através das efabulações que se associaram à vertente acrítica estabilizada pelo romancista escocês, Cooper tornou-se o Scott do "Novo Mundo". Apresentamos, portanto, neste momento da construção do nosso texto, a aproximação das escritas dos dois romancistas – Scott e Cooper – e a relevância de tal escolha no forjamento dos mitos estadunidenses.

Na sequência de nosso estudo, ao longo do subcapítulo "*Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840) – o único romance clássico scottiano da América", contrastamos os preceitos arrolados no primeiro capítulo desta obra à diegese de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840). Por esse procedimento, demonstramos o seu elo com a modalidade clássica scottiana (Fleck, 2017) e auxiliamos nos estudos que buscam a inteligibilidade do percurso da figuração de Cristóvão Colombo no romance histórico estadunidense, esse que foi inaugurado pela obra analisada.

2.1 JAMES FENIMORE COOPER: O SCOTT AMERICANO – O CULTIVO DE UMA TRADIÇÃO

Buscamos promover, neste subcapítulo, uma cartografia do caminho do gênero e a relevância de tal desenvolvimento para o forjamento das identidades das nações do "Novo Mundo", em especial a estadunidense, voltada às imagens do *self-made man*. A fim de concretizar tal análise, retornamos, brevemente, ao cenário de recepção das obras scottianas, com a menção publicitária das suas narrativas. Ao tomar por base essas considerações, a atenção é, à continuação, direcionada para os seus desdobramentos em nosso continente, onde a modalidade clássica scottiana do romance histórico foi concebida a partir de duas visões distintas entre si, de acordo com a perspectiva selecionada.

Como enunciamos ao longo deste texto, as escritas scottianas dominaram o que Even-Zohar (1978) denomina de o polissistema literário, mas também extraliterário, europeu, durante a primeira metade do século XIX. Com tal presença dominante, referimo-nos

ao conceito de sistema primário ou canônico utilizado pelo autor, delineado como se segue: "[...] grosseiramente, o que é, geralmente, considerado a literatura "maior": aqueles tipos de obras literárias aceitos pelo "meio literário" e, geralmente, preservado pela comunidade como parte da sua herança cultural[51]" (Even-Zohar, 1978, p. 15). Em outras palavras, aquele conjunto estável de textos considerados por determinados grupos, geralmente elitizados, como os centrais ou fundamentais.

Tal preponderância do gênero significa que a constante publicação e reedição de romances históricos, cuja estrutura era, fundamentalmente, a estabelecida por *Ivanhoe* (Scott, 1994), não resultou somente em uma influência para com a ascendente escola romântica da História. Essa expansão indicada se justifica, pois quase imediatamente outros escritores, inicialmente europeus, reconheceram nos paradigmas deslindados no capítulo acima uma forma que poderiam utilizar para os seus fins.

Dessa maneira, "[...] as propostas narrativas do escocês estimularam a outros escritores a tentar realizar em relação à história de sua nação o mesmo que ele havia feito em relação à Escócia e à Inglaterra[52]" (Fernández Prieto, 2003, p. 85). Isso nos mostra que os romances históricos de Scott, após sua quase imediata tradução, "[...] obtiveram uma grande acolhida nas diversas nações de Europa (França, Itália, Espanha, Alemanha...)[53]". (Fernández Prieto, 2003, p. 85). Carlos Mata Induráin (1995, p. 24-25) é outro crítico a mencionar que

---

[51] No original consta: "[…] *roughly what is usually considered 'major' literature: those kinds of literary works accepted by the 'literary milieu' and usually preserved by the community as part of its cultural heritage* (Even-Zohar, 1978, p. 15).

[52] No original consta: […] *las propuestas narrativas del escocés estimularon a otros escritores a intentar realizar en relación a la historia de su nación lo mismo que él había hecho en relación a Escocia o a Inglaterra* (Fernández Prieto, 2003, p. 85).

[53] No original consta: […] *obtuvieron una gran acogida en las diversas naciones de Europa (Francia, Italia, España, Alemania...)* (Fernández Prieto, 2003, p. 85).

> [...] os imitadores são uma legião, pelo que mencionarei somente alguns sobrenomes: na Espanha, López Soler, Larra, Gil y Carrasco e Navarro Villoslada; na França, Hugo, Vigny, Balzac e Merimée; na Alemanha, W. Alexis, Arnim e Hauff; na Holanda, M. de Neufville, Van den Hage, Drost, Van Lennep e Bosboom-Toussaint; na Italia, Manzoni e Guerrazzi; na Suiça, Conrad F. Meyer; na Hungria, Josika; na Dinamarca, Ingemann; na Polônia, Bronikovski; em Portugal, Herculano, Rebello da Silva, Oliveira Marreca e Andrade Corvo; na América do Norte, Fenimore Cooper, Irving e Whittier; a estes havia que somar outros nomes de romancistas belgas, ingleses, checos e russos[54].

Esses intuitos poderiam ser divididos em dois conjuntos. O primeiro deles se constitui por aqueles romancistas que almejaram preencher, com o material histórico de suas respectivas nações, a ossatura proporcionada na modalidade, com a disposição de fundar os modelos patriótico-nacionais, firmando-se, assim, no interior da linhagem scottiana. O segundo consiste naquele complexo de autores que, ao tomar os signos formadores do discurso narrativo "fundador" do gênero, alteraram-no brandamente, conferindo a eles características distintas.

No primeiro ajuntamento, há uma presença preponderante em, praticamente, todos os países da Europa Ocidental, como apontam os estudos de Mata-Induráin (1995) e Fernández Prieto (2003). Retendo-nos em alguns dos artistas, enumeramos Wilhelm Hauff (1802-1827), cujas figurações assistiram o alargamento do imaginário germânico, ainda em formação. Lukács (2011) cita o escritor alemão

---

[54] No original consta: […] *los imitadores son una legión, por lo que mencionaré solamente algunos apellidos: en España, López Soler, Larra, Gil y Carrasco y Navarro Villoslada; en Francia, Hugo, Vigny, Balzac y Merimée; en Alemania, W. Alexis, Arnim y Hauff; en Holanda, M. de Neufville, Van den Hage, Drost, Van Lennep y Bosboom-Toussaint; en Italia, Manzoni y Guerrazzi; en Suiza, Conrad F. Meyer; en Hungría, Josika; en Dinamarca, Ingemann; en Polonia, Bronikovski; en Portugal, Herculano, Rebello da Silva, Oliveira Marreca y Andrade Corvo; en América del Norte, Fenimore Cooper, Irving y Whittier; a estos habría que sumar otros nombres de novelistas belgas, ingleses, checos y rusos* (Mata-Induráin, 1995, p. 24-25).

Willibald Alexis (1798-1871), que seria um dos únicos seguidores do britânico nos territórios germânicos. Há, ainda, Alessandro Manzoni (1785-1873), na Itália. Ele retrata em um de seus títulos apenas um episódio concreto da vida nacional italiana: "o amor, a separação e a reconciliação de dois jovens camponeses. Mas a História ergue-se, em sua representação, ao plano da tragédia geral do povo italiano sob a degradação e a fragmentação nacionais" (Lukács, 2011, p. 92-3). Por último, Aleksandre Puchkin (1799-1837) representa o afã romântico, especificamente aquele liderado por Scott, na Rússia, com destaque para o seu fiel seguimento dos dados incluídos nas contabilizações nacionalistas da disciplina da História (europeia), que estava, simultaneamente, sendo constituída, com base nos mesmos preceitos.

No segundo, podemos encaixar todos aqueles que foram influenciados pelo mestre escocês, mas que não lograram ou não pretenderam materializar os princípios da cosmovisão romântica do romance histórico. Nos reinos germânicos, tal caso foi preponderante, com a produção tardia de romancistas como Heinrich von Kleist (1777-1811), Achim von Arnim (1781-1831) e Ludwig Tieck (1773-1853). Na França, determinados empreendimentos de Balzac e Stendhal assomam-se a esse quadro, com uma tendência a figurar a condição de um tempo de modo metonímico e não documental. Em outras palavras, as suas vozes enunciadoras tomam personalidades fictícias, para representar, por contiguidade, correntes históricas existentes na empiricidade.

A despeito das discrepâncias artísticas existentes entre as produções que reiteraram o protótipo scottiano e as que o seguiram por meio de algo semelhante a um *kitsch*, enunciamos que ambas as formulações se mantiveram no interior de um único grupo cosmovisional/ideológico. Por coadunarem com os episódios, explicações e caracterizações da História hegemônica, tais criações subsumiram-se/vincularam-se, em vista disso, ao grupo chamado de acrítico, isto é, aquele que, para Fleck (2017), não inclui prismas outros ou não oferece críticas ao poder que opera essas narrativas, com o intuito de corroborar os seus desígnios políticos.

Ainda na Europa, no entanto, não tardou para que outros autores concebessem visadas diametralmente opostas às comungadas por Scott, os seus imitadores iniciais e, em partes, os seus detratores, que ainda perpetuavam as convicções da História Tradicional. Publicado na França, *Cinq-Mars: ou, uma conjura no reinado de Luís XIII* ([1826] 2018), de Alfred de Vigny (1797-1863), foi a primeira amostra de um tensionamento com a ideologia acrítica do romance histórico no *lócus* europeu, por alterar as estratégias escriturais, os recursos narrativos e o ângulo fiel à "História" monotópica europeia[55].

Cabe aclarar que tal remodelação não configurou, imediatamente, uma modalidade crítica. Essa dilação ocorreu em razão da criação não ter sustentado uma poética que tenha sido objeto de cópia/decalque para artistas contemporâneos a ele. Além disso, pela intercessão dos elementos de cunho ficcional, os sentidos inculcados aproximam-se, semanticamente, mais de um atravessamento crítico do que de uma contestação desmitificadora. Tal problemática, além daquela das manipulações discursivas empregadas pelo francês, é, sinteticamente, revisada por Fleck (2017) e Del Pozo González (2017), ao versarem acerca da sua função no itinerário do romance histórico, nas suas primeiras fases, grupos e modalidades.

Tal qual os historiadores, os romancistas das recém-independentes nações do lado ocidental do Atlântico vislumbraram-se pelo romance histórico, que havia se convertido em algo prevalecente na Europa. Assim, embora houvesse uma fronteira linguística, política ou religiosa entre os ambientes da Escócia e das heterogêneas sociedades americanas, as diegeses de Scott, com

[55] Referimo-nos à teoria histórica derivada de ou promulgada por Kant, Hegel e outros iluministas, que, na análise de Dussel (1993) e, por extensão, de Mignolo (2022), associam-se a um monologismo étnico-centrado, incapaz de reconhecer o outro em sua diferença.

ênfase em *Waverley* (1985) e *Ivanhoe* (1994), foram vorazmente lidas pelas elites tanto ao norte quanto ao sul do Rio Bravo[56].

Como já exprimimos no capítulo anterior, o contexto de replicação e contestação também fez parte da recepção da forma scottiana na América, que, em grande parte, já havia passado pelos processos de independência. Tendo em consideração a vasta complexidade das relações sociais, econômicas e políticas nesse espaço linguisticamente diverso, não é surpreendente que certas localidades tenham se inclinado a interpretações acríticas e outras não. Conforme os estudos de Dekker (1987) e Fleck (2017), que se dedicam às manifestações do gênero em diferentes localidades do "Novo Mundo", embora o texto literário não seja a expressão analógica das circunstâncias extralinguísticas e das intencionalidades autorais, tais eixos influem em uma medida significante na leitura do padrão importado da Europa.

Para que consigamos desdobrar os objetivos traçados no começo deste texto de modo mais aprofundado, apresentamos, no tópico abaixo, os principais elementos dessas construções iniciais de nosso continente. Para expô-las a uma guisa metodizada, abordamos, a seguir, as empresas precedentes, ainda que brevemente, dado o propósito arrolado, e o primeiro romance histórico latino-americano.

2.1.1 Produções latino-americanas: rupturas com a forma e a ideologia scottiana

No prosseguimento das publicações europeias, as elites dos países ao Sul do Rio Grande, seguindo o padrão de importação dos produtos das metrópoles do "Velho Mundo" realizado, por ao menos, três séculos, trataram de trazer as novíssimas escrituras

[56] O Rio Bravo é aquele que separa os Estados Unidos da América do México. Stavans (2001) utiliza-o para dividir as produções sobre Colombo: ao Norte, mais favoráveis a sua personalidade e ao Sul menos. Poderia representar ainda uma divisão civilizacional, com parte do Ocidente ao Norte e da América Latina ao Sul.

scottianas aos seus territórios. Não obstante, havia um entrave a uma passagem que antes fora acessível: na maioria das "agora" antigas colônias espanholas, portuguesas e francesas, o descolamento político já era uma realidade, na primeira e segunda décadas do século XIX. Logo, a conjuntura histórico-política torna-se vultosa, pois, além das seleções dos acontecimentos, personagens e narrações vincularem-se a projetos escriturais e ideológicos nas narrativas que começavam a brotar, não havia, de acordo com uma certa visão crítica, romance na América Latina até o ano de 1816.

El Periquillo Sarniento ([1816] 2019), de José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827), foi a obra que rompeu com a ausência de romances, que havia sido imposto pelas metrópoles – sobretudo a portuguesa e a espanhola – aos sujeitos americanos colonizados, com o controle da imprensa. Redigida em um México ainda em guerra pela independência, a sua diegese plasma as aventuras da personagem Pedro Sarniento, que conta aos seus filhos as diversas aventuras pelas quais passou. Tal romance, que absorve muito do "picaresco" [57], pelo processo antropofágico cultual latino-americano, para o transformar em uma expressão própria da cultura mexicana, denuncia os abusos sofridos pelos cidadãos do México, em um gesto de instigamento ledor.

Conquanto o texto "exordial" do romance tenha sido de outra vertente, logo o advento da modalidade clássica do romance histórico influiu nas composições mexicanas. Pouco a pouco, esses outros romancistas, "[...] para quem era imperante a revisão do

[57] Esse primeiro romance latino-americano foi estudado e traduzido pela primeira vez ao português brasileiro na tese *O Periquitinho Sarnento: uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano* (2024), de Leila Shaí Del Pozo González. O estudo integra as ações da célula dedicada à tradução no Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". Recomendamos a leitura desse texto que está disponível em: https://tede .unioeste.br/handle/tede/7675. Acesso em: 27 fev. 2025.

passado, sobretudo, porque existia a necessidade de criar uma identidade como nação independente[58]" (Gutiérrez López, 2017, s.p.), assomaram-se a tais elaborações.

Dentre as expressões que convergiram para o passado nacional do que, posteriormente, seria denominado de México, desde o viés romântico, acentuamos *Xicoténcatl*[59] ([1826] 2020), arranjo de autoria anônima, publicada na Filadélfia, que figura como o primeiro romance histórico latino-americano[60]. Para expormos a sua incumbência no quadro do *lócus* em análise, passamos a uma delucidação do entrelaçamento dos episódios no seu fio diegético, assim como dos recursos narrativos utilizados para compor o posicionamento da voz enunciadora. Por intermédio dessa abordagem, torna-se deslindável a ideologia que permeia a sua estrutura e as intenções que guiam a escritura, cuja forma não é mais entendida como o transbordamento das vontades do autor, mas um ato performativo (Austin, [1955] 1962), que, também, cria discursos no momento em que é enquadrado pelas circunstâncias geográficas, sociais e políticas.

Voltando-nos para *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020), enfocamos, inicialmente, o seu relato. O romance é composto por seis livros, que simulam a antiga estruturação dos pergaminhos, apesar da

---

[58] No original consta: […] para quienes era imperante la revisión del pasado, sobre todo, porque existía la necesidad de crear una identidad como nación independiente (Gutiérrez López, 2017, s.p.).

[59] A tradução desse primeiro romance histórico latino-americano à língua portuguesa foi efetuada dentro da célula dedicada à tradução no Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", em 2020, e publicado pela Editora CRV, de Curitiba PR.

[60] Na dissertação *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*, efetuada no escopo dos estudos do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", defendida em 2017, pela pesquisadora Leila Shaí Del Pozo González, analisa as traduções de *Xicoténcatl* ao inglês (1999) e uma versão experimental ao português (2013). Esse estudo da tradução apresenta, também, uma análise da obra, cuja leitura recomendamos. Texto disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/3452 Acesso em: 17 jun. 2022.

segmentação estar embasada mais em uma dramaticidade do que em uma lógica narrativa. O conteúdo desses livros é relatado por uma voz enunciadora heterodiegética, em nível extradiegético, assim como em Scott (1994). Na linha argumentativa da diegese, por sua vez, o receptor/narratário tem como ponto de atenção as problemáticas experienciadas pelo herói Xicoténcatl (filho) – personagem de extração histórica –, precisamente quando os castelhanos chegavam nos territórios que, contemporaneamente, denominamos de mexicanos.

O "Livro I" (Anônimo, 2020) começa, dramaticamente, com a intervenção da voz enunciadora, cujo interesse preambular recai sobre o contexto no qual os acontecimentos relatados se passam. Em tal contextualização, há o trágico anúncio do final da nação Tlaxcalteca e da queda do mundo indígena, que se vinculam à "conquista da América", exordialmente atribuída ao grupo de mercenários liderados por Hernán Cortés. Esse *début* do relato dá a entender ao narratário, em primeira instância, e, em seguida, aos leitores que "principia, portanto, a História não contada da 'conquista'", segundo Del Pozo González (2017, p. 28). Tal mote é o que alimenta as funções nucleares e cardinais procedentes.

Nos livros seguintes, os supostos leitores da obra tomam conhecimento do motor da trama. Em síntese, a jovem Teutila – personagem metonímica –, que é da nação Zocotlan, e que está prometida ao jovem Xicoténcatl, de origem tlaxcalteca, entra, acidentalmente, em contato com a personagem Ordaz, um castelhano da comitiva de Cortés. Seguindo as regras estipuladas pelo invasor, ele a leva para o seu líder, cuja agudeza é determinante na decisão de enclausurar a nativa. Como resultado, o general tlaxcalteca (Xicoténcatl) se vê em uma posição difícil: se ataca o estrangeiro, corre o risco de perder a sua amada e, do contrário, se ele se mantém em sua posição, tem a sua república desmontada pelos traidores, que conspiravam junto a Cortés.

O leitor descobre adiante que ocorre um embate entre os tlaxcaltecas e os espanhóis. Malgrado as tropas dos indígenas estivessem vencendo, elas acabam batendo em retirada, em razão

de uma sabotagem. Outrossim, a personagem Xicoténcatl filho trava contato com Ordaz, que estava já apaixonado por Teutila. Ganha, nesse ínterim, destaque na diegese a personagem de extração histórica Marina/Malinche – uma nativa pertencente a outra tribo – que trabalhava para Cortés como escrava – pela qual se enamora. Essa é quem acompanha Teutila no acampamento dos invasores. Após ser avisado por Ordaz e ter experienciado as suas "intrigas", o herói se repreende e principia um plano para recuperar a sua "noiva", ainda capturada pelo castelhano. Preliminarmente, ele não consegue recuperar a sua prometida, mas, nos livros subsequentes, sim, por efeito da ajuda de Ordaz e de Malinche, que parece se deslocar de lado no conflito.

No "Livro V" (Anônimo, 2020), além da personagem de extração histórica Magiscatzin – adversário político de Xicoténcatl no senado de sua comunidade – receber Cortés com uma grande celebração, os embaixadores mexicas chegam aos territórios que passam para o controle estrangeiro, para solicitar um tratado de paz ou aliança, que será rompido posteriormente. Em tal interstício irrompe um jogo de acusações entre Magiscatzin, Xicoténcatl pai, cuja morte se dá logo em seguida, e filho. Enquanto tais peripécias tomam lugar, uma temática significante emerge, pois, com a morte de Magiscatzin, Marina/Malinche "se arrepende de tudo o que havia feito contra seu povo, confessa abertamente suas intrigas e decide voltar às tradições indígenas" (Del Pozo González, 2017, p. 32).

No último livro, Xicoténcatl, o herói representante da resistência dos nativos, é executado publicamente. Teutila, ao receber a notícia, após já haver concretizado o matrimônio com o tlaxcalteca, decide vingar-se do assassinato do marido. Em razão dos seus planos falharem, a jovem falece envenenada antes de alcançar o seu algoz. "Diante do falecimento da bela Teutila, Cortés parece estar comovido. Malinche lhe implora: Diante do falecimento da bela Teutila, Cortés parece estar comovido. Malinche lhe implora: 'Senhor ainda é tempo de vosso grande

coração voltar para a virtude'[61]" (Del Pozo González, 2017, p. 32). O retorno do conquistador, segundo a retórica do invasor, parece ser inicialmente de piedade ou arrependimento. A resposta dada por Cortés aos presentes é, todavia, a que se segue:

> Acabemos, amigos. Esta cena dolorosa já durou tempo demais. O caminho que conduz ao templo da fama tem grandes tropeços e, por isso mesmo, é tão glorioso vencê-los. Talvez seja mais doce viver tranquilo e sossegado em um canto, mas meu destino não é este. Amanhã partimos para o México (Anônimo, 2020, p. 247).

Mediante o deslindamento da posição da personagem com relação às outras, observa-se que, a despeito das circunstâncias terem causado a impressão de um Cortés sensibilizado, o seu propósito é outro. Em decorrência, a personagem de extração histórica, "Hernán Cortés, [está] convicta de que ao seu destino caberia não exatamente retroceder, mas, sim, protagonizar mais um capítulo da invasão sofrida por e em nossa América" (Berndt, Cerdeira, Del Pozo González, 2021, p. 62). Nessa cena, embora as informações registradas pela historiografia europeia sejam mantidas *ipsis literis*, essas são manipuladas pelo escritor, a fim de demarcar as posições de vilão (Cortés) e de herói (Xicoténcatl), por exemplo.

Os leitores de *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020) conhecem, por conseguinte, uma trama na qual acontecimentos registrados nos anais oficializados tanto por nações americanas quanto europeias são assumidos por personagens que possuem nomes de personalidades de extração histórica. Por meio dessa recuperação de fontes documentais, a narrativa passa a ideia de estar apresentando aos seus receptores um quadro verossimilhante e condizente ao passado vivido que está sendo refigurado.

Independentemente de o escritor de *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020) mencionar e, frequentemente, copiar acuradamente os registros consagrados sobre a tomada do continente –

[61] No original consta: '*Señor, aun todavía es tiempo de que vuestro gran corazón se vuelva a la virtud*' (Del Pozo González, 2017, p. 32).

especialmente em *Historia de la conquista de México* (1684), de Antonio de Solís y Ribadeneyera (1610-1686) – para delinear as funções, os actantes e a própria narração do relato, há uma discrepância imagética no que se refere a tais textos. Em outras palavras, congruentemente à reabilitação da diegese do romance histórico em tela que efetuamos acima, verificamos que o seu discurso narrativo não produz enunciações apologéticas acerca dos sucedidos da invasão dos ditos "conquistadores" e nem consagra os seus autores como libertadores ou heróis, conforme o fizeram as contabilizações acríticas anteriores.

Essa materialidade discursiva revela o teor ideológico que perpassa os discursos que se chocam no texto: mais do que uma ressonância dos anais da História, com sucintas adições ficcionais, como é no caso da modalidade clássica scottiana do romance histórico, a diegese de *Xicotécantl* (Anônimo, 2020) performa um enfrentamento às manifestações perpetuadas desde 1492 a respeito do "descobrimento" e da "conquista", assim como à perspectiva à qual a forma clássica do gênero coaduna. Com referência a esse feitio contestador do discurso narrativo promulgado em suas formulações tanto formais quanto substanciais, aludimos à citação abaixo, que amplia a questão, aproximando-a das estratégias escriturais utilizadas pelo artista:

> A diegese eliminou o uso dos dois fios narrativos utilizados por Scott, o secundário, que servia de pano de fundo histórico, e o principal, o fio puramente ficcional no qual se tecem as ações principais, e o simplificou apenas apresentando um único fio que segue a historiografia. Utiliza personagens de extração histórica que passam a ser o foco principal da diegese junto à possibilidade de interagir com personagens puramente ficcionais no mesmo plano. A obra não é um romance histórico escrito com a perspectiva de enaltecer o registrado nos anais da história, tudo o contrário, dando vazão a críticas e permitindo o confronto de discursos. Tudo isso remete-nos ao entre-lugar, ao jogo paródico de "brincar com os signos de um outro escritor, de uma outra obra", postulado por

Santiago (2000, p. 21) a inícios da década de 1970 (Berndt, Cerdeira, Del Pozo González, 2021, p. 50)[62].

Segundo os conceitos dispostos na citação, não há na diegese do primeiro romance histórico latino-americano o esquema pano de fundo de extração histórica *versus* trama ficcional principal. Inversamente, existe tão somente um nível diegético, aquele que segue a historiografia, sendo esse o enfocado pela voz enunciadora. Além disso, como se vê, e conforme o que planteamos, a recuperação dos dados é manipulada com a finalidade de desmontar a visada hegemônica, que relegou os autóctones ao papel secundário, isto é, de objetos e não sujeitos de suas próprias narrativas.

Os autores indicam, em razão dos dois tópicos anteriores, que essa reatualização da obra a cinge a um pensamento alternativo, esse que se encontra em um espaço intersticial, cujo estatuto híbrido possibilita o manuseio crítico e paródico dos signos do outro, como o canônico de Scott. Acerca disso, é vultoso mencionar que tal criticidade, embebida em um teor descolonizador, não é fortuita, pois ela se enquadra em uma intenção, seja escritural ou política. Sublinhamos, nesse caso específico, a relevância do texto para o seu contexto empírico: em um momento em que as colônias começavam a se tornar autônomas (Uslar Pietri, 1974), a necessidade de construir novos modelos de indivíduo, ou mesmo de pensamento, converteu-se em algo preeminente, achando-se, aí, o seu propósito: o de fornecer à intelectualidade mexicana um imaginário não novo/original, mas distinto ao estabelecido.

Com base nessas apreciações, que dizem respeito à relação entre a elaboração das imagens da diegese, à sua ideologia e aos propósitos que a revestem, podemos derivar ao menos cinco

[62] O artigo "*Xicoténcatl* (1826) no polissistema latino-americano e a sua tradução: uma reflexão possível do entre-lugar e a desconstrução de Hernán Cortés" (Berndt, Cerdeira, Del Pozo González, 2021) aborda a problemática do romance histórico latino-americano e a sua construção discursiva subversiva. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/13368. Acesso em: 01 out. 2024.

atributos constitutivos de *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020). Para apresentar, organizadamente, o agregado de transformações promovidas no espaço latino-americano por tal artefato, dispomos, no **quadro 5**, abaixo exposto – que adapta a análise já exposta por Del Pozo González (2017) e Fleck (2017; 2020) –, os itens, com as suas numerações para eventuais retomadas, e as suas pormenorizações teóricas:

Quadro 5: Características do primeiro romance histórico latino-americano: *Xicoténcatl* (1826), Anônimo

Número	Nome	Descrição
1	Diegese mono-nivelar	Recuperação dos acontecimentos históricos pela ficção, que traz as personagens de extração histórica ao primeiro e único nível da diegese, ao revés da modalidade clássica scottiana, que apresentava um sistema bi nivelar;
2	Protagonismo das personagens de extração histórica	Ao contrário de Scott, observa-se uma centralidade dos actantes de extração histórica, que são os protagonistas (Xicoténcatl filho; Malinche, Cortés, Ordaz, Magiskatzin);
3	Focalização vista de baixo	Foco estabelecido na perspectiva dos colonizados, dos vencidos e silenciados pelo discurso historiográfico, que têm, no espaço romanesco, um lugar de enunciação do discurso que se torna crítico frente aos registros oficiais, desconstruindo a ideia de uma "única" verdade;
4	Subversão/ paródia dos materiais históricos	A inserção de material histórico tradicional, sobretudo aquele de Solís (1789), por meio de citações diretas, assinaladas, é usada parodicamente, para embasar uma outra visada da História, "num exercício consciente de intertextualidade" (Fleck, 2020, p. 42);

5	"Anástrofe" das dicotomias scottianas	Em oposição ao discurso tradicional, no qual os indígenas eram postos como os vilões e os espanhóis como heróis, portadores da fé cristã, há uma inversão do maniqueísmo: enquanto os tlaxcaltecas, mexicas e afins são alçados à posição de heróis, portadores de uma honestidade e retidão sem iguais, os invasores são denunciados por suas atrocidades e associados à barbárie.

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2023, adaptado de Fleck (2020).

No quadro acima, constam as mutações elementares viabilizadas por *Xicotécantl* (Anônimo, 2020) quanto ao romance histórico clássico scottiano. A primeira alteração refere-se aos planos da história/diegese, que são reunidos em um único fio narrativo. Por extensão, as personagens retiradas dos relatos históricos também acabam unindo-se a essa trama ficcional, mas, dessa vez, para desempenharem o papel de protagonistas.

Na medida em que essas figuras não são as, geralmente, iluminadas pela historiografia tradicional, marcada por Solís (1789), há uma focalização diversa, pois aqueles que não tiveram "voz" naquelas versões são incorporados, ainda que parcialmente, pelo empreendimento mexicano. Ainda, conforme o **quadro 5**, essa inserção dos outros fundamenta-se tanto em uma paródia dos textos legitimados sobre aquilo que alcunhavam de "a conquista" quanto em uma subversão das dicotomias dominantes (cristianismo x paganismo ou civilização x barbárie).

Voltando ao intuito deste subcapítulo, constatamos, por meio dessa elucidação de aspectos das estratégias escriturais plasmadas na *poiesis* de *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020), das ideologias e das intenções, que, na América Latina, o primeiro romance histórico interpôs-se não somente aos princípios construtivos do modelo scottiano, inaugural do gênero, mas, também, as suas convicções/ideologias, tensionando o modelo pré-estabelecido com as suas projeções e propondo novas formas de pensar a sua própria

História. Nessa perspectiva, o romance histórico não é apenas o extravazamento de demandas extratextuais, pois surge, também, como um agente da construção identitária e nacional mexicana, de um modo inverso ao protótipo scottiano. Interessante reportar-nos à questão de que essa ideologia crítica somente se consagraria posteriormente – com o *boom* latino-americano e as diferentes configurações críticas do romance histórico no século XX –, na medida em que, prontamente, tais vertentes, do século XIX, cederam lugar, à época, a outras, acríticas.

Por seu feitio precursor – no sentido de adiantar um prisma crítico com relação tanto à História quanto ao romance histórico, na América Latina –, o discurso híbrido de História e ficção de autoria anônima "ganha" uma função única no polissistema de nossa América. Tal singularidade acha-se no fato de que, ao mesmo tempo em que apresenta um texto, *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020) também acaba "abrindo" um campo de teorização. Sob essa ótica, a Literatura converte-se em uma ferramenta de saber, na contemporaneidade e, sobremaneira, na esfera educacional, ao ser tomada para se pensar a universidade, o campo de onde enunciamos, desde um discurso liminar (Berndt; Cerdeira; Del Pozo González, 2021).

Como mencionamos, a recepção dos fatores estruturantes da modalidade clássica scotianna não foi, porém, uma questão exclusiva do México. Simultaneamente a esse processo, outros autores, oriundos de espaços díspares, também "acolheram" o legado de Scott, conservando-o ou o alterando, conforme os seus objetivos. Levando em conta a finalidade desta escrita, passamos, no próximo subcapítulo, ao âmbito anglo americano, com destaque para os Estados Unidos da América, que, concomitantemente ao antigo Vice-reinado da Nova Espanha, foi uma das primeiras nações a abrigar os romancistas que repercutiram as escritas provindas da Europa.

2.1.2 Produções anglófonas na América: paradigmas do romance histórico clássico scottiano

Na subseção anterior, versamos sobre a primeira reação aos padrões escriturais do romance histórico romântico europeu, materializada na América Latina. Conforme apontamos previamente, discorremos, neste segmento de nosso texto, acerca de como tal encadeamento conformou-se no cenário anglo-americano/estadunidense. Para isso, recorremos ao nascimento do gênero romanesco no continente, para, em seguida, enfocarmo-nos nas peculiaridades do romance histórico.

A América anglófona corresponde a Belize, Canadá, Estados Unidos da América, Guiana, Jamaica e uma série de ilhas caribenhas que ainda estão sob o estatuto colonial. Cada uma dessas nações teve as suas singularidades literárias, apesar da influência britânica ter sido fundamental, dado o fato de a maioria ter sido colônia durante, ao menos, trezentos anos. Nesse ambiente de enfrentamento com os ditames do "Velho Mundo", o romantismo, em seu sentido mais amplo, como aquele sugerido por Gravil (2000), que abarca desde os transcendentalistas até os pós-românticos, exerceu um papel pragmático no soerguimento da escritura nessa parcela do continente e na construção dos imaginários das novas pátrias.

A despeito de tal compasso com relação ao romantismo, identificamos, no cenário da escrita anglófona, uma diferença temporal considerável entre as criações daqueles romancistas ao Norte e ao Sul do Rio Bravo. Enquanto na Jamaica, tais produções remontam a Thomas MacDermot (1870-1933), no Canadá e nos Estados Unidos elas são respectivamente inauguradas pelos romances *The history of Emily Montague* ([1769] 1974)[63], de Frances Brooke (1724-1789), e *The Power of Sympathy: or, The Triumph of*

[63] BROOKE, Frances. 1974. *The history of Emily Montague*. New York: Garland, 1974.

Nature ([1789] 2012)[64], de William Hill Brown (1765-1793). Verificamos, portanto, uma diferença marcante.

Gravil (2000) ainda enumera, nos Estados Unidos, as escrituras dos pré-românticos Samuel Williams (1743-1817), Gilbert Imlay (1754-1828), William Ellery Channing (1780-1842) e Estwick Evans (1787-1866). Tais autores estariam refletindo, de acordo com o teórico, sobre a própria identidade do país que se formava a partir das treze colônias: os Estados Unidos. O primeiro aludido em sua lista, redigiu, por exemplo, *A discourse on the love of our country* ([1774] 2012)[65] e *The natural and civil history of Vermont* ([1809] 2010)[66], onde "atribui a independência dos Estados Unidos a nada mais do que a educação da natureza do homem[67]" (Gravil, 2000, p. 78). Esse discurso já revela alguns dos *topos* que foram cristalizados pela tradição: a ideia da própria natureza dar ao homem (aqui o signo pode ser entendido no sentido exclusivo e inclusive sexista) o seu conceito de liberdade, que, nesse caso, é republicano, estadunidense e etnicamente centrado.

Esse breve enquadramento das primeiras obras produzidas no espaço sociocultural analisado auxilia-nos a destrinchar o estado da escrita e a posição na qual os Estados Unidos, isto é, os seus escritores/romancistas, localizava-se nesse período que se interpõe entre a sua independência e a ascensão do romance histórico da modalidade clássica scottiana na Europa. Em síntese, vemos que, além de já existir um processo de consolidação do romance em andamento, com publicações iniciadas antes do século XIX, a preocupação inicial recaía sobre o afã romântico de forjar novos

---

[64] BROWN, William Hill. *The Power of Sympathy:* or, the triumph of nature. 2.ed. United States of America: Gale/Sabin Americana, 2012.

[65] WILLIAMS, Samuel. *A discourse on the love of our country*: delivered on a day of thanksgiving, December 15, 1774. United States of America: Gales/Sabin Americana, 2012.

[66] WILLIAMS, Samuel. *The natural and civil history of Vermont*. United States of America: Gale Ecco, 2010.

[67] No original consta: [...] *atributes the Independence of United States to nothing Other than nature's education of man* (Grail, 2000, p. 78).

sentimentos nacionais, opostos aos ingleses, mas não, necessariamente, aos europeus.

Em decorrência, não é surpreendente que, com a difusão da modalidade clássica scottiana, na Escócia e, posteriormente, em toda a Europa, os romancistas estadunidenses, em pleno processo de ascensão criativa, tenham "respondido" de acordo com os seus interesses tais formulações, que eram acolhidas tanto por historiadores quanto por escritores literatos. Dekker (1987) confirma essa possibilidade, apontando o que se segue: "Inspirados pelas evocações scottianas afetivas e, de fato, patrióticas das cenas e dos modos da velha Escócia, os romancistas históricos estadunidenses voltaram-se para a história dos seus próprios estados e regiões para compor a matéria das suas ficções [68] " (Dekker, 1987, p. 62). Tomando, pois, as impressões scottianas da Escócia, os romancistas desse espaço histórico-social começaram, assim, a replicar o procedimento, mas tomando como conteúdo as suas localidades específicas.

Logo, traçar um quadro de quais seriam as primeiras reações estadunidenses é um procedimento simultaneamente arqueológico e analítico, que requer um objetivo delineado e uma metodologia adequada ao material. Para reduzir e definir um escopo condizente, baseamos nossas apreciações nos levantamentos já feitos por Lukács (2011), Dekker (1987), Sommer (1993) e outros, cujos estudos enfocam no surgimento do romance histórico nos Estados Unidos.

Contudo, antes de prosseguir, é importante ressaltar que esses teóricos não buscavam desmontar o entrecho dos romances, com o intuito de "catalogar" um romance histórico como totalmente pertencente à modalidade clássica scottiana ou não. Ao menos duas razões assomam-se para explicar tal fato.

A primeira é que a epistemologia acionada por eles se vincula mais à de Lukács (2011), para quem só havia a forma clássica do

[68] No original consta: *Inspired by Scott's affectionate, indeed patriotic, evocations of the scenes and manners of old Scotland, American historical romancers turned to the histories of their own states and regions for the matter of their fictions* (Dekker, 1987, p. 62).

romance histórico e outras variações, do que à visada adotada neste nosso estudo, que encontra os seus aportes em Márquez Rodríguez (1991) e, sobremaneira, nos estudos que publicamos em 2017. Essa divergência nasce não por uma suposta "superioridade" teórica do último com relação aos estudos que nos levaram à obra de 2017, mas pelo fato de que esses estudos abrangem diferentes vertentes do romance histórico que Lukács não seria capaz de abordar, por haver redigido o seu ensaio antes da emergência daquilo que nós assinalamos, em nossa obra de 2017, como sendo o conjunto crítico dos romances históricos (1930/1949 ao presente), ao iluminarmos, na citada obra, diegeses que contestaram o conteúdo consagrado pelas vertentes históricas românticas/nacionalistas ou positivistas.

O segundo motivo refere-se ao feito de que, ao invés de tomarem algumas das características e as contrastarem ao texto de modo absoluto, para dar o veredito ou a palavra final, predomina, embora não explicitamente, a ideia do "dominante" de que teoriza Jakobson ([1935] 1995). Isto é, apesar de um *corpus* hipotético apresentar certos atributos destoantes com relação à forma clássica, eles levam em conta o tom principal do texto e não as suas exceções. Isso se dá, também, em razão de uma parte desses estudos não considerar determinadas características apontadas no **quadro 3**, como o aspecto narracional, no caso do próprio Lukács (2011).

Com essas discrepâncias em nosso horizonte, podemos retornar ao propósito deste subcapítulo e percorrer alguns dos textos que poderiam haver, pela primeira vez, contemplado o romance histórico em solo estadunidense. Um dos primeiros romancistas citados por Robertson, em "*Walter Scott and the American historical novel*" (2014), é Charles Brockden Brown (1771-1810), um romancista da Filadélfia, anterior ao próprio Scott. A razão de tal inclusão encontra-se na ideia de que, para a crítica, tal autor teria não somente adiantando certas proposições contidas nas escrituras do escocês, como também rivalizado com o europeu durante a primeira metade do século XIX, o que o britânico rejeita.

Em uma de suas inserções, Scott sugere que o seu homólogo estadunidense tinha alguns problemas com as suas escolhas e

influxos. Retirada de uma biografia, a passagem a seguir ilustra esse argumento:

> Brown tinha poderes maravilhosos, como muitas das suas descrições mostram, mas eu acho que ele se desviou por cair na influência de maus exemplos, prevalecentes em seu tempo. Se ele tivesse escrito os seus próprios pensamentos, ele teria sido, talvez, imortal: ao escrever os dos outros, a sua fama foi claramente efêmera [69] (Goodrich, 1856, p. 42).

O literato reconhece uma falha entre a potencialidade de Brown e a efetivação dessa capacidade na obra. Ademais, Scott atribui tal "paráclase" às influências do filadelfiense, que o teriam encaminhado a uma atuação não produtiva, do ponto de vista do romance histórico.

Logo, verificamos um certo distanciamento entre as duas produções, que não se situam, precisamente, no mesmo campo escritural. Uma segunda aprofundada por Robertson (2014) é, no entanto, *The Linwoods; or, "Sixty Years Since" in America* (1835)[70], de Catharine Maria Sedgwick (1789-1867). O primeiro elemento que se destaca nesse romance de Sedgwick (1835) é o subtítulo, que se liga, diretamente, ao de *Waverley* (Scott, 1985). Tal escolha, classificada como paratextual, na linguagem de Genette ([1987] 2009), revela, desde antes das primeiras páginas, a associação que a autora busca com a sua escritura.

No tecido desse romance, os leitores contemplam um conto patriótico cujo interior combina fatos que Robertson (2014) caracteriza de públicos e ficções domésticas sobre a Guerra de Independência (1775-1783). Seguindo uma visão romântica do

---

[69] No original consta: *Brown had wonderful powers, as many of his descriptions show; but I think he was led astray by falling under the influence of bad examples, prevalent at his time. Had he written his own thoughts, he would have been, perhaps, immortal: in writing those of others, his fame was of course ephemeral* (Goodrich, 1856, p. 42).

[70] SEDGWICK, Catharine Maria. *The Linwoods; or, "Sixty Years Since" in America*. New York: Harper & Brothers, 1835.

pretérito, a sua diegese exibe ainda uma rebelião antibritânica que trouxe integração nacional e um novo começo, não "exílio, exclusão ou compromisso ideológico[71]" (Robertson, 2014, p. 111). Ademais, uma profusão de paralelismos é desenhada pela crítica a partir da comparação das personagens dessa romancista e de Scott, como Meg Merrilies de *Guy Mannering* (2003), Effie Deans de *The Heart o f Mid-Lothian* ([1818] 1866) e outras.

Como Robertson (2014) mesmo indica, essas duas publicações mencionadas, a despeito da relevância que tiveram no que se refere à recepção do gênero, não foram nem "centrais" na constituição do romance histórico estadunidense nem "originais" na formulação de um novo modelo que pudesse ser replicado no cenário anglo-americano/estadunidense. No lugar de tais escritores, alguns dos nomes citados pela teórica são os de John Pendleton Kennedy (1795-1870), Simms e Cooper, autores anteriores àqueles.

O primeiro tem o seu maior sucesso editoral com *Horse-shoe Robinson: A Tale of the Tory Ascendency* (Kennedy [1835] 2011), publicado pela Lea & Blanchard, nos Estados Unidos. Como ambientação, Kennedy (2011) elege a revolução de independência estadunidense, com destaque para ações que tomam lugar nas montanhas ocidentais das Carolina do Norte e Sul e da Virgínia. O ponto alto desse fundo que se baseia na História é o confronto entre os rebeldes e os seguidores do rei, que entrou para os anais como *Battle of Kings Mountain* (1780). No nível principal dessa trama, assomam-se personagens ficcionais, como o sargento Horse-shoe Robinson, e históricos, como o general Charles Cornwallis.

O segundo é marcado por criações como *The Partisan* (Simms, [1835] 1976)[72] e *Yemassee* (Simms, 1962). No último, são postos em cena os Tories, um partido conservador inglês, em oposição aos habitantes originários Yemassee, como pano de fundo para as ações do lorde Charles Craven, do seu escravo Hector, do fazendeiro

[71] No original costa: [...] *exile, exclusion, or ideologic compromise* (Robertson, 2014, p. 111).

[72] SIMMS, William Gilmore. *The partisan*. Spratanburg: Repr. Co., 1976.

Walter Grayson e outros. O jogo de forças históricas que atuam como "papel de parede" para as peripécias de personagens ficcionais assemelha-se com o tratamento dado ao material histórico por Scott, de sorte que "não surpreendentemente, os seus condenados Tories carolínios e indígenas Yemassee comportam uma semelhança muito marcante com os jacobitas e "highlanders" contrarrevolucionários[73]" (Dekker, 1987, p. 62). Robertson (2014, p. 120) destrincha a questão no trecho a seguir:

> Simms cita os romances de Scott como exemplares da "harmoniosa façanha" do mundo ficcional. A frase é notável, o tom imperturbável. Os romances de Simms adotam silenciosamente algumas das convenções de Scott, mas são essencialmente progressistas, tratando o material da história como algo para ser corretamente seguido, ao invés de complicado, e focando na ação, no movimento e na imediaticidade[74].

Robertson (2014) aclara o modo como Simms agrega, na estrutura de seu discurso, convenções scottianas, de uma maneira que leva mais em conta o desdobramento das angústias das personagens do que as minúcias histórico-documentais. Para Dekker (1987), essa "simplificação" do movimento das forças históricas está diretamente relacionada à incorporação do modelo scottiano por um conjunto de obras precursoras tanto de Kennedy (2011) quanto de Simms (1962). Segundo o crítico, esse grupo seria composto por *The Spy* ([1821] 1875), o primeiro romance histórico,

---

[73] No original consta: [...] *not surprisingly, his doomed Carolinian Tories and Yemassee Indians bear a very reconizable Family likeness to Scott's counterrevolutionary Jacobites and Highlanders* (Dekker, 1987, p. 62).

[74] No original consta: *Simms cites Scott's novels as examples of "the harmonious achievement" of a fictional world (Views and Reviews 1962, 265). The phrase is striking, the tone untroubled. Simms's novels silently adopt some of Scott's conventions but are essentially forward looking, treating the matter of history as something to get right rather than to complicate, and focusing instead on action, pace, and immediacy of impression* (Robertson, 2014, p. 120).

e *The Leatherstocking Tales* ([1823-1841] 2012), ambas do terceiro autor listado acima: James Fenimore Cooper.

Embora o nosso plano não seja o de sondar a figura do autor, Cooper, que apenas nomeamos até esta parte de nosso estudo, desempenhou uma atribuição fundamental no espaço anglófono da América do Norte, principalmente no que se refere à recepção das narrativas scottianas. Antes mesmo de Sedgwick, Kennedy e Simms, o novaiorquino havia preenchido o cenário literário, com romances históricos de toda sorte, no mesmo ritmo folhetinesco de Scott. Mas, para mais além do ritmo escritural, a proximidade como que "metodológica" de suas obras com as do europeu conferiu a ele a fama de o "Scott estadunidense", como atesta Kingsley (2010). Não obstante, conforme registrou em textos e cartas, organizadas em *Correspondence of James Fenimore Cooper* (Cooper, 1971), tal título não lhe agradava, pois ele entrevia, em suas diegeses, elementos originais.

Pese o desgosto de Cooper ao ser comparado a Scott, a aproximação das criações literárias de ambos levou o próprio Lukács, aquele que inaugura de maneira contundente o estudo sobre o gênero, a indicar que Scott "[...] teve apenas um discípulo que adotou e até deu continuidade a determinados princípios de sua temática e forma de figuração: o norte-americano Cooper" (Lukács, 2011, p. 85). Essa vinculação não é, também em nossa visada analítica, fortuita, em razão de os procedimentos empregados para efabular as problemáticas estadunidenses serem análogos aos manipulados pelo escocês e os seus imitadores.

Para organizar a exposição das obras do autor novaiorquino, dispomos abaixo o **quadro 6**, contendo os seus romances históricos. Nele, agregamos as datas de publicação e de figuração, no interior da diegese:

Quadro 6: Lista de romances históricos produzidos por James Fenimore Cooper

Título do romance	Ano da publicação	Período histórico da diegese
Precaution	1820	1813-1814
The spy: a tale of the neutral ground	1821	Década de 1780
The Pioneers: or, the sources of the Susquehanna	1823	1793-1794
The Pilot: a tale of the sea	1824	1780
Lionel Lincoln: or, the leaguer of Boston	1824	1775-1781
The last of the Mohicans: a narrative of 1757	1826	1757
The praire	1827	1805
The redrover: a tale	1827 (França) e 1828 (EUA)	1759
The wept of wish-ton-wish: a tale	1829	1660-1676
The water-witch: or, the skimmer of the seas	1830	Século XVIII
The bravo: a tale	1831	1713
The heidenmauer: or, the benedictines, a legend of the rhine	1832	Século XV
Homeward bound: or, the chase: a tale of the sea	1838	1835
Home as found: sequel to hemoward bound	1838	1835
The pathfinder: or, the inland sea	1840	1759
Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay	1840	1492-3
The deerslayer: or, the first warpath	1841	1740-5
Wyandotté: or, the hutted knoll. A tale	1843	1763-76
The oak openings: or, the bee hunter	1848	1812

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Apresentamos, levando esse rol de obras, o modo pelo qual Cooper cultivou, paulatinamente, as propriedades da modalidade

clássica scottiana do romance histórico, pela primeira vez, não somente nos Estados Unidos, mas na América. Ainda que a poética articulada nesse impulso de reprodução do modelo europeu constitua o enfoque inicial, não deixamos de realçar o conteúdo figurado, que foi igualmente fundador de imagens/estereótipos, discursos e temáticas, ao passo que excluiu de suas contabilizações as vozes de outros.

Isso posto, verificamos que o trânsito do artista pela escrita começou no início do século com elaborações de cunho historiográfico, que não obtiveram sucesso editorial. Contudo, digno de nota é a seu primeiro romance, *Precaution* (Cooper, [1820] 1912), que ostenta uma construção madura, apesar de distinta daquela que os seus leitores contemporâneos estão acostumados, dada a influência do romance de costumes ou urbano, como os de Jane Austen (1775-1817), do qual Cooper parece extrair a sua materialidade discursiva. Incluindo ou não a ideia do influxo, essa produção demonstra um intento do escritor de se aventurar na esfera folhetinesca e de materializar, pela escrita, os valores de uma época passada.

No entanto, a obra pela qual Cooper se consolidou, gerando, conforme Kingsley (2010), milhares de vendas, que o transformaram durante a primeira metade do século no segundo autor mais vendido nos Estados Unidos, logo atrás de Edgar Allan Poe, foi a coleção de romances unidos pelo nome de *The Leatherstocking Tales* (2012), isto é, contos dos desbravadores. Essa agregação, que foi redigida entre os anos de 1823 e 1841 é composta por cinco romances, que são, pela ordem de publicação, os seguintes: I) *The Pioneers: The Sources of the Susquehanna; A Descriptive Tale* ([1823] 1832), que se ambienta em 1793; II) *The Last of the Mohicans: A Narrative of 1757* ([1826] 1960), cujo enredo mantém-se na data enunciada no subtítulo; III) *The Praire: A Tale* ([1827] 1964), que procede para 1804; IV) *The Pathfinder: The Inland Sea* ([1840] 2000), onde há um retorno para o século XVIII; V) *The Deerslayer: The First War Path* ([1841] 1968), que engloba parte das décadas de 1740 e 1750.

Como a série não foi concebida como tal desde o começo, aquilo que cinge as obras é menos as relações entre a estrutura dos acontecimentos figurados do que o assunto e a problemática presentes. Porém, antes de proporcionarmos uma intercessão entre tais romances históricos e a questão histórico-filosófica inculcada em suas diegeses, pausamos brevemente no traço paratextual que os une: a figura do "*Leatherstocking*".

Como indica Smaha (2015)[75], esse/essa figura/sujeito era, geralmente, um homem, caçador de peles, branco e livre, que se sustentava com o lucro da sua empreitada. Além disso, tomava a pele de couro de animais para se vestir, de onde provinha, pois, a sua aparência rústica e aventureira. Segundo Junqueira (2003, p. 13), precisamente "aí estaria a origem da palavra: *leatherstocking* refere-se ao homem que estoca peles – um dos atores da conquista – o primeiro a reconhecer o terreno e a travar contato com os índios desconhecidos da região". Essa é, por extensão, uma das personagens centrais, específica do espaço e do tempo dos Estados Unidos pré-revolucionário e independente/republicano, estando, assim, conectada não somente ao afã colonial, mas ao expansionista estadunidense, que, no momento mesmo da escrita de Cooper, passava a triplicar o seu tamanho, com base na tomada dos territórios habitados pelas comunidades autóctones originárias.

Ainda que lateralmente, o fundo ideológico que sustenta a imagem do coletor de couros é o mesmo que sustenta as intenções delineadas ao redor da problemática que perpassa os cinco textos da série. Na interpretação de Lukács (2011, p. 85), "em seu imortal ciclo de romances [História dos Meias de Couro], Cooper coloca no centro da figuração um importante tema de Walter Scott: o declínio

[75] A dissertação de Rodrigo Smaha, intitulada *Romances históricos americanos: The Last of the Mohicans (1826), Xicoténcatl (1826) e O Guarani (1857) – configurações das identidades Ameríndias* (2015), foi orientada pelo professor Dr. Gilmei Francisco Fleck. O texto logra analisar a caracterização dos nativos na época romântica, traçando um comparativo entre os cenários estadunidense, hispano-americano e brasileiro. O texto está disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/2429. Acesso em: 01 out. 2024.

da sociedade gentílica". Com a expressão "declínio da sociedade gentílica", o filósofo remete-se, eufemisticamente, à destruição das sociedades civis "pagãs" europeias, em Scott, quanto das autóctones americanas, em Cooper, que ganham território nas tramas dessa série do escritor estadunidense, tornando-se não uma temática a mais, mas, sim, parte do tópico fulcral.

Em todos esses romances, a inclusão de tal motivo, que se converte em temática na Literatura Estadunidense, também não é gratuita, pois o declínio aparece a partir de uma estruturação particular das funções (os acontecimentos) e das personagens: trata-se da incorporação da dialética hegeliana que foi, previamente, reconstituída por Scott, mediante a sua modalidade clássica do romance histórico. Em outras palavras, as situações são formatadas por Cooper de um modo dicotômico, com os "retrógrados/decadentes" habitantes originários ou "peles vermelhas" de um lado e os "progressistas" colonos brancos (associados aos estadunidenses, embora tal conceito não existisse no tempo histórico recuperado) de outro. Tal proposição é decomposta na citação abaixo:

> Em Scott, trata-se de um desenvolvimento conflituoso que durou um século, de diferentes formas de assimilação dos resquícios da sociedade gentílica pelo sistema feudal – e, mais tarde, pelo capitalismo nascente – e do lento e tenso declínio dessa formação. Na América, a contradição da história é posta de modo muito mais brutal e imediato: o capitalismo colonizador da França e da Inglaterra destruiu física e moralmente a sociedade gentílica dos índios, que durante milênios se conservou quase inalterada (Lukács, 2011, p. 85).

Lukács (2011) destaca que, no agrupamento de romances abarcado por sua análise, emerge o movimento de síntese que se perfaz entre os valores das sociedades originárias da América e o mercantilismo ou protocapitalismo levado pelos estrangeiros a esse território de modo brutal/radical. O quadro histórico do ciclo de

obras vivifica, portanto, esse tensionamento, que não moraliza a tese (sociedades autóctones) ou a antítese (colonos que trazem a modernidade) explicitamente, mas implicitamente, pois nos cinco textos não há espaço para um diálogo pleno ou uma confrontação discursiva entre as duas perspectivas. Tal sublevação de somente uma das vertentes implica um feitio, majoritariamente, monológico, segundo a terminologia proposta por Bakhtin (1981).

Com base em tal montagem dialógica da História, que já estava presente dispersamente nas narrativas historiográficas tradicionais de Irving (1828), por exemplo, Cooper forjou, no campo simbólico, alguns dos mitos nacionais estadunidenses. Em concordância a Junqueira (2003), em *The Pioneers* (Cooper, 1832), por exemplo, há, além da descrição e do engrandecimento do Estado de Nova Iorque, a construção do imaginário da conquista do Oeste. Por essa entrada, a tomada vagarosa das terras ao Ocidente das treze colônias, ainda no período do domínio britânico, pelos exploradores e posseiros, é justificada por uma sorte de direito natural, semelhante ao de Tocqueville ([1835] 1987). Assim, vemos que, também, a Literatura acabou participando, ativamente, da escritura do ideário colonialista que forjou o discurso da modernidade ao longo de séculos, ocultando, como aponta Mignolo (2007, p. 2), o lado mais escuro desse processo: a colonialidade. Nesse sentido, o teórico aponta que

> [...] a colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada. [...]. A colonialidade é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade (Mignolo, 2007, p. 2-3).

Em decorrência dessa proposta de "modernidade/civilidade", ao contrário do que se costuma inferir, o projeto de Cooper com relação à figuração da expansão rumo ao Oeste recai, nesse primeiro momento de *The Leatherstocking Tales* (Cooper, 2012), não

sobre os pequenos exploradores, interessados em um enriquecimento individual, mas no homem – de ascendência europeia –, republicano, culto e latifundiário. Junqueira (2003) corrobora essa interpretação ao ponderar que, nas imagens contidas na diegese do romance em tela, não se ressalta o pequeno fazendeiro, pois, em sua lógica, "as bases do mito foram estruturadas defendendo inicialmente a grande propriedade privada norte-americana" (Junqueira, 2003, p. 22).

O crítico avança em sua proposição ao associar o discurso do romance e a posição ideológico-política do escritor. Ele indica que, "em 1838, o autor [Cooper] firmava a sua posição no texto *The American Democrat*, desgostoso com os feitos do presidente Andrew Jackson, que considerava um demagogo, e com os rumos da sociedade norte-americana" (Junqueira, 2003, p. 22). O posicionamento do romancista pode ser visto pela citação abaixo, extraída do texto mencionado:

> Como a propriedade é a base de toda civilização, sua existência e segurança são indispensáveis para a melhoria social. Onde existe uma rígida igualdade de direitos, as condições baixam para uma escala de mediocridade, uma vez que é impossível elevar aqueles que não possuem os requisitos adequados de qualidade (Cooper, [1838] 1959, p. 169).

Cooper ([1838] 1959) conduz para o âmago da discussão a ideia da existência e da segurança da civilização. Com essa noção do cuidado/cultivo, ele opõe o seu ideal, implicitamente, à barbárie e, explicitamente, à mediocridade da sociedade civil, que seria, em sua mirada, a consequência de uma igualdade de direitos rígida. Para ele, tanto a barbárie quanto a mediocridade não poderiam ser transformadas, nem mesmo com uma educação colonizadora, tal qual propuseram os jesuítas, séculos antes, por exemplo.

Podemos inferir que nesses dois grupos encontram-se aqueles que não estão dentro do seu modelo político e epistêmico de nação, como os supostos "selvagens" colonos e os habitantes originários,

que são, pela dicotomia hegeliana articulada em suas obras, dispostos como a tese a ser superada pelo progresso da História. Adiante, o autor reorganiza esses conceitos, criando, argumentativamente, uma oposição em gradiente entre aqueles sujeitos com qualidade (acima) e os que não a possuem (abaixo).

Por extensão, surge, do seu argumento (um *topos* argumentativo[76]) de caráter gradual (Ducrot, 1989), a convicção de que somente aqueles com as qualidades almejadas, isto é, dentro do grupo pré-definido, podem guiar a construção de uma civilização sã, como sugeriu Junqueira (2003). Logo, Cooper (1959) prende-se, tal como os leitores podem constatar pela configuração dos heróis de seus romances, a uma defesa da superioridade de um extrato étnico, social e econômico da sociedade dessa pátria em formação identitária, com base em uma alegação de cunho não somente meritocrático ou tecnocrático, mas nacional-progressista (a melhoria e o desenvolvimento civilizacional) e sectarista.

Esse argumento que baseia o seu discurso é potencializado no romance posterior ao envolvido pelo artigo de Junqueira (2003): *The Last of The Mohicans*[77] (Cooper, 2015). O evento selecionado como pano de fundo para a sua diegese é o massacre do Forte William Henry, durante a guerra travada entre os ingleses e franceses, que logram ter o apoio dos Iroqueses, no século XVIII. No primeiro nível, há o retorno da personagem Natty Bompo, sob o nome de Hawkeye, um nativo que trabalha para os britânicos, e

[76] A ideia do *topos* argumentativo diverge daquela do *topos* narrativo mencionada anteriormente. Trata-se da vertente que advém, não da poética, mas da retórica aristotélica. Segundo tal corrente, os *topoi* são lugares-comuns da argumentação, isto é, moldes do que e como arguir. Ducrot (1989) reconhece neles diretrizes ou características que os constituem, dentre as quais se sobressai o seu caráter gradual, isto é, o fato da ideia se configurar com base em uma estrutura gradiente.
[77] A dissertação *Romances Históricos Americanos: The Last of The Mohicans (1826), Xicoténcatl (1826) e O Guarani (1857) – Configurações das Identidades Ameríndias* (2015), defendida por Rodrigo Smaha, no contexto do PPGL-Unioeste/Cascavel-PR, traça importantes paralelos entre essas produções românticas e seus projetos ideológicos de nação. Recomendamos a leitura desse texto disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/2429. Acesso em: 26 jun. 2022.

a aparição de personagens ficcionais Delaware – Chingachgook e o seu filho, Uncas. Também estão presentes o major Heyward e David. Após interatuar com Cora e Alice Munro, filhas de um coronel aliado, eles passam o restante da trama resgatando-as dos adversários alinhados aos franceses (*topos* da cativa).

A sucessão das ocorrências levanta a possibilidade de uma paixão entre Uncas e a considerada gentil Cora, uma mestiça. Apesar da voz enunciadora lamentar a vitória da civilização sobre a natureza e os seus habitantes ditos "selvagens", esses indelevelmente sucumbem à força do progresso, tal como em *The Pioneers* (Cooper, 1832). Essa deterioração é materializada pela morte da mestiça, cujo ato é constituído como se segue, no final do penúltimo capítulo:

> No momento em que voltava a levantar a arma mortífera, ressonou sobre a sua cabeça um grito agudo, proferido por Uncas, que, não podendo se conter, lançou-se de uma prodigiosa altura sobre a borda perigosa em que se encontrava o seu inimigo e, enquanto o Magua dava um passo atrás, cravou a faca no peito da jovem[78] (Cooper, 2015, p. 499).

Na sequência de uma série de confrontos realizados em uma densa floresta, em razão da necessidade de recuperar Cora, o protagonista acaba ingressando em uma caverna ou formação rochosa, onde toma lugar a ação narrada acima. Como é possível notar pelo trecho negritado, a personagem, em uma circunstância irrefreável, é mortalmente ferida por um dos seus captores. Com efeito, encerra-se, dramaticamente, qualquer esperança de uma

[78] No original consta: *The form of the Huron trembled in every fibre, and he raised his arm on high, but dropped it again with a bewildered air, like one who doubted. Once more he struggled with himself and lifted the keen weapon again; but just then a piercing cry was heard above them, and Uncas appeared, leaping frantically, from a fearful height, upon the ledge. Magua recoiled a step; and one of his assistants, profiting by the chance, sheathed his own knife in the bosom of Cora* (Cooper, 2015, p. 499).

união interétnica entre o que, por um ângulo de leitura, pareceria ser o herói e a heroína.

Para problematizar o que chamamos previamente de a potencialização do argumento cooperiano proporcionada nesse romance, evocamos Sommer, que, em "*Plagiarized authenticity: Sarmiento's Cooper and others*" ([1991] 1993), traz à tona uma indagação mais retórica do que sincera: qual seria o motivo de Cooper assassinar a "pobre" Cora, segundo a enunciação da crítica, em *The Last of the Mohicans* (1960)? Seguido de um tardamento tão longo (praticamente 90% das páginas que compõem a obra), por intermédio do qual somos expostos ao heroísmo, generosidade, desenvoltura e retidão de Cora, a sua morte parece completamente imerecida, na esfera da recepção. Em tal raciocínio de exaltação, por que pintar uma Cora extraordinária, para, em seguida, condenar-nos, como leitores, a negar "a fantasia contínua de possuí-la ou sê-la?[79]" (Sommer, 1993, p. 52). Uma provável resposta é dada pela crítica no parágrafo seguinte:

> Um dos problemas aqui é que ela nem sequer é a heroína. Nem, muito menos, é o Moicano Uncas o seu herói. Cora é uma mulher marcada por um passado racialmente cruzado que comprometeria a clara ordem que Cooper queria para os Estados Unidos. E é precisamente por isso que, tragicamente, ele tem que eliminá-la: para impedir-nos de legitimar amantes que devem acunhar nossa simpatia duradoura. Eles [os heróis] são a infantil Alice, a meia-irmã de Cora, e o seu arrojado pretendente inglês, Major Heyward[80] (Sommer, 1993, p. 52).

---

[79] No original consta: […] *the continuing fantasy of possessing, or of being, her?* (Sommer, 1993, p. 52).

[80] No original consta: *One of the problems here is that she is not the heroine at all. Nor, much less, is the Mohican Uncas her hero. Cora is a woman marked by a racially crossed past that would have compromised the clear order Cooper wanted for America. And this is precisely why, tragically, he has to kill her off: to stop us legitimate lovers who must command our lasting sympathy. They are childlike Alice, Cora`s half-sister, and her dashing English suitor, Major Heyward* (Sommer, 1993, p. 52).

O empecilho dessas perguntas, que nascem como resultado da própria organicidade da intriga, é que, assim como Uncas não é o herói, tampouco é Cora a heroína. A acadêmica argumenta que Cora é estigmatizada por uma mistura racial, propriamente étnica, cujo teor híbrido comprometeria o modelo de sociedade, ficcionalmente, pretendido pelo artista estadunidense. Segundo a sua lógica, é exatamente por essa "mácula", então, que ele, como criador desse universo narrativo, precisa eliminá-la, pois, assim, ele também enterra, pela renarrativização da História da conquista do Oeste, a simpatia, considerada pueril, dos receptores pelo amor de ambos. A autora conclui que os verdadeiros protagonistas seriam, à vista disso, Alice e Heyward, os representantes daquela corrente legitimada por Cooper em *The American Democrat* (1959) e no trabalho inaugural da sua série.

Em concordância a Sommer (1993), esse seria o seu projeto fundacional. Isto é, mais do que a combinação de figuras de linguagem ornamentais, com algum fim puramente formal, tratar-se-ia de um livro que deveria ser tornar o "*America's 'gymnasium of the heart'*" (Sommer, 1993, p. 54). Com tal expressão, a crítica refere-se à necessidade, proposta por Cooper, de um endurecimento da mentalidade e intelectualidade estadunidense com respeito a essas "questões do coração" – a subjetividade – ou, para desmontar a metáfora utilizada pela autora, à pureza étnica. Dessa forma, uma compreensão equivocada ou contrária seria desastrosa para Cooper, como menciona Sommer (1993, p. 54), no extrato abaixo exposto, ao elucidar o seu intuito:

> E Cooper parece particularmente defensivo sobre o seu texto fundador para a América. A adulteração era equivalente a se intrometer na providência, porque o pretexto de Cooper ao escrever era (defender) a própria criação de Deus, a imaculada e natural linha da América. Não se denunciam vestígios de escrita, mas se revela uma criação perfeita que uma elite espiritual poderia herdar, mais verdadeiras do que as histórias escritas covardemente, cujos autores

> evitam críticas e mais verdadeiras do que a Bíblia, em que as intenções de Deus são coloridas pela falível linguagem humana[81].

Segundo Sommer (1993), alterar o seu texto seria, para ele, equivalente a modificar a palavra sagrada, na medida em que a intenção cooperiana era a de proteger a criação divina e intocada do território dos Estados Unidos. Por essa perspectiva, a cosmovisão desse empreendimento narrativo de Cooper (1960) coaduna com a dos exploradores europeus que se dirigiram ao continente americano após a chegada de Cristóvão Colombo. Na lógica posta em circulação por eles, tendo ou não alma, os autóctones seriam considerados seres perdidos do Jardim do Éden, é dizer, "selvagens" – estando, portanto, no lado inverso da civilização, representada pelos europeus/conquistadores. Como essa retórica, os "selvagens" não teriam uma consciência ou alma propriamente humana, as terras por eles habitadas não pertenceriam a ninguém, sendo, assim, o seu direito natural tomá-las e tirar delas o melhor proveito.

Mais à frente, no trecho, Sommer (1993) menciona que o projeto fundacional cooperiano engloba, ainda, os elementos que a elite espiritual da nação deveria herdar. Isso se apoia na percepção de que, seguindo os conceitos defendidos pela narrativa híbrida de História e ficção, eles estariam de acordo com os valores naturais e divinos. Citando as palavras do próprio romancista, a pensadora mostra como, embora se baseie nos registros oficializados para redigir a diegese, ele se opõe a uma classe desses profissionais, que seria tachada de covarde, por não tornar latente essa perspectiva monotópica das circunstâncias.

---

[81] No original consta: *And Cooper seems particularly defensive about his founding text for America. Tampering was tantamount to meddling with providence, because Cooper's pretext for writing was (to defend) God's own creation, the pristine and natural line of America. It denounces no traces of writing but reveals a perfect creation that a spiritual elite may inherit. More true certainly than "cowardly" written histories, whose absent authors avoid criticism and truer even than the Bible, in which God's intentions are colored by fallible human language, America's wilderness in His transparent writing* (Sommer, 1993, p. 54).

Por essa montagem específica, problematizada mediante a ótica introduzida por Sommer (1993), verificamos que a tomada não somente das personagens de extração histórica, mas de todo o ambiente recriado, desde a sua visada colonial, marca o papel forjador de identidades da Literatura cooperiana e do romance histórico romântico estadunidense, que é pela via da modalidade clássica scottiana inaugurado por ele. Sob esse viés, a Literatura, através do romance histórico, passa a corroborar determinadas correntes de pensamento, justificando-as, a fixar modelos de indivíduo, a estabelecer e a fundar discursos, assim como a auxiliar no processo de modelagem da História e da memória de uma nação, nomeadamente a estadunidense.

Mesmo que a empresa escritural referida tenha sido a sua dita obra prima, Cooper não escreveu apenas a pentalogia. Um dos romances que está alocado entre a primeira e a última publicação de *The Leatherstocking Tales* (Cooper, 2012) é, por exemplo, *The Wept of Wish-ton-Wish* (Cooper, [1829] 1871). Por meio de sua história/diegese, somos lançados no século XVII, especificamente na fronteira terrestre entre as Treze Colônias e as nações autóctones, onde, posteriormente, surgiria o estado de Connecticut.

Nessa única amostra redigida sobre a temática fora da série, as personagens que ocupam o centro do espaço mencionado – Wish-ton-Wish – e da preocupação da voz enunciadora são os membros de uma família de colonos que, sem sabê-lo, encarregam-se de adotar Conanchet, o filho do chefe da tribo dizimada pelos donos desse assentamento, em um dos primeiros conflitos travados nessa zona. Eventualmente, Conanchet e Ruth, a filha dessa família, são levados pelos indígenas, como resultado de um outro confronto. A trama se desenvolve de tal forma que, ao final das peripécias, Conanchet, Ruth (que não se lembra dos pais), o seu bebê e a família branca, que é o foco da narrativa, reencontram-se.

Não obstante, como nos romances prévios, um final em que a ideia da "miscigenação" supera a da pureza não é cabível. Diante disso, o indígena acaba falecendo como resultado dos embates contra os britânicos, que são representados como opressores dos

colonos. Conforme deslinda Walker (1978), para finalizar com esse amor maculado, Cooper também "elimina" a jovem, que, ao achar o corpo de seu marido, "Narra-Mattah [Ruth] regressa para a sua infância, conversando e rezando com a sua mãe, como fazia anos antes. Porém, quando ela olha para o morto Conanchet, ela é suspensa em uma sorte de confusão entre o passado e o presente, entre as culturas índia e branca; morrendo ao fim[82]" (Walker, 1978, p. 252). O crítico depreende da cena a morte da personagem não por uma causa externa, mas interna: a impossibilidade da conexão entre os polos do pretérito, marcado por sua herança de base cristã, branca e europeia, e do presente, assinalado por sua "realidade" indígena ou híbrida.

Há, nessa trágica morte, uma lógica que impossibilita pensar uma crioulização de caráter rizomático, não-cêntrica, dispersa, na direção que propõe Glissant (1996)[83]. Tal impossibilidade concretiza-se no âmbito ficcional, pois prevalecem blocos maniqueístas rígidos e insuperáveis em sua estrutura. São precisamente essas noções de unidade e pureza que, como fomos exibindo brevemente, sustentam o discurso não somente de *The Wept of Wish-ton-Wish* (Cooper, 1871), mas, igualmente, o de *The Leatherstocking Tales* (Cooper, 2012) e *Precaution* (Cooper, 1912).

Considerando-se a visão delineada até aqui das obras de Cooper, averiguamos que, desde o início de sua produção, o autor parece associar-se ao grande grupo de escritores de romances

---

[82] No original consta: [...] *regresses to early childhood, talking and praying with her mother as she had done years earlier. But when she gazes at the dead Conanchet, she is suspended in bewilderment between past and present, between Indian and white cultures; thus she dies* (Walker, 1978, p. 252).

[83] Édouard Glissant (1928-2011) foi um escritor, pensador e ensaísta da Martinica. Em *Introduction à une poétique du divers* (Glissant, 1996), ele desenvolveu o conceito da crioulização. Ao abordar elementos relacionados à América Latina e à sua composição étnica, cultural e social, a sua ideia articulou-se a uma desmontagem das categorias puras e fechadas do ser, para uma passagem ao sendo (isto é, à instabilidade do ser): criação, encontro e transformação. Trata-se, portanto, de uma descrição das circunstâncias nas quais o autor estava inserido e uma crítica à estrutura de pensamento, de ser e de fazer unívoca.

históricos que, embebendo-se em uma Filosofia social progressista e tomando emprestada a retórica expansionista do Destino Manifesto[84], poderiam ter o seu tema mais bem definido como "o progresso da civilização e a fundação heroica de uma nova pátria e de um novo caráter nacional[85]" (Dekker, 1987, p. 42), o que os alinha, de certa forma, à retórica da modernidade/colonialidade.

Ainda que algumas das amostras tomadas para esboçar uma visão do projeto literário de Cooper não componham o que os críticos e o público reconheceram como o cânone do autor, elas, junto das *Leathersotcking Tales* (Cooper, 2012), obtiveram um sucesso nacional e internacional. Resultado dessa condição é a tradução para outras línguas, como o caso das numerosas transposições para o português de *The Last of The Mohicans* (Cooper, 2015), mas, também, linguagens, com a abundância de traduções intersemióticas fílmicas e musicais, inclusive pela indústria hollywoodiana, das renarrativizações cooperianas.

Em uma situação análoga está *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856). Conquanto a obra não tenha sido um sucesso de vendas no cenário europeu ou latino-americano, essa se provou crucial para o itinerário dos romances pertencentes à "Poética do 'descobrimento'", como demonstramos em um outro texto (Berndt; Fleck, 2021). Cabe-nos, antes, explicitar que, ao nos referirmos ao termo "Poética do descobrimento'", aludimos ao que Klock (2021, p. 21) explicita, ao mencionar que

---

[84] Ainda que houvesse algumas vozes divergentes no interior dessa filosofia e/ou cosmovisão , o Destino Manifesto foi uma doutrina política e ideológica dos Estados Unidos no século XIX, que defendeu a expansão territorial do país como um direito divino e inevitável. Essa ideia justificou a ocupação de terras indígenas, a anexação de territórios como o Texas, Califórnia e Oregon, e foi usada para legitimar o imperialismo norte-americano. Poder-se-ia agregar que tal discurso, variado no seu interior, concretizar-se-ia tanto na teoria quanto na prática, em ações voltadas para a formação de um imaginário estadunidense, como os romances históricos, ou ações mais efetivas, como as escolhas políticas do período de James Knox Polk (1795-1849).

[85] No original consta: […] *the progress of civilization and the heroic founding of a new patria and new national character* (Dekker, 1987, p. 42).

> […] o conjunto de obras voltadas às releituras das ações de Cristóvão Colombo está congregado em torno da "Poética do 'descobrimento'", categoria que reúne expressões líricas, dramáticas e romanescas que apresentam distintas formas de tratamento literário dado a Colombo e aos eventos protagonizados por ele, em 1492. Por sua extensão, também engloba a história da "conquista" e da colonização do continente americano pela parcela europeia, a luta e a resistência pelas populações nativas e a formação dos povos mestiços originários da América.

Nesse contexto, para avançar sobre o discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), destacando os princípios construtivos empregados e a suas intercessões com o programa ficcional de Cooper, passamos ao subcapítulo consecutivo, que cartografa o texto em sua relação com a modalidade clássica scottiana do romance histórico e a temática do "descobrimento" colombiano.

2.2 *MERCEDES OF CASTILE: OR, THE VOYAGE TO CATHAY* (1840) – O ÚNICO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO SCOTTIANO DA AMÉRICA

No subcapítulo anterior, arrolamos algumas das etapas mais significativas da recepção do romance histórico na América. Em um primeiro momento, mostramos a sua primeira admissão na América Latina. Na sequência, demarcamos esse mesmo processo nos Estados Unidos. Com base em um deslindamento das imagens incluídas nas diegeses escolhidas, arguimos que, enquanto a obra inaugural latino-americana/mexicana do gênero aproximou-se da fase crítica, a estadunidense "filiou-se" à acrítica, cujo discurso está cingido a uma concepção colonial/imperialista. Realçamos, no que se refere à última, a vigência da expressão da modalidade clássica scottiana, com as obras consagradas de Cooper.

Conforme enunciamos, entre as obras do novaiorquino, aquela à qual nos dedicamos é *Mercedes of Castile: or, the voyage to*

Cathay (Cooper [1840], 1856). A obra foi, inicialmente, publicada na cidade da Filadélfia – exatamente onde *Xicoténcatl* (Anônimo [1826], 2020) foi impresso anos antes –, pela editora Lea & Blanchard, a mesma que manipulou textos anteriores do Scott "estadunidense" e de outros/as romancistas históricos conhecidos do período, como os já enumerados Simms, Kennedy e Sedgwick. Esse controle da editora, que se desdobra em alterações do próprio tecido narrativo, como atesta Cooper (1971), em suas cartas, poderia ser lido não como uma coincidência, mas como parte de um projeto mais amplo.

Se seguirmos essa leitura, notaremos um ruído temático ou tópico com relação à materialidade histórica recuperada pelas criações anteriores. Trata-se do fato de nenhum dos romances históricos publicados na sequência das primeiras obras cooperianas, aquelas que inauguram essa vertente literária acrítica no continente, terem retornado tanto no tempo como essa em análise. De fato, essa é a primeira produção romanesca em língua inglesa a posicionar o motivo no centro de sua diegese, a partir dos princípios construtivos scottianos trabalhados no primeiro capítulo.

Outro tópico significativo, cuja discussão incrementa a da razão da seleção do tema do "descobrimento", é que, apesar da obra de Cooper (1856) ter sido o primeiro romance histórico da "Poética do 'descobrimento'", ela não foi o primeiro texto da temática feito no mundo ou nos Estados Unidos. Tanto na Espanha quanto nos Vice-reinados hispano-americanos, por exemplo, diferentes escritores já tinham preenchido essa linha, por meio da poesia, do drama, da ficção em prosa, de ensaios e estudos, assim como de biografias, óperas e outros gêneros nascentes, como expõe Nagy (1994).

Analogamente, nas treze colônias, uma série de poetas, ideólogos e membros da sociedade civil haviam escolhido a personalidade do marinheiro para a ficcionalizar ou teorizar sobre ela. Especificamente na segunda metade do século XVIII, com o enfraquecimento da coroa britânica no solo americano e a ascensão de novos modelos institucionais, emergiu, pela primeira vez, nas treze colônias, uma tradição de figuração do marinheiro. Como

elenca Stavans (2001), predominou, nessas formulações principiadoras, que se estenderam até o período pós-independência, a ideia de um Colombo glorificado, acima do mundo natural e da condição humana. Verificamos, então, que, a despeito de parecer ter surgido em um "isolamento" temático no gênero, a publicação cooperiana não surgiu em um vácuo literário.

A questão que resulta dessa apreciação é, por conseguinte, como se vinculam o primeiro romance histórico integrante dessa temática e a tradição secular de exaltação do suposto autor do "achamento". Responder a essas indagações – é dizer, o porquê da escolha dessa temática e como o discurso narrativo cooperiano está atado à tradição anterior – é, junto da comparação com a modalidade clássica scottiana, o intuito da argumentação que toma lugar neste subcapítulo.

Com efeito, para realizar tal análise do empreendimento do artista estadunidense em tela, este subcapítulo foi segmentado em três apartados. No primeiro, englobamos algumas das formulações poéticas que elegeram a temática colombiana, no campo estadunidense. No segundo, o interesse volta-se para o discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), que acomoda os parâmetros difundidos por Scott e determinadas imagens encapsuladas na poesia anterior à sua. No último, argumentamos acerca de como, teoricamente, as perguntas inseridas pela configuração diegética no campo artístico tornam-se respostas na esfera recepcional, buscando contestar as razões e os efeitos do regresso temporal promovido por Cooper (1856).

2.2.1 A "Poética do 'descobrimento'" nos Estados Unidos e a sua relevância para a configuração narrativa cooperiana

Desde tempos imemoriais, grandes agrupamentos humanos povoaram a Terra, sem conhecer um ao outro. Um desses blocos foi constituído pelos povos que habitaram o território americano, sobremaneira antes do século XV, quando a saída ou entrada da grande porção geográfica não era sistemática. Como a aparição do

outro (e do seu "rosto") engendra um dilema ético, sobre o ser e o além do ser (Levinas [2010] 2014), muitos dos encontros entre os povos não passaram despercebidos, sendo ou registrados em mapas, narrativas e na memória ou marcados pelos vestígios, posteriormente recuperados e estudados pelos historiadores.

No caso americano, sabemos da viagem indígena rumo à Oceania, mas também da chegada de povos germânicos, na América do Norte, durante o século XII, e, possivelmente, de chineses (Dussel, 1993), ainda no século XV. No entanto, por distintos motivos, esses episódios perderam-se no imaginário ocidental ou foram excluídos dele, levando em conta os objetivos fomentados desde o ponto zero, segundo a linguagem de Castro-Gómez, (2005). Em seu lugar, celebrou-se (e ainda se celebra), por meio de toda sorte de produção de saber, a trajetória biográfica da personalidade de Cristóvão Colombo e as suas viagens à América, sob o nome mitológico de "'descobrimento' do Novo Mundo".

Independentemente de terem existido outros encontros entre os nativo-americanos e os asiáticos e europeus, os documentos que foram tomados como base para oficializar a ideia de um primeiro achamento (conceito que considera somente a perspectiva europeia), com todas as conclusões filosóficas que derivam disso, foram o *Diário de bordo* ([1492-1493] 1997) e as *Cartas* ([(1493-1495)] 1997) de Cristóvão Colombo para os consortes castelhanos. Ao analisar a configuração dos sujeitos e dos acontecimentos apresentados nesse discurso narrativo, Pastor ([1983] 2008) reconheceu/identificou a projeção ideológica não somente do marinheiro, mas da Europa com relação aos territórios que começavam, a partir de 1492, a serem dominados por essas novas potências imperialistas do, agora, "Velho Mundo" (outra concepção que remete a uma superioridade e anterioridade da ótica eurocêntrica). Tal problematização evidencia-se na passagem abaixo destacada das reflexões de Pastor (2008, p. 76):

> A apropriação absoluta da língua que leva a cabo Cristóvão Colombo ao longo do discurso narrativo que constitui os seus diários e cartas

> [([1492-1493] [(1493-1495)] 1997)], de uma forma que, pela sutil e insidiosa força parece inocente, prefigura a introdução de uma relação de poder e exploração entre os continentes: Europa e América. Simultaneamente, inicia uma longa tradição historiográfica, filosófica e literária de representação e análise da realidade americana que se caracterizará por uma perspectiva, exclusivamente, europeia e pela eliminação sistemática da percepção indígena dessa realidade[86].

Como aponta a intelectual, a mensagem colombiana lança as bases de um discurso que funda a colonialidade, não só do poder, mas do saber. Ela argumenta em tal sentido, em razão do fato de já estar presente nesse *corpus* uma fusão entre os interesses econômicos do *ego* europeu/espanhol e a supressão das distintas gnosiologias locais do outro. Assim, esse processo de identificação da América com o imaginário proposto por Colombo "não é somente literário, mas econômico e a sua finalidade é a proposta, velada primeiro e, logo, cada vez mais explícita, de instrumentalização de cada aspecto da realidade do Novo Mundo, com fins estritamente comerciais[87]" (Pastor, 2008, p. 77).

Após décadas das quatro viagens lideradas pelo navegador (1492-1493, 1493, 1498 e 1502-1504) e financiadas tanto pela coroa espanhola quanto por burgueses venezianos, outros autores voltaram ao tópico, para o retratar. Dentre esses, um dos mais relevantes foi Frey Bartolomé de Las Casas (1484-1566), que, como

---

[86] No original consta: [...] *la apropiación absoluta de la lengua que lleva a cabo Cristóbal Colón a lo largo del discurso narrativo que constituye sus diarios y cartas, de una forma que, a fuerza de sutil e insidiosa parece inocente, prefigura la introducción de una relación de poder y explotación entre dos continentes: Europa y América. Y, simultáneamente, inicia una larga tradición historiográfica, filosófica y literaria de representación y análisis de la realidad americana que se caracterizará por una perspectiva exclusivamente europea y por la eliminación sistemática de la percepción indígena de esa realidad* (Pastor, 2008, p. 76).

[87] No original consta: [...] *no es* [solo] *literario sino económico, y su finalidad es la propuesta, velada primero y luego cada vez más explícita, de instrumentalización de cada aspecto de la realidad del Nuevo Mundo con fines estrictamente comerciales* (Pastor, 2008, p. 77).

companheiro de Colombo, redigiu uma carta ao rei, na qual tratou de purificar a sua reputação. Como assinala Pastor (2008, p. 44-5), "em sua história das Índias, as referências eruditas se conjugam com as opiniões pessoais de Las Casas para tentar demonstrar de forma irrefutável que Colombo era nem mais nem menos que o enviado de Deus para o descobrimento e cristianização do Novo Mundo[88]". Na versão de frei Bartolomé, o primeiro representante da coroa espanhola na América é figurado como um emissário divino, encarregado de espalhar a fé cristã, não tendo, assim, qualquer envolvimento nos atos perpetrados ao Oeste do Atlântico.

A carta de Las Casas foi grafada como uma resposta direta ao posicionamento defendido por Sepúlveda, na querela de Salamanca, quando a inteligência/elite das potências europeias decidiu o estatuto ontológico dos territórios das ainda Índias Ocidentais e dos seus habitantes, para, assim, concluir se teriam a prerrogativa filosófica e religiosa para os explorar. Segundo a crítica de Dussel (1993), enquanto Las Casas advogou pelo prestígio de Colombo e a necessidade de considerar os autóctones parte da comunidade cristã, Sepúlveda assentou o discurso da Modernidade, isto é, do Sistema-mundo de que teoriza Wallerstein (1991).

O Sistema-mundo teorizado por Wallerstein (1991) atrela-se ao começo de um circuito inaugurado à força entre o Mediterrâneo e o Atlântico, que teria como base o domínio Ocidental. Para além de uma mera reorganização produtiva, no entanto, trata-se de uma rearticulação do imaginário étnico-racial e patriarcal necessária para a manutenção do poder de tal circuito econômico, cujas consequências permanecem até hoje. segundo Mignolo (2020), duas ideias foram centrais nessa nova lógica do Sistema-mundo, que se sobrepôs ao modelo anterior: a pureza de sangue e os

[88] No original consta: [...] *en su historia de las Indias, las referencias eruditas se conjugan con las opiniones personales de Las Casas para intentar demostrar de forma irrefutable que Colón era ni más ni menos que el enviado de Dios para el descubrimiento y cristianización del Nuevo Mundo* (Pastor, 2008, p. 44-5).

direitos dos povos, cujas características já aparecem no próprio discurso de Sepúlveda.

No prisma de Sepúlveda, em razão de não estabelecerem relações individuais com as pessoas e objetos ou não possuírem contrato de herança pessoal, por exemplo, os nativos das terras "encontradas" não poderiam ser considerados homens integrais. O resultado dessa lógica, que se baseia em um não reconhecimento da alteridade, é que a "conquista" começa a ser vista como uma libertação da "barbárie" ou da "imaturidade", segundo a linguagem de Kant ([1783] 1985). Como evidenciado por Dussel (1993), ambas as perspectivas que abordam Colombo prendem-se a uma retórica da colonialidade, seja ela pela via da crítica a partir da metrópole (com Las Casas) ou da explícita afirmação do ego (com Sepúlveda). Esses vieses estão, por conseguinte, em consonância com um processo "prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como o 'si-mesmo'. O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido" (Dussel, 1993, p. 44).

Ainda que a querela tenha gerado duas interpretações possíveis do que foi um novo cenário de exploração para os europeus, celebrar os feitos de Colombo transfigurou-se em um evento não somente nacional (espanhol), mas continental (europeu). Prova disso é a oficialização, em diversos países daquele espaço, de 12 de outubro (o dia do "descobrimento"), como uma data festiva. É interessante problematizar que, nas produções feitas a partir desse ponto, sobretudo nas efemérides de 1592 e 1692, não se trata mais de Colombo, mas – para usarmos uma analogia menardiana (Borges, [1941] 2007) – de *Colombo*, o católico, explorador e conquistador: uma fusão entre o sujeito empírico e os valores projetados em sua imagem, de acordo com o contexto.

Nas treze colônias britânicas, não houve produções significativas nas datas mencionadas (1592 e 1692). Não obstante, o romance de Cooper (1856) não foi o primeiro texto a trazer à baila o "achamento" e Cristóvão Colombo, nos Estados Unidos.

Conforme já aventamos, foi somente no período da pré, mas também pós-independência dos Estados Unidos, justamente no terceiro aniversário da invasão, quando uma tradição de exaltação a Colombo instaurou-se.

Segundo Stavans (2001), fora elegante, no decorrer do final do século XVIII e início do XIX, figurar o marinheiro como um inaugurador da experiência patriótica e um fundador indireto da República. Como uma personalidade histórica atrativa, ele se tornou, de tal modo, um instrumento para o processo de construção tanto literária quanto histórica daquilo que Le Goff (2013, p. 197) designou de "a consciência da identidade nacional no passado". Em decorrência, as forças civis e políticas passaram a louvá-lo como um originador dos Estados Unidos, conforme argumentou Stavans (2001, p. 53), na seguinte passagem:

> Propagandistas, panfletistas, revolucionários, diplomatas, intelectuais, mesmo comerciantes e homens de negócio encontraram em sua Odisseia náutica o suporte para o rompimento ideológico com a Inglaterra. Eles também o viram como uma ponte, uma conexão com a civilização do Velho Mundo. Ao norte do Rio Grande, entre os primeiros a celebrá-lo e transformar as suas características em qualidades literárias esteve Joel Barlow, que escreveu um épico intitulado *The Columbiad* (1807) em sua honra. Simultaneamente, um ministro denominado Jeromy Belknap escreveu um ensaio intitulado 'Um discurso produzido para comemorar o descobrimento da América por Cristóvão Colombo', que ele leu no Tricentenário e incluiu em suas *Biographies of the Early Discoverers* [Biografias dos primeiros descobridores] (1792)[89].

[89] No original consta: *Propagandists, pamphleteers, revolutionaries, diplomats, intellectuals, even traders and businessmen found in his nautical odyssey support for their ideological break up with England. They also saw him as a bridge, a link with the civilisation of the Old World. North of the Rio Grande, among the first to celebrate him and transform his features into literary qualities was Joel Barlow, who wrote an epic entitled The Columbiad (1807) in his honour. Around the same time a minister named Jeromy Belknap wrote an essay entitled "A discourse intended to commemorate the discovery of America by Christopher Columbus", which he read in the Tricentennial and included in his Biographies of the Early Discoverers (1792)* (Stavans, 2001, p. 53).

Em resumo, Cristóvão Colombo transfigurou-se, para os escritores e poetas estadunidenses, em um precursor da modernidade, um profeta e um homem de talentos imensuráveis. Os integrantes da lírica anglo-americana estabeleceram, portanto, uma verdadeira tradição de exaltação apologética do pretenso "descobridor" da América, com o intuito de projetar, por meio de e em sua imagem narrativa/discursiva, os conceitos e os valores de suas próprias causas. Nas investigações de Stavans (2001), Fleck (2008) [90] e Klock (2021), os principais mentores dessas imagens laudatórias foram Joel Barlow (1754-1812), Jeremy Belknap (1744-1798), Philip Morin Freneau (1752-1832) e Washington Irving (1783-1859).

Com a finalidade de revisar/apresentar a função de suas escrituras, repassamos o aporte de cada um dos artistas, de acordo com a apreciação feita por Stavans (2001). Em ordem temática, ainda consignamos brevemente o contexto de recepção.

1- Stavans (2001) erige três modalidades de ficcionalização colombiana: a elevada, a regular e a irônica. A obra de Barlow, um político e poeta considerado canônico nesse período de independência, é catalogada como pertencente ao primeiro grupo. Como propomos em "O romance histórico romântico e a formação da identidade estadunidense: relações com a 'Poética do 'descobrimento'' – de Cooper (1840) a DuBois (1892)" (Berndt; Fleck, 2021), capítulo integrado à primeira tradução de *Colombo e Beatriz* (Dubois, 2021), a sua produção sobre Colombo não é editorialmente comum, pois sofreu diversas alterações ao longo do tempo, que, como argumenta Stavans (2001), revelam as suas relações com as condições sociais.

[90] A tese *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas* (Fleck, 2008) inaugura uma série de produções realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história ficção – vias para a descolonização" a respeito dos gêneros híbridos de história e ficção. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/103668. Acesso em 01 out. 2024.

O poema em questão, *The vision of Columbus*, foi escrito em 1783 e publicado em 1787, com um número limitado e direcionado de cópias. Segundo Stavans (2001), estariam no seleto grupo de leitores desse primeiro *best-seller* estadunidense sujeitos como Benjamin Franklin e George Washington. O seu objetivo era o de mostrar a importância da jovem nação, a partir de seu evento fundador, que foi, segundo a sua *visão*, o "descobrimento" e não qualquer outro episódio, como ele mesmo indica: "Ao examinar a natureza daquele evento, ele [o autor] descobriu que as temáticas mais brilhantes resultantes de tal plano surgiriam das consequências do descobrimento[91]" (Barlow, 1793, p. 121).

A composição lírica lida pelos "pais fundadores" foi expandida em 1796, para receber proporções épicas, no sentido do seu gênero. Em 1804, o escritor decidiu republicar e expandir, novamente, a obra, intitulando-a, dessa vez, *The Columbiad*. Acompanhando as novas tendências, houve, em 1807, uma reedição da obra, na qual foram efetuadas alterações específicas. Enquanto na primeira versão, Colombo lança o seu olhar do presente da publicação para o passado da América, com o intuito de, ao fim, propor um modelo republicano de sociedade; ele descreve, na segunda versão, a fundação colombiana do "Novo Mundo", salientando os Estados Unidos, e a ascensão do que o eu lírico consigna como "a pátria destinada a liderar as outras". Conforme Stavans (2001, p. 95), nessa última construção, "as influências bíblica e puritânica são relativamente óbvias: como os israelitas, os cidadãos dos Estados Unidos foram escolhidos por Deus e são, portanto, únicos, tendo uma missão para cumprir[92]".

Enquanto predomina, no primeiro, uma característica marcadamente ideológica, considerando-se, inclusive, o público

---

[91] No original consta: […] *on examining the nature of that event, he [the author] found that the most brilliant subjects incident to such a plan would arise from the consequences of the discovery* (Barlow, 1793, p. 121).

[92] No original consta: [...] *the biblical and puritanical influences are quite obvious: like the Israelites, the citizens of the United States have been chosen by God and are therefore unique and have a mission to accomplish* (Stavans, 2001, p. 95).

leitor, no segundo, é o traço poético que domina, pois se busca fundar uma memória por meio da épica aventura de um povo e um território prometido. Temos, assim, um épico que busca forjar um passado e um futuro para o país. Aqui, tanto o pretérito quanto o vir-a-ser unem-se sob um só conceito: o destino manifesto da nação estadunidense, que começa com Colombo e se fecha com a expansão global de sua Columbia. Em Barlow, já ganha forma, então, a ideologia que sustentará a tradição apologética do marinheiro, transfigurado em símbolo, e do "descobrimento".

2- Apesar de ser um contemporâneo de Barlow, Freneau ganha expressão na sua continuação. Os seus textos mais significativos foram "*The Rising Glory*" (1907), feito com Brackenridge, lido em 1771, mas publicado somente em 1809, e a dupla "Columbus to Ferdinand" (1907) e "The Pictures of Columbus: The Genoese" (1907), publicada, definitivamente, em 1788, embora tenha tido outras edições anteriores. Influenciado por Barlow, o primeiro reconstitui o itinerário da América desde a ótica do "conquistador". Os Estados Unidos são, de modo especial, comparados às heroicas civilizações grega, egípcia, romana e britânica.

O segundo é um poema de 15 estrofes, que replicam a estrutura de uma carta do marinheiro para o rei católico, Fernando. Assim, os argumentos de Colombo são, cuidadosamente, explorados pela voz que se mescla à do remetente. Ao destacar a resiliência dele para ter o seu projeto aceito, a narração flerta com a ideia de todos os fatos já terem sido determinados pelo destino sagrado do genovês, como se comprovaria pela profecia de Sêneca. Ademais de tais associações, o genovês torna-se para Frenau "um enlace entre o novo e o velho, um indivíduo/homem de razão e integridade que se converte em uma ponte, uma embarcação comunicativa entre a Europa e a América[93]" (Stavans, 2001, p. 61).

[93] No original consta: [...] *a link between the old and the new, a man of reason and integrity who becomes a bridge, a communicating vessel between Europe and the America* (Stavans, 2001, p. 61).

No terceiro, os leitores contemplam 18 imagens ou poemas acerca do navegador. Nesse conjunto, ele deixa de ser um símbolo distante do eu lírico para se tornar o centro de sua focalização. Assim sendo, episódios históricos oficializados são objetos de contemplação, como quando Colombo visita a corte ou quando desenha os mapas que usaria, posteriormente, em sua navegação. Nessas descrições, como se dá vida ao seu trajeto biográfico – com as suas lutas, decepções e, sobremaneira, vitórias –, há uma ênfase no indivíduo, como enuncia Stavans (2001, p. 62): "Freneau faz dele um homem de inteligência, desinibição e coragem[94]". Vemos, em outras palavras, uma das primeiras figurações do Colombo autoconstituído – um modelo de *self-made man* –, capaz de traçar os seus objetivos e os alcançar.

3- Na mesma linha laudatória, Belknap escreveu "*A discourse intended to commemorate the discovery of America by Christopher Columbus*", incluído em *Biographies of the early discoverers*, de 1792. Um trecho chave de seu discurso, que se aproxima do gênero ensaístico, foi citado por Sale (1990), que retomamos em razão da indisponibilidade do livro, como se segue:

> Por volta de meados do século quinze...um gênio, cuja memória foi preservada com veneração nas páginas da história, surgiu, como o instrumento do engrandecimento da região da ciência e do comércio para além de qualquer um de seus predecessores...Ele tinha um gênio desse tipo, que faz uso da especulação e do raciocínio somente como preparação/excitação para a ação. Ele não era um rato de bibliotecas, mas um aventureiro empreendedor...Nas páginas da história imparcial, ele será para sempre lembrado como...um prudente, habilidoso e intrépido navegador[95] (Belknap, 1792 *apud* Sale, 1990, p. 337-8).

---

[94] No original consta: *Freneau makes him a man of intelligence, uninhibited and corageous* (Stavans, 2002, p. 62).

[95] No original consta: *About the middle of the fifteenth century a genius arose, whose memory has been preserved with veneration in the pages of history, as the instrument of enlarging the region of science and commerce beyond any of his predecessor. He had a*

Na passagem, o orador contextualiza, temporalmente, a figura de um gênio, que, segundo a sua visão, teve a memória mantida até o seu tempo pelos historiadores. Ele adiciona que se trata de Colombo, a ferramenta pela qual se expandiram a ciência e o comércio – ficando no não-dito os processos de silenciamento, segregação e mortes decorrentes da face ilógica da modernidade (Dussel, 1993). Em seguida, a voz atenta para o feitio prático do genovês, realçando a sua sagacidade, ponderação e competência. Logo, há uma conjunção simultânea de dois polos, a saber: a) a ideia de que Colombo funciona como o vínculo entre o projeto colonial do "Velho Mundo" e o novo dos Estados Unidos; b) assim como, a distorção de sua imagem em uma sorte de *self-made man*.

4- Segundo Stavans (2001), Irving, cujo trabalho já foi citado, foi o responsável por responder a uma urgência: a necessidade de trazer ao público obras capazes de plasmar um conteúdo, verdadeiramente, histórico à ficção, com *Life and voyages of Christopher Columbus* (Irving, 1828). Nessa produção, ele tomou os documentos e os registros existentes sobre a vida do marinheiro para construir uma narrativa histórico-biográfica – a primeira e única naquele espaço. Exaltando o "herói" do "Velho" e "Novo Mundo", o romancista e biógrafo estadunidense tocou em um ponto nevrálgico, pois "após a Guerra de Independência, os Estados Unidos pareciam necessitar de heróis, figuras mitológicas, para legitimar o seu passado. Colombo era um deles; ele era o ponto, o nexo faltante, entre a velha ordem europeia e a nova realidade[96]" (Stavans, 2001, p. 22). O sucesso de sua publicação foi, então, imediato, por haver, além de vendido centenas de cópias,

---

genius of that kind, which makes use of speculation and reasoning only as excitements to action. He was not a closet projector, but an enterprising adventurer. In the pages of impartial history, he will always be remembered as a prudent, skilful, intrepid navigator (Sale, 1990, p. 337-8).

[96] No original consta: [...] *after the War of Independence, the United States seemed to need heroes, mythological figures to legitimize its past. Columbus was one of them; he was the source, the missing link, between the old European order and the new reality* (Stavans, 2001, p. 22).

auxiliado em uma perpetuação do discurso eurocêntrico, dando seguimento, no século XIX, à retórica da modernidade/civilidade, que acompanhou todo o processo colonizador da América.

Conquanto essas produções tenham sido as formadoras da tradição, dezenas de outras integraram-se ao afã compartilhado por esses quatro autores, divididos entre os ensaios, a biografia e a poesia. Humphrey Marshall (1756-1841) publicou, na Filadélfia (a mesma cidade onde Cooper publicaria o primeiro romance histórico sobre Colombo), *The aliens: a patriotic Poem. Dedicated to George Washington*, em 1798. Composto por uma parte poética – de setenta e quatro quartetos – e outra prosaica, dedicada a Washington, esse celebra *Columbia*. Tal terra é o lugar onde os "aliens" do velho continente, primeiramente, chegam: vazia (sem donos), repleta de esperanças e ainda por nascer. Como sintetiza Nagy (1994, p. 34), em seguida, "o poeta avisa que o inimigo (Inglaterra) ainda não desistiu de parar o nascimento do novo mundo. Por conseguinte, e esse é o segundo ponto do poema, Columbia precisa ser considerada o 'justo paraíso'[97]" Assim como os poemas anteriores, Colombo não é, para Marshall (1798), uma personagem sobre a qual recai o foco, mas essa figura do passado que simboliza a ambição dos novos colonizadores, desse segundo estágio da modernidade.

No mesmo ano, Richard Snowden (1753-1825) redigiu *The Columbiad: or a poem on the American war. In thirteen Cantoes*, em Baltimore. Precisamente como o empreendimento da Philadelphia, essa columbíada não é uma narrativa acerca do "herói", mas do espaço proporcionado por ele (embora não tenha desembarcado nos Estados Unidos), como lemos a seguir:

> O título do poema é enganoso, por não se falar de Colombo; ambos seu tópico e heróis são tomados da Revolução de independência dos Estados Unidos, consequentemente os seus heróis são Washington,

[97] Nossa tradução: *The poet warns that the enemy (England) has not given up yet to stop the birth of the new world. Therefore, and this is the second point of the poem, Columbia is to be regarded as a 'fair paradise'* (Nagy, 1994, p. 34).

> 'um nome para sempre querido', James Wolfe e Louis-Joseph Montcalm etc. Mas é uma Columbíada no sentido de que o poema chama América uma 'Columbíada (um país que incorpora Colombo), enquanto Britânia representa a força maligna que procura prevenir a evolução do Novo Mundo[98] (Nagy, 1994, p. 45).

Não se enfoca nessa escrita a trajetória de Colombo; mas a de certos heróis pátrios da independência. O conceito de columbíada, replicado por Snowden (1798), é chave, aqui, para se entender a interligação promovida por esses poetas entre Colombo e os Estados Unidos, pois é ele que dá o nome à nova nação em formação, em contraste à Britânia, que representaria o mau, ou seja, as forças que buscavam impedir o progresso do "Novo Mundo".

Como havia o propósito de forjar uma nova nação, esses valores não deixaram de ser cingidos ao aspecto educacional. Rodolphus Dickinson (1797-1849) preenche essa lacuna, com "*O leitor Colombiano, contendo uma nova e variada seleção de extratos elegantes em prosa e poesia, para o uso de escolas nos Estados Unidos, o qual é prefaciado com uma introdução às artes da leitura e da fala*"[99], difundido em Boston, no ano de 1815. Nessa antologia, que abarca os assuntos da cristandade até a natureza, para iluminar os aspectos da nova Literatura Estadunidense, o autor exalta o cenário nacional, *The land of Columbus* [a terra de Colombo], onde é preciso desenvolver "seus próprios valores culturais e estéticos, e se tornar um novo esplendor do humanismo[100]" (Nagy, 1994, p. 17).

---

[98] Nossa tradução: *The title of the poem is somewhat misleading for it does not speak of Columbus; both its topic and its heroes are taken from the American Revolution, consequently its heroes are Washington, 'a name forever dear', James Wolfe and Louis-Joseph Montcalm, etc. But it is a Columbiad in the sense that the poem calls America a 'Columbiad' (a country which embodies Columbus), while Britannia represents the evil force which seeks to prevent the evolution of the New World* (Nagy, 1994, p. 45).

[99] O Título original é: *The Columbian reader, comprising a new and various selection of elegant extracts in prose and poetry, for the use of schools in the United States, to which is prefized an introduction on the arts of reading and speaking*.

[100] No original consta: [...] *its own cultural and aesthetic values, and turn itself into a new splendor of humanism* (Nagy, 1994, p. 17).

Identifica-se que a ideologia que perpassa esses textos didaticistas procura colocar Columbia como a pátria que retoma os valores da "conquista", corrompidos pelos britânicos.

Saindo do viés escolar, para o biográfico, Eliza Robbins (1786-1853) publica, em Nova York, *Lendas da história estadunidense; contendo os principais fatos na vida de Cristóvão Colombo. Para uso de jovens e escolas*[101], quinze anos depois da obra anterior. Nessa construção poética, que retoma a tradição panegírica colombiana, os leitores contemplam a vida e a obra do navegador, que emerge como um herói, apesar de se encerrar melancolicamente, "lembrando o leitor das injustiças que Colombo sofreu[102]" (Nagy, 1994, p. 42). Tal qual a escrita de frei Bartolomé De Las Casas, a intenção parece residir em uma tentativa de limpar a reputação do marinheiro.

Um segundo texto, menos conhecido, em que havia sido configurado o retorno à biografia de Colombo foi *J. Nelson's grammar school prize poem*, de 1819, assinado por Dorr Griffin (1770-1837). Trata-se de um curto poema, com cento e vinte e dois versos, redigidos em hexâmetro latino, em que há um resumo dos sofrimentos pelos quais Colombo passou ao atravessar o oceano. Nagy (1994, p. 26) revela que "o pesadelo, no entanto, converte-se em uma bela realidade: 'eles caminham rumo a dulcificados prados'"[103]". Rearticulando uma temática já analisado por Pastor (2008) e Fleck (2021), o poema apresenta, então, os territórios americanos como paradisíacos ou edênicos: fundamentalmente, a mesma ideologia que sustenta o conceito de "Novo Mundo", pronto para ser civilizado, educado, cristianizado e explorado.

O último poema ao qual nos reportamos é "*The discovery: a poem*", de Charles L. S. Jones (1794-1849), inserido em *American lyrics*, publicado em 1834. Nele, segundo Nagy (1994), renomeia-se

---

[101] O Título original é: *Tales from American history; containing the principal facts in the life of Christopher Columbus. For use of young persons, and schools*.

[102] No original consta: [...] *by reminding the reader of the injustices that Columbus suffered* (Nagy, 1994, p. 42).

[103] No original consta: [...] *the nightmare, however turns into a beautiful reality: 'they walk into sweet-smelling meadows'* (Nagy, 1994, p. 26).

os Estados Unidos de Columbia, como nos outros poemas, de sorte que se aprecia tanto o país quanto aqueles que o fizeram possível. Esses não são somente os pais fundadores, mas Cristóvão Colombo, Isabel e os irmãos Pinzón. Há uma breve recompilação da trajetória feita pelo navegador de Palos até o Caribe, para se ressaltar a tarefa sobrenatural executada pelo heroico europeu e se celebrar a constituição dessas terras.

Ainda que essas tenham sido as primeiras elaborações líricas da linha de exaltação de Colombo, na esfera social e cultural dos Estados Unidos da América, outras assomaram-se à lista de produções integrantes dessa tradição, repercutindo, fundamentalmente, as mesmas temáticas delineadas neste subcapítulo. Conforme apontamos ao longo das páginas anteriores, essas transposições da vida do autor do "descobrimento" para a linguagem não foram como que transparentes. Sabemos que, ao contrário do que se acreditava, a relação entre os dois polos mencionados é opaca: ao recuperar Colombo, a linguagem é manipulada, para favorecer os sentidos pretendidos por seus criadores. Com respeito a tal interferência discursiva, a nossa análise, disposta abaixo, abre possibilidades de deslindamento:

> Esses poetas desde o século XVIII celebraram o "descobrimento" em seus versos dedicados ao almirante. Parte da produção desses autores foi inspirada, também, pela entusiástica biografia de Colombo escrita por Washington Irving, em 1828. Unidos, eles exploram a temática e o herói a fim de consolidar sentimentos de apreço ao marinheiro que abriu as portas à formação de novas nações nas Américas, sobre as quais eles sempre buscaram se impor. Tal processo se dá a partir da imigração de europeus ao "Novo Mundo", iniciada já nas primeiras décadas após a travessia do Atlântico realizada por Colombo, em 1492, e registrada na história ocidental (Fleck, 2017, p. 148).

Constatamos, dessa maneira, o cultivo de uma vertente de glorificação do marinheiro. Em tal prisma, não se produz uma exaltação por um puro e simples engrandecimento, pois o objetivo

é direcionado. Aqui, eles intentam aliar o projeto colonial colombiano, aquele que deu início à modernidade/colonialidade, ao proto-estadunidense (ou das treze colônias), que daria continuidade ao primeiro, mas com base em outras formulações filosóficas, já presentes nessa tradição poética. Sublinhamos quanto a isso, (**1**) a estruturação laudatória da imagem do explorador a serviço da coroa espanhola, de um modo que eleva aqueles princípios morais mais condizentes com o modelo pátrio, cristão e republicano; (**2**) o manejo do termo "Columbia", para aludir aos Estados Unidos – não étnica e epistemologicamente híbrido, mas ao inaugurado por Colombo, que Grosfoguel (2005) chama de sistema-mundo europeu/euro-norte-americano capitalista/ patriarcal/moderno/colonial'; (**3**) o início de uma sistematização em que se colocam, inversamente, "bárbaros" e civilizados.

Dessa maneira, notamos que a ideologia propagada na Europa até então com relação a essa personagem não é exatamente a mesma que surge no país anglófono. Poder-se-ia inferir que essa distância entre um ponto e o outro concerne à diferença de Histórias locais: enquanto os países europeus já tinham as suas "identidades" instauradas pelas elites ou *intelligentsias*, a dos Estados Unidos estava em pleno estágio de constituição, necessitando de novos modelos. Nos passos de Palermo (2011), aludimos ao fato de esses elementos identitários serem processos complexos, geralmente artificiais e alinhados a intenções políticas – porém não, necessariamente, como resultado analógico deles.

Uma vez que essa foi a tradição que entabulou essa temática, ela não somente influiu, mas conferiu a sustentação discursiva para as outras produções que recuperaram esse passado, com distintos fins. Uma dessas foi, como aludimos, a versão de Cooper (1856), à qual nos direcionamos, na sequência. Inicialmente, apontamos para a sua diegese, contrastando os seus princípios construtivos aos da modalidade clássica scottiana do romance histórico, sem deixar de agregar à análise a matéria que se funde a tal forma: a "Poética do 'descobrimento'". Em seguida, recorremos a determinadas intervenções da Estética da Recepção, notadamente a acionada por

Hans Robert Jauss [104] ([1977] 1982), para comprovar como as imagens projetadas por sua narração conduzem à estruturação de normas/modelos.

2.2.2 Poética: análise estrutural do discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840) – as imagens e os espelhos

No subcapítulo anterior, voltamos nossos olhos para o século XVIII e o início do XIX, com o propósito de elucidar o modo pelo qual a imagem de Colombo foi manipulada pelos poetas da independência, nos Estados Unidos. Nesta etapa, procuramos compreender se há ou não um vínculo entre o romance *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856) e a modalidade clássica scottiana do romance histórico. Também indagamos as razões pelas quais as imagens configuradas no discurso narrativo da obra foram efetuadas na forma do romance histórico clássico pela primeira vez na nação norte-americana que abriga a publicação e não na Espanha, por exemplo, onde o marinheiro gozou de uma certa popularidade, nos primeiros anos da "conquista" da América.

Todavia, antes de avançarmos para nossa análise, é preciso aclarar uma questão (a)tópica. As diegeses dos romances de Scott nem sempre contemplaram as mesmas temáticas. Enquanto em *Waverley* (Scott, 1985), os leitores acompanham a trajetória de Flora, Rose e Edward Waverley, durante os eventos do Levante Jacobita, *The Antiquary* (Scott, 2009) apresenta as peripécias de um misterioso cavalheiro que logra casar-se com a sua amada escocesa, no período em que a Revolução Francesa causou na população britânica um

[104] Hans Robert Jauss (1921-1997) foi um pensador alemão responsável por estruturar a Estética da Recepção na Alemanha e na Europa. A obra utilizada nesta escrita denomina-se, originalmente, *Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik* [Experiência estética e hermenêutica literária]. Nela, o autor estabelece, dentre outras ideias, determinadas categorias presentes na recepção de uma obra literária, com ênfase nas narrativas.

senso de unidade nacional contra o adversário estrangeiro. Ainda poderíamos relembrar, a título de exemplo, o conteúdo de *Ivanhoe* (1994), que retorna ao reinado de Ricardo Coração de Leão para figurar o trio amoroso de Ivanhoe, Rowena e Rebecca.

O assunto de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), o qual buscamos demonstrar que, dentre os muitos romances históricos de Cooper é o único que segue, estritamente, todos os paradigmas de Scott solidificados em *Ivanhoe* (1994), pareceria, sob tal ângulo, ainda mais distante. A razão para tal percepção receptiva encontrar-se-ia, evidentemente, na substância de extração histórica articulada na diegese do romance estadunidense: nela, o protagonista fictício, Luis de Bobadilla, aventura-se, junto do navegador Cristóvão Colombo, na primeira viagem espanhola realizada para cruzar o Atlântico, intento que acaba deparando-se com as ilhas do Caribe – fato histórico que integra o pano de fundo do relato ficcional arquitetado por Cooper – com o único objetivo de convencer a rainha – Isabel – e a tutora de sua amada a acolherem o seu pedido de matrimônio com Mercedes de Valverde, figura também fictícia, cuja beleza estabelece o "motor" da narrativa.

Se seguirmos as noções fundadas por Lukács (2011) no que se refere ao romance histórico, apesar de incluírem em suas diegeses episódios históricos distintos, constataremos que existe no modo como manipulam a linguagem, no entanto, uma mesma concepção escritural. Isso significa, então, que tais textos compartilham uma identidade formal: há a escolha geral de um tom, de um enunciador típico, de estratégias escriturais e das técnicas narrativas aplicadas, de sorte que podemos observar uma interseção de motivações e intenções literárias, cujo teor ideológico deixa-se deslindar – e, portanto, não "decifrar" – pela análise estrutural da narrativa.

A fim de demonstrar a estrutura compartilhada entre, de um lado, *Waverley* (Scott, 1985) e *Ivanhoe* (Scott, 1994) e, de outro, a obra em tela, passamos a expor, nos parágrafos posteriores, como a obra cooperiana associa-se à organização (**1**) funcional, (**2**) actancial e (**3**) narracional da modalidade clássica scottiana. Apesar de buscarmos

elucidar as interfaces segundo essa ordem, digredimos em momentos específicos.

(**1**) As narrativas são constituídas, dentre outros elementos, por acontecimentos, sejam eles fulcrais ou acessórios. Diversas foram as teorias que lançaram luz sobre a relação firmada entre tais segmentos, como a do grupo *ОПОЯЗ* (Sociedade de estudos da linguagem poética), na União Soviética, ou a dos estruturalistas, com Barthes (1985), Todorov (1970) e Genette (1972), na França. Embora tratem de níveis diferentes da narrativa (enquanto os formalistas lidavam com as funções, Genette, por exemplo, focalizava a narração), podemos extrair desses estudos a ideia de que os acontecimentos são organizados sintagmaticamente, isto é, em unidades estruturadas que, pela sua conjunção, formam uma sintaxe.

Seguindo tal corrente metódica, os críticos estadunidenses realizaram várias tentativas de aclarar a sintaxe de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), incluindo as possíveis contribuições de Poe (1902). Não obstante, um dos deslindamentos mais condizentes com os objetivos deste subcapítulo foi o de Madison (1984). Ao observar as relações de causa, consequência e tempo desse romance histórico, ele encontrou um total de 7 sintagmas principais ou funções nucleares/cardinais. Para organizar a nossa comparação entre a produção estadunidense e o modelo europeu, dispomos, abaixo, do **quadro 7**, no qual adaptamos a sistematização produzida pelo crítico, que servirá como esqueleto para a análise que se seguirá *a posteriori*:

Quadro 7: Sintaxe de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856)

Sintagma	Conteúdo	Páginas	Porcentagem
1	Introdução: Fernando e Isabel	40	8%
2	As complicações para o casamento de Luis e Mercedes, assim como a petição de Colombo à Isabel	162	34%
3	A viagem à Cathay ("Novo Mundo")	132	28%

4	Desembarque no Haiti	32	7%
5	A viagem de retorno	27	6%
6	Espanha depois da viagem	73	15%
7	Luis e Mercedes vivem felizes para sempre	12	3%

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2023, adaptado de Madison (1984).

Tomando como base a edição de *début* do romance, publicado na Filadélfia, pela Lea & Blanchard, verificamos que o primeiro sintagma é composto por quarenta páginas – totalizando menos de um décimo da materialidade discursiva. Em tal porção do tecido narrativo, os leitores deparam-se, segundo Madison (1984), com uma apresentação do ambiente histórico no qual as personagens são posteriormente inseridas. A contextualização é dedicada à preparação do matrimônio de Isabel, de Castela, e Fernando, de Aragão, ocorrido em 1469, vinte e três anos antes de quando 92% da trama se passa.

Ainda que a quantidade de páginas escolhida por Cooper (1856) para introduzir a sua produção pareça diminuta, aos olhos dos leitores de Tolstoi, por exemplo, essa foi criticada por sua extensão como que exagerada, quando comparada ao cânone da modalidade clássica scottiana. Todavia, a distância temporal com relação ao centro da trama, o enfoque dado pela voz enunciadora aos consortes e o modo pelo qual a História e a ficção são mescladas revelam o papel essencial desse fragmento. Graças a ele, figura-se uma portentosa descrição do que Lukács (2011) denomina de "a História pregressa".

Após tal recapitulação historiográfica, há um corte abrupto na temporalidade, pois a voz enunciadora avança para o dia 2 de janeiro de 1492, quando os espanhóis logram tomar o último reduto muçulmano da península Ibérica. Nesse segundo sintagma, há a inclusão das personagens ficcionais que ocupam lugares essenciais para o desenrolar do conflito, sendo elas Luis de Bobadilla e Mercedes de Valverde, que dá o nome ao romance. Também são

entrepostos nesse "espaço" Cristóvão Colombo[105], o marinheiro considerado visionário, mas sem grandes feitos até tal instante, e os seus opositores, um secto conservador da igreja.

O cerne dessa porção é a tessitura dos nós ou conflitos, que levam, por relações de causa e consequência, ao limite da ação. O primeiro deles é o dos protagonistas: por intermédio das focalizações externa – aquela em que "o herói age diante de nós sem que sejamos convidados a conhecer seus pensamentos e ideias[106]" (Genette, 1972, p. 207) – e interna variável – aquela em que a personagem focal é primeiramente uma e, em seguida, a outra –, o narrador mostra que Luis e Mercedes haviam prometido um ao outro contrair matrimônio.

O empecilho para essa união jaz no fato de a jovem ser uma protegida de Beatriz, figura histórica, e da própria rainha Isabel. Elas não desejavam o seu casamento com um sujeito sem nome ou honra. Como resultado dessa situação, o castelhano, Luis de Bobadilla, necessita provar o seu valor, para poder convencer as protetoras de que é um homem à altura do pedido que lhes faz. A sugestão dada a ele, indiretamente, é que procure um indivíduo chamado Colombo e o auxilie em seu projeto.

Logo, produz-se, em um plano secundário com relação àquele que se enfatiza, um segundo conflito, dependente do primeiro. Mediante a explanação da voz de estatuto extradiegético-heterodiegético, cuja focalização atrela-se inicialmente ao herói (Luis), mudando amiúde para o marinheiro, e a interação desses dois, delineia-se a petição de Colombo à Coroa castelhana, para que ela financiasse uma viagem que cruzasse o Atlântico, onde esperava aportar em Cipango e Cathay, as terras míticas descritas por Marco Pólo, que corresponderiam ao que hoje denominamos,

[105] O navegador é chamado por vários nomes, como Cristobal Colón, Colon, Colombo e outros, dependendo de quem enuncia na diegese. Para que haja uma simplificação de tal denominação, usamos somente Colombo.

[106] No original consta: [...] *le héros agit devant nous sans que nous soyons jamais admis connaître ses pensées ou sentiments* [...] (Genette, 2017, p. 264[Tradução de Ana Alencar (2017)]).

respectivamente, ao arquipélago nipônico e parcela continental da China. Destaca-se, nessa parte, o seu debate com os sacerdotes e o aceite por parte da monarca de Castela.

O conflito de Luis e Mercedes, de um lado, e o de Colombo, os seus adversários e os consortes reais, como secundário e decorrente do outro, exibe um empreendimento escritural híbrido, que oscila entre a História e a ficção. Podemos explorar a manipulações de tais materialidades discursivas a partir do trecho abaixo, integrante do sintagma em tela:

> "Levante-se, Dom Luis, e não perca um momento para aliviar o coração pesado do genovês – mas eu também devo dizer para aliviar os nossos, por Mercedes, desde que essa sagrada empresa surgiu na minha mente quase como uma repentina e miraculosa luz, parece que uma montanha deita-se em meu peito até que o Senhor Cristóvão saiba a verdade!"
> Luis de Bobadilla não esperou um segundo, saindo da presença conforme a etiqueta lhe permitiu. No próximo minuto, ele estava na sela[107] (Cooper, 1856, p. 134).

No relato, vemos que a rainha Isabel ordena que Luis alcance Colombo antes de chegar na França e lhe proponha a viagem, deixando claro que, finalmente, aceitou a ideia do navegador. Por um lado, essa situação tem um embasamento histórico, máxime com Irving (1828): o visto da jornada rumo às Índias pelos monarcas. Por outro, é uma figura ficcional quem executa a missão de encontrar o sujeito e o levar uma vez mais à presença da rainha. Entretanto, essa não é uma ação completamente falseável, pois tal encargo poderia ser realizado por qualquer integrante da corte. Em

[107] No original consta: "*Rise, Don Luis, and lose not a moment to relieve the loaded heart of the Genoese – I might almost say, to relieve ours, also; for, Daughter-Marchioness, since this holy enterprise hath broken on my mind with a sudden and almost miraculous light, it seemeth that a mountain must lie on my breast until the Señor Christoval shall learn the truth!" Luis de Bobadilla did not wait a second bidding, but hurried from the presence as fast as etiquette would allow, and the next minute he was in the saddle* (Cooper, 1856, p. 134).

decorrência, a convergência entre ambos os discursos ocorre de sorte congruente, verossímil.

Depois de a rainha favorecer Colombo e intervir junto a Fernando, para que o seu companheiro não mine o plano, os preparativos para a viagem começam a ser feitos. Luis aproxima-se do navegador, tornando-se seu amigo e se afiliando à missão. É esse o contato responsável por justificar que a focalização da voz enunciadora recaia, ocasionalmente, sobre os feitos do líder da empresa náutica. Pese o fato de que uma série de adversidades tenha surgido, eles partem para o Atlântico, em companhia dos irmãos Pinzón. A moldagem das funções cardinais da viagem acompanha os documentos/monumentos consagrados, o discurso da tradição poética estadunidense e a historiografia, como demonstramos a partir do excerto abaixo, retirado do último episódio desse sintagma, quando da chegada nas terras americanas:

> O almirante, trajado em escarlate, e carregando o estandarte Real, procedeu, enquanto Martin Alonzo e Vicente Yañez Pinzón seguiram, segurando bandeiras com cruzes, o símbolo da expedição, com letras representando as iniciais dos dois soberanos, ou F. e V., para Fernando e Ysabel. As formas usuais para tais ocasiões foram observadas, ao alcançar a costa. Colombo tomou posse, deu graças a Deus pelo sucesso da expedição, e começou a procurar ao seu redor, para formar alguma estimativa do valor da sua descoberta [108] (Cooper, 1856, p. 343).

[108] Nossa tradução: *The admiral, attired in scarlet, and carrying the Royal standard, proceeded in advance, while Martin Alonzo and Vicente Yanez Pinzon followed, holding banners bearing crosses, the symbol of the expedition, with letters representing the initials of the two sovereigns, or F. and Y., for Fernando and Ysabel. The forms usual to such occasions were observed on reaching the shore. Columbus took possession, rendered thanks to God for the success of the expedition, and then began to look about him in order to form some estimate of the value of his discovery* (Cooper, 1856, p. 343).

Assim como no documento recuperado por Varela (1997)[109], Colombo segue todos os ritos que lhe foram imputados. A princípio, o marinheiro avançou, junto de seus análogos, portando as bandeiras da empresa. Em seguida, desceu ao território e tratou de tomar posse dele, agradecendo publicamente ao seu deus, por haver chegado ao espaço que havia prometido.

Na ocasião do desembarque no Haiti, ocorre um fracionamento das tropas estrangeiras: enquanto a maioria segue o rumo do comandante, Luis e outras personagens, ficcionais como ele, tomam a canoa de indígenas aliados, como gesto de amizade. Ao marchar selva adentro, junto dos ditos colegas "selvagens", Luis depara-se com Ozema, uma das princesas (ficcionais) da ilha, por quem se apaixona à primeira vista, em virtude de suas qualidades físicas e, também, comportamentais espelharem as da sua amada, Mercedes. Por sua vez, Ozema também se enamora do espanhol logo ao vê-lo: uma estratégia típica do romantismo. Porém, ademais das características que lhe assemelham a uma cópia de segundo grau – um eco, reflexo ou plágio –, ela é pintada como uma figura inocente.

O instante de arrebatamento logo cede para o de confronto, pois surgem das árvores os rivais da tribo com que os castelhanos haviam se aliado. Caonabó (?-1496)[110], cacique taíno que liderou a

---

[109] Consuelo Varela é uma historiadora, professora da *Escuela de Estudios Hispano-Americano*s (EEHA) – um centro do Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC) – de Sevilha, na Espanha, especializada em matérias sobre Cristóvão Colombo. Publicou a obra *Colón y os florentinos* (1988); editou o *Diário de bordo* de Colombo, na obra *Cristóbal Colón: textos y documentos completos* (1997), compilação organizada pela pesquisadora espanhola que dispõe dos textos e documentos escritos por Cristóvão Colombo entre os anos de 1492 e 1506. Ela, também, redigiu obras como *La caída de Cristobal Colón: el juicio de Bobadilla* (2006). Foi responsável por restaurar alguns dos documentos escritos pelo marinheiro, com o intuito de os tornar inteligíveis, sendo, portanto, uma acadêmica de referência no que concerne à materialidade histórica a que se tem acesso na contemporaneidade.

110 O processo de resistência e resiliência nativa à ocupação da ilha de Guanahaní, iniciado justo com a chegada de Colombo nesse espaço caribenho, em 1492 – hoje

resistência de uma das nações da ilha, tem a sua moralidade redigida de modo negativo, pois ele promove, na diegese, um massacre, com o objetivo de capturar a princesa e a levar consigo. Quem impede tal ato considerado bárbaro é o nobre espanhol, que derrota os seus oponentes e leva, depois de escapar, a jovem para o único lugar seguro naquele momento: a embarcação de Colombo. A atenção de Colombo, já naquele momento, voltava-se para a jornada de retorno.

O quinto sintagma é o da viagem de retorno para a Europa. Fazendo uso de 27 páginas, apenas 6% da totalidade do texto. Cooper (1856), nesse momento do relato, acelera o ritmo da narração. Independente do motivo dessa constância de velocidade, dois tópicos emergem nesse segmento: a perícia de Colombo, que guia os outros marujos pelo oceano e uma confusão que se dá entre Luis e Ozema. Durante uma tempestade, a caravela e os seus membros são assolados por uma forte tempestade, reunindo-se todos para solicitar a deus salvação. Nesse ínterim, o protagonista instrui a indígena na sua religião e lhe entrega uma cruz, que é confundida por ela com um símbolo de casamento. Essa compreensão equivocada só é esclarecida pelo narrador mais tarde, conforme verificamos na passagem apurada:

> Frequentemente, ela segurou e admirou o lindo emblema vestido pelo seu herói; e, como o hábito da sua própria gente requeria a troca de substâncias de valor como prova de noivado, ela fantasiou,

---

sendo este o espaço do Haiti e da República Dominicana – frente aos espanhóis invasores, conduzida pelo líder Caonabó e, após sua morte, pela sua esposa, a autóctone Anacaona – que também é enforcada pelos invasores como insurgente –, foi o tema de estudo da acadêmica Tatiane Cristina Becher. Ela desenvolveu a tese *Anacaona – resiliência feminina à ocupação europeia no Caribe: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina* (2025), no PPGL da Unioeste/Cascavel-PR, em Cotutela com a UVigo/Vigo-Espanha. Essa tese está, do mesmo modo, inserido nos interesses dos membros o Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processo de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização" que será, posteriormente, incorporada como um dos volumes desta Coleção.

> quando recebeu essa joia valiosíssima, que tinha em mãos o signo de que o nosso herói a havia tomado como esposa, em um momento em que a morte estava próxima de os separar para sempre[111] (Cooper, 1856, p. 462).

Interpretando o signo equivocadamente, Ozema crê ter se casado com o seu salvador. Tal situação é o gatilho para os conflitos que se desdobram no penúltimo sintagma, o da Espanha após a viagem. Nessas 75 páginas, Colombo, Luis e os outros marujos, dos quais sobressai Sancho Mundo, logram entrar em Barcelona, onde são acolhidos como heróis, por terem cumprido o seu objetivo para com a Coroa espanhola, expandindo as suas fronteiras, e a religião católica: há, assim, o desfecho de um dos arcos. Simultaneamente, porém, em outro lugar, Ozema é acolhida por Mercedes, que a leva para junto de Beatriz, Isabel e as outras participantes da Corte. A taíno relata-lhes, então, o desentendimento que havia sucedido no barco: ao receber o crucifixo do guerreiro espanhol, ela teria, em sua inocente exegese, unido-se a ele.

Para aclarar tal desdita, que poderia abalar a união do casal ibérico, a rainha, chamada por Beatriz, solicita a presença de Luis, cuja defesa não é o suficiente para convencer a todas, e Colombo, que reporta à monarca o caráter reto do seu companheiro, desarmando, assim, a controvérsia. Logo, no capítulo X, a soberana convida Ozema para as suas dependências, onde lhe conta que tudo o que imaginara fora, na verdade, uma ilusão, não havendo qualquer possibilidade de se comprometer com o nobre espanhol, mesmo convertida à fé cristã. Concomitantemente, Isabel consentiu, junto da cuidadora, com as bodas do, agora, explorador, com a sua contraparte, ordenando a realização do ritual imediatamente.

---

[111] No original consta: *Often had she beheld and admired the beautiful emblem worn by out hero; and, as the habits of her own people required the exchanges of pledges of value as proof of wedlock, she fancied, when she received this much-valued jewel, that she received the sign that our hero took her for a wife, at a moment when death was about to part them forever* (Cooper, 1856, p. 462).

Os trechos do casamento – que são concebidos por dois movimentos narrativos: o da cena e o do sumário – são os últimos desse sintagma. Após a chegada de um sacerdote, ambos se direcionam para a câmara, onde confirmam os votos. Convidada a participar do conúbio, a autóctone taína, além de ser batizada, assiste aos dois, sob um pretexto criado pela rainha. A sua intervenção é a que se segue:

> Aturdida pela confusão de ideias que tinham nela crescido entre os dogmas que tinham populado a sua mente e aqueles, mais tardios, que lhe foram há pouco ensinados; e fisicamente paralisada pela certeza de que a sua última esperança de uma união com Luis se fora, o espírito da jovem índia desertou a sua bela construção, deixando no semblante do corpo uma amável impressão das emoções que prevaleceram durante os últimos momentos da sua residência terrestre. Assim deixou a existência terrena a primeira daquelas almas que o grande descobrimento salvou da perdição dos hereges[112] (Cooper, 1856, p. 478).

A morte da caribenha tem duas justificativas, segundo essa voz que explora todos espaços e argumentos da diegese. A primeira refere-se ao seu colapso mental: tendo, de um lado, os preceitos da sua criação tachada de "pagã" (poligâmica) e, de outro, a sua recente conversão ao cristianismo (monogâmico), a indígena não consegue realizar uma síntese dos fatos vividos. Cooper (1856) a constitui de uma forma que tampouco consiga se posicionar em

[112] No original consta: *Bewildered with the confusion of ideas that had grown up between the dogmas that had been crowded on her mind, of late, and those in which she had been early taught; and physically paralyzed by the certainty that her last hope of a union with Luis was gone, the spirit of the Indian girl had deserted its beautiful tenement, leaving on the countenance of the corpse a lovely impression of the emotions that had prevailed during the last moments of its earthly residence. Thus fled the first of those souls that great discovery was to rescue from the perdition of the heathen* [...] (Cooper, 1856, p. 478).

um entre-lugar[113]: na sua lógica, podem existir tão somente os dois polos culturais, raciais e sociais. O híbrido, em todas as suas variações e extensões, tem o seu ser negado. O motivo seguinte é o corporal: ao não se encaixar em nenhum dos valores das duas sociedades, ela se vê paralisada – impossibilitada de continuar a existir. Por essas duas razões, a sua alma deixa o seu corpo, como é indexado pelo narrador, tendo fim a sua vida terrena.

No último período, a voz enunciadora agrega, ainda, que foi dessa maneira como a primeira das almas recuperadas pelo "descobrimento", exaltado por intermédio de adjetivos, deixou a terra. O foco desse registro final jaz, no entanto, na sua retórica proselitista: por mais que tenha tido a sua existência emudecida, ela foi "salva", como muitos outros o seriam na sequência, da heresia, constituinte desses Outros, que estão do lado inverso do Atlântico, do ponto de vista dos europeus, mas também a Oeste, do espaço estadunidense, que, em 1840, encontrava-se em pleno estágio de expansão territorial, como indica Weinberg (1963).

Para se ter uma ideia, a população dos Estados Unidos contava com, aproximadamente, 4 milhões de pessoas e pouco mais de 800 mil quilômetros quadrados, em 1790. No mesmo ano de publicação da obra de Cooper (1840), a nação já contava com 17 milhões de habitantes e 1 milhão e 700 mil quilômetros quadrados. Trata-se de uma duplicação do tamanho das terras e uma quadruplicação da população, em um intervalo de cinquenta anos. O processo de ampliação territorial não finalizaria até que o Alasca, o México, a ilha de Porto Rico e as Filipinas fossem anexadas, sem mencionar

[113] O entre-lugar foi um conceito proposto pelo escritor e crítico Silviano Santiago (1936-), em "O entre-lugar do discurso latino-americano" ([1978] 2000). Em tal artigo, o autor desenhou uma descrição da ontologia latino-americana, encontrando a sua localização em um espaço indefinido, por ser atravessado ora pela busca da cópia dos modelos estrangeiros/metropolitanos e ora pela crítica a esses parâmetros. Trata-se do desenvolvimento de um terceiro espaço, onde a assimilação e a subversão enfrentam-se, para forma um novo ambiente, híbrido. O parecer do autor dialoga com as acepções desenvolvidas por outros pensadores, em países distintos, como o espaço intersticial, de Homi Bhabha (1949-), segundo determinados teóricos, por exemplo.

outros territórios e bases que cairiam sob o controle estadunidense, a partir das derrotas britânicas e francesas, na região. Em 2000, a população já totalizava 280 milhões, enquanto o território se aproximava de 3 milhões e 700 mil quilômetros quadrados[114].

Retornemos à narrativa. Como resultado de tal falecimento, caem por terra todos os obstáculos que poderiam impedir o futuro feliz dos protagonistas. No último sintagma, o romancista consagra a união, realçando a conjunção racial pura e não mestiça. A voz enunciadora aponta, ainda, que o casal adquire um barco, alcunhando-o de Ozema. Ao navegarem com um comboio castelhano até uma determinada extensão encontram o navio de Colombo, que se dirigia para a segunda viagem, como é possível observar:

> Dom Luis [...] sabes a consideração que tenho por ti, e estou certo de que retornas esse sentimento com um grau de estima equivalente. Eu agora vou para fora da Espanha, em uma mais longínqua e penosa aventura do que aquela na qual foste meu companheiro. Eu naveguei concebido em desprezo, apesar de fingir ignorância e piedade; agora, tivesse eu partido do Velho Mundo seguido por maldade e inveja! Esses fatos, eu já sou muito velho para não os ter visto e previsto. Em minha ausência, muitos estarão ocupados com o meu nome. Até aqueles que agora gritam aos meus pés tornar-se-ão meus caluniadores, vingando-se para adulação passada por distração presente. Os soberanos serão inundados com mentiras e qualquer feito análogo ao sucesso será distorcido em crimes[115] (Cooper, 1856, p. 484).

---

[114]Os dados estão disponibilizados pela embaixada estadunidense na Alemanha: https://usa.usembassy.de/etexts/his/e_population.htm. Acesso em: 21 set. 2024.

[115] No original consta: *Don Luis* [...] *thou know'st the regard I bear thee, and I feel certain that thou returnest it with an equal degree of esteem. I now go forth from Spain, on a far more perilous adventure than that in which thou wert my companion. Then I sailed conceived in contempt, and veiled from human eyes by ignorance and pity; now, have I left the old world, followed by malignancy and envy. These facts am I too old not to have seen, and foreseen. In my absence, many will be busy with my name. Even they who now shout at my heels will become my calumniators, revenging themselves for past adulation by present distraction. The sovereigns will be beset with lies, and any disappointment in the degree of success will be distorted into crimes* (Cooper, 1856, p. 484).

O enunciador fala ao seu interlocutor que vai a mais uma navegação, cujo percurso será mais difícil e longo do que o anterior, aquela acompanhada pelo protagonista. A dificuldade não estaria atada, porém, ao feitio técnico, dominado pelo marinheiro, mas aos vaidosos, que, estando no continente, distorceriam a "verdade", para a transformar em faltas, com o intuito de se beneficiar com isso. Por essa via, Colombo parece, por essa iluminação fictícia da diegese – uma espécie de prolepse histórica incorporada à ficção –, prever o que fariam com ele posteriormente, ao ser encarcerado e abandonado pelos monarcas. Em conclusão, Cooper (1856), ao invés de enlear o futuro do marinheiro às suas próprias ações, deixa a voz da personagem alegar que aqueles episódios, registrados nos anais, teriam sido o desenlace da perfídia dos castelhanos interessados em tomar a sua posição no "Novo Mundo".

Aquilo que toma lugar na História Tradicional na sequência não é, portanto, iluminado, pois a narração finda logo após esse instante. Constatamos que há uma reintegração tão somente do período em que o navegador foi celebrado, recebendo vantagens, fortunas e moral pública. O momento em que suas decisões começam a ser questionadas pela Coroa e sua imagem a desvanecer para os castelhanos é ocultado. Como resultado, apesar de haver uma recuperação de materialidades históricas, mescladas a ficcionais, o recorte estipulado pelo escritor define, indiretamente, o modo pelo qual o leitor recebe a renarrativização: um itinerário ascendente e sem equívocos.

Ao expor a vinculação lógica dos sintagmas de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), esclarecemos que o autor insere ocorrências auxiliares – isto é, catalíticas – e essenciais, sem as quais não seria possível abstrair a diegese. No que se refere a esse último grupo, argumentamos que algumas dessas ocorrências são auxiliares com respeito a outras, as que estão posicionadas em um primeiro plano. Trata-se aqui da correlação entre, de um lado, os episódios constituintes da trajetória do trio amoroso (Luis, Mercedes e Ozema), que são os focalizados pela voz enunciadora e

acompanhados pelos leitores, e, de outro, os acontecimentos históricos renarrativizados e manipulados na obra estadunidense.

Considerando o uso que Márquez Rodríguez (1991) faz dos termos "trama ficcional" e "pano de fundo", podemos organizar os fios que compõem tal diegese em dois níveis, assim como o fizemos com Scott (1994), à luz da teoria de Fleck (2017). Tal disposição dos feitos poderia ser expressa pelo **quadro 8,** abaixo exposto, que segue a temporalidade dos sintagmas do quadro anterior e propõe novos termos. Por essa sistematização, iniciamos, de forma bastante didática, a revelar as evidências de aproximação, senão de réplica, do esquema scottiano na escrita específica dessa obra de Cooper, voltada à "Poética do 'descobrimento'".

Quadro 8: Níveis diegéticos de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856)

Níveis diegéticos	**Conteúdo/funções**
Nível superdiegético (trama ficcional)	- O desejo de Luis de Bobadilla e Mercedes de Valverde de se unirem por meio do matrimônio; - A permissão concedida por Beatriz e Isabel, perante a condição de execução de um ato de bravura; - O encontro entre Luis e Cristóvão Colombo; - A viagem de Luis à América; - O encontro entre Luis e uma das princesas da ilha (Haiti), Ozema; - A confusão de Ozema com relação ao casamento que teria realizado com Luis; - A morte da indígena, diante do reconhecimento da impossibilidade de execução do matrimônio entre os dois; - Casamento e final feliz do casal ibérico.
Nível infradiegético ("pano de fundo" de extração histórica)	- Contextualização das principais situações históricas na qual se apresentam os consortes espanhóis e, resumidamente, o seu matrimônio; - A expulsão dos mouros da Península Ibérica, com a tomada de Granada, nas primeiras páginas do livro;

	- A petição de Colombo pelo patrocínio das viagens a Cathay por parte da Coroa espanhola; - Os preparativos e a realização da viagem; - O "descobrimento do 'Novo Mundo'", por Cristóvão Colombo; - As comoções para a segunda viagem de Colombo; - A expulsão dos judeus da Espanha.

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2024, adaptado de Berndt, Fleck (2021).

O nível "superdiegético" é um neologismo, que se refere a essa condição específica da modalidade clássica scottiana do romance histórico: o fato de existir uma camada formatada por elementos ficcionais, que se sobrepõe à outra, de extração historiográfica. Na obra em análise, tal nível está composto por um conteúdo bem definido: as peripécias do trio amoroso. Conforme o **quadro 8**, fazem parte dele a inicial impossibilidade do amor do casal ibérico, a ida de Luis à América, junto de Colombo (não registrada pelos documentos), o romance entre Ozema e o espanhol (argumento imaginativo da obra), que não se consolida definitivamente, o engano da autóctone americana e o casamento dos ibéricos, com o final feliz. Poder-se-ia resumir os acontecimentos que formam tal nível, então, em um total de seis sequências: a) impossibilidade; b) viagem; c) romance; d) engano; e) morte daquela que causa o triângulo amoroso; f) matrimônio.

Como contrapartida ao prévio, o nível "infradiegético" é o que, dentro da analogia topográfica, localiza-se abaixo do superdiegético, dando o tom ou caráter histórico ao primeiro. Ele é a ambientação histórica na qual as personagens e as suas peripécias tomam lugar, com a união de Fernando e Isabel, a expulsão dos mouros e judeus, no ano de 1492, o pedido de Colombo para a Coroa, a viagem em si, nos três barcos, comandados pelo marinheiro e os irmãos Pinzón, a chegada nas ilhas do Caribe e a

volta a Barcelona[116]. Outros tópicos menos detalhados poderiam ser inseridos, como a menção aos mapas e diários que o marinheiro mantinha durante a viagem, uma referência ao próprio texto que Cooper (1856) usa para compor essas funções centrais.

O uso de tais níveis merece um esclarecimento epistemológico, pois superdiegético e infradiegético não constam no programa teórico de Genette (1972). Tampouco aparecem tais termos nos estudos de Thompson (1911), Lukács (2011) ou Márquez Rodríguez (1991), por exemplo – críticos que analisam o romance histórico a partir de outros paradigmas literários. Não obstante, se nos for autorizado tomar, do arcabouço teórico genettiano, o conceito de diegese, para iluminar uma problemática da história/diegese de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), à luz da interpretação dada especialmente por Márquez Rodríguez (1991), teremos uma ferramenta de trabalho profícua.

É necessário aclarar que não tomamos a ideia para mostrar determinados processos que tomam lugar na narração/*narration* (o ato enunciativo produtor) ou na narrativa/*récit* propriamente dita (o enunciado ou o discurso), tal como o faz Genette (1972), quando cataloga os tipos de frequência, modo, voz e afins. Contrariamente, selecionamos o conceito de diegese a fim de tratar de algo que ocorre no que Genette (1972) denomina de história/*histoire*: a rede de eventos que são relatados ou "o significado ou conteúdo narrativo [...][117]" (Genette, 1972, p. 72). Para que o nosso leitor compreenda a que aludimos, indexamos a definição dada pelo próprio autor, acerca da sua escolha terminológica, em uma nota de rodapé:

---

[116] A volta de Cristóvão Colombo e a sua tripulação não se dá, inicialmente, em Barcelona. A cidade espanhola onde desce pela primeira vez o marinheiro é Sevilha. No entanto, após os procedimentos de transbordo, ele se dirige à cidade catalã, em abril de 1492, a fim de ser recebido pelos consortes e celebrar aquilo que foi considerado a sua façanha. Disponível em: https://historia.nationalgeographic.com.es/a/reyes-catolicos-reciben-a-cristobal-colon_7162. Acesso em 7 nov. 2022.

[117] No original consta: *le signifié ou contenu narratif* [...] (Genette, 2017, p. 85 [Tradução de Alencar (2017)]).

> Narrativa e narração dispensam justificação. Para história, apesar de um inconveniente evidente, invocarei o uso corrente (diz-se: "contar uma história") e um uso técnico, claro, mais restrito, porém bastante aceito desde que Tzvetan Todorov propôs-se a diferenciar "narrativa como discurso" (sentido 1) e a "narrativa como história" (sentido 2). Empregarei, ainda no mesmo sentido, o termo diegese, que nos vem dos teóricos da narrativa cinematográfica[118] (Genette, 1972, p. 72).

Observamos que as acepções de Todorov e Genette correspondem a um mesmo fenômeno literário, ou seja, àquilo que se conta, à sua fábula, em oposição à contação ou enunciação. Em outras palavras, a proposição dos novos termos não se refere a uma nova categoria de enunciação do narrador e nem mesmo do enunciado em si. Trata-se, sim, de uma divisão produzida em outro aspecto, o da construção lógica dos acontecimentos, que podem se dividir em "de extração histórica", de um lado, e "completamente artísticos", de outro: ou, para usar as novas acepções, em infradiegéticos e superdiegéticos, respectivamente. A significância dessa diferenciação encontra-se na possibilidade de determinarmos, de maneira mais precisa, como o autor manipula, por meio dos artifícios artísticos empregados, o material diegético, produzindo, assim, as imagens discursivas almejadas por seu projeto escritural.

É relevante mencionar que, apesar da separação ilustrada no **quadro 8** sugerir uma segmentação clara entre os níveis, eles, ao contrário, autodeterminam-se. Nenhum dos acontecimentos é inserido por Cooper (1856) apartado dos outros. Apesar de ser uma construção artificial – linguística –, há o que poderia ser bem caracterizado como um processo de anastomose: os episódios

[118] No original consta: *Récit et narration se passent de justification. Pour histoire, et malgré un incovénient évident, j'invoquerai l'usage courant (on dit: "raconte une histoire"), et un usage technique, certes plus restreint, mais assez bien admis depuis que Tzvetan Todorov a proposé de distinguer le "récit comme discours" (sens 1) et le "récit comme histoire" (sens 2). J'emploierai encore dans le même sens le terme diegèse, qui nous vient des théoriciens du récit cinématographique* (Genette, 2017, p. 85 [Tradução de Alencar (2017)]).

centrais do nível superdiegético encontram naturalmente os do nível infradiegético, desenvolvendo-se par a par com eles.

Ademais da imbricação entre as partes nucleares ou principais, dispostas no **quadro 8** acima exposto, outros artifícios são manejados para criar tal comunicação harmônica entre os níveis. Dois são os "vasos" ou "canais" pelos quais esse cruzamento – pois é disso que se trata uma anastomose, quando duas espécies recém-separadas (História e ficção) voltam a se reunir – é impulsionado. Por um lado, há o acionamento das funções indiciais, cujo mecanismo semiológico já foi explicado ao tratarmos da modalidade scottiana, mas que merece uma breve pormenorização, devido a sua operacionalidade chave, no caso do romance em tela.

Ao tomar a narrativa de Bond, em uma perspectiva geral, para exemplificar tal classe, Barthes (1985, p. 252) apresenta os índices da seguinte maneira: "Dizer que Bond está de guarda num escritório cuja janela aberta deixa ver a lua entre as pesadas nuvens que passam é indexar uma noite de verão tempestuosa, e essa dedução mesma forma um índice atmosferial que remete ao clima pesado, angustiante[119]", não explicitado. Em outras palavras, o acréscimo de um item, como o do tempo meteorológico, na construção de um cenário ou de uma personagem pode conotar – produzir um ruído nos sentidos. Os índices são, por conseguinte, funções que geram significações além daquelas iniciais: notações de atmosfera, caráter, sentimento e afins, que surgem aos leitores como atividade de deciframento.

Voltemos à obra analisada. Em *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), do mesmo modo que os acontecimentos do "pano de fundo" são moldados ou descritos de acordo com os relatos históricos, os ficcionais também o são, por meio dessas

[119] No original consta: *Dire que Bond est de garde dans un bureau dont la fenêtre ouverte laisse voir la lune entre de gros nuages qui roulent, c'est indexer une nuit d'été orageuse, et cette déduction elle-même forme un indice atmosphériel qui renvoie au climatlourd, angoissant* (Barthes, 2001, p. 121 [Tradução de Mário Laranjeira (2001)]).

notações. Logo, há um trabalho de precisão na confecção de cada unidade da diegese, como vemos nas descrições dos espaços, nas menções às vestimentas ou nas contextualizações, por exemplo: todos esses elementos citados obedecem a uma caracterização histórica. Embora pareçam não ter importância nenhuma para o desenrolar do relato, são esses índices que, dentre outras coisas, auxiliam na determinação histórica das propriedades da diegese, que se traduz aos leitores em uma verossimilhança.

A segunda via utilizada pelo autor para conectar os discursos romanesco/ficcional e de extração histórica é a dos informantes. O primeiro tipo é o propriamente histórico, no qual datas, locais ou situações consideradas reais pelo público ou oficializadas pelo discurso hegemônico são usadas. As referências às datas enraízam a ficção no "real", criando um efeito de confiança por parte dos receptores. O segundo tipo é o ficcional, em que informações específicas são dadas, como nomes de locais ou dias, meses e anos, à diferença que não estão nos registros, embora a voz enunciadora busque dissuadir os seus leitores que sim.

Observamos, portanto, que o autor toma artifícios propalados por Scott e pela História, para criar uma verossimilhança, que pode, inclusive, confundir o leitor com respeito ao que seria composto artisticamente ou retirado de outros textos, como o historiográfico. Além disso, verificamos que, tal qual Scott o fazia ao criar um fundo histórico coadjuvante e uma trama ficcional principal, a diegese cooperiana é composta por dois níveis, um infra e outro superdiegético. Assinalamos, igualmente, que, para nutrir esses níveis, o autor introduz acontecimentos e personagens de extração histórica, ademais de construir uma voz enunciadora que se posiciona frente a eles.

Até a este ponto, trabalhamos com os sucedidos e o modo pelo qual Cooper (1856) os dispôs, sistematicamente, de acordo com os parâmetros artísticos scottianos; mas não com as entidades que assumem tais formulações: as personagens, segundo a linguagem tradicional, ou os actantes, conforme as correntes contemporâneas. Antes de avançar para tal deslindamento, é preciso indicar que,

durante uma primeira fase da Literatura Comparada, costumou-se analisar essas segundo a sua correspondência com algo como uma "verdade" biográfica. Ao invés de seguir tal abordagem, buscamos elucidar como elas são discursivamente tecidas, segundo a sua função na diegese, e a relevância ideológica dessas imagens, linguisticamente manipuladas, na esfera da leitura.

Retornemos. Embora haja em todas essas relações de causa e consequência analisadas anteriormente um feitio semiologicamente/semanticamente significativo, é por meio da integração gradual e completa dessas formas aos seus agentes/personagens que a construção discursiva do texto se impõe plenamente ao leitor. Como a quantidade de correlações entre funções e ações é numerosa em um romance, destacamos apenas duas formulações essenciais à figuração das personagens erigidas no romance histórico clássico de Cooper (1856).

A primeira formulação é direcionada à (**1**) ocupação de cada personagem da estrutura como um todo. A segunda é focada em (**2**) duas personagens específicas, em razão de seu papel na diegese. Como a intenção deste capítulo é comprovar em que medida o romance no qual Colombo é ficcionalizado vincula-se à modalidade scottiana do romance histórico, para o encaminhamento inicial (**1**), contrastamos o papel das personagens que compõem a ossatura de *Ivanhoe* (Scott, 1994) e de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856). Para evitar que o nosso leitor tenha de retornar, sumarizamos as sequências de ambas as obras em um parágrafo, dando ênfase no papel das personagens, a fim de, em seguida, efetuarmos algumas considerações:

I) *Ivanhoe* (Scott, 1994): Wilfred of Ivanhoe, ao não poder se casar com Rowena, por ela ser uma das únicas descendentes vivas da mais nobre estirpe saxã, juntou-se a Ricardo Coração de Leão para ir às Cruzadas. Alguns anos depois, ao voltar da Terra Santa, o jovem, disfarçado de Cavaleiro Deserdado, participou do torneio fomentado pelo maligno príncipe regente, João, a fim de conquistar a sua amada. Por estar muito ferido após as batalhas que venceu,

foi Rebecca, no entanto, filha do judeu Isaac e apaixonada pelo herói, que levou o guerreiro para ser tratado e convenceu o pai a ajudá-lo. Depois de ser capturada por um templário do séquito de João que buscava dinheiro do riquíssimo pai da semita, Ivanhoe foi atrás dos raptores e os dominou para libertar a judia, como um modo de agradecimento pelas suas ações anteriores. Em meio à ambiguidade do trio amoroso formado nesse momento, Rebecca, por ser o elemento estrangeiro, foi, logo, rejeitada e enviada à Espanha, sem conseguir confessar o seu amor a Ivanhoe. Esse, por sua vez, casou-se, finalmente, com a donzela, Rowena, por merecimento de seus atos heroicos junto ao verdadeiro rei, Ricardo Coração de Leão, que voltou ao país para reinstalar a ordem, após o seu irmão assumir o trono, durante a sua ida para Jerusalém.

II) *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856): Luis de Bobadilla e Mercedes de Valverde desejavam casar-se. Porém, como a responsável por Mercedes, Beatriz, rejeitou a união, em razão da falta de uma moral verdadeiramente elevada do jovem pretendente, o matrimônio não foi concretizado. Com o objetivo de conquistar a honra necessária para receber a mão da jovem, o nobre juntou-se, portanto, ao grupo liderado por Cristóvão Colombo, que procurava, em 1492, expandir a fé cristã e reunir o valor monetário fundamental para reconquistar Jerusalém. Já na ilha *La Hispaniola*, Luis contatou Ozema, uma princesa do Haiti, e a salvou do rapto de Caonabó, um rei taíno da ilha. Como consequência inevitável dos episódios, o espanhol teve de transladar a nativa ao navio, onde lhe deu um crucifixo como símbolo de proteção. Depois de uma longa viagem em que uma série de confusões pulularam entre os dois, os "descobridores" desembarcaram no "Velho Mundo". Em Barcelona, Ozema, levada junto à Espanha, afirmou a Mercedes que havia se casado com Luis. A confusão se resolveu com a morte de Ozema, o elemento estrangeiro, que reconheceu o engano depois de ser convertida ao cristianismo, e o casamento dos castelhanos – sob a aprovação da própria Rainha Isabel – finalmente ocorreu, pois o herói foi capaz de corresponder ao que se esperou dele e reproduzir as ações do "altivo almirante".

Ao tomarmos as linhas acima como eixo para os próximos apontamentos, constatamos que os argumentos – isto é, as construções lógicas estabelecidas – de ambas as narrativas compartilham uma série de unidades funcionais ou mesmo sequências inteiras. Com a ideia de sequências, reportamo-nos ao que Todorov (1970) denomina de as unidades mínimas das intrigas, que, por sua vez, deixam-se representar por orações como as que produzimos acima, ao resumirmos as peripécias efabuladas. Por essa homologia, determinados tipos de personagens acabam por executar funções análogas, tanto no nível superdiegético quanto no infradiegético. Para expressar como o romance estadunidense atrelou-se aos parâmetros scottianos nesse nível da configuração das personagens (actancial), apresentamos, então, um esquema, que retém alguns dos padrões contidos na tessitura que consideramos fulcrais, apesar do romance não se reduzir tão somente aos esboçados abaixo:

Esquema 3: Correspondências actanciais entre *Ivanhoe* (Scott, 1994) e *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856)

A e B amam-se > C proíbe o casamento de A e B > A integra o grupo de D e participa de um evento histórico no exterior > A salva E de F > E apaixona-se por A > C aceita o casamento de A e B > E retira-se de cena pelo autoexílio ou morte

Fonte: Elaborado por Berndt (2020, p. 358).

Antes de explanar, apresentamos o significado dos símbolos. *A priori*, o sinal ">" traduz a relação de implicação firmada entre duas ações ou o que intitulamos as conexões de causa e consequência. Por sua vez, "A" representa as personagens masculinas – heróis dos romances: Ivanhoe e Luis; "B" equivale às personagens femininas europeias – merecedoras do verdadeiro amor dos heróis: Rowena e Mercedes; "C" está vinculado às personagens secundárias autorizadas a avalizar a união amorosa: Cedric e Beatriz; "D" representa aquelas personagens de extração

histórica no qual os heróis se espelham: Ricardo Coração de Leão e Cristóvão Colombo; "E" está para as personagens femininas que estabelecem o trio amoroso, não sendo elas as ideais para os heróis: Rebecca e Ozema; "F" representa, por fim, as personagens secundárias masculinas que agem contra as femininas que geram o trio amoroso, requerendo a ação dos heróis para salvá-las: o templário e Caonabó.

Como se vê, há uma aproximação bastante singular, se não imitativa, entre os romances. Observamos que, a despeito da diferença existente entre o passado renarrativizado por Scott (1994) e por Cooper (1856), as personagens de ambas as camadas têm a mesma atuação. Como Propp (1970) [120], podemos reduzir as personagens a uma tipologia simples, baseada não necessariamente na sua psicologia, apesar da importância dessa *a posteriori*, mas nas unidades das ações que o autor da diegese lhes atribui. Se o morfólogo russo propunha funções como Doador, Mau e Ajudante, para o conto, por exemplo, poderíamos apontar, então, a presença de funções, pertencentes à modalidade clássica, que são reproduzidas/imitadas por Cooper (1856), como as do Herói mediano (Luis), do Tutor (Beatriz e, em certa medida, Isabel), do Indivíduo histórico-mundial (Colombo), do Antagonista retrógrado (Caonabó e os indígenas), da Donzela de raça pura (Mercedes), da Donzela estrangeira ou mestiça (Ozema), entre outros.

Aqui é importante enunciar que, da mesma forma como os acontecimentos são atados entre si pelo autor para criar um efeito

[120] Vladimir Propp (1895-1970) foi uma acadêmico e pensador russo, que manteve um contato estreito com os integrantes do grupo *ОПОЯЗ* (OPOJAZ), como Viktor Chklovski (1893-1984), Boris Eikhembaum (1886-1959), Iuri Tynianov (1894-1943), Roman Jakobson (1896-1982) e outros. Em *Morphologie du conte* (Propp, 1970), o autor deslindou a história de 100 contos populares russos, a partir de um viés posteriormente considerado estruturalista. Dentre os seus achados, ressaltamos o reconhecimento de determinadas funções assumidas pelas personagens no interior do complexo literário analisado. Especificamente no *corpus* da sua investigação, Propp (1970) identificou 31 funções, agrupadas em 7 campos de ação, a saber: o agressor, o doador, o auxiliar, a princesa e o pai, o mandador, o herói e o falso herói.

de real, as personagens também o são. As suas atuações no interior das circunstâncias obedecem à determinação histórica. Sem embargo, essa precisão não pode ser entendida como uma obediência ao que supostamente teria "realmente sucedido", pois o que está em jogo não é o conceito da História vivida, de que escreve Le Goff (2013), a título de exemplo. Inversamente, essa ideia de determinação, que poderia ser substituída pela concepção de fidelidade histórica de que trata Lukács (2011), associa-se à renarrativização das funções atribuídas às figuras/personalidades nos textos tradicionais sobre o período. Esses são, no caso de Cooper (1856), os documentos assinados pelo próprio navegador (Varela, 1997) e pelo frei De Las Casas (2004), bem como as produções poéticas, ensaísticas e biográficas estadunidenses dos séculos XVIII e XIX, que, além de recontar o que havia sido registrado pelo explorador, exaltaram a sua figura, como um "pai fundador da República".

Consequentemente, *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856) ingressa na mesma linha dos textos scottianos, em que "temos a inserção num tempo passado, de personagens puramente ficcionais, que se adaptam tão perfeitamente às condições psicológicas e sociais das demais personagens, oriundas da História e reconfiguradas pela ficção, que sua distinção não é nada simples" (Fleck, 2017, p. 38).

Indicamos, acima, que a segunda parte da análise das personagens incluiria o deslindamento do encargo desempenhado por outras duas figuras (**2**). Dividimos, para isso, a nossa comparação a partir dos dois planos existentes na diegese cooperiana: primeiramente, do principal agente do "pano de fundo" (Cristóvão Colombo) e, por fim, aquele que é o integrante essencial da trama ficcional passional (Luis). Outrossim, apontamos a convergência da costura dessas personalidades com o projeto colonial da nação estadunidense. Os dois heróis são escolhidos, na medida em que, segundo Jauss (1982) – cujo enfoque recai na esfera recepcional –, são os protagonistas/heróis, dentre

todos as outras personagens, que tipificam o padrão comunicativo de uma identificação esteticamente mediada.

Se ampliarmos o arranjo das sequências assentadas no **esquema 3**, com uma atenção especial para as intervenções atribuídas ao agente narrativo denominado no discurso de Cristóvão Colombo, ainda no âmbito da produção e não da leitura/recepção, podemos verificar que a estrutura de sua História foi, além de profundamente indicializada, ascendente. Ou seja, o autor do texto constituiu o percurso de tal figura como uma armação composta por três momentos consecutivos: o de sofrimento, de luta e de êxito. Para demonstrar essa evolução no nível das ações, devemos, então, desmembrar os segmentos de sua configuração e analisar o modo pelo qual Cooper (1856, p. 166) teceu cada um desses estágios na trajetória da personagem. O primeiro deles pode ser listado a partir do seguinte excerto:

> Em um território rochoso, a uma distância de menos do que uma légua da vila de Palos, ficava o convento de La Rábida, desde então tão celebrado por sua hospitalidade a Colombo. No portão dessa construção, sete anos antes, o navegador, levando o seu jovem filho pela mão, apresentou-se como um pedinte por comida em nome do garoto exausto. [...] vamos meramente adicionar que a sua longa residência nesse convento [...] influenciou-o em dirigir a escolha da coroa para esse lugar particular. Colombo não apenas circulou as suas opiniões com os monges, como também com os mais inteligentes […][121].

Enfocando o teor do enunciado, constatamos, novamente (Fleck, 2008), que o narrador delineia a primeira imagem do

[121] No original consta: *On a rocky c, at a distance of less than a league from the village of Palos, stood the convent of La Rabida, since rendered so celebrated by its hospitality to Columbus. At the gate of this building, seven years before, the navigator, leading his youthful son by the hand, had presented himself, a solicitor for food in behalf of the wearied boy.* […] *we will merely add that his long residence in this convent* […] *influenced him in directing the choice of the crown to this particular place. Columbus had not only circulated his opinions with the monks, but with the more intelligent* [...] (Cooper, 1856, p. 166).

navegador com base na tese divulgada anteriormente em *A History of the Life and Voyages of Christopher Columbus* (Irving, 1828). Segundo tal visão, o genovês teria feito a sua aparição inicial na Espanha em um estado ignóbil: sem portar nenhum material além das suas vestes, ele e o seu filho teriam sido auxiliados pelos monges de Palos. Especificamente no trecho em questão, os leitores contemplam, portanto, uma retomada do passado que renarrativizou a ideia de sujeito paupérrimo e miserável. Não obstante, isso é rompido nas páginas subsequentes.

No segundo estágio, averiguamos que, após padecer por sete anos solicitando – sem ceder a nenhuma de suas prerrogativas – aos monarcas e nobres da Espanha, o auxílio para a sua empresa chegou – como lemos na passagem: "Nesse longo período, quanta pobreza, desdém, zombaria e até ódio ele não enfrentara pacientemente […]![122]" (Cooper, 1856, p. 121), pois a rainha concedeu a ele o valor e os bens necessários para a execução da jornada que buscaria inaugurar uma nova rota ao Oriente, a fim de financiar os gastos do Império em uma nova Cruzada e difundir as crenças da fé cristã ao redor do globo. A viagem de saída para a América e de retorno para a Europa foram igualmente traçadas mediante a faceta moral, heroica e altiva do novo Vice-rei das terras conquistadas.

De fato, o terceiro estágio das sequências começou no momento de exultação do aceite da regente espanhola: "Colombo estava profundamente tocado com a informação […] quando descobriu a sua face, ela estava radiante de felicidade e toda a dúvida pareceu desvanecer-se. Anos de sofrimento foram esquecidos nesse momento de alegria[123]" (Cooper, 1856, p. 136). Todavia, a sua ascensão consolidou-se tão somente com a sua chegada à Península Ibérica, depois dos "descobrimentos", sempre caracterizados como pacíficos e feitos para o bem dos habitantes

[122] No original consta: *In that long period, how much poverty, contempt, ridicule, and even odium, had he not patiently encountered* […] (Cooper, 1856, p. 121).

[123] No original consta: *Columbus was deeply touched with the information […] when he uncovered his face it was radiant with happiness, and every doubt appeared to have vanished. Years of suffering were forgotten in that moment of joy* (Cooper, 1856, p. 136).

das ilhas do Caribe. As circunstâncias envolvendo o embarque de Colombo foram inicialmente redigidas por Cooper (1856, p. 405), no final do vigésimo quinto capítulo, onde o leitor verifica o fragmento abaixo:

> Assim, virtualmente, acabou a maior exploração marinha que o mundo já testemunhou. É verdade que uma rodada de corrida para Palos foi feita posteriormente, mas foi insignificante à distância e não frutífera em incidentes. Colombo havia realizado seu vasto propósito, e seu sucesso não era mais um segredo. É conhecida a sua recepção em Portugal, bem como todas as principais ocorrências que aconteceram em Lisboa. Ele ancorou no Tejo a 4 de março […]. Na manhã do dia 14, Nina estava ao largo do Cabo de São Vicente, quando puxou para leste, com um leve ar de norte. Ao amanhecer do dia 15, ela estava novamente fora da barra de Saltes[124].

Comprovamos o fato de o agente efabulado, protagonista de sua própria História, completa ou preenche as angústias, os propósitos e as aspirações já inseridos em seu caráter desde o primeiro estágio. A glória de suas façanhas – feitas em proveito próprio, mas, também, para o reino de Fernando e Isabel – foi tamanha que influiu na reação de todas as outras personagens, como no excerto a seguir, em que funções indiciais (elementos que conotam outras significações além das literais) foram manejadas com o intuito de acentuar o seu caráter digno de uma paramentação homérica: "Todos os olhos pareceram focados em sua pessoa, todos os ouvidos escutaram desejosamente às sílabas enquanto elas

[124] No original consta: *Thus, virtually, ended the greatest marine exploit the world has ever witnessed. It is true that a run round to Palos was subsequently made, but it was insignificant in distance, and not fruitful in incidents. Columbus had effected his vast purpose, and his success was no longer a secret. His reception in Portugal is known, as well as all the leading occurrences that took place at Lisbon. He anchored in the Tagus on the 4th of March* […] *On the morning of the 14th, the Nina was off Cape St. Vincent, when she hauled in to the eastward, with a light air from the north. At sunrise on the 15th, she was again off the bar of Saltes* […] (Cooper, 1856, p. 405).

caíram de seus lábios, todas as vozes se tornaram elevadas e solícitas em seu louvor [125]" (Cooper, 1856, p. 253).

O resultado da integração dos elementos elucidados acima ao nível das ações ou, como denominaria Propp (1970, p. 35), das "funções das personagens[126]" conferiu a Cristóvão Colombo uma projeção inexistente nos registros do período do "achamento". Ao contrário, a tipologia incorporada por tal personagem representou, em razão da homologia entre a estrutura presente no texto e a ideologia contígua a ela, um modelo de *self-made man*. Em tal modelo, o sujeito foi concebido como uma entidade capaz de, independentemente das atitudes dos outros, construir o seu próprio futuro e o de sua nação por intermédio da persistência, do trabalho e da força de vontade irrefreável do Ego.

Como aludido no início destas reflexões, o vocábulo anglófono *self-made man* foi introduzido pelo advogado e político Henry Clay, para tratar dos indivíduos capazes de atingir o sucesso, apesar das condições externas. Reside nessa lógica uma oposição ao padrão aristocrático (no qual o eixo familiar predomina), pois o indivíduo, completamente nuclearizado, não pode ser influenciado por agentes alheios. Desprovido de família ou passado, o seu desenvolvimento é, por conseguinte, sempre ascendente, da pobreza rumo ao êxito social e econômico, precisamente como ocorre com a personagem Colombo na diegese de Cooper (1840).

Embora Clay seja comumente tratado como o criador da combinação *self-made man*, outros autores identificam que os seus argumentos principais já estavam presentes no discurso estadunidense. Encontrar-se-ia nesse agrupamento Lincoln (1809-1865), um dos presidentes mais conhecidos do país, como corrobora Winkle (2000, p. 1), ao afirmar que a sua vida foi, ao longo da História do país, sempre associada a essa imagem: "A sua notável

---

[125] No original consta: *Every eye seemed riveted on his person, every ear listened eagerly to the syllables as they fell from his lips, every voice was loud and willing in his praise* (Cooper, 1856, p. 253).

[126] No original consta: […] *fonctions des personnages* (Propp, 1970, p. 35).

luta para superar começos modestos e atingir o ápice do sucesso continuam um dos mais estimados temas no interior da lenda de Lincoln e, de fato, de toda a história estadunidense[127]". Na visada de Winkle (2000), o próprio líder havia relatado a sua trajetória de tal forma, tornando-se, assim, um dos estabilizadores da concepção:

> De fato, Lincoln, conscientemente, fixou a sua carreira política inteira no contexto de um triunfo pessoal sobre a adversidade por ele herdada [...] A biografia autorizada por Lincoln para a sua campanha presidencial representou a sua família como "pobre e desprovida de educação" e concluiu que "seria difícil conceber circunstâncias mais desfavoráveis [não promissoras] do que aquelas nas quais ele foi lançado pela vida". Denegrindo as suas próprias origens, Lincoln, simultaneamente, identificou a si mesmo como um "homem comum", enquanto enfatizou o seu próprio autodesenvolvimento[128] (Winkle, 2000, p. 1).

Exatamente como a personagem Colombo na história/diegese de Cooper (1856), Lincoln teve o seu percurso biográfico desenhado em forma de um *crescendo*, visto que parte do comum para o sucesso, unicamente por intermédio do autodesenvolvimento. Constatamos que, consequentemente, irmanam-se os discursos literário e político, com o interesse de fixar modelos, no caso com a manutenção do espectro semântico do *self-made man*, e formatar a construção de um novo modelo de indivíduo.

---

[127] No original consta: *His remarkable struggle to overcome humble beginnings and achieve the pinnacle of success remains one of the most cherished themes within the Lincoln legend and, indeed, within all of American history* (Winkle, 2000, p. 1).

[128] No original consta: *In fact, Lincoln self-consciously grounded his entire political career within the context of a personal triumph over inherited adversity* […] *The biography Lincoln authorized for his presidential campaign pictured his family as "poor and uneducated" and concluded that "it would be difficult to conceive more unpromising circumstances than those under which he was ushered into life." By denigrating his own origins, Lincoln simultaneously identified himself as a "common man" while emphasizing his own self-improvement* (Winkle, 2000, p. 1).

Por meio dessa forma, conforme descreveu Stavans (2001), houve, na escrita romanesca de Cooper, uma intenção possivelmente herdada dos poetas das colônias britânicas independentes, como Joel Barlow, Jeremy Belknap, Philip Freneau, entre outros, de exaltar as ações do "Almirante" e de, também, concebê-lo, ficcionalmente, como "um fundador/originador dos Estados Unidos […], um precursor da modernidade, um profeta, um homem de talento inestimável[129]" (Stavans, 2001, p. 53-54). A sua imagem, ao mesmo tempo que plasma os valores de indivíduo da pátria, funciona, nesse romance, como uma ligação ou ponte entre o projeto colonial estadunidense, em pleno processo de formação, e aquele que, por primeira vez, inaugurou esse movimento.

Um elemento essencial nesse caso é que, para plasmar, em tal constructo híbrido de História e ficção, os valores da pátria, o autor toma não o passado recente, mas o longínquo. Assim, ele furta, do ponto de vista semiológico, personalidades do passado, contidas no discurso da História, para as utilizar, discursivamente, como modelos no seu presente, tal qual Scott o fez, com a recuperação de Ricardo Coração de Leão, em *Ivanhoe* (Scott, 1994). Em outras palavras, o marinheiro europeu cede espaço, nesse romance histórico, para um Cristóvão Colombo nascido na América ou, mais precisamente, nos Estados Unidos.

Notadamente no romance histórico clássico, modalidade em que se enquadra *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), todos esses traços do homem auto constituído, que vai "Da miséria à riqueza[130]", segundo o ditado anglófono, tornam-se uma fonte de irradiação para as outras personagens fictícias da narrativa cuja posição no interior da configuração cardinal da intriga é central. Com efeito, surge na narrativa estadunidense em tela um efeito de espelhamento.

---

[129] No original consta: […] *an originator of the United States* [...], *a precursor of modernity, a prophet, a man of invaluable talent* (Stavans, 2001, p. 53-54).

[130] O ditado no original é: "*From rags to riches*".

Dentre todas as personagens, Luis de Bobadilla, o "herói" mediano, segundo a linguagem proposta por Lukács (2011), foi o mais influenciado pela autocoroação de Cristóvão Colombo, o "indivíduo histórico-mundial (*welthistorisches Individuum*)" (Lukács, 2011, p. 56) da narrativa. Inicialmente, a sua imagem foi a de um *gentleman* medíocre, aquele que "possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa" (Lukács, 2011, p. 49). Aos poucos, verificamos, no entanto, como o protagonista enceta a mudar, apesar de ressaltar a imagem de sua amada e não a missão que lhe fora dada pelos monarcas, em um diálogo com Colombo:

> Senhor Almirante, penso mais na Mercedes de Valverde do que em qualquer outra coisa, neste grande trabalho. Ela é minha estrela polar, minha religião, minha Catai. Vá em frente, em nome do céu, e descubra o que queres, seja Cipango ou as Índias mais longínquas; leve o grande Khan em seu trono, e eu seguirei em sua comitiva, com uma lança pobre e uma espada indiferente, jurando que como a donzela de Castela não há igual, e saqueando o Leste apenas para provar na face do universo que ela é incomparável, não importando a origem dos seus rivais[131] (Cooper, 1856, p. 190-191).

Na passagem, mesclam-se os elementos "negativos" do herói mediano aos "positivos", esses que têm o seu ponto máximo na última sentença, em que o leitor contempla uma figura que, a despeito de prezar mais por Mercedes do que pela tarefa de Colombo, encontrou-se disposta a derrotar qualquer um para

[131] No original consta: *Señor Almirante, I think more of Mercedes de Valverde than of aught else, in this great affair. She is my polar star, my religion, my Cathay. Go on, in Heaven's name, and discover what thou wilt, whether it be Cipango or the farthest Indies; beard the great Khan on his throne, and I will follow in thy train, with a poor lance and an indifferent sword, swearing that the maid of Castile hath no equal, and ransacking the east merely to prove in the face of the universe that she is peerless, let her rivals come from what part of the earth they may* (Cooper, 1856, p. 190-1).

alcançar o seu objetivo: voltar a Castela e se casar com a sua amada. Esse processo de câmbio, formado ao modo de *Ivanhoe* (Scott, 1994), consolidou-se ao final da narrativa, quando o herói, finalmente, na inferioridade, isto é, no ponto de vista popular, os princípios construtivos estabelecidos no plano elevado, projetando a imagem ideal do *self-made man*. Tal procedimento de reprodução/espelhamento foi pormenorizado por Lukács (2011, p. 95) da seguinte forma:

> Ele leva seus heróis "medianos" para o centro da crise histórica, dos grandes conflitos humanos, sobrecarregando-os com provas e missões extraordinárias afim [sic] de, nessas situações extremas, retratar o sobrepujamento de sua mediocridade passada, levá-los à visão daquilo que é humanamente autêntico e verdadeiro, do caráter humanamente autêntico e verdadeiro do povo.

Embora a apreciação crítica do autor tenha sido feita com um tom de celebração a respeito da produção scottiana – isso em razão de, na época de sua escrita, não existirem, ainda, as fases críticas do gênero, como a desconstrucionista, composta pelas modalidades do novo romance histórico (Aínsa, 1991; Menton, 1993) e da metaficção historiográfica (Hutcheon, 1988) ou a mediadora, constituída pela modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (Fleck, 2007-2017) – Lukács (2011) elucidou, de maneira precisa, o vínculo existente, no nível das ações, entre o indivíduo histórico-mundial e o herói mediano, no que se refere à ascensão desse mediante a replicação dos atos daquele, no romance histórico clássico. Entretanto, isso não esgota todas as possibilidades de conexão entre as imagens contidas no enunciado e o discurso pelo qual o leitor recebe tais constructos linguísticos.

Como apontamos anteriormente, tais modulações ideológicas, perquiridas do ponto de vista da produção, isto é, da manipulação artística do artefato literário, não permanecem somente em uma sorte de estrutura solipsista. Sendo o romance histórico um artefato estético, essas formulações, assim como as

outras, foram e são lidas, em um determinado contexto. Essa leitura configura-se como o instante em que o texto encontra o seu receptor, ou seja, que todo o sistema materializado pelo artista toma forma na mente do corpo que lê.

O choque produzido na tensão autor-texto-leitor é o momento daquilo que Jauss (1982) denomina de a experiência comunicativa básica da arte. Isso significa que, por meio de tal nexo comunicativo, o artefato abandona o isolamento da obra, de que trata Blanchot ([1955] 2011)[132], por exemplo, para alcançar a sua função social. A despeito das críticas à interface entre o âmbito literário e o não literário, essa foi alvo de teorizações desde as antiguidades ocidentais e orientais. Dentre os conceitos arrolados pelos gregos que se direcionam à problemática, catarse destaca-se, porque fricciona os artifícios aos seus efeitos na recepção do público.

Embora a base para a compreensão da catarse se ache em Aristóteles (2008) (a data original já foi apontada anteriormente), Jauss (1982) foi responsável por rearticular as formulações do helênico e as enquadrar na perspectiva da estética da recepção. Essa, para Zilberman (1989, p. 57), que retoma o autor alemão, é "a concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social", em uma retomada da "pergunta" que o texto lhe oferece. Na proposição de Jauss (1982), a catarse configura-se, em outras palavras, como o ponto máximo do reconhecimento pelos leitores dos modelos propostos no texto. Além disso, ele argumenta que, por meio da identificação/catarse, há uma absorção, não necessariamente absoluta, das imagens ou padrões textualizados.

[132] Utilizando-se de um léxico divergente ao nosso, Maurice Blanchot (1907-2003) argumenta que a obra é construída no isolamento do autor. Ao contrário de como a palavra costuma ser usada, ela teria, para o francês, o seu lugar no espaço íntimo do escritor, sendo assim um objeto ainda apartado da sociedade. Ele agrega que, por esse vínculo interno, a obra nunca encontra-se em um estado de completude: na perspectiva daquele corpo que redige, sempre haveria espaço para o apagamento, a criação ou a modificação.

Nesse processo, Jauss (1982) demonstra, mais adiante, em seu texto, que a escolha do herói – o protagonista socialmente mediano, Luis, responsável por espelhar as ações de Colombo – não pode ser aleatória por parte do autor. A razão está no fato de ser essa a categoria narrativa que tipifica, no plano da recepção, "o padrão comunicativo de uma identificação esteticamente mediada" (Jauss, 1982, p. 214). Quando inserimos em tal quadro analítico esse papel guia que o herói tem na leitura, transcendemos a ideia de um herói como apenas definido por suas ações no plano da produção, porque ele, também, passa a ser definido pelas respostas que desencadeia no público.

Essa resposta poderia ser observada de ângulos variados, mas o seguido por Jauss (1982) é um sincrônico. Nesse paradigma de análise, não se busca abstrair somente a visada do leitor, mas, sim, a do diálogo propiciado entre a obra (sobretudo por meio dos padrões incutidos no herói) e o receptor. Podemos verificar, então, que o encontro entre os dois campos, isto é, do texto e da leitura, é representado pelo esquema oriundo da hermenêutica literária do próprio Jauss (1982), pois ela obedece a uma estrutura de "pergunta" e "resposta", presente na intercessão dos dois polos.

Como a resposta não pode ser aleatória, precisamente por ser uma consequência da indagação formada pela escritura, haveria, segundo Jauss (1982), uma determinada recorrência nessa catarse que se monta e desmonta por meio da leitura. Em sua perspectiva, tal recorrência poder-se-ia deixar deslindar por meio de um procedimento interpretativo ou exegético, que teria como tarefa o contraste entre a estrutura da história/diegese, com enfoque na personagem protagonista, e o processo de identificação que se perfaz na recepção. Dessa maneira, a partir da correlação firmada entre as duas esferas, o pensador chegou a um total de cinco categorias de identificação, a saber: a associativa, a admirativa, a simpatética, a catártica e a irônica.

A modalidade à qual Luis corresponde é a admirativa. Para Jauss (1982, p. 137-8), nessa

> [...] a identificação admirativa refere-se à atitude estética que se define em termos da perfeição de um modelo e que continua longe da separação em efeito trágico e cômico, em razão da configuração da norma de admiração de um herói, santo ou sábio não derivar, comumente, de uma emoção trágica ou de um alívio cômico[133].

Notamos que nessa tipologia de identificação o espectro que se sobrevale é o da perfeição de um modelo. O autor argumenta que tal peremptoriedade não advém da representação trágica ou cômica, pois essas cedem para aquela das feições presentes na caracterização de figuras heroicas, santas ou sábias. Por exclusão, reconhecemos, então, que a categoria admirativa introduzida por Jauss (1982) aproxima-se, no cenário estético, daquilo que chamaríamos, no âmbito artístico, de a figuração épica.

Se levarmos essas considerações ao campo da obra perquirida, podemos observar uma equivalência entre a modalidade admirativa e o herói de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856). Isso significa que o protagonista corporifica um ideal, no caso o do *self-made man*, derivado de Colombo, e dispõe, mediante o arrebatamento estético, o indivíduo leitor na direção do reconhecimento e da adoção dessas normas/modelos. Cria-se, por intermédio dessa identificação específica, o efeito do espelhamento das propriedades da modalidade admirativa.

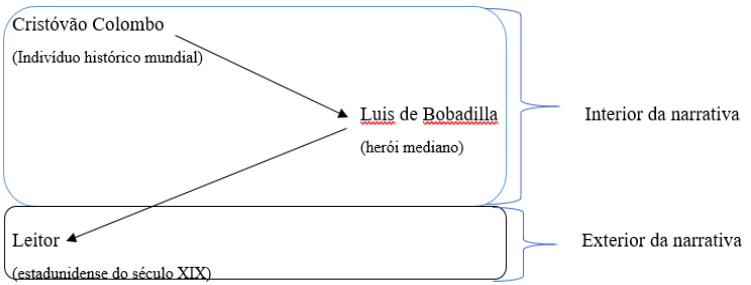
É, então, precisamente a anastomose ou hibridação das sequências da trajetória de Colombo, em um primeiro momento, e Luis, em um segundo, ao esquema de pergunta e resposta que se perfaz na esfera da leitura, guiada pela figura do herói, que se configura uma terceira projeção, aquela voltada para o receptor mesmo. Nesse sentido, da mesma forma que o herói mediano repetiu as ações de seu modelo, o narratário – espelhado, por sua vez, no leitor do século XIX – deveria, ao contemplar o valor do

---

[133] No original consta: […] *admiring identification refers to the aesthetic attitude that define itself in terms of the perfection of a model and still remains on the far side of the separation into tragic or comic effect, for the norm-setting admiration of a hero, saint, or sage does not commonly derive from either tragic emotion or comic relief* (Jauss, 1982, p. 137-8).

protagonista e se ver refletido em seus atos gerais de coragem, determinação e perseverança como ser humano comum, naturalizar/mitificar os ideais "atômicos" do individualismo/ nacionalismo estadunidense. Poderíamos expressar esse movimento em direção ao exterior da narrativa a partir da figura abaixo, que exibe o diagrama refratário nascido da relação entre o texto e a sua recepção:

Esquema 4: Sistema de Espelhamento da narrativa de *Mercedes of Castile or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1840)



Fonte: elaborado pelos autores, em 2024.

No **esquema 4**, há um bloco que envolve elementos diegéticos (Cristóvão Colombo e Luis de Bobadilla) e outro extradiegéticos (leitor). A conexão entre os dois dá-se pela narração da voz enunciadora, que apresenta as personagens e as "doa" ao receptor/narratário/leitor. A sugestão, concebida com base na perspectiva estética de Zilberman (1989), é de que há um mecanismo de reflexão presente na estrutura da obra: assim como Luis de Bobadilla é impelido a replicar, no interior da diegese, as ações do navegador, o leitor também o é ao contemplar as ações do herói, que é o modalizador das normas que podem ou não ser inculcadas pelos leitores.

É possível notar, em tal viés, a correlação entre a escrita de Cooper (1856) e a formulação de uma identidade produzida em uma determinada localização de poder e de saber globalizante. Ao contemplar o problema, mas com um enfoque voltado à América

Latina, Palermo (2011, p. 127) propõe algumas ideias úteis ao enquadramento da poética de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856) a esse bloco maior, o de sua recepção. Embora ela pense nos termos do seu espaço social e cultural, podemos, a partir do trecho abaixo, mencionado anteriormente nesta reflexão, associar a discussão produzida ao Sul do Rio Bravo à situação estadunidense:

> Nessa construção, a literatura joga um papel fundamental, a partir do momento em que dá forma a imaginários que convalidam e consolidam os projetos que sustentam tais formações. Assim, as "literaturas nacionais" projetaram modelos de identificação – isto é, identitários – inseparáveis dos projetos políticos com os quais acordam, dando forma a um certo tipo de "soberania" no poder absoluto sobre um/uns território/s por meio das línguas nacionais, línguas "maternas" (ainda que não sejam efetivamente tais), línguas oficiais[134] (Palermo, 2011, p. 127).

Na passagem, a autora aponta que a Literatura dispõe de uma potencialidade excepcional: a de projetar – por meio do esquema pergunta-resposta – imagens que podem ser utilizadas para ratificar e alicerçar, por vias ficcionais, programas extraliterários similares ao analisado neste texto. Nesse viés, ela ainda menciona que as denominadas Literaturas nacionais, pensando na esfera latino-americana, efabularam modelos que são inseparáveis de projetos políticos com os quais estão de acordo, dando forma a uma soberania sustentada no poder absoluto de um território e de uma língua.

Se tomarmos o caso da Argentina, de onde a crítica escreve, a proposição coincide com a complexa rede polissistêmica aí

---

[134] No original consta: [...] *en esa construcción la literatura juega un papel fundamental, desde el momento en que da forma a imaginarios que convalidan y consolidan los proyectos que sostienen tales formaciones. Así, las "literaturas nacionales" han diseñado modelos de identificación* […] *inseparables de los proyectos políticos con los que acuerdan, dando forma a un cierto tipo de "soberanía" sostenida en el poder absoluto sobre uno/s territorio/s a través de las lenguas nacionales, lenguas "maternas" (aunque éstas no sean efectivamente tales), lenguas oficiales* (Palermo, 2011, p. 127).

estabelecida. Durante o século XIX, por exemplo, a sua Literatura, ou seja, especificamente aquela elaborada na capital e unicamente em língua castelhana, serviu como um dos meios de construção de um imaginário de civilização importado do "Velho Mundo". Resíduos desse tensionamento de caráter colonial são observáveis, a título de explanação, na obra *Martín Fierro* ([1872] 2010), de Hernández, figurada em oposição ao "Salón Literario, símbolo da literatura canônica e oficial da Argentina" (Cerdeira, 2020, p. 89) platina. Logo, vê-se o modo pelo qual no país do Cone Sul, mas, por extensão, também em nossa América, a ficção foi manipulada com o objetivo de justificar e/ou naturalizar esquemas de poder específicos.

De maneira homóloga à circunstância latino-americana, deslindada por Palermo (2011), nos Estados Unidos, o romance histórico *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1856) mediante a projeção de modelos de identificação embutidos em seu discurso artisticamente composto, também não deixou de se afastar de projetos políticos. A contribuição que podemos tirar de Palermo (2011) jaz no fato de que é precisamente pelo "espelhamento" do modelo de indivíduo celebrado sob a efígie de Colombo que a construção coliga-se a uma ideologia "extraliterária". Apontamos de modo especial para a interferência do projeto expansionista que atravessou a nação durante o século XIX: o Destino Manifesto. A razão encontra-se na circunstância de que o louvor individualista, assomado à sua missão proselitista cristã, tem aqui um feitio análogo ao do projeto moderno estadunidense.

Seguindo os paradigmas traçados por Weinberg (1963, p. 8), o Destino Manifesto poderia ser entendido, do ponto de vista macroestrutural, salvaguardando as exceções, como "a doutrina que uma nação [a estadunidense] tem um valor social proeminente, uma missão sublime e, consequentemente, direitos únicos na aplicação dos princípios morais[135]". Do ângulo microestrutural, tal

[135] No original consta: [...] *the doctrine that one nation* [the American] *has a preeminent social worth, a distinct lofty mission, and consequently unique rights in the application of moral principles* (Weinberg, 1963, p. 8).

crença elitista – que foi responsável por, supostamente, justificar, com fundamentos religiosos/sagrados, as ações dos colonizadores durante a expansão territorial do país, em meados do século XIX – decompõe-se em outros conceitos indispensáveis para a sua sustentação, como o mito do *self-made man*.

Destaca-se aqui, além da retomada da modalidade clássica scottiana do romance histórico para encapar o teor representado, o "furto" semiológico do nome e das características da personalidade histórica de Colombo: trata-se não mais da incorporação de Colombo "em si" no texto, mas de uma captura de seu significante biográfico em favor de uma significação segunda, conduzida por não-ditos, recortes, manipulações discursivas, entre outras estratégias mencionadas, que impelem os leitores a reproduzirem os valores condizentes a essa ideologia de extração "sagrada": a autonomia do indivíduo, da pessoa humana. Surge, assim, um Colombo nascido na América, símbolo dos valores republicanos estadunidenses.

Se raciocinarmos como Coutinho (2003) sobre o fato de que as Literaturas nacionais, em vez de reflexos de um suposto sabor local, são criações também responsáveis por conceber, intelectual e ficcionalmente, uma nação, descobriremos que "as literaturas nacionais são ao mesmo tempo produtos e constituintes parciais da nação e de seu sentido coletivo de identidade" (Coutinho, 2003, p. 60). Desse modo, o próprio discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1856) – que institui, por meio das formas do romance histórico da modalidade clássica scottiana, as ideologias do purismo e do unitarismo individualista – não foi o corolário imediato das vertentes filosófico-políticas do período, mas, sim, uma escritura híbrida, tanto de História e ficção quanto das tensões provindas do espaço social e cultural, bem como da atividade "privada" do artista, capaz de, também, criar e propor modelos, normas e ideais.

Pese o fato de termos apartado até aqui os acontecimentos e as personagens da narração, com fins analíticos, é através da materialidade dessa última que os leitores têm acesso a tal

complexo de imagens e espelhamentos. Logo, o seu tratamento por parte do autor também é essencial para a consagração desse procedimento de duplo espelhamento que se perfaz na estrutura da diegese e igualmente na recepção da obra (de Colombo para Luis, desse para os receptores da obra romanesca). Para elucidar por meio de quais canais esse processo é fortalecido, assim como as vinculações com a modalidade scottiana, demarcamos alguns dos códigos pelos quais a voz enunciadora e o narratário são significados.

Ao retomar os preceitos difundidos por Scott (1985; 1994), constatamos que, na linha do que enuncia Fleck (2017), Cooper (1856) estabeleceu procedimentos descritivos em favor de uma "diegese" costumista e arqueológica, segundo a definição de Alonso (1942). Assomando-se a isso, o estatuto da voz empregada foi a de um narrador heterodiegético-extradiegético – segundo a tipologia definida por Genette (1972) – caracterizado, em consonância com o que Fernández Prieto (2003) elencou ao analisar os alicerces da forma clássica do romance histórico, por quatro registros/códigos básicos que percorreram de ponta a ponta a construção das pessoas (linguísticas), ambientes e situações do discurso literário.

Uma das primeiras características do narrador do romance histórico da modalidade clássica scottiana, sobremaneira aquele pertencente ao viés romântico, é a utilização da estratégia das narrações fenomênicas. Conforme especificamos no **quadro 3**, trata-se da voz enunciadora que finge ser a transcritora de um manuscrito perdido ou de alguma História não conhecida, para justificar a presença dessas personagens integrantes da camada superdiegética, mas que se enquadram à conjuntura da infradiegética. Em *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), tal figurativização aparece em diversos momentos, mas um dos mais relevantes está no último parágrafo desse romance, como se vê abaixo:

> Com o passar do tempo, houve outros Luis de Bobadillas na Espanha, entre os grandes galantes e nobre, e outras Mercedes, para causar dor nos corações dos alegres e promissores jovens; mas houve apenas uma Ozema. Ela apareceu na corte, no reino em ascensão, e, por um tempo, brilhou como uma estrela que acabara de ascender em uma atmosfera pura. A sua carreira, contudo, foi breve, pois morreu jovem, deixando tristeza; desde então, o seu próprio nome esvaneceu-se. É, em parte, devido a essas circunstâncias que fomos obrigados a nos aprofundar tanto em busca da nossa história nos registros perdidos desse tempo cheio de acontecimentos[136] (Cooper, 1856, p. 490).

A voz enunciadora comenta que houve outros Luis e Mercedes, como uma simbologia para se referir a outros sujeitos que tiveram essa mesma experiência de vida, ou que efetuaram o processo de espelhamento. Na sequência, ela contrapõe tal continuidade, com a singularidade de Ozema. Ela teria sido a única a padecer de tal maneira, não havendo ninguém como ela. O recurso dramático, ressaltado por ter falecido jovem e melancólica, retoma, além disso, o endurecimento espiritual objetivado por Cooper, com as suas primeiras obras, em consonância aos apontamentos de Sommer (1993).

Ao fim, o narrador rompe a "quarta parede", para dirigir-se ao narratário, anunciando que, por essas situações, ele decidiu tomar dos registros perdidos a substância do seu relato. Observamos que a retomada da estratégia scottiana citada (narração fenomênica) é usada para confirmar o projeto refratário mencionado anteriormente, por meio desse pacto de leitura, como já tínhamos antes verificado: "o discurso romanesco, agora, irmana-se com o autoral para reafirmar, se não garantir, o pacto de leitura

---

[136] No original consta: *At a late day, there were other Luis de Bobadillas, in Spain, among the gallant and noble, and other Mercedes', to cause the hearts of the gay and aspiring to ache; but there was only one Ozema. She appeared at court, in the succeeding reign, and for a time, blazed like a star that had just risen in a pure atmosphere. Her career, however, was short, dying young and lamented; since which time, the name itself has perished. It is, in part, owing to these circumstances, that we have been obligated to drag so much of our legend from the lost records of the eventful period* (Cooper, 1856, p. 490).

estabelecido entre autor e leitores já no prefácio da obra, algo comum e recorrente na modalidade clássica scottiana do romance histórico" (Fleck, (2021, p. 136).

O segundo código meneado por Cooper (1856) é o do narrador com características de historiador, uma estratégia amplamente difundida na modalidade clássica, igualmente presente no **quadro 3**. Consonante a Scott (1994), que amiúde pausa a narração, com a finalidade de pormenorizar determinadas minúcias, o autor estadunidense usa o narrador, para transmitir informações que colaboram com o forjamento idealizado de Colombo ou que educam os receptores acerca de algum assunto pouco conhecido. Um exemplo de tal dispositivo é a nota de rodapé localizada no parágrafo em que a voz enunciadora descreve a possessão das terras americanas. O trecho inicial dessa anotação encontra-se abaixo:

> É um fato singular que a posição e o nome da ilha que caiu pela primeira vez em seus olhos, nessa celebrada viagem, continue até este dia, senão matéria de dúvida, ao menos uma questão de discussão. Para muitas pessoas, incluindo algumas das melhores autoridades, é possível que os aventureiros chegaram à Cat Island, como o lugar é agora chamado, embora o almirante tenha dado o nome de San Salvador, enquanto outros competem pela que agora é chamada de Ilha Turk. A razão dada pela última opinião reside na posição da ilha [...][137] (Cooper, 1856, p. 343).

A partir de um formato considerado, geralmente, auxiliar com respeito ao centro da diegese, o narrador ilumina uma problemática histórica ou documental, se considerarmos que há menções a outros autores: a de qual seria a ilha onde Colombo pela

[137] No original consta: *It is a singular fact that the position and name of the precise Island that was first fallen in with, on this celebrated voyage, remain to this day, if not a matter of doubt, at least a matter of discussion. By most persons, some of the best authorities included, it is believed that the adventurers made Cat Island, as the place is now called, though the admiral gave it the appellation of San Salvador; while others contend for what is now termed Turk's Island. The reason given by the latter opinion is the position of the Island* […] (Cooper, 1856, p. 343).

primeira vez pisou na América. Trata-se de um assunto exterior ao da narrativa. Assim, ademais de operar como um historiador, o autor assume, indiretamente, um terceiro código, também arrolado no **quadro 3** – o da função ideológica e metanarrativa. No caso, ela serve para instruir os receptores, pouco conhecedores da historiografia, sobre a trajetória desse navegador e do continente. Esse aspecto é, relativamente, significante para o público da época, visto que eram poucos os textos de prosa que lidaram com o tema. Ao criticar a obra, Poe ([1840] 1902) – apesar da autoria desse artigo ter sido criticada posteriormente – corrobora com o argumento:

> O autor merece crédito por apresentar ao público, em uma forma legível, tanta informação histórica com a qual, do contrário, a grande massa da comunidade nunca teria tido contato; e ele deve, também, receber parabenizações por haver tecido tal informação na narrativa de um romance. Porém, ao mesmo tempo, se chamado para falar de seu trabalho como um romance, e não história, não podemos enganar a nós mesmos e nem aos leitores, pois esse é, se possível, o pior romance já redigido pelo senhor Cooper[138] (Poe, 1902, p. 96).

O autor do artigo salienta, ao aproximar a sua análise mais a um sentido pessoal do que propriamente estrutural, a relevância instrucional da obra. Enquanto a parte ficcional não teria para ele qualquer valor, a histórica poderia servir para levar, sob a forma de um gênero literário, informação. O raciocínio equivoca-se por não conseguir compreender os efeitos discursivos gerados por essas pormenorizações na estrutura geral da modalidade clássica scottiana retomada aí.

---

[138] No original consta: *The author deserves credit for presenting to the public, in a readable form, so much historical information with which, otherwise, the great mass of the community would have never become acquainted; and he ought, also, to receive proper commendation for having woven that information, in any way whatever, into the narrative of a novel; but at the same time, if called upon to speak of his work as a romance, and not a history, we can neither disguise from ourselves, nor from our readers, that it is, if possible, the worst novel ever penned by Mr. Cooper* (Poe, 1902, p. 96, grifos nossos).

Por todas essas razões, podemos verificar como parece não existir uma possível diferenciação entre o narrador e a imagem do autor implícito. Em distintos instantes, como aqueles das citações anteriores, borrou-se a figura do autor do texto, para se destacar a imagem de um autor exegeta. Essa retórica aplicada no texto direciona-se, segundo Fernández Prieto (2003), aos interesses fundamentais do romance histórico romântico: a verossimilhança e o didatismo, baseados na renarrativização, ou seja, "no respeito aos dados e às versões da historiografia sobre personagens e acontecimentos narrados[139]" (Fernández Prieto, 2003, p. 102).

Todos esses três artifícios aplicados pelo autor em seu artefato são perpassados por um quarto código. Referimo-nos à modelagem artificial da temporalidade: em todos os episódios no qual não é uma personagem que tem a sua fala repassada, a voz enunciadora mostra-se no mesmo plano do seu leitor, o presente, em oposição ao pretérito da História recuperada. É precisamente tal condição que lhe permite simular estar contando um conteúdo perdido, expor os acontecimentos oficializados tal qual um conhecedor/erudito e produzir digressões ou apontamentos morais, éticos e ideológicos.

Também é dessa forma que a renarrativização consegue dividir os diferentes sintagmas em blocos ou feixes de acontecimentos bem-organizados, que conferem a verossimilhança à diegese. Tal respeito absoluto com a historiografia e a sua cosmovisão, mediante um afastamento temporal significa, analogamente, o engessamento de uma única versão com relação aos feitos renarrativizados: com a apresentação de uma só verdade, a História não poderia, por essa entrada, ser mudada, nem mesmo por meio do discurso literário. É sob essa perspectiva que se constrói ideológica e ficcionalmente o Colombo que nasceu na América.

---

[139] No original consta: […] *en lo respeto a los datos y a las versiones de la historiografía sobre personajes y acontecimentos narrados* (Fernández Prieto, 2003, p. 102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da expansão imperial europeia, iniciada em 1492, não havia uma segmentação bem definida entre a História e a ficção, já que se trata de um fenômeno e de uma necessidade discursiva do sujeito moderno. Assim, embora tenham surgido algumas exceções, acontecimentos integrantes da memória coletiva de um povo eram imiscuídos a outros, tanto factuais, segundo uma linguagem moderna, quanto fantasiosos. Entretanto, em grande medida devido à ocupação dos territórios americanos, africanos e asiáticos, por potências monárquicas europeias, desde o final do século XV e início do XVI e à consequente necessidade de estabelecer novas diretrizes epistemológicas para justificar tal dominação, a *intelligentsia* europeia tratou de, paulatinamente, demolir as fronteiras porosas dessas duas artes da linguagem.

Há de se reforçar que a compartimentação do que reconhecemos como dois campos distintos não foi elaborada meramente por uma sorte de descoberta ou coincidência. O forjamento das formas histórica e ficcional, conforme as chama Fernández Prieto (2001), emergem, inicialmente, de um determinado campo do conhecimento europeu, vinculado a um afã moderno, no sentido dado por Dussel (1993) e Mignolo (2020) à palavra: o instante no qual o Ocidente estabelece-se, pela força e pelo discurso, como o centro geopolítico do poder, saber e fazer, reificando os outros saberes em sua alteridade.

Com efeito, as formas escriturais que se achavam completamente unidas, sem quaisquer diferenciações, passaram, com os conselhos de Salamanca, o Renascimento e o Iluminismo, a, gradualmente, separar-se. Há de se incluir que tal processo não se deu, necessariamente, por conta do encontro de uma questionável verdade, mas pela perspectiva ideológica escolhida para a apreensão dos fenômenos externos. Dessa maneira, pode-se dizer, sob a visada de Foucault ([1971] 1996), que a História e a ficção

deslocaram-se, para ocupar ordens distintas do discurso: a primeira com a pretensa veracidade eurocêntrica e a segunda com a engenhosidade da palavra.

Após a fixação do afastamento entre os dois ramos, na era moderna, houve o que chamamos de uma segunda intercessão, sob a forma múltipla dos gêneros híbridos de História e ficção. Por meio da confluência artisticamente e esteticamente consciente de ambos os polos, os escritores, mediante variados gêneros, puderam testar os limites firmados, produzindo significações distintas das prévias. Embora essas produções, anteriores ao século XIX, tenham rearticulado a função dos dois discursos, colocando-os em uma confrontação inédita, a materialidade de extração histórica manteve-se exatamente como a versão oficializada, não a contestando.

Outro elemento significante é o fato de tais incursões da História no interior da ficção terem sido, de acordo com a perspectiva defendida por Lukács (2011), apenas acessórias com respeito à esfera do romance híbrido de História e ficção. Conforme o autor, somente com a ascensão do assim denominado romance histórico tais generalizações do discurso histórico e historiográfico teriam sido superadas, pois houve, a partir da sua estabilização, uma maior relevância dos fatores históricos nessa verve.

Como tensionamos na introdução deste volume primeiro da Coleção, sobretudo a partir dos apontamentos fundamentais de outros autores, as escrituras lideradas por Scott, nas primeiras décadas do século XIX, teriam sido as responsáveis por, ao contrário das precedentes, propiciar a criação de uma receita capaz de ser replicada por outros autores de maneira análoga. Assim, a mesma abordagem dos documentos ou relatos de extração histórica, da cosmovisão acrítica em geral e do manejo dos fios diegéticos teria sido aplicada para retratar intertextos tanto ficcionais quanto empíricos relativamente distintos.

Dentre os escritores reputados como seguidores da guisa scottiana, destaca-se, nos Estados Unidos da América, o novaiorquino James Fenimore Cooper. Enfocado por esta investigação, ele foi considerado por seus críticos o "Scott

americano", por haver redigido, de maneira análoga ao britânico, a História estadunidense. Uma das obras pouco abordadas pelas investigações, no entanto, foi *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* ([1840], 1856). A hipótese lançada em pesquisas anteriores e testada nesta foi a de que esse seria o único texto redigido na América a tomar como fonte todos os paradigmas da escritura de Scott, para efabular os atos perpetrados por Colombo no continente.

Então, considerando o enquadramento da obra de Cooper com relação, de um lado, ao romance histórico e, de outro, à "Poética do 'descobrimento'", o problema que se colocou neste estudo foi duplo, embora concatenado. Por uma via, emergiu a questão relativa à potencial conexão entre a forma selecionada por Cooper (1856) para figurar os eventos da diegese e o romance histórico da modalidade clássica scottiana (Fleck, 2017). Por outra, surgiu a indagação de como essa forma foi empregada para pintar a possível primeira ficcionalização americana integrante da "Poética do 'descobrimento'", além de o porquê de essa temática haver sido inaugurado nos Estados Unidos da América e não em outros territórios.

Ainda que pareçam duas inquirições distintas, elas se relacionam. O motivo da conexão reside no fato de que o aparente abismo presente entre forma (romance) e conteúdo ("Poética do 'descobrimento'") não existe de modo absoluto. Para projetar as imagens desejadas de Colombo, Cooper necessitou lançar mão de propriedades linguísticas, actanciais e narrativas: em suma, formais, adotando, exatamente, aqueles já comprovadamente efetivos de Scott. O contrário também: a fim de formular as proposições que constituíram o tecido diegético, Cooper tomou atributos temáticos, para manejá-los de acordo com os objetivos traçados, seguindo, novamente, as mesmas trilhas do escritor escocês.

No entanto, considerando a necessidade de a investigação obedecer a procedimentos específicos, essa problemática desdobrou-se em várias outras, que se tornaram ações definidas ao longo do texto. A primeira das interrogações, que doravante explicitamos, a fim de reorganizar o fio que seguimos, referiu-se a quais seriam as características da, por nós designada, modalidade

clássica scottiana do romance histórico (Fleck, 2017), bem como aos seus elos ideológicos – observáveis a partir das escolhas lexicais, das figuras de linguagem/pensamento e assim por diante.

Por essa etapa inicial do estudo ter abordado um *corpus* amplamente perquerido, buscamos revisar os saberes já delineados por autores primários. Ressaltamos, nessa etapa, a articulação das análises dos estudos já consagrados, com Thompson (1911), Lukács (2011) e Alonso (1942), por haverem registrado as temáticas das escrituras de Scott e alguns dos seus paradigmas elementares. Não deixamos de salientar as investigações mais atuais, igualmente manejadas, com Márquez Rodríguez (1991), Fernández Prieto (2003) e Fleck (2017), que evidenciaram os atributos narrativos.

Com base nesses aportes, percorremos as obras classificadas como fundamentais para o assentamento dos parâmetros reproduzidos por escritores posteriores. Embora tivéssemos hipóteses com respeito a quais seriam as propriedades constitutivas da modalidade, procuramos, na primeira etapa, comparar os achados das investigações primárias e secundárias à materialidade discursiva das obras escolhidas. Mediante tal movimento, empenhamo-nos em responder com quais parâmetros o escocês trabalhou para estabelecer, sob esse gênero híbrido de História e ficção, o itinerário da sua nação.

Encetamos o procedimento com a análise do romance avaliado por Lukács (2011) como o inaugurador das formas em tela: *Waverley* (Scott, 1985). Associando tal produção às outras duas, que compõem o projeto inicial do artista, discorremos sobre as suas tramas, cujos argumentos incluem substâncias narrativas distintas: se, por um lado, a obra tida como iniciadora volta-se para as movimentações militares no interior dos territórios da Grã-Bretanha, *The Antiquary* (Scott, 2002) aproxima-se do presente dos leitores, para lhes alertar sobre os perigos das revoluções republicanas estrangeiras, que assolavam os países continentais.

Por essa abordagem, constatamos que as primeiras diegeses elaboradas por Scott não necessariamente constituíram um desenho rígido, visto que não houve a arquitetação de um modelo

de protagonista estável, por exemplo. Entretanto, notamos que algumas das premissas fundamentais já estavam plasmadas na estrutura da sua história/diegese e narração. Mencionamos a divisão da diegese entre um pano de fundo histórico e uma sorte de arena de caráter ficcional, com uma trama de amor, ainda não construída por completo. Apontamos, similarmente, para a autenticidade e determinação histórica, que ao invés de apenas conferir cor local precisa/ajusta todos os elementos da diegese.

Na medida em que os textos não formaram uma unidade composicional em relação ao nível das funções e das personagens, voltamo-nos, na ação seguinte, para *Ivanhoe* (Scott [1819], 1994). Na diegese, que apresenta as aventuras do jovem inglês medieval Wilfred Ivanhoe e da sua amada Rowena, observamos uma reorganização dos paradigmas esboçados previamente. Tais retomadas e inovações incluídas no corpo do texto foram as que serviram de base para a constituição daquilo que, teoricamente, chamamos de a modalidade clássica scottiana (Fleck, 2017).

Com respeito aos aspectos artísticos dessa diegese, identificamos a presença de um total de, ao menos, 12 estratégias fundamentais de manipulação do discurso narrativo. No que se refere à associação dessas diretrizes com as outras escritas de Scott, damos ênfase ao tratamento do protagonista, que não se achava completamente estabilizado. Nesse relato de 1819, o herói é o indivíduo mediano exemplar, pois, ao mesmo tempo em que não se encontra no topo da pirâmide social ou na base, é ele quem proporciona aos receptores o protótipo ideal de indivíduo.

Seguindo o intuito de também demonstrar as vinculações ideológicas, apontamos que a maneira pela qual tais seleções foram feitas projetaram modelos pré-definidos de sujeitos. Em *Ivanhoe* (Scott, 1994), a costura da trama amorosa revela, segundo perspectiva adotada na análise da poética, uma preferência pelas personagens posicionadas no âmbito nacional-patriótico da História. Logo, o padrão adotado também serviu para reforçar, na esfera da recepção, determinados campos de poder.

Conforme demonstramos, tais procedimentos, que se enquadram nos aspectos escriturais, intencionais e ideológicos, foram mantidos por Scott na tessitura das suas obras seguintes. Profícuas, essas passaram a ser lidas assiduamente por leitores tanto do público geral quanto do culto, não somente no Reino Unido, mas em toda a Europa e em terras americanas. Prova de tal asserção foi o número de vendas registrado para cada uma das obras, durante a primeira metade do século XIX, como atesta Alonso (1942).

Como aquilo que denominamos de a modalidade clássica scottiana prevaleceu sobre o polissistema europeu, uma série de indagações com respeito a sua conexão com a História emergiram. Cogitamos, assim, como estariam desenhadas as fronteiras entre tais discursos, precisamente no instante em que se constituíam como modalidade e disciplina, respectivamente. A aproximação da configuração escritural, intencional, motivacional e ideológica do romance histórico clássico encetado por Scott ([1814;1819] 1985; 1994) ao modelo historiográfico romântico hegeliano/rankeano (Dekker, 1987) foi o sendeiro escolhido para responder a esse tópico.

Ainda que uma interpretação geral, provinda do senso comum, aponte para a ideia de que a História romântica não tenha qualquer vínculo com o movimento estético e, por analogia, à escritura/Literatura, as leituras propostas por Dekker (1987), Mata Induráin (1995) e Fernández Prieto (2003) indicam o contrário. Ao percorrer as obras, evidenciamos como se constituíram as relações entre a Literatura e a História, as principais características que acabam aproximando ambos os discursos, bem como os limites de cada um deles com suas especificidades próprias. Dessa maneira, notamos como a historiografia também foi alvo do influxo do romance histórico, sobretudo no que se refere ao uso dos parâmetros scottianos, em sua fase inicial.

Concluímos, por meio de uma fricção entre os princípios da produção scottiana e da metodologia de pesquisa historiográfica de autores selecionados do período, segundo as especificações de Dekker (1987), que, ao mesmo tempo em que Scott preenchia os seus textos de fontes ou narrativas históricas, essas começavam a

se espelhar no modelo do escocês, para figurar os grandes quadros e pormenorizar outros aspectos não incluídos pela vertente anterior. Um exemplo dessa inclinação foi a introdução da visada popular, analisada por Lukács (2011), nos quadros históricos. Logo, ao invés de enfocar tão somente nas personalidades do estamento mais elevado, os relatos inspirados em Scott passaram a esboçar uma visão geral no que se refere às inflexões do povo.

Um tópico importante nesse processo foi o de ressaltar que o romance histórico não nasceu à parte da sociedade. Inserido em um sistema, cujas fronteiras formavam polissistemas maiores, o romance histórico, também por seu feitio híbrido, não deixou de constituir elos com outros gêneros e esferas.

Ao levar em conta tanto os componentes artísticos quanto as vinculações intertextuais e ideológicas, aferimos que, apesar das variações, a larga lista de romances históricos assinados por Walter Scott manteve uma linha/unidade artístico-estética. Logramos expandir os achados já existentes, ao organizar as estratégias escriturais e os recursos narrativos empregados por Scott (1985, 1994) segundo as visadas da narratologia, tanto barthesiana quanto genettiana.

Dentre os achados, destacamos os conceitos de nível superdiegético e infradiegético, vinculados à ideia de história/diegese, teorizada por Genette (1972). Reiteramos que, enquanto o primeiro termo alude aos acontecimentos de caráter não-histórico centrados na diegese, o segundo atrela-se aos do fundo histórico, com as personagens e os eventos colocados em funções coadjuvantes com relação aos ficcionais. Com tais formulações de caráter operativo, procuramos organizar os conhecimentos prévios acerca da temática estudada e promover o estabelecimento de ferramentas epistemológicas condizentes à proposta de análise, inserida no campo da Literatura Comparada.

Essa etapa de revisão foi necessária para esclarecer as características básicas da modalidade clássica scottiana e, dessa maneira, possibilitar os procedimentos de contraste posteriores. Conforme aludimos, o problema que se interpôs na sequência foi o

de como e por que tais construções foram recebidas no plano artístico pelos escritores americanos: isto é, de que modo os romancistas incorporaram ou rejeitaram em suas produções os parâmetros produzidos por Scott na Europa.

A fim de recuperar essa trajetória, selecionamos aquilo que identificamos como o primeiro romance histórico da América Latina e dos Estados Unidos da América. Inicialmente, pusemos em paralelo o posicionamento das vozes diegéticas. A aproximação empreendida levou à constatação de uma divergência existente entre os constituintes do *corpus*, pois enquanto na obra de Cooper houve uma maior focalização da ótica dos vencedores, o inverso se deu na de autoria anônima, que, embora tenha reproduzido em sua diegese os atos registrados pela História dos invasores, tratou de atravessar os acontecimentos da assim denominada "conquista do México" a partir da visão de Xicoténcatl e a dos seus aliados.

Em seguida, após colocar em tela a função das personagens (sobretudo protagonistas), salientamos como as escolhas do texto estadunidense aproximaram-no das vertentes consagradas da História da nação recém-formada, com a exaltação aos movimentos pátrios. Contrariamente, as opções tomadas no tecido discursivo do latino-americano mostraram uma outra possibilidade de registrar a História dos ditos "conquistadores", geralmente descritos por manuais escolares, narrativas históricas e romances históricos de caráter tradicional como portadores da civilização, frente à suposta "barbárie" dos nativos.

Por fim, ao enfocar os acontecimentos em si, observamos, além dos elementos elencados, uma repetição estrutural performada nos textos estadunidenses, devido a sua sintaxe (disposição temporal e lógica) e conteúdo obedecer ao mesmo esquema. Já na segunda obra, verificamos uma alternância, sobretudo no que se refere à maneira pela qual a voz enunciadora reconstrói tais episódios oriundos da História e dissolve o sistema de pano de fundo histórico e trama ficcional principal, para destacar tão somente a materialidade histórica.

Por intermédio desses procedimentos comparativos, chegamos à conclusão de que enquanto houve uma recorrência na diegese estadunidense com respeito ao modelo scottiano, na latino-americana figurou-se uma transgressão da receita do autor britânico, segundo a nossa via teórica. Também confirmamos que, embora o texto anônimo tenha relevância para a formação diacrônica do romance histórico, foram as cooperianas que lograram dar continuidade, na América, à manifestação artística que designamos de a modalidade clássica scottiana.

Dos romances históricos do autor, reputado como um dos mais importantes para a manutenção da tradição scottiana, aquele que se tornou objeto de nossa atenção foi *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper [1840], 1856). O item posto em discussão acerca do relato dessa produção foi o de como a sua diegese teria sido construída, pensando-se na trajetória na qual a obra se enquadrou, e a relevância dessa forma para a constituição da matéria figurada. Mais especificamente, procuramos comparar a forma e o conteúdo da diegese cooperiana tanto aos paradigmas do romance histórico aos quais a sua narrativa se vinculava quanto à temática do achamento.

Com o propósito de concretizar tal exercício, conduzimos duas ações específicas. *A priori*, cartografamos a formação da temática da "Poética do 'descobrimento'", nos Estados Unidos. Os resultados encontrados nessa fase circularam em torno dos principais pontos ressaltados pelos artistas ao figurarem Cristóvão Colombo e os seus atos na América. Nesse raciocínio, explicitamos que, durante o fim do século XVIII e o começo do XIX, prevaleceu um intento de efabular o marinheiro como "pai fundador estadunidense", ademais de um elo entre o processo civilizacional europeu encetado em 1492 e o seu análogo estadunidense, que efetuava, precisamente naquele momento, um dos maiores movimentos de expansão territorial no próprio continente.

Com respeito ao último tópico, é necessário mencionar o Destino Manifesto, que teve, no desenvolvimento do nosso estudo, uma significância considerável. Tratou-se de uma ideologia que

buscou replicar aquilo que os invasores espanhóis executaram com os nativos da América asteca, maia e inca, mas, dessa vez, com os jocosamente denominados "peles vermelhas". Isto é, um processo de tomada de terras, expulsão e genocídio, que necessitava de uma justificativa racional, moral e religiosa considerada plausível. No caso, a plausibilidade residiu, ao menos no discurso dos vencedores, que conceberam a ideia do destino manifesto, em um direito, teoricamente herdado dos tripulantes do Mayflower[140], capaz de autorizar qualquer tipo de ação, como a violência, o proselitismo e a exploração.

Nesse sentido, antes mesmo de Cooper (1856) inaugurar a temática em questão no romance histórico estadunidense, outros poetas, dramaturgos, políticos e pensadores em geral já estavam ocupados em delinear as nuances dessa personalidade de múltiplas facetas que foi Colombo. Podemos afirmar que a Literatura estava sendo usada, nesse cenário, não necessariamente para entorpecer os sentidos dos seus leitores, com tramas desconexas da sua presumida realidade, mas para forjar, ficcionalmente e ideologicamente, as bases da nação estadunidense. Pela hipótese apresentada e levada adiante, os fundamentos nacionais em questão estiveram, por sua vez, coadunados a, dentre outros fatores essenciais, os moldes do indivíduo autoconstituído – o *self-made man* –, efabulado a partir da recuperação de fatos do passado, renarrativizados no século XIX.

Com base na compreensão estabelecida nas seções anteriores a respeito da trajetória do romance histórico e nesse quadro acerca da "Poética do 'descobrimento'" no país norte-americano que abrigou o autor em tela, pudemos, *a posteriori*, dar início ao processo de comparação entre o relato do *corpus* e a tradição escritural scottiana. Em decorrência, o caminho tomado para

[140] O Mayflower foi o navio que transportou os Peregrinos, um grupo de colonos ingleses, para a América do Norte em 1620, estabelecendo a colônia de Plymouth. Essa viagem é historicamente significativa por ser um marco no início da colonização europeia na região que viria a se tornar os Estados Unidos.

materializar esse objetivo final do estudo apresentado foi o de verificar como se tensionou o movimento entre o texto e a tradição scottiana, de um lado, assim como entre sua rede de acontecimentos e a tradição de figuração colombina, de outro.

Por meio do cotejo entre o encadeamento dos eventos de *Ivanhoe* (Scott, 1994), texto identificado como o estabilizador dos paradigmas do romance histórico clássico scottiano por uma série de críticos e, também, pela análise conduzida nesta escrita, e de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856), reconhecemos, nele, uma série de recorrências. Aludimos, aqui, ao esquema da trama bipartida, com um nível superdiegético ficcional e um infradiegético histórico, no qual se estrutura uma ordem homóloga dos feitos: a necessidade de o protagonista enfrentar um desafio, para lograr receber a mão da amada, o enfrentamento de tal evento – diretamente ou indiretamente integrado a um acontecimento histórico – e a superação do problema, com o final feliz para o par tido como civilizado e cristão

No que se refere à narração, relembramos da escassez de estudos realizados especificamente com respeito a esse assunto na análise do romance histórico da modalidade clássica. Com exceção de algumas menções efetuadas por Fernández Prieto (2003) e Fleck (2017), não existem investigações que esmiucem os detalhes desse aspecto, em razão de o enfoque recair, geralmente, sobre a estrutura dos acontecimentos ou aquilo que Barthes (2001) denomina de o nível da história/diegese. Assim sendo, contribuímos ao revisar as categorizações da autora espanhola e agregar outros elementos significantes ao quadro analítico, como a disposição temporal cronológica, o uso do pretérito perfeito e o estatuto extradiegético-heterodiegético da instância narrativa. Todos esses foram, segundo o aporte teórico empregado, artifícios articulados na construção da diegese de Cooper (1856), a partir dos princípios construtivos estabilizados pelas escrituras scottianas.

Uma repetição semelhante foi observada no caso das personagens. Ao utilizar a perspectiva epistemológica adotada por Propp (1970) e outros, constatamos que as personagens de ambos

os *corpora* enquadram-se em papeis relativamente fixos. Logo, embora Wilfred of Ivanhoe e Luis de Bobadilla sejam personagens distintas, inseridas em contextos apartados, o modo como operam no interior de tais estruturas pode ser apreendido de maneira análoga pelos receptores. O mesmo padrão se conserva no caso dos indivíduos histórico-mundiais, respectivamente Ricardo Coração de Leão e Cristóvão Colombo, que são enaltecidos, embora componham, segundo a linguagem proposta, o nível infradiegético da história/diegese.

Essa última compreensão sobre as personagens foi particularmente importante para efetuar a passagem da esfera comparativa atrelada ao romance histórico para aquela à "Poética do 'descobrimento'". Isso pois, como demonstramos no decorrer deste texto, as personagens são as figuras que, de acordo com a visada sugerida por Jauss (1982), mediam esteticamente a recepção dos leitores. Em outras palavras, são elas as responsáveis por, em grande medida, guiar o tom épico, dramático ou simpatético ao qual aqueles que leem se relacionam, por exemplo.

A partir de tal prisma, averiguamos o modo pelo qual as características da personagem de extração histórica Cristóvão Colombo foram desenhadas, bem como o seu percurso na diegese e as conjunções ou disjunções com as outras personalidades da História. Conforme os relatos históricos, após um começo pacato, a personagem ascende na diegese, recebendo as congratulações de todos e servindo como modelo na própria trama, inclusive para o protagonista, Luis, que passa a replicar as suas atitudes. A ênfase que se dá ao sucesso, engendrado pelas próprias ações do navegador e não pelas intervenções alheias, marcam o nascimento de um novo Colombo: o estadunidense.

Argumentamos que tal trabalho na formação da personagem em tela o vinculou não necessariamente à personalidade empírica de Colombo, invasor da América, cujas ações só podem ser acessadas na contemporaneidade mediante documentos e relatos históricos. Contrariamente, demonstramos que a projeção conferida a ele por Cooper (1856) aproximou-o mais

especificamente ao semblante de um *self-made man*, tipologia de indivíduo criada discursivamente nos Estados Unidos do século XIX, para se referir ao protótipo de homem almejado por sua elite, para a nova República.

Essa instituição tinha projetada em si não os valores dos nativos, oprimidos pela expansão rumo ao Oeste, ou pelos escravizados, sobretudo de origem africana, mas de um fragmento da sociedade que estava em busca de territórios e riquezas. Por conta da homologia notada entre a configuração do *self-made man* e as convicções que sustentavam esse projeto escritural/político do Destino Manifesto, sugerimos a possibilidade de existir uma interface entre o texto e o movimento. Tal chance daria, então, a razão da escritura da obra: a solidificação, para os leitores medianos e cultos, de um ideal pátrio/romântico, realizada pelas vias de um gênero híbrido de História e ficção adequado para tais fins.

Depois de observar como Cooper (1856) tratou de mesclar os discursos já existentes a respeito do assim designado achamento e de Colombo, com algumas pequenas modificações, aos parâmetros constitutivos do que intitulamos de a modalidade clássica scottiana do romance histórico, notamos que houve uma confluência entre as partes. Por essa via, podemos afirmar que as formas compartilhadas por Scott (1994) serviram como uma base para o autor estadunidense preencher com os argumentos desejados por ele, como a ideia do *self-made man* e do Destino Manifesto, o passado recriado na ficção.

Dessa forma, podemos inferir que a manifestação alcunhada de a modalidade clássica estabilizada por Scott não constituiu uma forma completamente rígida e imutável, já que diferentes combinações surgiram, com o fim de integrar o mesmo processo. Por conseguinte, segundo a interpretação levada a cabo neste texto, o ponto de tensão não esteve exatamente nos detalhes da modalidade, mas no uso dos seus paradigmas fundamentais, em direção a um determinado intuito comum, cuja vinculação ideológica se acharia atrelada à acriticidade.

O conceito de acriticidade utilizado diverge daquele dado ao termo no senso comum. Com tal *lexis*, referimo-nos à fase acrítica, que, de acordo com Fleck (2017), subsume a modalidade clássica scottiana. Essa fase do romance histórico seria caracterizada por uma repetição dos estereótipos, das imagens e das convenções do discurso histórico tradicional/hegemônico. Tal acepção serve para tratar dos registros oficializados (geralmente os primeiros) sobre eventos tidos como nodais que reduziram a complexidade do fato a tão somente uma das visões existentes, como no caso de alguns historiadores que adotaram, integralmente, as ideias oriundas das correntes romântica e positivista.

Após recuperar os problemas que deram origem à investigação e as ações levadas a cabo nesta escrita para responder tais incongruências teóricas, podemos, à guisa de conclusão, retomar a proposta principal deste texto. Empreendemos, aqui, uma perquirição de textos previamente definidos, com vistas à comprovação de como o discurso narrativo de *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1856) teria se associado ao romance histórico da modalidade clássica scottiana e à tradição de celebração dos feitos do marinheiro no romance estadunidense do século XIX. Propusemo-nos, semelhantemente, a evidenciar as razões de os Estados Unidos acolherem estas figurações, bem como as suas conexões com as ideologias expansionistas e os impactos de tal produção para a tradição de exaltação da imagem de Cristóvão Colombo.

Embora não tenhamos iluminado todos os aspectos possíveis, ao comparar precisamente os componentes narrativos vinculados aos níveis da história/diegese, da narrativa e da narração, verificamos que, a partir das bases epistemológicas acionadas para a análise, *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (Cooper, 1856) configura-se, de fato, como um romance histórico da modalidade clássica scottiana, conforme havíamos tensionado. Ao considerar os dez anos de investigação efetuados por Fleck (2005; 2008; 2017; 2021; 2024), no que se refere à temática do assim denominado "descobrimento" do "Novo Mundo", também aludimos ao fato de essa, provavelmente, ser a primeira e única obra americana

incluída em tal verve do romance histórico a figurar Colombo e a sua trajetória.

Essa afiliação, como nomeariam os comparatistas tradicionais mencionados por Santiago (2000), implica mais do que uma simples reiteração de formulações de outro texto: trata-se da tomada de uma cosmovisão, que, inicialmente, servia para um espaço, mas que, com a sua transplantação para outro território, passa a ter um teor distinto, embora análogo. Foi com base no entendimento dessa polissemia existente entre o emprego dos paradigmas da modalidade clássica scottiana e a multiplicidade de significações nascidas do uso de uma cosmovisão alheia à americana que identificamos o que chamamos de a ideologia do texto ou as motivações de sua escritura. Não concerniu, assim, a uma simples recuperação do que o autor projetou com relação a sua obra, mas, sim, da observação dos extravasamentos do texto rumo a outros discursos e esferas.

Por essa via, os motivos que justificariam o advento da primeira e única amostra precisamente nos Estados Unidos encontraram-se atados aos projetos discursivos desenhados pelas elites da nação em tela, durante o quadrigentésimo aniversário do "descobrimento" da América. Conforme já mencionamos extensamente ao reaver os resultados das comparações conduzidas ao longo das seções precedentes, essas se voltaram à imagem do *self-made man*, ao qual a personagem de extração histórica Cristóvão Colombo é colada, além do protagonista e o público leitor.

A compreensão desse processo de recorrência estrutural em romances históricos do século XIX poderia se assemelhar, *a priori*, ao deslindamento de aspectos puramente esteticistas, apartados de uma conexão social/comum. No entanto, ao considerar a disposição dos componentes literários, também elucidamos como esses são, simultaneamente, produtos e agentes de um meio sociocultural. Nesse sentido, o estudo contribuiu para o entendimento do papel do artefato literário em contexto, argumentando acerca de como poderia vincular-se a projetos coloniais e, igualmente, recriá-los.

Ainda que, ao se enunciar de tal forma, a ideia de uma assimilação das correspondências existentes entre os âmbitos do romance histórico e da colonialidade pareça inédita, tais relações já vêm sendo efetuadas no seio do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado da América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de História e ficção – vias para a descolonização". Por meio da sua célula dedicada ao estudo do romance histórico, temos problematizado, em dossiês [141], congressos[142] e livros[143] (muitos dos quais são aqui mencionados)

---

[141] O dossiê *Resignificaciones del pasado por la literatura* foi publicado pela Revista Fermentum, em 2021. Disponível em: http://saber.ula.ve/handle/123456789/47403. Acesso em: 01 out. 2024. O dossiê *A arte literária na América Latina como via de descolonização* foi publicado pela Revista Entreletras, em 2021. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/issue/view/616. Acesso em: 01 out. 2024. O dossiê *Ressignificações do passado da América: vias para a descolonização e o pensamento decolonial na literatura e na tradução literária* foi publicado pela Revista A Cor das Letras, em 2023. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/issue/view/343. Acesso em: 01 out. 2024.

[142] Mencionamos o simpósio "Ficção, história e novos capítulos para decolonizar o saber: ressignificações do passado a partir da literatura", no XII Congresso Internacional ABRALIC, disponível em: https://abralic.org.br/downloads/2023/PROGRAMACAO-FINAL-1687634287.pdf. Acesso em: 01 out. 2024. O simpósio "Narrativas híbridas de história e ficção: do emprego de esparsos recursos de autorreferencialidade à construção das metaficções historiográficas – a constituição das modalidades escriturais híbridas metaficcionais", no I Simpósio em narrativas literárias latino-americanas: metaficção, gênero e história, cujos anais estão disponíveis em: https://gemetafic.com.br/downloads/anais-GEMETAFIC-2024.pdf. Acesso em: 01 out. 2024. O simpósio "Vias para descolonização do pensamento europeu nas Américas: a leitura, a escrita e a tradução como ferramentas de ressignificação do passado", no VI Colóquio internacional de estudos literários e linguísticos, em 2024, disponível em: https://6cielli2024.blogspot.com. Acesso em: 01 out. 2024. O simpósio "Ressignificações do passado em literaturas hispânicas", da associação brasileira de hispanistas – ABH –, disponível em: https://doity.com.br/xiii-congresso-brasileiro-de-hispanistas#about. Acesso em: 01 out. 2024.

[143] *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras: leituras* (Corbari, Fleck, 2023), cujo estudo se ancora nas teorias precedentes arquitetadas no Grupo, apresenta um conjunto de reflexões realizadas pelos integrantes do GP. Volume I:

sobre o fato de as diferentes manifestações do romance histórico, isto é, seus grupos, fases e modalidades (Fleck, 2017), poderem assimilar-se a programas tanto coloniais, tais quais os aludidos por Sommer (1993), quanto decoloniais, como os pontos de vista consignados por Mignolo (2020).

A título de exemplo, mencionamos análises feitas sobre as construções discursivas de Beatriz Enríquez de Harana (Matheus, 2021)[144], esposa de Colombo, ou Bolívar (Dorado Méndez, 2022) [145]. Através das investigações, o segmento do grupo tem mostrado precisamente essa vinculação da escritura com a colonialidade do poder, do ser e do saber, além das suas desconstruções posteriores, por meio das modalidades chamadas de críticas com respeito à História. Ou seja, tem-se argumentado que os romances históricos podem assistir ora em uma consolidação das versões da História hegemônica, ora em uma desmontagem dos seus padrões de figuração, promovendo uma ressignificação pela ficção.

Graças à multiplicidade de significações engendradas a partir de um único signo (Beatriz, Bolívar ou, sobremaneira, Colombo), estabelece-se ao fundo dessas investigações a noção de uma instabilidade da palavra/linguagem. Dessa maneira, ao fomentar a discussão a respeito do gênero enfocado, em adição as suas interfaces sociológicas, também promovemos, junto aos estudos dirigidos no Grupo de Investigação, um maior entendimento com respeito a essa suposta instabilidade da palavra e da sua

---

disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/narrativas-hibridas-de-historia-e-ficcao-infantis-e-juvenis-brasileiras-leituras/. Volume II: disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/narrativas-hibridas-de-historia-e-ficcao-infantis-e-juvenis-brasileiras-leituras-vol-ii/.Acesso em: 01 out. 2024.

[144] Figurações de uma heroína invisível: ressignificações de Beatriz Enríquez de Harana pela literatura. Estudo disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/5407. Acesso em: 01 out. 2024.

[145] *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção* (Dorado Mendez, 2022) aborda a trajetória de representação literária de Simón Bolívar. Estudo disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/nuestro-bolivar-da-heroificacao-a-humanizacao-da-sua-figura-na-ficcao/. Acesso em: 01 out. 2024.

manipulação discursiva. Embora seja, segundo determinadas visões, um suporte transparente da mensagem, a palavra é, ao contrário, opaca, polissêmica ou, para usar a metáfora de Tynianov (1972, p. 57), camaleônica: "A palavra não tem um significado preciso. É um camaleão que nos mostra matizes e, ainda, cores distintas[146]".

O entendimento desse feitio variável da palavra ampara o avanço de perspectivas ledoras críticas, pois, dessa forma, é possível desenvolver uma compreensão mais aprofundada com respeito à manipulação discursiva e aos interesses envoltos no emprego de uma estratégia artística ou outra. Um trabalho de formação discente voltado para o entendimento do conteúdo de análises como essas significa, então, um enfrentamento com relação ao modelo que busca automatizar os educandos e reproduzir tão somente uma possibilidade dos eventos. Ao contribuir com a ressignificação de tais posicionamentos críticos e a relativização da vertente colonialista da História, repassada por romances denominados ao modo de Fleck (2017) como históricos acríticos, como o que é objeto deste estudo, tal inclinação da pesquisa, vinculada à via do Grupo, configura-se, também, como uma atividade de descolonização das mentes, das identidades e do imaginário latino-americano.

Com a finalização da comparação desenvolvida no transcorrer destas páginas, esperamos contribuir, portanto, com o repertório de estudos do Grupo e do campo de pesquisa, mediante uma análise profícua dessas primeiras produções do romance histórico na América Latina e estadunidense. Por intermédio dos pontos elencados, que se relacionam a uma análise possivelmente não estetizante da arte, procuramos, por extensão, auxiliar na descolonização da universidade e fazer avançar saberes outros com respeito ao romance histórico, geralmente posto em tela a partir das vertentes que denominamos aqui de acríticas ou reprodutoras de estereótipos, reducionismos e

[146] No original consta: *La palabra no tiene significado preciso. Es un camaleón que nos muestra matices, y aún colores distintos* (Tynianov, 1972, p. 57).

maniqueísmos pauperizadores com relação à variedade de discursos, perspectivas e posicionamentos possíveis.

Desse modo, oportunizamos aos nossos leitores acompanhar, em nossa análise, como se deu, na construção romanesca discursiva de James Fenimore Cooper, o engendramento do Colombo que nasceu na América para que essa imagem servisse aos propósitos da fixação e ampliação do projeto político, identitário e ideológico da nação estadunidense apoiada na ideia do *self-made man*. Dessa maneira, o Colombo que nasceu na América é, pois, modelo desse sujeito auto constituído.

De posse desses conhecimentos sobre as bases inaugurais da escrita híbrida de História e ficção aqui apresentados, nossos leitores podem já esperar pelo próximo volume da Coleção que, na intenção de organizar os estudos de acordo com certa trajetória diacrônica do gênero romance histórica, estará dedicado ao estudo do primeiro romance histórico escrito na América Latina, *Xicoténcatl* (1826), visto a partir de uma ótica comparativa das suas traduções ao inglês (1999) e ao português (2020) e em relação à configuração literária primeira da personagem de extração histórica Maliche, ou "Dona Marina".

REFERÊNCIAS

AÍNSA, Fernando. La invención literaria y la reconstrucción histórica. *América*, n. 12, p. 12-26, 1993. Diponível em: https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_1993_num_12_1_1114?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 29 jan. 2025.

AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural* (México), n. 240, p. 28- 85, 1991. Disponível em: https://hapi.ucla.edu/journal/detail/341. Acesso em: 29 jan. 2025.

ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la novela histórica y el modernismo en la gloria de Don Ramiro*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1942.

ANÔNIMO. *Xicoténcatl*: o primeiro romance histórico latino-americano. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020.

ARISTÓTELES. *Poética*. 3.ed. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*: the William James lectures delivered at Harvard University in 1955. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. 7.ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARLOW, Joel. *The columbiad, 2 vol*. Philadelphia: C & A. Conrad & Co., 1809.

BARLOW, Joel. *The vision of Columbus*. 5. ed. Pans: English Press, 1793.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural das narrativas. *In*: BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 103-152.

BARTHES, Roland. *L'aventure sémiologique*. Paris: Éditions du Seuil, 1985.

BARTHES, Roland. O discurso da história. *In*: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3.ed. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: WMF, 2012.

BERND, Zilá. (org.). *Escrituras híbridas*: estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

BERNDT, Jorge Antonio. Imagens de Richard Lionheart e Christopher Columbus em *Ivanhoé* (1819) e *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840): configurações de heróis da história na modalidade clássica scottiana de romance histórico. *In*: SANTANA, Ady Sá Teles *et al* (Orgs.). *Aprender a ser e viver junto em narrativas literárias*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2020. p. 355-67.

BERNDT, Jorge Antonio; CERDEIRA, Phelipe de Lima; DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. *Xicoténcatl* (1826) no polissistema latino-americano e a sua tradução: uma reflexão possível do entre-lugar e a desconstrução de Hernán Cortés. *EntreLetras*, v. 12, n. 3, p. 46-67., Dez. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2021v12n3p46-67. Acesso em: 29 jan. 2025.

BERNDT, Jorge Antonio; FLECK, Gilmei Francisco. O romance histórico romântico e a formação da identidade estadunidense: relações com a 'Poética do 'descobrimento'' – de Cooper (1840) a DuBois (1892). *In*: DUBOIS, Constance. *Colombo e Beatriz*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2021. p 17-38.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORGES, Jorge Luis. "Pierre Menard, autor do Quixote". *In*: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BREMOND, Claude. A Lógica dos Possíveis Narrativos. *In*: BARTHES, Roland et al. *Análise Estrutural da Narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 110-135.

BUTTERFIELD, Herbert. *The historical novel*: an essay. Cambridge: Cambridge University Press, 1924. E-book. Disponível em: https://www.cambridge.org/br/universitypress/subjects/history/regional-and-world-history-general-interest/historical-novel-essay?format=PB&isbn=9781107650091. Acesso em: 29 jan. 2025.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CARLYLE, Thomas. Sir Walter Scott (1838). *In*: CARLYLE, Thomas. *Critical and miscellaneous essays*: IV. New York: Charles Scribner's Sons, 1899. p. 21-80.

CASTRO-GOMÉZ, Santiago. *La hybris del punto cero*. Ciencia, raza e Ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Centro Editorial Javeriano/Instituto Pensar, 2005.

CERDEIRA, Phelipe de Lima. Literatura e história como uma nova radiografia: um olhar diante da historiografia literária argentina a partir de uma provocação. *In*: FLECK, Gilmei Francisco. et al. (Orgs) *Imagens da América*: representações, expressões, resistências. Curitiba: CRV, 2020. p. 75-94.

CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. *In*: EIKHENBAUM, Boris et al. *Teoria da literatura*: formalistas russos.

Tradução de Boris Schnaiderman e Dionísio de Oliveira Toledo. 3. ed. Rio Grande do Sul: Editora Globo, 1976. p. 39-56.

COOK, Daniel. *Walter Scott and short fiction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.

COOPER, James Fenimore. C*orrespondence of James Fenimore Cooper, vol 1*. New York: Haskell House Publishers Ltd., 1971.

COOPER, James Fenimore. *Mercedes of Castile*: or, the voyage to Cathay. New York: Stringer and Townsend, 1856.

COOPER, James Fenimore. *Precaution*. Boston: D. Estes., 1912.

COOPER, James Fenimore. *The American democrat*. New York: Alfred A Knopf, 1959.

COOPER, James Fenimore. *The Deerslayer: the first war path*. 2.ed. San Francisco: National Aid to Visually Handicapped, 1968.

COOPER, James Fenimore. *The History of the Navy of the United States of America*. Philadelphia: Lea and Blanchard, 1840.

COOPER, James Fenimore. *The last of the mohicans*. United States of America: Bookclassic, 2015.

COOPER, James Fenimore. *The leatherstocking tales*. New York: The Library of América, 2012.

COOPER, James Fenimore. *The pathfinder, or, the inland sea*. Charlottesville: University of Virginia, 2000.

COOPER, James Fenimore. *The pioneers*: or, the sources of Susquehanna. Philadelphia: Carey & Lea, 1832.

COOPER, James Fenimore. *The spy*: a tale of the natural ground. New York: D. Appleton and Company, 1875.

COOPER, James Fenimore. *The wept of wish-ton-wish*: a tale. New York: Hurd & Houghton, 1871.

COOPER, James Fenimore.*The praire*. 2.ed. New York: New American library, 1964.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronopio*. 2. ed. Tradução de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CURTIUS, Ernest Robert. *Literatura europeia e idade média latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

DEKKER, George. *The American historical romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999-2013]*. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

DICKINSON, Rodolphus. *The Columbian reader, comprising a new and various selection of elegant extracts in prose and poetry, for the use of schools in the United States, to which is prefized an introduction on the arts of reading and speaking*. Boston: R.P. & Williams/Exkiel Goodale/Hallowell/E. Goodale Printer, 1815.

DORADO MÉNDEZ, Hugo Eliecer. *Nuestro Bolívar*: da heroificação à humanização da sua figura na ficção. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

DUBOIS, Constance Goddard. *Columbus and Beatriz*. Chicago: A. C. McClurg and Company, 1892.

DUCROT, Oswald. Argumentação e "topoi" argumentativos. *In*: GUIMARÃES, Eduardo. (org.). *História e sentido na linguagem*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.

DURÃO, Fabio Ackelrud. *Metodologia de pesquisa em literatura*. São Paulo: Parábola, 2020.

DUSSEL, Enrique. *1492*: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *The annals of America*: Manifest Destiny. London: Enciclopaedia Britannica, 1976.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Papers in historical poetics*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics/Tel Aviv University, 1978.

FERNÁNDEZ DE LIZARDI, Jose Joaquín. *El periquillo sarniento*. Madrid: Editorial Linkgua USA, 2019.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela*: poética de la novela histórica. 2.ed. Barañáin (Navarra): EUNSA, 2003.

FLECK, Gilmei Francisco. Ficção, história e memória: a América em busca de sua identidade outrora subjugada. *In*: FLECK, Gilmei Francisco et al (Org.). *Ficção, história e memória na América Latina*: leituras e práticas. Cascavel: Edunioeste, 2010. p. 37-51.

FLECK, Gilmei Francisco. *Imagens escriturais de Cristóvão Colombo*: um oceano entre nós – vozes das diferentes margens. Uberlandia: Navegando, 2021.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

FLECK, Gilmei Francisco. Reflexiones por una enseñanza de lengua extranjera que valore la lectura y la escritura como caminos para la descolonización de América Latina. *In*: LOPEZ, Cristian Javier et al. (orgs.). *El universo literario en la enseñanza de*

español como lengua extranjera en Brasil. Porto Alegre: Unioeste/ Evengraf/Exclamação, 2018. p. 181-195.

FLEISHMAN, Avrom. *The English historical novel*. London: The John Hopkins Press, 1972.

FLEMING, Leonor. Ocultación y descubrimiento. Relación entre historia y literatura em América Latina. *In*: Tercer Congreso Internacional del CELCIRP, 12., 1990, Paris. ANAIS […] Paris: Regensburg, 1992, s. p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRENEAU, Philip. *Poems of Philip Freneau*: poet of the American revolution, vol 1. Princeton: The University Library, 1907.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Tradução de Ana Alencar. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

GENETTE, Gérard. *Nouveau discourse du récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GILMORE, Michael. The literature on the revolutionary and early national periods. *In*: BERCOVITCH, Sacvan. (Ed.). *The Cambridge history of American literature*: volume I (1590-1820). Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 539-694.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

GOODRICH, Samuel Griswold. *Recollections of a lifetime, or men and things I have seen*. New York & Auburn: Miller, Orton and Mulligan, 1856.

GRAVIL, Richard. *Romantic dialogues*: anglo-american continuities, 1776-1842. New York: St. Martin's Press, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julius. A estrutura dos actantes na narrativa. *In*: GREIMAS, Agirdas Julius. *Sobre o sentido*. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar. Petrópolis: Editora Vozes, 1975. p. 234-254.

GRIFFIN, Dorr. J. *Nelson's grammar school*. prize poem. New Haven: s.e., 1819.

GUTIÉRREZ LÓPEZ, Rafael. *La novela en México en el siglo XIX*. Ciudad de México: Bonilla Artigas Editores/UAEM, 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm. *Estética*: poesia. Lisboa: Guimarães, 1980.

HIGH, Peter. *An outline of American literature*. New York: Longman Group, 1986.

HOBSBAWM, Eric John. *A Era das Revoluções*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz Terra, 2004.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003.

HUTCHEON, Linda. *A poetics of Postmodernism*: history, theory, fiction. New York and London: Routledge, 1988.

IRVING, Washington. *A History of the Life and Voyages of Christopher Columbus*. London: John Murray; Albemarle-Street, 1828.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. *In*: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 485-491.

JAUSS, Hans Robert. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*. Tradução de Michael Shaw. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

JITRIK, Noé. *Historia e Imaginación Literaria, las posibilidades de un género*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1995.

JONES, Charles. *The American lyrics*. Alabama: Pollard & Dade, 1834.

JONES, Mary Ellen. (ed.). *Christopher Columbus and his legacy*: opposing views. San Diego: Greenhaven Press, 1992.

JUNQUEIRA, Mary. James Fenimore Cooper e a conquista do oeste nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX. Diálogos, DHI/UEM, v. 7. p. 11-24, 2003.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? (Aufklãrung). *In*: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-116.

KENNEDY, John Pendleton. *Horse-shoe Robinson:* a tale of the Tory ascendency. Michigan: Proquest LLC, 2011

KINGSLEY, Stephanie Anne. *Mercedes of Castile, or, the voyage to Cathay by James Fenimore Cooper a critical edition of the preface and chapter 23*. 2014. Thesis (Graduate School of Arts and Sciences) – Master of Arts, University of Virginia, Virgina, 2014.

KLOCK, Ana Maria. El descubrimiento de América desde la perspectiva literaria hispanoamericana. *In*: JAVIER LOPEZ, Cristian *et al* (Orgs.) *El universo literario en la enseñanza de español como lengua extranjera en Brasil*. Porto Alegre: Evengraf/Exclamação, 2018.

KLOCK, Ana Maria. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. 331 f. Tese

(Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2021.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. Tradução de Bernardo Leitão *et al*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LEVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MARSHALL, Muphrey. *The aliens*: a patriotic poem. dedicated to George Washington. Philadelphia: s.e.,1798.

MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. *In*: VÁRIOS. *La novela histórica*: teoría y comentarios. Barañáin: EUNSA, 1995. p. 13-63.

MATHEUS, Amanda Maria Elsner. *Figurações de uma heroína invisível*: ressignificações de Beatriz Enríquez de Harana pela literatura. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel. Disponível em: http://tede.unioeste.br/handle/tede/5407. Acesso em: 26 jan. 2025.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MIGNOLO, Walter D. *História locais/projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo horizonte: Editora UFMG, 2020.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*: prosa I. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MUSICK, John R. *Columbia*: a story of the discovery of America. New York and Toronto: Funk & Wagnalls Company, 1892.

NAGY, Moses. *Christopher Columbus in world literature*: an annotated bibliography. New York & London: Garland Publishing, 1994.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*: História, Teoria e Crítica. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

O'SULLIVAN. Our manifest destiny. *In*: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *The annals of America*: Manifest Destiny. London: Enciclopaedia Britannica, 1976. p. 288-292.

PALERMO, Zulma. ¿Por qué vincular la Literatura Comparada con la Interculturalidad?. *In*: CROLLA, Adriana. (Org.). *Lindes actuales de la literatura comparada*. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 126-136.

PALERMO, Zulma. Lugarizando saberes. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 2, p. 149-160, jul./dez. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIZARRO, Ana. El discurso literario y la noción de América Latina. *In*: Seminário latino-americano de literatura comparada, 1., 1996, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996. p. 7-14.

PIZARRO, Ana. El discurso literario y la noción de América Latina. *In*: WILHELM, James. *Proceedings of the tenth congress of the Icla*. New York/London: Garland Publishing, 1985.

POE, Edgar Allan. Review of Mercedes of Castile. *In*: HARRISON, James Albert (org.). *The complete works of Edgar Allan Poe*. New York: Thomas Y. Crowell and Co., 1902. p. 98-9.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. 2. ed. Tradução de Marguerite Derrida. Paris: Editions du Seuil, 1970.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Anuario Mariateguiano*, Lima, n. 9, 1997, p. 113-121. Disponível em: https://antropologiadeoutraforma.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/quijano-anibal-colonialidad-del-poder-cultura-y-conocimiento-en-amc3a9rica-latina-2000.pdf. Acesso em 29 jan. 2025.

RANKE, Leopold Von. *The theory and practice of History*. New York: Routledge, 2011.

ROBBINS, Eliza. *Tales from American history; containing the principal facts in the life of Christopher Columbus*. New York: William Burgess, 1830.

ROBERTSON, Fiona. Walter Scott and the American historical novel. *In*: KENNEDY, Gerald; PERSON, Leland. (eds.). *American novels to 1870.* The Oxford history of the novel in English. (5). Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 107-123.

SABATINI, Rafael. *Columbus*: a romance. London, New York and Melbourne: Hutchinson & Co., 1875.

SAHAGÚN, Bernardino. *Historia general de las cosas de Nueva España*. México: Imprenta del Ciudadano Alejandro Valdés, 1829.

SAINTSBURY, George. *A short history of English literature*. London: The Macmillan Company, 1912.

SALE, Kirkpatrick. *The conquest of paradise*: Christopher Columus and the columbian legacy. New York, Knopf, 1990.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Bilkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCOTT, Walter. *A Legend of Montrose*. United States of America: Createspace Independent Publishing Platform, 2017. *E-book*.

SCOTT, Walter. *Guy Mannering*. London: Penguin, 2003.

SCOTT, Walter. *Ivanhoe*. London: Penguin, 1994

SCOTT, Walter. *Ivanhoe*. Tradução de Ana Carolina Vieira Rodriguez. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

SCOTT, Walter. *Marmion: A Tale of Flodden Field.* Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1896.

SCOTT, Walter. *Rob Roy*. London: Wordsworth Editions, 2001.

SCOTT, Walter. *The Antiquary*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SCOTT, Walter. *The Bride of Lammermoor*. United States of America: Createspace Independent Publishing Platform, 2018. *E-book.*

SCOTT, Walter. *The heart of mid-lothian*. Edinburgh: Black, 1866.

SCOTT, Walter. *The life of Napoleon Buonaparte*: an exceptional biography. London: Gibson Square Books, 2010.

SCOTT, Walter. *Waverley*. London: Penguin, 1985.

SHAW, Henry. *The forms of historical fiction*. New York: Cornell University Press, 1983.

SILVA, Marianna Bernartt. *Figurações do mito de Narciso na poética clássica e na poética surrealista*. 2022. 67 f. Monografia (Licenciatura

em Letras – Língua Portuguesa e Língua Espanhola e Respectivas Literaturas) – Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

SNOWDEN, Richard. *The columbiad*: or a poem on the American war. thirteen cantoes. Baltimore: W. Pechin, 1798.

SOLÍS, Antonio de. *Historia de la conquista de Mexico*. Barcelona: Sierra, Olivér y Martí, 1789.

SOMMER, Doris. *Foundational fictions*: the national romance of Latin America. Los Angeles: University of California Press, 1993.

STAVANS, Ilan. *Imagining Columbus*: the literary voyage. New York: Palgrave, 2001.

STEVENS, Anne. *British historical fiction before Scott*. United Kingdom: Palgrave, 2010.

TACCONI, María del Carmen. *Historiografía y ficción en nuevas novelas históricas argentinas*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2013.

THOMPSON, Garret. Wilhelm Hauff's specific relation to Walter Scott. *Modern Language Association of America*, v. 26, n. 4, p. 549-592, maio, 1911. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/456806#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 11 set. 2022.

TOCQUEVILLE, Alexis. *A democracia na América*. Tradução de Leônidas Contijo de Carvalho. São Paulo: Edusp, 1987.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*: a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TODOROV, Tzvetan. As Categorias da Narrativa Literária. *In*: BARTHES, Roland et al. *Análise Estrutural da Narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 3. ed. Petrópoli: Editora Vozes, 1973. p. 209-285.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Moysés Baumstein. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

TYNIANOV, Iuri. Da evolução literária. *In*: EIKHENBAUM, Boris et al. *Teoria da literatura*: formalistas russos. Tradução de Boris Schnaiderman e Dionísio de Oliveira Toledo. 3. ed. Rio Grande do Sul: Editora Globo, 1976. p. 105-118.

TYNIANOV, Iuri. *El problema de la lengua poética*. Tradução de Ana Luisa Poljack. Bueno Aires: Siglo Veintiuno, 1972.

USLAR PIETRI, Arturo. *La otra América*. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Outline of American literature*: revised edition. United States of America: United States Department of State, 1994.

VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón*: textos y documentos completos. Ed. Consuelo Varela e Juan Gil. 3. ed. Madrid: Alianza, 1997.

VARELA, Consuelo. *La caída de Cristobal Colón*: el juicio de Bobadilla. Madrid: Marcial Pons Historia, 2006.

VIGNY, Alfred. *Cinq Mars*. Deutschland: Salzwasser-Verlag GMBH., 2018.

WALKER, Warren. *Plots and Characters in the Fiction of James Fenimore Cooper*. Hamden: Archon Books, 1978.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Geopolitics and geoculture*. Cambridge/Paris: Cambridge University Press & Éditions de la Maison des Ciences de l'homme, 1991.

WATSON, Nicola. Introduction. *In*: SCOTT, Walter. *The Antiquary*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. VIII-XXVII.

WEINBERG, Albert. *Manifest Destiny*: a study of nationalist expansionism in American history. Chicago: Quadrangle paperbacks, 1963.

WINKLE, Kenneth. Abraham Lincoln: self-made man. *Journal of the Abraham Lincoln Association*, v. 21, n. 2, p. 1-16, summer, 2000. Disponível em: http://hdl.handle.net/2027/spo.2629860.0021.203. Acesso em: 29 jan. 2025.

WORTH, Chris. *Ivanhoe and the making of Britain*. Links & Letters, Australia, n. 2, p. 63-76., 1995. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/lal/11337397n2/11337397n2p63.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

WRIGHT, Sydney Fowler. *The life of Sir Walter Scott*: a biography. United Kingdom: The Poetry League, 1932.

ZILBERMAN, Regina. Experiência estética. *In*: ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e a história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p. 49-61.

SOBRE OS AUTORES

Jorge Antonio Berndt
Atualmente é acadêmico da Pós-graduação em Letras da Unioeste/Cascavel-PR, sendo bolsista CAPES/Brasil de doutorado sanduíche na UVigo-Espanha. É graduado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste/Cascavel-PR. Mestre em Letras, na área de concentração "Linguagem e Sociedade" pela mesma Instituição, sendo, no momento, doutorando da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste/Cascavel-PR, em cotutela com a Universidade de Vigo (UVIGO/Espanha), como bolsista CAPES/CNPq. Nesse contexto desenvolve pesquisa voltada à "A Metaficção Historiográfica Latino-Americana Transmoderna: Respostas à Retórica da Modernidade/Civilidade – uma proposta à Formação Leitora Literária Decolonial". É, também, integrante colaborador do Programa de Extensão PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura, da PROEX/Unioeste/Cascavel-PR. É, igualmente, membro pesquisador do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", cadastrado no diretório de Grupos de Pesquisa Lattes CNPq.

Gilmei Francisco Fleck
É bolsista produtividade da Fundação Araucária/Paraná. Possui Pós-doutorado (2015) em Literatura Comparada e Tradução, pela Universidade de Vigo-UVigo-Espanha, com Bolsa da CAPES. Atualmente, desenvolve nova pesquisa de pós-doutoramento (2025-2026), junto às Universidades Estadual de Feira de Santana-UEFS/BA e da UVigo/Espanha, na área da Tradução decolonial. Possui Mestrado (2005) e Doutorado (2008) em Letras, pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis-SP. Atualmente, é

Professor associado da Unioeste, campus de Cascavel-PR, atuando nas disciplinas de Literaturas Hispânicas e Cultura Hispânica, na graduação em Letras, e no Programa de Pós-Graduação acadêmico em Letras da instituição, na área de Literatura Comparada e Tradução, e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional-Profletras, na área de Literatura Infantil e Juvenil, sendo coordenador desse Programa nos biênios 2017-2019; 2019-2021. Suas atuações dão ênfase aos estudos latino-americanos de Literatura Comparada, de Cultura Hispânica e à Tradução decolonial como vias de relação entre as diferentes culturas, tendo a formação do leitor literário decolonial como um dos eixos essenciais de suas pesquisas. Nesse contexto, é especialista em estudo do romance histórico e das narrativas híbridas infantis e juvenis, escritas híbridas que ele considera, junto a sua leitura, umas das principais vias de descolonização das mentes, das identidades e do imaginário para o cidadão latino-americano. Na área da Tradução, busca dedicar-se aos estudos e à prática tradutória decolonial de obras relevantes da História da Literatura Latino-americana, ignoradas ou desconhecidas de grande parte da população brasileira. Nesse sentido, coordena um projeto de prática experimental de tradução literária, o Literatório. É, também, coordenador do Programa de Extensão PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura na instituição onde é docente. É líder do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização", cadastrado no diretório de Grupos de Pesquisa Lattes CNPq.

Esta obra apresenta um estudo que revela como James Fenimore Cooper (1940) aderiu aos paradigmas do romance histórico clássico de Scott (1814-1819), no romantismo estadunidense, e se valeu do potencial da Literatura para forjar as imagens do sujeito "idealizado", ou seja, do *self made man*, para a sociedade estadunidense do século XIX, ainda com ímpetos colonizadores, ao erigir imagens edificadoras e exaltadoras em seu romance (1840), fazendo nascer o Colombo romanesco na América.

Pedro e João Editores
20 anos
www.pedroejoaoeditores.com.br
atendimento@pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-1987-7